

F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Marcos Antonio Rocha Baltar
SUB-CHEFE | Marco Antônio Esteves da Rocha

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Atilio Butturi Junior
VICE-COORDENADORA | Heronides Moura

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail:
forumlinguistico.cce@contato.ufsc.br/ Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 15, Número 4 (2018)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2018 –Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-84121. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>DOAJ - <https://doaj.org>EBSCO - <http://www.ebsco.com>Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>Latindex - <http://www.latindex.org>Sumários.org - <http://www.sumarios.org>Redib: <https://www.redib.org>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 15 | NÚMERO 4 | OUT./DEZ.2018

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 15 | n.4 | p. 3276-3461 | out./dez. 2018

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | Anderson Jair Goulart. UFFS, Erechim, BR | Camila de Almeida Lara. UFSC, Florianópolis, BR | Cláudia Garibotti Bechler. UFSC, Florianópolis, BR | Gabriel Neves Flaquer. UFSC, Florianópolis, BR | João Paulo Zarelli Rocha . UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR | Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva . UFPR, Curitiba, BR** | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till . UFPR, Curitiba, BR** | Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR | **Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR** | Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR | **Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER** | Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR | **Christina Abreu Gomes . UFRJ, Rio de Janeiro, BR** | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha . UFPE, Recife, BR** | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato . UNICAMP, Campinas, BR** | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza . UFSM, Santa Maria, BR** | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen . UNISUL, Tubarão, BR** | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho . UFPI, Terezina, BR** | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser, Universität Konstanz, GER** | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura . UFSC, Florianópolis, BR** | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR** | João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR | **José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT** | Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR | **Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR** | Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR** | Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR | **Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT** | Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka – PUCSP, São Paulo, BR** | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT** | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão . UFJF, Juiz de Fora, BR** | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira – UFF, Niterói, BR** | **Marília Ana de Moura Aguiar . UNICAP, Recife, BR** | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti . UFSC, Florianópolis, BR** | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX** | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX** | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA** | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff . UPF, Passo Fundo, BR** | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão . UFG, Goiânia, BR** | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Guy Yanai, Grass, 2013, oil on linen, 60x60 cm
 Guy Yanay – Israel – www.guy-yanay.com
 Courtesy of the artist

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

3285

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / *ARTÍCULO* / ARTICLE

HISTÓRIA E VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA ENTRE O QUIMBUNDO E O PORTUGUÊS NA REGIÃO DE KWANZA NORTE, EM ANGOLA: FORMAÇÃO DO PLURAL, CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO DOS SUBSTANTIVOS | *Historia y variación morfosintáctica entre kimbundu y portugués en la región de Kwanza norte, en Angola: formación del plural, concordancia de género y formación del diminutivo y del aumentativo de los sustantivos* | History and morphosyntactic variation between kimbundu and portuguese in Angola's Kwanza North province: plural formation, gender agreement, and augmentative and diminutive noun formation

3289

JOÃO LOURENÇO ANTÓNIO E PAULO OSÓRIO

O USO DE PRONOMES POSSESSIVOS COM REFERÊNCIA AO DESTINATÁRIO EM CARTAS PESSOAIS DE EVANGÉLICOS DO SÉCULO XX | *El uso de pronombres posesivos con referencia al destinatario en cartas personales de evangélicos del siglo XX* | Possessive pronouns for the addressee in protestants' personal letters from the 20th century

3303

FRANCISCO JARDES NOBRE DE ARAÚJO

“PODE PARÁ” – VERBO MODAL NAS SENTENÇAS IMPERATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA | *“Pode Pará” - verbo modal en las sentencias imperativas del portugués brasileño: un análisis semántico-pragmático* | “Pode Pará” – modal verb on brazillian portuguese’s imperative phrases: a semantic-pragmatic analysis 3321

DIRCEU CLEBER CONDE, EDNEI DE SOUZA LEAL E ROGER A. DE MARCI RODRIGUES ANTUNES

A PASSIVA POSSESSIVA EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM LEXICALISTA COM UMA IMPLEMENTAÇÃO COMPUTACIONAL | *La pasiva posesiva en portugués: un enfoque lexicalista con una implementación computacional* | The possessive passive in portuguese: a lexicalist approach with a computational implementation 3333

LEONEL FIGUEIREDO DE ALENCAR

A MODALIZAÇÃO DISCURSIVA COMO ÍNDICE DE ARGUMENTATIVIDADE NOS GÊNEROS ACADÊMICOS | *La modalización discursiva como índice de argumentatividad en los géneros académicos* | Discursive modality as argumentative index in academic genres 3357

ERIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO

COMPOSTOS COM SÍNDROME E COMPLEXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL | *Compuestos con síndrome y complejo en portugués brasileño: un enfoque construccional* | Compounds with *síndrome* and *complejo* in brazilian portuguese: a constructional approach 3373

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO

O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA: REFLEXÕES A PARTIR DAS DEMANDAS DA PÓS-MODERNIDADE |
La enseñanza de lengua italiana en las escuelas públicas de Santa Catarina/Brasil: reflexiones a partir de las demandas de la posmodernidad | The learning of Italian in the public schools of Santa Catarina/Brazil: reflections from the demands of post modernity

3395

CARLA REGINA MARTINS VALLE

A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E ATIVIDADES DIDÁTICAS DE LEITURA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA|
La intrínseca relación entre concepciones de lengua y actividades didácticas de lectura: contribuciones para la formación del profesor de lengua materna | The intrinsic relationship between language conceptions and didactic reading activities: contributions to the mother tongue teacher training

3412

VIVIANE DINÊS DE OLIVEIRA RIBEIRO BARTHO E ALESSANDRA APARECIDA DE CASTRO CLARO

METÁFORAS MILITARES E CONSTRUÇÃO DA BIPOLARIDADE |
Metáforas militares y construcción de la bipolaridad | Military metaphors and the construction of bipolarity

3427

CAMILA DE ALMEIDA LARA E FÁBIO LOPES DA SILVA

ENSAIO / ENSAYO / ESSAY

IH!!! COMO PILATOS: UM FANTASMA MODERNO | *¡Uy! Como Pilato: un fantasma moderno* | ih!!! Like Pilate: a modern ghost

3445

JOÃO CARLOS CATTELAN

ENTREVISTA / ENTREVISTA / INTERVIEW

O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL – Entrevista com Johannes Angermuller | *El discurso como práctica social - Entrevista con Johannes Angermuller* | Discourse as social practice –Interview with Johannes Angermuller

3457

HELIO OLIVEIRA

F Ó R U M
L I N G U Í S T I C O

APRESENTAÇÃO

VOLUME 15, NÚMERO 4, OUT.DEZ. 2018

Esta última edição de 2018 da revista *Fórum Linguístico (FL)* publica 9 artigos, 1 ensaio e 1 entrevista. Os textos versam sobre temas como a variação morfossintática, o contato linguístico, o fenômeno da modalização, as metáforas conceituais e os ensino de línguas. O esforço, como de costume, é açambarcar a intrincada e diversa rede de estudos que, atualmente, perfaz os estudos linguísticos.

Dessa perspectiva, o número 4 de 2018 da *FL* abre com o artigo **História e variação morfossintática entre o quimbundo e o português na região de Kwanza Norte, em Angola: formação do plural, concordância de gênero e formação do diminutivo e do aumentativo dos substantivos**, escrito pelos pesquisadores portugueses João Lourenço António e Paulo Osório, da Universidade da Beira Interior. No texto, António e Osório apresentam os resultados de pesquisa sociolinguística realizada no município de Cazengo-Ndalatando, em Angola, cujo objetivo era avaliar o contato linguístico entre o quimbundo e o português na modalidade oral e traçar análises acerca de algumas variações morfossintáticas.

O uso de pronomes possessivos com referência ao destinatário em cartas pessoais de evangélicos do século XX, escrito pelo pesquisador Francisco Jardes Nobre de Araújo, da Universidade Federal do Ceará, é o segundo dos artigos que figuram no presente número da *Fórum* (v.15, n.4, 2018). No escrito, Araújo descreve os usos dos possessivos “teu”, “seu” e “vosso” em 44 cartas escritas por amigos e familiares ao pastor cearense José Alencar de Macedo, um dos primeiros pastores da Assembléia de Deus. A partir da Teoria do Poder e da Solidariedade e ancorado no conceito de comunidade de prática, o autor analisa as relações de simetria e assimetria materializadas no uso pronominal segundo a proximidade e as relações de poder – entre o pastor e os remetentes.

O terceiro artigo deste número intitula-se **“Pode pará” – verbo modal nas sentenças imperativas do português brasileiro: uma análise semântico-pragmática**. Seus autores, Dirceu Cleber Conde, Ednei de Souza Leal e Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes – pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos – realizam uma análise semântico-pragmática de sentenças imperativas no PB, notadamente as que utilizam o operador modal “pode/poder”. Apresentando uma série de testes, o texto aponta que as formas imperativas dos modais analisados demandam mais do que interpretações morfossintáticas e exigem que o verbo “poder” – um operador deontico – seja descrito levando-se em consideração sua alta polissemia.

O quarto artigo da presente edição da *FL* é de autoria de Leonel Figueiredo de Alencar, pesquisador da Universidade Federal do Ceará. Em **A passiva possessiva em português: uma abordagem lexicalista com uma implementação computacional**, Alencar

pretende discutir, a partir de certas correspondências já descritas em coreano e japonês e em textos que já circularam (a que chama de *autênticos*), as propriedades semânticas e gramaticais da passiva possessiva em língua portuguesa, ancorando-se na literatura da área (sobretudo nos textos de Lunguinho) e problematizando algumas de suas conclusões.

A modalização discursiva como índice de argumentatividade nos gêneros acadêmicos, de Erivaldo Pereira do Nascimento, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, é o quinto artigo desta *Fórum Linguístico*; assim como o texto de Conde, Leal e Antunes, volta-se para o fenômeno da modalização – dessa feita, segundo a perspectiva discursiva. Tomando um *corpora* diversificado de gêneros acadêmicos, o autor atenta para a relação entre o uso dos modalizadores e a produção de efeitos de assimilação, distanciamento e avaliação, segundo ele, recorrentes na arquitetura argumentativa dos gêneros acadêmicos.

O sexto artigo da quarta edição de 2018 da *Fórum* intitula-se **Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional**. Escrito por Natival Almeida Simões Neto, pesquisador da Universidade Federal da Bahia, o trabalho analisa, desde a Morfologia Construcional e a partir de um extenso *corpus*, os compostos que têm síndrome e complexo, entendendo o primeiro como mais produtivo, mas ambos relacionados à noção de *anomalia*.

O ensino de língua italiana nas escolas públicas de Santa Catarina: reflexões a partir das demandas da pós-modernidade, de Carla Regina Martins Valle, pesquisadora da Universidade do Estado de Santa Catarina, é o sétimo dos artigos desta edição da *FL*. Seu objetivo é pensar o ensino do italiano sob a égide das teorias sobre a pós-modernidade, os estudos pós-colônias, a Linguística Aplicada e a Sociolinguística. Para tanto, o texto debruça-se sobre alguns documentos do estado de Santa Catarina e sobre dados referentes ao ensino de italiano em escolas municipais, fazendo notar intersecções possíveis entre as teorias apresentadas e as propostas de ensino verificadas na pesquisa.

Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho, pesquisadora do Instituto Federal de São Paulo, e Alessandra Aparecida de Castro Claro, professora da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, são as autoras do oitavo artigo do número 4 de 2018 deste periódico. Intitulado **A intrínseca relação entre concepções de língua e atividades didáticas de leitura: contribuições para a formação do professor de língua materna**, o texto de Bartho e Claro coloca em discussão, de acordo com os estudos da Linguística Aplicada, os conceitos de língua e de leitura, produzindo reflexões que redundam em atividades de ensino e aprendizagem – apresentadas no artigo – que, segundo as autoras, inscrevem-se numa abordagem discursiva da língua capaz de forjar uma leitura crítica.

O último dos artigos do presente volume da *FL* é de autoria de Camila de Almeida Lara e Fábio Lopes da Silva, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. No escrito **Metáforas militares e construção da bipolaridade**, Lara e Silva analisam textos da *Revista Debates em Psiquiatria* (publicados entre 2011 e 2015) e que versam sobre o transtorno bipolar. Seguindo os estudos sobre as metáforas conceituais de Lakoff e Johnson, os autores postulam que, no caso da bipolaridade, os discursos da revista se apoiam, preponderantemente, nas metáforas do domínio fonte *guerra*.

Na sequência da revista, a seção *Ensaio* apresenta o texto ***Ih!!! Como Pilatos: um fantasma moderno***, de João Carlos Cattelan, pesquisador da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. No texto, Cattelan pensa a *omissão* como um sentido em funcionamento na contemporaneidade, entendido como um modo de significar que rivaliza sujeito e responsabilidade. No que chama “síndrome de Pilatos”, estariam presentes tanto os regimes de exceção quanto a possibilidade de salvação, materializados por Cattelan em treze razões surgidas das respostas dadas à pesquisa de 2014, do IPEA, sobre a violência doméstica, nas quais os sentidos de “lavar as mãos” operam, centralmente.

Fechando a edição (*Fórum Linguístico*, v.15, n.4, 2018), figura a *Entrevista* com o professor Johannes Angermuller, da área de estudos do discurso da University of Warwick, concedida ao pesquisador Helio Oliveira (UNIFEOP). Na entrevista – ***O discurso como prática social*** –, Angermuller coloca em cena alguns de seus pressupostos teóricos para pensar o campo dos estudos do discurso, entre os quais figuram a relação direta com alguns dos autores do chamado pós-estruturalismo, o problema do intelectual e a discussão acerca da leitura ativa e, como faz supor o título, do discurso tomado como uma prática social.

Apresentado este último número de 2018, cabe agradecer às autoras e aos autores, aos leitores e às leitoras da revista, aos pareceristas e às pareceristas, à equipe editorial, ao Setor de Periódicos da UFSC, à CAPES-Proex e, por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC pelo apoio constante na produção da *Fórum*.

Uma boa e profícua leitura do volume 15, n.4 de 2018!

ATILIO BUTTURI JUNIOR

Editor-chefe

HISTÓRIA E VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA ENTRE O QUIMBUNDO E O PORTUGUÊS NA REGIÃO DE KWANZA NORTE, EM ANGOLA: FORMAÇÃO DO PLURAL, CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO DOS SUBSTANTIVOS

HISTORIA Y VARIACIÓN MORFOSINTÁCTICA ENTRE KIMBUNDU Y PORTUGUÉS EN LA
REGIÓN DE KWANZA NORTE, EN ANGOLA: FORMACIÓN DEL PLURAL, CONCORDANCIA
DE GÉNERO Y FORMACIÓN DEL DIMINUTIVO Y DEL AUMENTATIVO DE LOS
SUSTANTIVOS

HISTORY AND MORPHOSYNTACTIC VARIATION BETWEEN KIMBUNDU AND
PORTUGUESE IN ANGOLA'S KWANZA NORTH PROVINCE: PLURAL FORMATION, GENDER
AGREEMENT, AND AUGMENTATIVE AND DIMINUTIVE NOUN FORMATION

João Lourenço António*
Universidade da Beira Interior

Paulo Osório**
Universidade da Beira Interior

RESUMO: A pesquisa aqui apresentada baseia-se no estudo da convivência entre duas línguas – quimbundo e português – no município de Cazengo-Ndalatando, uma província da região Kwanza Norte, em Angola. Uma observação sociolinguística do contato e uso simultâneo entre as duas línguas mostra claramente situações de interferência do quimbundo na língua portuguesa

* Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). E-mail: <twaxinga@outlook.pt>.

** Doutor, Pós-doutor, Professor com Agregação em Linguística Portuguesa. Professor Associado com Agregação na Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). E-mail: <pjtrso@ubi.pt>.

(língua oficial em Angola), o que é possível comprovar pela análise linguística de enunciados orais recolhidos diretamente na zona geográfica em questão e cujo juízo de aceitação linguística foi atestado por um dos autores deste trabalho, que é falante nativo de quimbundo. Neste artigo são, assim, analisados três fenômenos linguísticos de interferência do quimbundo no português, indicadores de variação morfossintática nos registros orais da língua portuguesa: formação do plural, concordância de gênero, além da formação do diminutivo e do aumentativo dos substantivos.

PALAVRAS-CHAVE: Interferência. Plural. Concordância. Diminutivo. Aumentativo.

RESUMEN: Esta investigación se basa en el estudio de la convivencia entre dos lenguas – kimbundu y portugués – en el municipio de Cazengo-Ndalatando, una provincia de Kwanza Norte, en Angola. Una observación sociolingüística del contacto y uso simultáneo entre las dos lenguas mencionadas muestra claramente situaciones de interferencia del kimbundu en la lengua portuguesa (lengua oficial en Angola), circunstancia que se verifica a través del análisis lingüístico de enunciados orales recogidos directamente en la zona geográfica referida y cuyo juicio de aceptación lingüística ha sido certificado por uno de los autores de este trabajo, que es hablante nativo de kimbundu. En este artículo se analizan tres fenómenos lingüísticos de interferencia del kimbundu en portugués, indicadores de variación morfosintáctica en los registros orales de la lengua portuguesa: la formación del plural, la concordancia de género y la formación del diminutivo y del aumentativo de los sustantivos.

PALABRAS CLAVE: Interferencia. Plural. Concordancia. Diminutivo. Aumentativo.

ABSTRACT: This research is based on the study of the coexistence of two languages – Kimbundu and Portuguese – in Angola’s Northern Kwanza region of Cazengo-Ndalatando. A sociolinguistic observation of the contact and simultaneous use of these languages clearly denotes cases of Kimbundu interference in Portuguese (Angola’s official language). This observation is supported by the linguistic analysis of oral utterances directly collected at the aforementioned geographical area, and whose linguistic acceptance judgment was confirmed by one of the authors, a native speaker of Kimbundu. In this paper, we analyze three cases of Kimbundu interference in Portuguese, which indicate morphosyntactic variation in the oral records of Portuguese: plural formation, gender concordance, and diminutive and augmentative noun formation.

KEYWORDS: Interference. Plural. Agreement. Diminutive. Augmentative.

1 INTRODUÇÃO

Kwanza Norte é uma das dezoito províncias de Angola, cujas fronteiras são, ao norte, as províncias de Uíge e Bengo; ao sul, a província de Kwanza Sul; a leste, a província de Malanje e, a oeste, a província de Luanda. Com dez municípios, localizada no interior noroeste de Angola, Kwanza Norte conhece uma altura que varia entre aproximadamente 500 m a 1500 m em relação ao nível do mar.

Os habitantes de Kwanza Norte são majoritariamente quimbundos (isto é, pertencem à etnia ambundo, grupo etnolinguístico autóctone). A população de Kwanza Norte pertence à família linguística banto e autodenomina-se grupo etnolinguístico ambundo; de acordo com os saberes difundidos oralmente entre alguns anciãos, a designação *ambundo* refere-se aos súditos do antigo reino do Ndongo. Tal como indicado por Mingas (2000, p. 32), “o quimbundo é a língua nacional (...), língua oficial do país, fruto da colonização implementada por Portugal a esta parcela da África Austral”.

Ndalatando é a capital do município do Cazengo e também a sede da província de Kwanza Norte. Por sua arquitetura, mostra-se como um cartão postal da antiga administração colonial portuguesa. Primeiramente chamada “Vila Salazar”, nome que provém do ex-dirigente colonial português, António de Oliveira Salazar, passou a chamar-se Ndalatando no período pós-independência de Angola; nessa época, a cidade era povoada essencialmente por colonos portugueses, que a tinham construído e povoado. Ndalatando é, então, uma cidade na qual a língua portuguesa constituiu-se como língua de uso coloquial pela comunidade local. Nos arredores da vila, viviam comunidades nativas, alguns elementos das quais conheciam (ainda que parcamente) o português, porque serviam de mão de obra nas casas dos senhores colonos. A restante população desconhecia totalmente a língua portuguesa, dominando unicamente o quimbundo, a língua local. Desta aproximação entre as duas línguas e os dois povos, surgiram fenômenos de bilinguismo, de diglossia e de interferências do quimbundo no português.

No decurso de diferentes momentos da sua história de contato com as frentes de colonização, parte da população conheceu certa mestiçagem com os colonos, o que provocou uma situação de diglossia. Ainda hoje, nas áreas um pouco mais distantes de Ndalatando, algumas crianças, mulheres e idosos falam unicamente a língua quimbundo. No entanto, ocorrem também casos em que o quimbundo passa por uma situação de desuso, com domínio quase exclusivo da língua portuguesa por parte de crianças, jovens e pessoas de mais idade. Todavia, “para muitos dos colonizados, o bom conhecimento da língua portuguesa era a condição de destaque para quem quisesse aceder a qualquer posição na sociedade colonial” (MINGAS, 2000, p. 32).

Do mesmo modo, atualmente, alguns habitantes de Cazengo pensam que dominar a língua portuguesa e não falar a sua língua de origem granjeia-lhes destaque e boa posição social, apesar de uma parte dos cazenguenses ter nascido no seio de famílias cuja língua materna é o quimbundo. Ainda que muitos prefiram o uso do português em detrimento do quimbundo, este estará sempre presente no seio da comunidade, por intermédio de cerimônias tradicionais (casamentos, funerais, atos religiosos diversos), assim como nos festivais tradicionais, tanto na zona urbana como na rural.

Apesar da questão de identidade e da consciência nacional que a comunidade vem ganhando acerca da importância da sua cultura, a verdade é que o quimbundo conhece uma situação de desvantagem face à língua portuguesa, como se pode constatar na política de inserção da língua quimbundo, em fase experimental no sistema educativo nacional e que vigora apenas em algumas escolas do município.

Do ponto de vista sociolinguístico, no que concerne aos falantes que possuem o quimbundo como língua materna e o português como língua segunda, no município de Cazengo, destacam-se as interferências lexicais e morfológicas, com maiores incidências no diminutivo e no aumentativo dos substantivos, na concordância de gênero e na inversão do plural; há ainda várias outras realizações, que apresentam menor expressividade na comunidade linguística em questão. Por exemplo, a palavra *kambuta* é um empréstimo do quimbundo usado na região em lugar de “baixinho”:

- (1) O marido dela é *kambuta*.
 (1') O marido dela é baixinho.
- (2) O meu *kandenge* está em casa.
 (2') O meu irmãozinho está em casa.

Vindos do quimbundo, os termos acima são empréstimos lexicais usados no município de Cazengo e em quase toda a extensão da área geolinguística do território angolano. Nestes casos de interferência fica bem claro que o ponto máximo dessa variação ocorre sobretudo na comunicação oral. Nota-se, nesse caso, uma adaptação do léxico quimbundo disponível no repertório linguístico dos falantes, diante de uma indisponibilidade ou estranheza de certas palavras da língua portuguesa.

De fato, a interferência, enquanto fenômeno linguístico resultante do contato direto entre línguas, é uma consequência de diversos fatores externos: políticos, econômicos, sociais, culturais e psicológicos, com repercussões que levam a adaptações, integrações e reestruturas linguísticas inevitáveis, tanto do ponto de vista diacrônico quanto do sincrônico (ALMEIDA, 2001, p. 24).

2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DE ALGUMAS ESTRUTURAS DA LÍNGUA QUIMBUNDO

Certos critérios estruturais do quimbundo foram definidos de forma clara por Ngunga (2012) e Sassoma (2015). Por exemplo, os indicadores de gênero são prefixos por meio dos quais os nomes se distribuem em classes (1 a 19), sendo que as classes, por sua vez, se encontram associadas em pares que são “singular” e “plural” (de um gênero). Há, todavia, casos na língua quimbundo de nomes que representam o singular, cujo prefixo é o plural de outra classe. Esses nomes realizam o seu plural com a classe 10. Também encontramos prefixos isolados, somente no singular, sem uma classe par. O plural de tais prefixos pertence às classes 6 e 10. Vejamos alguns exemplos:

- (3) **mako** (singular): “mão” (classe 6)
 (3') **jimako** (plural): “mãos” (classe 10)
- (4) **lumwenu** (singular): “espelho” (classe 11)
 (4') **malumwenu** (plural): “espelhos” (classe 6)
- (5) **uhaxi** (singular): “doença” (classe 14)
 (5') **mawuhaxi** (plural): “doenças” (classe 6)

Para a formação da frase, quando uma palavra tem um prefixo nominal (PN) indicador de classe como prefixo inicial, toda palavra subordinada deve concordar com o PN. O prefixo inicial presente nas palavras subordinadas denomina-se “prefixo de concordância” (PD).

A língua não possui uma categoria semântica claramente definida para indicar o gênero: os prefixos nominais regem o funcionamento do número, tanto para o singular, quanto para o plural. Convém observar, no entanto, que o número de classificadores da língua quimbundo varia de acordo com cada investigador. Segundo Peres (2006), o quimbundo contém 18 prefixos ou classes de palavras: 14 nominais, um verbal e três locativos, podendo-se esquematizar os classificadores ou prefixos nominais do seguinte modo:

Prefixos nominais ou classificadores do Quimbundo		Exemplos	
		Quimbundo	Português
1- singular	Mu	mukalakadi	trabalhador
2- plural	A	akalakadi	trabalhadores
3- singular	Mu	mulundu	montanha
4- plural	mi	milundu	montanhas
5- singular	di	dikanda	pata
6- plural	ma	makanda	patas
7- singular	ki	kituxi	pecado
8- plural	i	ituxi	pecados
9- singular	f, h, i, k, m, n, o, ph, s, t, x, z	ndungu	pimenta
10- plural	ji	jindungu	pimentas
11- singular	lu	lwozo	arroz
12- singular	ka	kandenge	pequenino/ criancinha
13- plural	tu	tundenge	pequenos/ crianças
14- singular	u	ulaji	maluquice

15- ifinitivo	ku	kumatuka	atravessar
16- locativo	bh	bhobha	aqui
17- locativo	ku	kunaa	ali
18- locativo	mu	mu nzo dya kusaka	dentro do hospital

Tabela 1: Prefixos nominais ou classificadores da língua quimbundo

Fonte: produzida pelos autores

Também de acordo com Sassoma (2015), a formação do plural na língua quimbundo se faz por meio da prefixação. Assim, segundo o autor, os substantivos agrupam-se num certo número de morfemas que se colocam no seu início para indicar o número, singular ou plural: esses morfemas são por ele denominados “prefixos nominais” ou “classificadores”. Segundo Peres (2006), os prefixos nominais são os catalisadores em todas as línguas do grupo banto e estão presentes em todas as circunstâncias. No quimbundo, os prefixos nominais regem o funcionamento, das frases, pois regem as relações de concordância. A tabela seguinte ilustra as formas de construção do plural:

Classes e marcas do singular		Classes correspondentes e marcas do plural		Exemplos	
				Singular	Plural
1	mu	2	a	mulongexi (professor)	alongexi (professores)
3	mu	4	mi	mulonde (ponte)	milonde (pontes)
5	di	6	ma	dikanu (boca)	makanu (bocas)
7	ki	8	i	kyezo (vassoura)	isoneku (vassouras)
9	f, h, i, k, m, n, o, ph, s, t, x, z	10	ji	fundanga (pólvora)	jifundanga (pólvoras)
11	lu	10 e 6	ji/ma	lukwako (braço)	malukwako (braços)
12	ka	13	tu	kanjila (passarinho)	tunjila (passarinhos)
14	u	10 e 6	ji/ma	ufunu (profissão)	jifunu (profissões)

Tabela 2: Formação do plural em quimbundo

Fonte: produzida pelos autores

3 INTERFERÊNCIAS DO QUIMBUNDO NO PORTUGUÊS

3.1 FORMAÇÃO DO PLURAL

Em português, o plural é formado por sufixação, por norma, pela adição do grafema <s> no final de uma palavra na sua forma singular, principalmente quando esta se termina por uma vogal. Segundo Raposo (2013), praticamente todos os nomes do português admitem, do ponto de vista estritamente morfológico, duas versões, uma singular e outra plural, com exceção dos nomes paroxítonos terminados em <s>, que são morfológicamente invariáveis em número.

Como vimos, em quimbundo os substantivos agrupam-se num certo número de morfemas que se colocam no seu início para indicar se se trata de singular ou plural: são os prefixos nominais ou classificadores. Por esta razão, os falantes de quimbundo que têm o português como L2 tendem a aproximar as duas línguas, pela introdução das regras do quimbundo. Vejamos:

- (6) Ele tem muitos carros (Português padrão)
 (6') Ele tem muito *scarro* (Português de Kwanza Norte)
- (7) Temos muitas casas (Português padrão)
 (7') Temos muita *scasa* (Português de Kwanza Norte)

O tratamento do sufixo <s> do português como um prefixo fica evidente nesses exemplos, ou seja, as regras do quimbundo são transpostas para o português. Pode ser interessante comparar palavras isoladas das duas línguas:

- (8) **dikal** / carro
 (8') **makalu** / carros
- (9) **nzo** / casa
 (9') **jinzo** / casas
- (10) **kinama** / perna
 (10') **inama** / pernas
- (11) **mutu** / pessoa
 (11') **atu** / pessoas

Como se vê, o mesmo fenómeno – a adjunção de um PN marcador de singular ou de plural a um tema nominal (TN) – ocorre no processo morfológico aqui descrito. Em (8) e (8'), temos que o morfema **di** é um PN de **classe 5**, **kalu** sendo o TN; para realizar o plural, junta-se o PN de **classe 6** “**ma**” ao TN “**kalu**”. Em (9) e (9'), **n** é um PN de **classe 9**, enquanto **nzo** é o TN. O plural é formado pela adjunção de **ji**, PN de **classe 10** ao TN. Em (10) e (10'), **nama** é o TN, enquanto **ki** é o PN singular (de **classe 7**) e **i** o PN plural de **classe 8**. Do mesmo modo, em (11) e (11'), **tu** é o TN ao qual a adjunção do PN **mu** forma o singular e a adjunção do PN **a** forma o plural.

3.2 CONCORDÂNCIA DE GÊNERO

No que diz respeito à concordância de género, o quimbundo não procede como o português, como se poderia esperar. Por exemplo, os termos, **Mona** (singular) e **Ana** (plural), em quimbundo significam, respectivamente, “filho/a” ou “filhos/as”. Alguns falantes do

português de Ndalatando, têm “quimbundizado” o português com expressões como “filho de homem” e “filha de mulher”, para “filho” e “filha”, respectivamente, em casos em que é necessário elucidar o gênero da pessoa referida. Também é possível acrescentar os substantivos **diyala** (“homem”) e **muhatu** (“mulher”) ao substantivo **mona**. Comparem-se

- (12) **mona diyala**
[filho/a + homem] = filho de homem
- (12') **mona wa diyala (mo+na+wa+di+yala)**
[PN1 + TN + PC + PN5 + TN]
- (13) **ana mayala**
[filhos/as + homens] = filhos de homens
- (13') **ana a mayala (a+na+a+ma+yala)**
[PN2 + TN + PC + PN6 + TN]
- (14) **mona muhatsu**
[filha + mulher] = filha de mulher
- (14') **mona wa muhatsu (mo+na+wa+mu+hatsu)**
[PN1 + TN + PC + PN1 + TN]
- (15) **ana ahatsu**
[filhas + mulher] = filhas de mulheres
- (15') **ana a ahatsu (a+na+a+ma+ahatsu)**
[PN2 + TN + PC + PN5 + TN]
- (16) **mona ndenge**
[filho/a + pequeno/a] = filho/a pequeno/a
- (16') **mona wa ndenge (mo+na+wa+Ø(n)+ndenge)**
[PN1 + TN + PC + PN9 + TN]
- (17) **ana ndenge**
[filho/as + pequeno/as] = filho/as pequeno/as
- (17') **ana a ndenge (a+na+a+Ø(n)+ndenge)**
[PN2 + TN + PC + PN9 + TN]

Esses exemplos ajudam-nos a perceber claramente algumas interferências que se registram no português falado por uma franja dos habitantes de Cazengo, em Ndalatando. Para Mingas (2000, p. 68-83), ao contrário do que acontece para o português, o quimbundo conhece diversas classes de substantivos representadas por prefixos, que se organizam em pares singular/plural, mas para os quais as distinções de gênero não são importantes. A autora reforça que, ao identificar a inexistência da distinção de gênero em quimbundo, os falantes podem apresentar uma incapacidade para estabelecer na língua portuguesa a concordância do determinante com o substantivo, como nos mostram exemplos como “meu casa”, “minha carro”, “minha parente” (por “meu parente”).

Nota-se, em quimbundo, uma oposição entre o singular e o plural dos substantivos, enquanto em português, além dessa oposição, verifica-se também a oposição entre masculino e feminino (MINGAS, 2000, p. 68): em quimbundo, o substantivo **mona** é biforme, ou seja, não define o gênero. A definição do gênero se faz, muitas vezes, pela adição de outros substantivos. Estas e outras questões estão na base das interferências que focamos neste estudo.

3.3 INTERFERÊNCIAS QUANTO À FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO E AUMENTATIVO

O diminutivo em português se expressa pelo uso de determinadas estruturas morfológicas que se acrescentam à parte final da palavra (com ou sem modificação desta), dando origem a uma nova palavra, a qual, quando comparada com a primeira, adquire um significado que apresenta uma 'ideia' de diminuição, cuja referência pode ser o espaço físico (altura ou largura), uma qualidade ou característica, uma quantidade etc.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	toquinho, vozinha	-elho, -a	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho	-ejo	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	-ilho, -a	pecadilho, tropilha
-im, -a	espadim, fortim	-ete	artiguete, lembrete
-acho, -a	fogacho, riacho	-eto, -a	esboceto, saleta
-icho, -a	governicho, barbicha	-ito, -a	rapazito, casita
-ucho, -a	papelucho, casucha	-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	-ote, -a	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	-isco, -a	chuveisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	-usco, -a	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	-ola	fazendola, rapazola

Tabela 3: Principais sufixos diminutivos portugueses (SANTANA, 2017, p. 43)

Fonte: produzida pelos autores

Como se poderia esperar, as regras de formação do diminutivo em português são muito diferentes das regras de formação do diminutivo em quimbundo, língua na qual o diminutivo se forma por prefixação, como nos ilustra a Tabela seguinte:

Substantivos em quimbundo	Exemplos de diminutivo		
	Português	Singular	Plural
inzo	casa – casinha – casinhas	kanzo	tunzo
ditadi	pedra – pedrinha – pedrinhas	kaditadi	tuditadi

imbwa	cão – cãozinho – cãozinhos	kambwa	tumbwa
imbya	panela – panelinha – panelinhas	kambya	tumbya
mutwe	cabeça – cabecinha-cabecinhas	kamutwe	tumutwe
xingo	pescoço – pescocinho – pescocinhos	kaxingo	tuxingo
mulembu	dedo – dedinho – dedinhos	kamulembu	tumilembu
menya	água – aguinha – aguinhas	kamenya	tumenya
njila	pássaro – passarinho - passarinhos	kamwimbo	tumimbu
dikalú	carro – carrinho – carrinhos	kadikalú	tumakalu
mbiji	peixe – peixinho – peixinhos	kambiji	tumbiji
xito	carne – carnezinha – carnezinhas	kaxitu	tuxitu
wabuta	baixo – baixinho – baixinhos	kabuta	tubuta
walebha	alto – altinho – altinhos	kalebha	tulebha
ngiji	rio – riacho – riachos	kangiji	tungiji
dibubu	mudo – mudinho – mudinhos	kabubu	tububu
muxilu	surdo – surdinho – surdinhos	kamuxilu	tumixilu
kifofo	cego – ceguinho – ceguinhos	kafofo	tufogo

Tabela 4: Formação do diminutivo em quimbundo

Fonte: produzida pelos autores

Em quimbundo, o diminutivo é formado por prefixação. Trata-se de dois prefixos nominais: **ka**, de **classe 12**, para o singular, e **tu**, de **classe 13**, para o plural. Uma parte significativa da comunidade de Cazengo transpõe esse processo de prefixação para o português: são interferências de ordem lexical, como já observado por Mingas (2000) e como ilustram os exemplos abaixo:

- (18) Está contente porque comprou um **kacarro**.
 (18') Está contente porque comprou um **carrinho**.
 (19) Trouxe **tupeixe** para o jantar.
 (19') Trouxe **peixinhos** para o jantar.
 (20) Esta é a nossa **kacidade**.
 (20') Esta é a nossa **cidadezinha**.
 (21) As **tucasa**.

(21') As **casinhas**.

Contrariamente ao que indica Mingas (2000), não se trata unicamente de um uso isolado entre indivíduos analfabetos, pois essas construções também são encontradas entre indivíduos escolarizados. De acordo com Sassoma (2015), trata-se de uma interferência de ordem morfológica, devida à coabitação entre duas línguas com estruturas completamente diferentes. Passemos, agora, a uma análise da estrutura dessas mesmas palavras em quimbundo:

- (22) **ka + di + kalu = kadikalu** (“carrinho”)
[PA12 + PN5 + TN]
- (22') **tu+ma+kalu = tudikalu** (“carrinhos”)
[PA13 + PN5 + TN]
- (23') **ka+Ø(m)+mbiji = kambiji** (“peixinho”)
[PA12 + PN9 + TN]
- (23') **tu+Ø(m)+mbiji = tumbiji** (“peixinhos”)
[PA13 + PN9 + TN]
- (24) **ka+Ø(m)+mbanza = kambanza** (“cidadezinha”)
[PA12 + PN9 + TN]
- (24') **tu+Ø(m)+mbanza = tumbanza** (“cidadezinhas”)
[PA13 + PN9 + TN]
- (25) **ka+i+nzo = kainzo** (casinha)
[PA12 + PN9 + TN]
- (25') **tu+i+nzo = twinzo** (casinhas)
[PA13 + PN9 + TN]

Voltemo-nos, agora, para o aumentativo. Em quimbundo o aumentativo é formado pela anteposição do prefixo **ki**, que pertence à **classe 7**. Vejamos alguns exemplos:

Substantivos em quimbundo	Exemplos de aumentativo	
	Quimbundo	Português
muhatu	kimuhatu	mulherona, grande, mulher de respeito
diyala	kidiyala	“homenção”, de respeito, homem grande
imbwa	kimbwa	cão forte, de grande estatura.
dikanda	kidikanda	patão
mutwe	kimutwe	cabeçudo

nzebu	kinzebu	babão
dilonga	kidilonga	pratão
mazo	kimazo	dentola
mwezo	kimwezo	barbudo
dikalú	kidikalau	carrão
ndemba	kindemba	cabeludo
dilaji	kidilaji	grande maluco
ditaku	kiditaku	rabão
dyeso	kidyeso	olhos grande, olhudo.
kujiza	kijiza	teimoso
dileku	kileku	sabichão
dimi	kidime	linguarudo

Tabela 5: Formação do aumentativo em quimbundo

Fonte: produzida pelos autores

Como observamos para o diminutivo, o aumentativo também é fonte de interferências no português falado em Cazengo, inclusive entre indivíduos escolarizados. Apresentamos, abaixo, alguns exemplos:

- (26) Já viste o **kicarro** do comandante?
 (26') Já viste o **carrão** do comandante?
- (27) O ladrão tinha uma **kípata** que parecia calçar 50.
 (27') O ladrão tinha um **patão** que parecia calçar 50.
- (28) Tinha aspecto de um **kitio**.
 (28') Tinha aspecto de um **tiozão**.
- (29) Olha **kicabeça** dele.
 (29') Ele era **cabeçudo**.
- (30) Tinha uma **kibarba**.
 (30') Era **barbudo**.
- (31) Os meus pais querem construir uma **kicasa** no bairro da **Kípata**.
 (31') Os meus pais querem construir um **casarão** no bairro do **Patão**.

Na tabela abaixo, apresentamos as correspondências, para essas palavras, entre o quimbundo, o português de Cazengo e o português padrão:

Quimbundo	Cazengo	Português
kidikalú [ki+di+kalu] [PA7 + PN5 + TN]	kicarro	Carrão
kidikanda [ki+di+kanda] [PA7 + PN5 + TN]	kípata	Patão
kidilemba [ki+di+lamba] [PA7 + PN5 + TN]	kitio	Senhor de má aparência.
kimutwe [ki+mu+twe] [PA7 + PN3 + TN]	kicabeça	cabeçudo
kimwezo [ki+mu+ezo] [PA7 + PN3 + TN]	kibarba	barbudo
kinzo [ki+i+nzo] [PA7 + PN9 + TN]	kicasa	casarão
Kidikanda [ki+di+kanda] [PA7 + PN5 + TN]	kípata	Patão

Tabela 6: Aumentativo em Quimbundo, em Português de Cazengo e em Português padrão

Fonte: produzida pelos autores

Quando utilizado como aumentativo, o classificador **ki**, de classe 7, pode apresentar sentidos denotativos como as ideias de *grandeza*, *garbosidade*, *maleficência*, entre outras. Vejamos:

(32) Este é **kipessoa**.

(32') Esta é uma grande pessoa.

(33) Este é **kidiabo**.

(33') Esta é uma má pessoa.

(34) Era uma **kipessoa**.

(34') Era um homem forte/ uma grande pessoa/ uma má pessoa.

Este é um uso muito característico de Cazengo para atribuir qualidades a um indivíduo de acordo com a intenção expressiva do sujeito falante, sendo muito frequente nos mercados informais, aglomerados, algazaras, caminhadas nos campos agrícolas, agrupamentos após os cultos religiosos, cerimônias tradicionais.

A comparação dessas três possibilidades de expressão do aumentativo traz-nos informações interessantes:

Quimbundo	Português	Cazengo
kimutu [ki+mu+tu] [PA7 + PN1 + TN]	grande pessoa	kipessoa
Mwene kimutu	Ele é uma grande pessoa	
kikadyaphemba [ki+ka+dyaphemba] [PA7 + PN12 + TN]	grande demônio	kidiabo
Mwene kikadiyaphemba	Grande demônio.	
kimutu [ki+mu+tu] [PA7 + PN1 + TN]	senhorzão, má pessoa, homem forte, etc.	kipessoa
Wakexile kimutu	Era um homem forte/ uma grande pessoa/ uma má pessoa.	

Tabela 7: Estrutura do aumentativo em quimbundo, em português padrão e em português de Cazengo
Fonte: produzida pelos autores

Como pudemos observar, em quimbundo, o aumentativo e o diminutivo concretizam-se pela anteposição de morfemas modificadores aos temas nominais (ou radicais). O aumentativo é expresso pelo prefixo **ki**, de **classe 7**, enquanto o diminutivo se concretiza no prefixo **ka**, de **classe 12**, para o singular, e no prefixo **tu**, de **classe 13**, para o plural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos aqui analisados provêm de um *corpus* de produções espontâneas recolhido pelos autores na região Kwanza Norte, em Angola, tendo sido analisados a partir da qualidade de falante nativo de quimbundo de um dos autores deste texto. Analisamos a variação de três estruturas morfossintáticas específicas: a) formação do plural; b) concordância de gênero e c) formação do diminutivo e aumentativo dos nomes.

Para além das interferências do quimbundo no português falado no município de Cazengo, foi possível evidenciar a existência de duas gramáticas diferenciadas, na medida em que os seus elementos gramaticais não convergem.

Ao fazer alusão a fatos do passado da comunidade estudada, por meio de dados sobre a civilização do município, este estudo permitiu-nos, igualmente, contribuir para uma pequena parcela da história da variedade angolana do português. Todavia, algumas das questões apresentadas dizem respeito a questões de política linguística em Angola, principalmente no que tange à legitimação de um português angolano. Alguns dados aqui comentados poderão levar a que os habitantes de Cazengo e de outras comunidades vizinhas compreendam que a convivência de línguas diferentes, num mesmo espaço geográfico, pode desencadear em situações de interferências linguísticas, mas que isso não se constitui num obstáculo ao aprendizado das duas línguas em questão. O nosso conhecimento dessa realidade indica-nos que a língua portuguesa é o idioma que os habitantes de Cazengo mais dominam, sendo que a supremacia do português sobre o quimbundo é fruto de políticas do Estado angolano em relação à língua portuguesa, sobretudo o fato de esta, além de língua veicular, ser a língua de escolarização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. *A transferência linguística e a tradução: barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa?* Porto: Faculdade de Letras, 2001.

MINGAS, A. *Interferência do quimbundo no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.

NGUNGA, A. Interferência de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Série: Letras e Ciências Sociais, v. 1, p. 7-12, 2012.

PERES, D. *Apontamento de morfologia das línguas nacionais africanas*. Luanda: Universidade Agostinho Neto, 2006.

RAPOSO, E. et al. (Org.). *Gramática do português*. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SANTANA, M. *O sufixo diminutivo em português: funcionamento e significação – do século XIII ao XX*. São Paulo: Universidade S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.

SASSOMA, J. *Interferência da língua umbundu na língua portuguesa na região de Benguela*. Benguela: Universidade Buila Katyavala, 2015.



Recebido em 28/08/2018. Aceito em 21/09/2018.

O USO DE PRONOMES POSSESSIVOS COM REFERÊNCIA AO DESTINATÁRIO EM CARTAS PESSOAIS DE EVANGÉLICOS DO SÉCULO XX

EL USO DE PRONOMBRES POSESIVOS CON REFERENCIA AL DESTINATARIO EN CARTAS
PERSONALES DE EVANGÉLICOS DEL SIGLO XX

POSSESSIVE PRONOUNS FOR THE ADDRESSEE IN PROTESTANTS' PERSONAL LETTERS
FROM THE 20TH CENTURY

Francisco Jardes Nobre de Araújo*

Universidade Federal do Ceará

RESUMO: O presente artigo descreve e analisa o uso dos possessivos 'teu', 'seu' e 'vosso' numa amostra de língua escrita composta por 44 cartas destinadas a um pastor evangélico, um dos pioneiros na difusão da Assembleia de Deus pelo Norte e Nordeste do Brasil durante o século XX. Tomando como constituintes de uma comunidade de prática os remetentes dessas cartas, analisa-se o emprego dos possessivos à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), considerando-se que o sistema pronominal encontra-se em variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e aplicando-se a metodologia da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Os resultados apontam para um sistema relativamente em conflito, em que os usos dos pronomes não se dão categoricamente conforme as relações entre remetente e destinatário, porém as formas 'teu', 'seu' e 'vosso' obedecem, em uma medida considerável, à semântica do poder e da solidariedade descrita por Brown e Gilman (1960).

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes possessivos. Cartas pessoais. Comunidade de Prática. Poder e solidariedade. Sociolinguística.

RESUMEN: El presente artículo describe y analiza el uso de los posesivos 'teu', 'seu' y 'vosso' del portugués brasileño en una muestra de lengua escrita compuesta por 44 cartas destinadas a un pastor evangélico, uno de los pioneros en la difusión de la Asamblea de Dios por el norte y el nordeste de Brasil durante el siglo XX. Considerando los remitentes de estas cartas como constituyentes de una comunidad práctica, se analiza el empleo de los posesivos a la luz de la Teoría del Poder y de la Solidaridad (BROWN, GILMAN, 1960), partiendo del supuesto de que el sistema pronominal se encuentra en variación (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), y aplicándose la metodología de la Sociolingüística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Los resultados apuntan a un sistema relativamente en conflicto, en que los usos de los pronombres no se dan categóricamente conforme a las relaciones entre remitente y destinatario, pero las formas 'teu', 'seu' y 'vosso' obedecen, en una medida considerable, a la semántica del poder y de la solidaridad descrita por Brown y Gilman (1960).

PALABRAS CLAVE: Pronombres posesivos. Cartas personales. Comunidad práctica. Poder y solidaridad. Sociolingüística.

* Doutorando em Linguística (Universidade Federal do Ceará). E-mail: <jardsnobre@hotmail.com>.

ABSTRACT: This paper describes and analyzes the use of the possessive pronouns ‘teu’, ‘seu’, and ‘vosso’ in Brazilian Portuguese from sample of written material formed by 44 letters addressed to an evangelical pastor, one of the pioneers in the diffusion of the Assembly of God in the North and Northeast Brazilian regions in the 20th century. Taking as the constituents of a community of practice the senders of such letters, the use of possessives is analyzed in the light of the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), considering that the pronominal system is in variation (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), and applying the methodology of Historical Sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007). The results point out to a relatively conflictuous system in which the uses of pronouns are not categorically based on sender-addressee relations, but rather the forms ‘teu’, ‘seu’, and ‘vosso’ are used, to a considerable extent, according to the semantic of power and solidarity described by Brown and Gilman (1960).

KEYWORDS: Possessive pronouns. Personal letters. Community of practice. Power and solidarity. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Registram-se, ao longo da história da língua portuguesa, três vocábulos usados como possessivos com referência ao interlocutor, a saber: ‘teu’, ‘vosso’ e ‘seu’. Em termos de paradigma normativo, o primeiro corresponde ao ‘tu’; o segundo, ao ‘vós’, que, até o século XVI, era usado como forma cerimoniosa para se dirigir a alguém não íntimo ou superior; e o último, ao ‘você’, que surgiu da contração de ‘Vossa Mercê’, expressão usada inicialmente (século XV) para se dirigir ao rei de Portugal, mas que, ao final do século XIX, já era de uso quase generalizado como tratamento em todas as camadas sociais e hoje. Nas palavras de Faraco (1996, p. 64), “[...] [você] é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome ‘tu’ restrito a algumas variedades regionais”.

Embora o pronome ‘vós’, com suas respectivas formas oblíquas (‘vos’, ‘convosco’) e possessiva (‘vosso’), tenha se tornado obsoleto na maior parte onde o português é falado, ainda é usado nos dialetos do norte e do centro de Portugal (RAPOSO, 2013) e pode ser encontrado no discurso religioso, sobretudo nas orações, quando se dirige a Deus ou à Virgem (CUNHA, 1986).

Lendo um conjunto de cartas redigidas por membros da igreja Assembleia de Deus, nascidos e/ou residentes no Norte e Nordeste brasileiros, e escritas entre 1940 e 1986, notei um uso recorrente do possessivo ‘vosso’ com referência ao destinatário, portanto, a um só indivíduo, além do emprego variável das outras duas formas, ‘teu’ e ‘seu’. O presente artigo¹ resulta da tentativa de compreender a variação entre os possessivos mencionados numa comunidade de prática através da escrita, considerando-se a relação e o grau de intimidade entre remetente e destinatário.

Embasa esta pesquisa o estudo de Brown e Gilman (1960, p. 252) sobre as formas de tratamento entre os interlocutores, os quais defendem que existe uma “[...] íntima associação [dessas formas] com duas dimensões fundamentais para a análise de toda vida social – as dimensões de poder e de solidariedade”² (BROWN; GILMAN, 1960, p. 252). A pesquisa fundamenta-se também no pressuposto teórico básico da Sociolinguística Variacionista, o de que “[...] toda língua constantemente sofre alteração”³ (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 100) e o de que a variação linguística tem um significado social que “[...] reside no seu valor na negociação de pertencimento social”⁴ (LABOV, 2010, p. 189). Além disso, foi considerado neste trabalho o conceito de comunidade de prática de Wenger (1998) e de Eckert e McConnell-Ginet (1999), como veremos mais adiante. Já a metodologia empregada é a da Sociolinguística Histórica, uma vez que parte da caracterização de aspectos históricos da comunidade considerada

¹ Este estudo é parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento no curso de Doutorado em Linguística, a qual foi registrada no Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e aprovada sob nº CAAE 72927417.3.0000.5054.

² Todas as traduções apresentadas ao longo deste artigo foram feitas por mim. No original: “[...] close association with two dimensions fundamental to the analysis of all social life – the dimensions of power and solidarity”.

³ No original: “[...] every language constantly undergoes alteration”.

⁴ No original: “[...] lies in its value in the negotiation of social membership”.

e do contexto social para “[...] reconstruir determinadas variáveis independentes que em certas situações linguísticas do passado puderam estar correlacionadas com a variação” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 53)⁵.

2 OS PRONOMES E A TEORIA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE

Na maioria das línguas naturais, conforme estudo desenvolvido por Brown e Gilman (1960), a relação entre os interlocutores é codificada através de formas dêiticas, que podem ser os tradicionalmente chamados pronomes pessoais ou os pronomes de tratamento (“*pronouns of address*”).

Os autores chamam de *T* e de *V* os dois sistemas de dêiticos de pessoas usados entre os interlocutores no tratamento de um para o outro. Assim, as formas empregadas no tratamento cerimonioso (“*polite pronoun*”) são designadas “formas *V*” (de ‘vos’, em latim), e as usadas no tratamento familiar (“*familiar pronoun*”) são as “formas *T*” (de ‘tu’, em latim).

Em seu famoso artigo de 1960, Brown e Gilman discorrem sobre a semântica desses dêiticos, considerando semântica como “[...] a covariação entre o pronome usado e a relação objetiva existente entre emissor e receptor”⁶ (BROWN; GILMAN, 1960, p. 186). Para eles, a relação entre os interlocutores baseia-se em dois princípios: o poder e a solidariedade. Explicam os autores:

Pode-se dizer que uma pessoa tem poder sobre outra na medida em que pode controlar o comportamento da outra. O poder é uma relação entre pelo menos duas pessoas, e é não recíproco no sentido de que ambos não podem ter poder na mesma área de comportamento. A semântica do poder é da mesma forma não recíproca; o superior diz *T* e recebe *V* (BROWN; GILMAN, 1960, p. 255)⁷.

Segundo eles, no tocante a essas relações, as sociedades ou se encontram em equilíbrio ou em conflito. No primeiro caso, o papel de cada indivíduo na sociedade ou perante seu interlocutor, bem como a distinção entre as classes sociais, estão claramente estabelecidos, como acontecia na sociedade medieval europeia. Já no segundo caso, as atitudes de um falante para com seu interlocutor se definem segundo a situação em que se encontram. Assim, de modo geral, numa sociedade relativamente estática, os interlocutores de posição inferior tratam os superiores por *V* enquanto estes os tratam por *T* nas relações de poder (relações assimétricas) e, nas relações simétricas, os membros das camadas sociais mais altas podem se tratar por *V* recíproco, enquanto os das camadas sociais mais baixas o fazem por *T* recíproco. Para os autores, as relações em que há intimidade ou condescendência são relações de solidariedade. Poder e solidariedade seriam, portanto, os dois fatores condicionantes do uso de *T* e *V*:

Em termos gerais, a forma *V* está relacionada com as diferenças entre as pessoas. Nem todas as diferenças entre pessoas implicam uma diferença de poder. Uma regra para fazer uso distintivo de *T* e *V* entre iguais pode ser formulada generalizando-se a semântica do poder. [...] Diferenças de poder fazem *V* emergir em apenas uma direção de tratamento; diferenças não relativas ao poder fazem *V* emergir em ambas as direções. [...] As correspondentes normas de tratamento são simétricas ou recíprocas com *V* mais provável à medida que a solidariedade declina (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257-8)⁸.

⁵ No original: “[...] reconstruir determinadas variables independientes que en ciertas situaciones lingüísticas del pasado pudieron estar correlacionadas con la variación”.

⁶ No original: “[...] the covariation between the pronoun used and the objective relationship existing between speaker and addressee”.

⁷ No original: “One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V*”.

⁸ No original: “In general terms, the *V* form is linked with differences between persons. Not all differences between persons imply a difference of power. [...] A rule for making distinctive use of *T* and *V* among equals can be formulated by generalizing the power semantics. Differences of power cause *V* emerge in one direction of address; differences not concerned with power cause *V* to emerge in both directions. [...] The corresponding norms of address are symmetrical or reciprocal with *V* becoming more probable as solidarity declines.”

Para Brown e Gilman (1960), o poder pode ser baseado não apenas na riqueza, mas também na idade, no papel institucionalizado na igreja, numa empresa, no estado, nas forças armadas ou na família, além do gênero social e da força física.

Lyons (2011, p. 235) observa que o emprego de *V* não recíproco tem declinado na maioria das línguas europeias desde o século XIX, “[...] exceto no caso de adultos e crianças que não são membros da mesma família e em um ou outro caso mais especial”. Para ele, a explicação está no crescimento de atitudes mais igualitárias ou democráticas nas sociedades do Ocidente e na sobreposição do fator solidariedade, em que o uso recíproco de *T* é mais cultivado.

Na história de algumas línguas, formas *V* podem passar a formas *T*. Como exemplo disso, Brown e Gilman (1960) citam o inglês, em que a forma ‘you’ (“vós”), inicialmente *V* (quando usado para um só interlocutor), passou à forma *T* substituindo o pronome ‘thou’ (“tu”). Da mesma forma, no chamado “espanhol del Río de la Plata”, falado na Argentina, no Uruguai e no Paraguai, o ‘vos’ perdeu o valor de tratamento cerimonioso que possuía no espanhol europeu e hoje se emprega como forma de tratamento íntimo.

Na língua portuguesa, até o início do século XVI, segundo Faraco (1996), empregou-se o ‘vós’ como forma *V*. À época do Descobrimento, tal pronome já estava em declínio, sendo substituído por ‘Vossa Mercê’, que resultou, por volta do século XVIII, na palavra ‘você’, a qual foi forma *V* até fins do século XIX (cf. LOPES, 2009; RUMEU, 2013), sendo hoje empregado como forma *T* na maior parte do Brasil (FARACO, 1996).

Nas primeiras décadas do século XX, conforme alguns estudos (DUARTE, 1993; LOPES, 2007; RUMEU, 2013), acentuou-se, no português brasileiro, o uso de ‘você’ como forma *T*. O uso de formas *V* como formas *T* caracterizam o sistema em conflito descrito por Brown e Gilman (1960), e o período em que tal acontece corresponde a uma fase de variação no uso desses pronomes.

Como defendem Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 188), “[...] nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”⁹. Assim, a função de forma *T*, no português brasileiro, passou a apresentar a variação entre as formas ‘tu’ e ‘você’ e, com isso, todas as formas oblíquas e possessivas desses pronomes passaram também a entrar em variação. Ou seja, se ‘tu’ e ‘você’ competem na função de sujeito, ‘te’ compete com ‘lhe’ na função de objeto, ‘teu’ com ‘seu’ como possessivo etc.

Em resumo, verifica-se no português brasileiro uma variação entre os dois sistemas pronominais que outrora desempenhavam funções distintas: o sistema *T* (‘tu’, ‘te’, ‘ti’, ‘contigo’, ‘teu’) varia com o sistema *V* (‘você’, ‘o’, ‘lhe’, ‘se’, ‘si’, ‘consigo’, ‘seu’), resultando num sistema misto no qual podem ser incluídas outras formas de tratamento (‘o senhor’, ‘o amigo’ etc.).

Considerando-se que as cartas analisadas neste estudo foram produzidas entre 1940 e 1986, e que todos os remetentes são membros da igreja Assembleia de Deus escrevendo para um indivíduo de destaque dentro da comunidade evangélica, algumas questões podem ser levantadas referentes ao uso dos dêiticos em tais cartas:

- 1) As relações entre os remetentes e o destinatário revelam um sistema em equilíbrio, uma vez que estão bem demarcadas na comunidade de prática de que participam, ou um sistema em conflito, já que as cartas foram escritas num período em que o fator solidariedade já havia se tornado crescente — conforme aponta Lyons (2011) para as sociedades ocidentais?
- 2) Estando o sistema em equilíbrio, quais as formas possessivas empregadas pelos remetentes considerados inferiores em relação ao destinatário e por aqueles que desempenham o mesmo papel que ele, mas sem terem muita intimidade?
- 3) Estando o sistema em conflito, admite-se a possibilidade de uso do possessivo ‘teu’ por remetentes que também empregam a forma ‘seu’ (ou outra expressão possessiva) com a mesma referência (o destinatário), revelando-se uma variação estilística¹⁰

⁹ No original: “[...] not all variability and heterogeneity in language structure involves change, but all change involves variability and heterogeneity”.

¹⁰ Coelho e Nunes de Souza (2014, p. 175) defendem que a variação do uso dos pronomes pessoais é uma variação estilística, uma vez que “[...] são formas linguísticas que representam a relação entre os interlocutores, ou seja, no estudo das formas de tratamento é evidente a *covariação* [...] entre a língua e as características dos

no uso desses pronomes. Então, qual a influência do tipo de relação entre remetente e destinatário sobre o uso do possessivo com referência ao interlocutor nas cartas?

O presente estudo tem, portanto, o objetivo de responder a essas questões e contribuir para outras pesquisas sobre o uso dos possessivos, os quais, após a inserção de ‘você’ no quadro de pronomes pessoais no português brasileiro (PB), entrou em variação resultante da instabilidade produzida pela combinação dos paradigmas da segunda e da terceira pessoas do singular (FARACO, 1996), podendo ser interpretada como um fenômeno decorrente do aumento do fator solidariedade nas relações sociais. A forma *V* ‘você’ teria adquirido o traço [+ intimidade] e reduzido sua função de reverência, quando então outras expressões tiveram de ser postas em circulação para substituí-la.

O uso variável dos possessivos, bem como dos pronomes pessoais na função de sujeito e na de complemento no PB tem gerado diversos estudos na tentativa de compreender uma das características mais distintivas do português falado no Brasil em relação ao falado em Portugal.

3 OS POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS

Neste estudo, chamam-se de possessivos, com base em Bagno (2011), os vocábulos que indicam posse¹¹ e que tanto podem exercer a função pronominal (de substituição do nome) quanto a de determinante. As frases (1) e (2) exemplificam respectivamente essas funções:

(1) O livro de João é mais novo que o *teu*.

(2) O *teu* livro é de uma edição anterior.

Para Monteiro (2002), os possessivos compõem o paradigma dos pronomes pessoais morfológica, sintática e semanticamente, uma vez que apresentam o mesmo radical dos pessoais (‘me/meu’, ‘te/teu’, ‘se/seu’, ‘nos/nosso’, ‘vos/vosso’), completam o esquema das funções pronominais (‘eu’ – nominativo, ‘me’ – acusativo, ‘mim’ – dativo, ‘meu’ – genitivo) e atribuem a uma pessoa do discurso a noção de posse.

Quanto à distinção *T/V*, à medida que ‘você’ (antes usado como forma *V*) passou a desempenhar a função de forma *T* em variação com ‘tu’, o possessivo da terceira pessoa canônica (‘seu’) passou a competir com o da segunda pessoa canônica (‘teu’). Para Bagno (2011, p. 769), “[...] assim como ocorre com os oblíquos, os possessivos referentes a ‘tu’ e ‘você’ são usados indiferentemente na correlação com esses índices pessoais”. Em outras palavras, verifica-se no PB o uso de ‘teu’ quando o interlocutor é tratado tanto por ‘você’ quanto por ‘tu’, ocorrendo o mesmo com o uso de ‘seu’.

Acerca do possessivo ‘vosso’, este foi uma forma *V* durante o período em que ‘vós’ desempenhava esse papel para um só interlocutor e ainda o é em alguns gêneros discursivos.

Embora o uso de ‘vós’ como forma *V* singular tenha entrado em declínio em quase todas as variedades do português ainda no século XVI¹², o possessivo ‘vosso’ seguiu compondo expressões de tratamento como ‘Vossa Excelência’, ‘Vossa Senhoria’, ‘Vossa Magnificência’ etc.

falantes”, apoiando-se em Brown e Gilman (1960, p. 272), para quem “*Linguistic styles are potentially expressive when there is covariation between characteristics of language performance and characteristics of the performers*” (“Estilos linguísticos são potencialmente expressivos quando existe covariação entre características do desempenho linguístico e características dos falantes”).

¹¹ A noção de “posse” não se restringe apenas ao âmbito material e ao jurídico. Conforme Raposo (2013, p. 906), os possessivos exprimem também outras relações, como a de parentesco (*meu irmão*), e a relação entre uma parte e o todo, inclusive parte do corpo, “posse inalienável” (*meu coração*).

¹² Raposo (2013) afirma que o ‘vós’ com valor de segunda pessoa do plural mantém-se nos dialetos portugueses setentrionais e, em alguns, do Centro, portanto, nesses dialetos, ‘vosso’ ainda se encontra em plena vitalidade. O autor não descarta a “[...] possibilidade de que ainda se mantenha em uso, em dialetos muito conservadores, na fala das gerações mais velhas, como forma de tratamento de respeito” (RAPOSO, 2013, p. 130).

Apesar de a maioria dos estudiosos do português brasileiro apontar para o desaparecimento, na comunicação cotidiana popular, de ‘vós’ e de suas formas correspondentes tanto na função de *V* singular quanto na referência ao grupo para o qual se dirige, todos os pronomes da segunda pessoa do plural canônica, com referência seja ao singular, seja ao plural, são identificados nas cartas escritas por evangélicos analisadas neste estudo. Os exemplos abaixo, extraídos dessas cartas, atestam essa afirmação:

(3) Apas do Senhor seja com todos **vós** [...] que a graça do Senhor seja multiplicada em **vossos** corações. | O meu ardente desejo, é, que esta **vós** encontre gosando amais perfeita sau|de, juntamente com todos de nossa família. [...] a minha alma gemme dentro de mim, com desejo, de **vós** ver. [C01]¹³

(4) Muito prezado irmão Zequinha [...] | Escrevo-**vós** esta, em resposta a **vossa** mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. Embora que ao mesmo tempo tenha ficado | contristada, parecia está sentindo a mesma tris-|teza que o irmão sentiu [...] foi Raimundo que | mandou o Helio filho de Fransquinha telefonar | para o sr. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a| Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do **vossos** dizeres ficaram também | muito contristados por saberem que o irmão | não recebeu aviso nenhum. Pois Raimundinho | mandou o Hélio telefonar como já **vós** disse. [C23]

Em (3), as formas ‘vós’, ‘vossos’ e ‘vos’ têm como referência o grupo de pessoas no qual se inclui o destinatário, o que é indicado pelo determinante ‘todos’ antes de ‘vós’. Já em (4), ‘vos’ e ‘vossa/vossos’ têm como referência o destinatário, portanto, são usados como forma *V* singular, alternando com expressões como ‘o irmão’ e ‘o senhor’ (‘sr.’).

Poucas pesquisas acadêmicas têm sido feitas sobre a variação ‘teu’~‘seu’ no PB, das quais merecem destaque a de Arduin (2005) e a de Lucena (2016). A primeira analisa o fenômeno na região Sul, com amostras de fala obtidas em oito cidades dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e conclui que o uso de ‘teu’/‘seu’ tende a acompanhar o uso de ‘tu’/‘você’, segundo o princípio do paralelismo formal, e que ‘teu’ é mais usado por mulheres, por pessoas menos escolarizadas, pelos mais jovens e em relações de intimidade — ou, nas palavras de Brown e Gilman (1960, p. 261), quando há “[...] uma passagem do poder para a solidariedade como o princípio semântico regulador”¹⁴. Já a segunda pesquisa tem natureza diacrônica – a amostra utilizada foram cartas pessoais escritas entre 1857 a 1979 – e constata “[...] um crescimento tímido do pronome ‘seu’, tanto nas relações simétricas quanto assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas” (LUCENA, 2016, p. 176).

Considera-se, neste trabalho, que o uso variável dos possessivos com referência à segunda pessoa do singular esteja relacionado ao fato de os remetentes das cartas supostamente terem mais contato com o texto bíblico (no qual os pronomes de segunda pessoa do plural canônicos, por exemplo, são bastante recorrentes), por serem todos membros da Assembleia de Deus, uma das igrejas evangélicas mais conservadoras do Brasil. Considera-se ainda que o uso dos possessivos por esses remetentes esteja relacionado à posição que cada indivíduo ocupa dentro da comunidade de prática da qual faz parte e de sua relação com o destinatário.

4 OS REMETENTES EVANGÉLICOS COMO UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

O estudo aqui apresentado utiliza cartas pessoais escritas por remetentes evangélicos para um mesmo destinatário, o pastor José Alencar de Macedo (1899-1991). São cartas tanto de membros da família do pastor quanto de amigos na condição de fiéis e na de colegas de ofício, caracterizando-se assim uma teia de relações centrada num indivíduo de papel proeminente dentro dessa teia.

É importante ressaltar, sobre as relações de parentesco entre alguns remetentes e o pastor destinatário, que: 1) no caso das irmãs, dos genros e da neta, não sofriam necessariamente a interferência da posição do destinatário dentro da comunidade de prática a que pertenciam, pois viviam distantes dele; 2) no caso dos cunhados, estes também eram pastores, portanto, mais do que a ligação

¹³ O código usado ao final de cada trecho de carta transcrito aqui é constituído pela letra C de “carta”, seguida do número da carta na constituição da amostra. A transcrição dos trechos extraídos das cartas mantém sem alteração o texto original. No caso de supressão de trechos, foi usada a notação [...] e, no caso de mudança de linha, uma barra vertical (|).

¹⁴ No original: “[...] a shift from power to solidarity as the governing semantic principle”.

adquirida pelo casamento com as irmãs do destinatário, estavam também ligados a este pelo ofício e pelas experiências comuns que tiveram na vida pastoral.

Em todas as cartas, podem ser verificadas as marcas linguísticas da fé evangélica, refletidas no vocabulário que os identifica como seguidores de uma vertente do Cristianismo diferente da seguida pelos católicos. Em outras palavras, as diferenças entre católicos e evangélicos não se restringem ao conjunto de crenças e dogmas de cada vertente cristã, mas também se manifestam nas práticas linguísticas, sobretudo no vocabulário.

À propriedade que certos vocábulos e expressões linguísticas têm de apontar para as identidades sociais dos falantes, para a relação estabelecida entre si ou com outras entidades tomadas como referentes na enunciação, Levinson (2007) chama de *dèixis social*. Para Vazquez (2009, p. 58), na interação entre duas pessoas, estas selecionam, a partir de um repertório oferecido por sua língua, os termos adequados para demarcar seu relacionamento, isto é, “[...] revelam seu relacionamento com sua escolha”¹⁵.

Assim, em se tratando da comunidade evangélica brasileira, especificamente da que constitui a igreja Assembleia de Deus¹⁶, algumas expressões linguísticas são utilizadas para identificar seus correligionários, como, por exemplo, a saudação através da expressão “A paz do senhor!”, o que se verifica na seção de saudação de quase todas as 44 cartas analisadas neste trabalho.

Em um país de maioria católica como o Brasil do século XX¹⁷, aqueles que decidiam seguir outra fé sentiam a necessidade de se destacar no meio em que viviam, sobretudo como forma de marcar sua identidade religiosa. Por apresentarem certas peculiaridades comportamentais, principalmente em se tratando das primeiras gerações de adeptos das igrejas evangélicas em difusão por um país maciçamente católico, podemos considerar os evangélicos que congregam numa mesma igreja uma comunidade de prática (CP), conforme definem Eckert e McConnell-Ginet (1999, p. 186):

Uma CP é um agregado de pessoas que, unidas por um empreendimento comum, desenvolvem e compartilham maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças e valores – em suma, práticas. Uma CP pode se desenvolver a partir de uma empresa formal ou informalmente constituída: um coral, uma turma, uma equipe administrativa, uma família, uma banda de garagem, um grupo de amigos ou um departamento acadêmico.¹⁸

Para as autoras, uma CP não se confunde com uma comunidade de fala. A distinção está no modo como os membros da comunidade estão associados, o que os leva a desenvolver certas práticas as quais envolvem a construção de uma orientação em comum para o mundo ao seu redor — “A comunidade como um todo constrói um senso comum de si mesma através da relação entre suas práticas e as de outras comunidades”¹⁹ (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1999, p. 186), sendo a prática estilística a chave de todo o processo de construção da identidade pelos membros da comunidade.

Meyerhoff (2002) associa comunidade de prática a um “domínio analítico” que, de modo geral, compreende um contingente menor de usuários, mas que também pode nos guiar a princípios do uso da linguagem com um significado mais amplo. Para ela, a CP se distingue de uma rede social: enquanto esta pressupõe *quantidade* de interação, aquela pressupõe *qualidade* de interação (HOLMES; MEYERHOFF, 1999).

¹⁵ No original: “[...] they reveal their relationship with their choice”.

¹⁶ A Assembleia de Deus foi trazida para o Brasil através dos missionários suecos vindos dos Estados Unidos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que desembarcaram em Belém (PA) em 19 de novembro de 1910 (cf. CORDOVA, 2012).

¹⁷ O catolicismo ainda é a religião majoritária no Brasil nas primeiras décadas do século XXI, conforme Russo e Oliveira (2011).

¹⁸ No original: “A CofP is an aggregate of people who, united by a common enterprise, develop and share ways of doing things, ways of talking, beliefs, and values – in short, practices. A CofP can develop out of a formally or informally constituted enterprise: a choir, a gang, a secretarial pool, a family, a garage band, a friendship group, or an academic department”.

¹⁹ No original: “The community as a whole constructs a joint sense of itself through the relation between its practices and those of other communities”.

Para Conde Silvestre (2012), o conceito de comunidade de prática é de difícil aplicação quando se investiga a linguagem a partir de *corpora* históricos, porém os recentes avanços na compilação de amostras de material manuscrito, como cartas pessoais, têm aberto novas possibilidades de pesquisa, oferecendo uma nova compreensão da relação entre linguagem, texto e sociedade.

Wenger (1998) estabelece três critérios para a existência de uma CP: envolvimento mútuo, empreendimento conjunto e repertório compartilhado. Os três critérios podem ser identificados no grupo de remetentes que produziram as cartas constituintes da amostra aqui analisadas, caracterizando esses remetentes como membros de uma mesma CP:

Envolvimento mútuo — cada remetente está engajado na mesma fé, compartilhando das mesmas crenças, uns desempenhando papel proeminente na igreja (os pastores, dos quais o destinatário é um), outros como seguidores dos ensinamentos daqueles (os fiéis), e outros como membros da família do destinatário, a quem pedem conselhos.

Empreendimento conjunto — os remetentes estão envolvidos na tarefa de manter e propagar a fé que professam, relatando, em muitas das cartas, o andamento das atividades de sua igreja na comunidade em que vivem, bem como costumam sugerir, ao final das correspondências, leituras bíblicas específicas para a meditação do interlocutor.

Repertório compartilhado — os remetentes empregam, em suas cartas, termos que os identificam como evangélicos, tais como “orar” (e não “rezar”), “hino” (e não “cântico”) e “culto” (e não “missa”, “reunião”), além de usarem formas específicas de tratar os demais conforme sua importância dentro da comunidade (“pastor”, “irmão”, “vós” etc.), convenções fraseológicas (“A paz do Senhor!”, “em nome de Jesus” etc.) e padrões de interação (“Saúde F. por mim”, “Recomende-me a F.”, “Para sua meditação, leia...” etc.).

Como argumenta Conde Silvestre (2007, p. 167),

Uma comunidade de prática se define, como as redes sociais, em termos de interação entre indivíduos, mas não se limita à observação dos aspectos estruturais, valorizando, por um lado, a experiência subjetiva dos membros de cada grupo acerca dos limites entre sua comunidade e outras e, por outro, considerando o tipo de atividades comuns nas quais participam e atuam seus componentes — incluindo a atividade linguística — como fatores fundamentais de sua delimitação²⁰.

Assim sendo, a CP não se define pelo espaço em que vivem seus membros, mas pelo tipo de interação existente entre eles. Desta forma, a amostra aqui analisada representa uma CP bem definida, embora seus participantes não coabitassem a mesma área, mantendo uma interação entre si a distância e encontrando-se ocasionalmente nos cultos (os fiéis com o pastor destinatário) ou raramente, por morarem em estados diferentes (as irmãs e os cunhados do destinatário).

5 A AMOSTRA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A amostra aqui analisada foi extraída do *corpus* de Araújo (2014) e se constitui de 44 cartas escritas ao pastor cearense José Alencar de Macedo²¹, conhecido como Pastor Zequinha, nascido em berço católico na cidade de Crato em 1899. Na infância, mudou-se com a família para o Pará, onde conheceu o célebre missionário sueco Gunnar Vingren, fundador, junto com Daniel Berg, das Assembleias de Deus no Brasil. Em 1920, Vingren converteu Macedo ao protestantismo, batizando-o no povoado de Timboteua. Nos anos seguintes, o jovem passou a viajar pelo estado do Ceará difundindo a nova igreja, estendendo o trabalho também ao Rio Grande do Norte e à Paraíba. Fixou-se no município de Quixadá (CE) no ano de 1946, quando fundou a Assembleia de Deus (AD) daquela cidade, quando já era pastor, dirigindo por décadas várias congregações fundadas nos mais diversos povoados e cidades do

²⁰ No original: “Una comunidad práctica se define, igual que las redes sociales, en términos de interacción entre individuos, pero no se limita a la observación de los aspectos estructurales, sino que valora, por un lado, la experiencia subjetiva de los miembros de cada grupo con respecto a los límites entre su comunidad y otras y, por otro, considera el tipo de actividades comunes en las que participan y actúan sus componentes - incluyendo la actividad lingüística - como factores fundamentales de su delimitación”.

²¹ As informações aqui reunidas sobre o pastor José Alencar de Macedo foram extraídas de Conde (1960), Aquino (2005) e Castro (2015).

sertão central cearense. Durante seu exercício pastoral, manteve contato com muitos outros pastores da AD e um vasto número de fiéis, que o visitavam ou lhe escreviam cartas pedindo conselhos. Suas duas únicas irmãs de sangue casaram-se quando ainda moravam no Pará, cada uma com pastores da AD, os quais, como o cunhado, moraram em vários estados do Brasil divulgando a fé evangélica e fundando igrejas. Zequinha faleceu aos 91 anos, em Quixadá, em 1991.

As cartas destinadas ao pastor foram emprestadas para cópia por uma de suas filhas. Destas cartas, foram selecionadas 44 para análise, divididas em dois blocos: *cartas de relações de intimidade* e *cartas de relações de não intimidade*, contendo cada bloco 22 correspondências. A definição de “intimidade” segue os critérios estabelecidos por Nunes de Souza (2011)²², assim redefinidos: a) convivência sob o mesmo teto; b) conhecimento de detalhes da vida e rotina do outro; c) relação longa e significativa.

Cada bloco de cartas, por sua vez, foi dividido em duas categorias: *relações simétricas* e *relações assimétricas*, conforme a relação entre remetente e destinatário. O quadro a seguir apresenta com mais detalhes a amostra:

proximidade	relação	remetente	quantidade (remetente/carta)
intimidade	simétrica	irmãs	2/10
		cunhados	2/7
	assimétrica	genros	3/4
		filha	1/1
não intimidade	simétrica	pastores	10/11
	assimétrica	fiéis (homens)	5/5
		fiéis (mulheres)	6/6

Quadro 1: Configuração da amostra analisada

Fonte: produzido pelo autor

Como se depreende do quadro, são 22 cartas de relações de intimidade, das quais dezessete são de relações simétricas, sendo dez escritas por duas irmãs (cada uma escreveu cinco cartas) e sete escritas por dois cunhados (um escreveu três, o outro escreveu quatro); e cinco cartas de relações assimétricas, de inferior para superior, das quais quatro foram escritas por três genros (um deles escreveu duas cartas, os outros dois escreveram uma cada) e uma carta escrita por uma neta que foi criada como filha (por isso usa o vocativo “papai” nas cartas). As cartas de relações de não intimidade também totalizam 22, das quais onze são de relações simétricas, escritas por dez pastores (um deles escreveu duas cartas) que trocavam ideias com o destinatário sobre o ofício pastoral, e outras onze são de relações assimétricas, também de inferior para superior, sendo cinco escritas por cinco fiéis do sexo masculino e seis escritas por seis fiéis do sexo feminino.

Todos os remetentes, com exceção da neta e dos genros, tinham mais de 45 anos à época em que escreveram as cartas. A neta tinha 24 anos; e os genros, menos de quarenta anos. A idade dos remetentes não foi levada em consideração.

²² Nunes de Souza (2011) analisou a aplicação da Teoria do Poder e da Solidariedade, de Brown e Gilman (1960), em peças do teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX controlando, dentre outras variáveis extralinguísticas, as relações de intimidade entre as personagens, considerando que havia intimidade quando: a) as personagens eram marido e mulher ou amantes; b) as personagens compartilhavam segredos; c) as personagens davam indícios de terem uma amizade antiga e significativa. Em sua pesquisa, a autora estabeleceu que “[P]ara serem considerados íntimos, é necessário que os personagens se enquadrem em pelo menos um desses critérios” (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 153).

Quanto à procedência, todos os remetentes eram naturais do Ceará, exceto os dois cunhados (paraenses) e um dos pastores (potiguar), porém todos viveram no Ceará por algum tempo.

Assim, os grupos de fatores controlados na análise foram: *proximidade* (intimidade / não intimidade), *tipo de relação* (simétrica / assimétrica), *relação remetente-destinatário* (irmã, cunhado, genro, neta, pastor, fiel) e *sexo* (masculino, feminino).

As ocorrências de possessivos nas cartas foram transcritas, codificadas e lançadas no programa GoldVarb X para gerar os percentuais, os quais serão interpretados à luz da chamada Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) comentada anteriormente. Considera-se neste estudo ‘teu’ uma forma *T* e ‘seu’/‘vosso’ formas *V*.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nas cartas da amostra analisada, contabilizaram-se 148 expressões de possessivo, incluindo, além dos pronomes, construções nominais formadas por *de* + nome. A tabela abaixo mostra esses resultados:

FORMAS	OCORR.	%
<i>TEU</i>	60	40,5
<i>SEU</i>	62	41,9
<i>VOSSO</i>	20	13,5
<i>DO SENHOR</i>	2	1,4
<i>DO IRMÃO</i>	4	2,7
TOTAL	148	100

Tabela 1: Ocorrências de expressões possessivas na amostra
Fonte: produzida pelo autor

Como se percebe, a forma ‘seu’ foi a mais recorrente (41,9%), porém em competição acirrada com ‘teu’ (40,5%). Aplicando a terminologia de Brown e Gilman (1960), as formas *V* correspondem a 59,5% das ocorrências na amostra, o que sinaliza para uma maior influência do fator poder no uso das expressões de posse referentes ao destinatário.

Como o foco neste estudo são os pronomes, as expressões possessivas ‘do senhor’ e ‘do irmão’ foram excluídas da análise. Os trechos (5) e (6) ilustram esses usos:

(5) Irmão mostrei a cartinha *do sr.* a Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram ciente do vossos dizeres. [C23]

(6) Fico esperando a resposta *do irmão*, conforme o que o irmão queira mandar diser eu aceitarei com praser. [C14]

Note-se em (5) a alternância entre as formas *V* ‘do senhor’ (‘do sr.’) e ‘vossos’ com referência ao destinatário. Ambas as cartas das quais foram extraídos os trechos acima são de fiéis, sendo a C23 de mulher e a C14 de homem.

Tendo sido excluídas seis ocorrências de expressões nominais possessivas, restaram 142 ocorrências, assim distribuídas conforme os grupos de fatores controlados:

		'TEU'	'SEU'	'VOSSE'
SEXO	MASC.	17/60 (28,3%)	53/62 (85,4%)	15/20 (75%)
	FEM.	43/60 (71,7%)	9/62 (14,6%)	5/20 (25%)
PROXIM.	INTIMIDADE	49/60 (81,6%)	30/62 (48,3%)	4/20 (20%)
	NÃO INTIMIDADE	11/60 (18,4%)	32/62 (51,7%)	16/20 (80%)
RELAÇÃO	SIMÉTRICA	50/60 (83,3%)	40/62 (64,5%)	9/20 (45%)
	ASSIMÉTRICA	10/60 (16,7%)	22/62 (35,5%)	11/20 (55%)
TOTAL		60/142 (42,3%)	62/142 (43,7%)	20/142 (14%)

Tabela 2: Pronomes possessivos por variáveis sociais na amostra

Fonte: produzida pelo autor

Pela tabela acima, verifica-se que o possessivo 'teu' foi mais usado por remetentes do sexo feminino (71,7%), em relações de intimidade (81,6%) e em relações simétricas (83,3%) com percentuais bem acima dos 50%. Quanto ao possessivo 'vosso', 75% de suas vinte ocorrências se deram em cartas de homens e 80%, em cartas de remetentes fora do círculo familiar do destinatário, não apresentando tão grande diferença apenas quanto ao nível de relação (45% nas simétricas e 55% nas assimétricas). Já o pronome 'seu' apresentou 85% de suas 62 ocorrências em cartas de homens e 64,5% em cartas de relações simétricas, distribuindo-se de forma mais equilibrada apenas quanto à proximidade entre remetente e destinatário (48,3% nas relações de intimidade e 51,7% nas relações de não intimidade).

Conforme se pode deduzir, nas cartas da amostra, 'teu' é reafirmado como legítima forma *T*, enquanto 'vosso' o é como forma *V*, competindo com 'seu', que só se mostra mais neutro quanto à proximidade dos interlocutores.

O fato de 'teu' ter sido mais usado por mulheres do que por homens requer uma compreensão mais detalhada dos índices gerados pelo GoldVarb X. O que fez com que mulheres evangélicas, as quais (pelo menos no período em que as cartas foram escritas) costumam ser postas em condição inferior ao homem²³, usassem mais uma forma *T* para se referir ao destinatário pastor do que os remetentes masculinos? Para responder a essa questão, foi feito um cruzamento dos grupos de fatores *sexo do remetente* e *proximidade entre remetente e destinatário*. Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

	CARTAS DE MULHERES	
	TODOS OS POSSESSIVOS	APENAS 'TEU'
TOTAL	57/142 (40,1%)	43/60 (71,6%)
REL. DE INTIMIDADE	42/57 (73,7%)	38/43 (88,4%)
REL. DE NÃO INTIMIDADE	15/57 (26,3%)	5/43 (11,6%)

Tabela 3: Ocorrências de possessivos em cartas de mulheres quanto ao grupo de fatores proximidade.

Fonte: produzido pelo autor

²³ Vale lembrar que, em seu primeiro século de existência, apenas homens exerceram a função de pastor na Assembleia de Deus, um princípio que somente nos últimos anos vem sendo discutido nas reuniões da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil).

Observa-se que, das 142 ocorrências de possessivos, 57 (40,1%) foram encontradas em cartas de mulheres, nas quais ocorreram também 43 (71,6%) das sessenta aparições totais de ‘teu’. Dessas 43 ocorrências, 38 (88,4%) se deram em cartas de relações de intimidade, que foram escritas pelas duas irmãs do destinatário e por sua neta criada como filha. De fato, ambas as irmãs se reportavam ao pastor predominantemente através da segunda pessoa canônica (forma *T*), como exemplificam os trechos:

(7) Meu prezado irmão Zeca, a paz de nosso | Senhor Jesus Cristo seja *contigo* e todos | de *tua* família, a mezes recebi uma car-|ta *tua* na qual *recordas* os *teus* esforços no trabalho do Senhor, sei que quando | *chegares* na presença do Senhor levando | os molhos, lá *terás* a corôa de justissa que | o justo Juiz nos dará [...] *Dá* minhas lembransas | a Maria e todos os *teus* filhos | Da *tua* | irmã que não *te* esqueesse [C22]

(8) Prezado e querido Zeca, recebi a *tua* carta fiquei | muito alegre, em ter *tuas* notícias, que *vaes* bem e | com saude, e toda a *tua* família graças ao Senhor que | nos guarda nestes dias tão difíceis.[...] Um forte abraço da *tua* irmã. [C32]

Sendo assim, a alta incidência de ‘teu’ nas cartas de mulheres se explica pelo fato de a maioria das ocorrências (88,4%) terem sido em cartas de irmãs do destinatário. Nesse caso, a dimensão da solidariedade relacionada a intimidade se sobrepôs ao fator sexo, quando costuma se estabelecer, na comunidade de prática em questão, a dimensão do poder. Já a neta criada como filha também emprega a forma *T*, porém alternando-a com formas *V*:

(9) Querido papai | Peço-*lhe* abenção | Escrevo-*te* para *darte* as minhas | notícias e saber das *tuas* | Papai sinto muita saudades do | Senhor principalmente pela manhã que | eu lembro quando eu ia bem | cedinho para ai dar o leite da Sara | e o *Senhor* esta tomando o *seu* café [...] Um abraço de *sua* filha [C38]

Já nas cartas de mulheres na condição de fiéis, que escreviam ao pastor para pedir conselhos, orações ou favores e para informar sobre a rotina, verifica-se o uso predominante de formas *V*, embora ‘teu’ também seja usado:

(10) Presado Irmão Zequinha! | Apaz do Senhor. | Aviso-*lhe* que recebi *sua* carta, sienta | dos *teus* diseres. [...] | Sem mais *abrace* a família | e *aceite* um cordial abraço da *sua* | irmã em Cristo Jesus [C20]

(11) Prezado irmão Zequinha | A paz do Senhor | Hoje é que tive condição de responder *tua* amavel carta, o *irmão* que tem muitas | experiências na vida, sabe muito bem | que [...] Peço as *vossas* orações em nome de Jesus para que o | Espírito Santo nos console. | Recomendações a irmã Mariinha e as meninas. | *Vossa* irmã em Cristo Jesus. [C36]

Quanto ao emprego dos possessivos conforme o que o remetente é para o destinatário, a tabela abaixo mostra os resultados:

	‘TEU’	‘SEU’	‘VOSSO’	TOTAL
IRMÃS	37 (94,9%)	2 (5,1%)	0	39
CUNHADOS	11 (35,5%)	16 (51,6%)	4 (12,9%)	31
GENROS	0	10 (100%)	0	10
NETA	1 (33,3%)	2 (66,7%)	0	3
PASTORES	1 (3,2%)	25 (80,6%)	5 (16,1%)	31
FIÉIS	10 (35,7%)	7 (25%)	11 (39,3%)	28
TOTAL	60 (42,3%)	62 (43,7%)	20 (14,1%)	142

Tabela 4: Ocorrências de possessivos por grupo de remetentes

Fonte: produzida pelo autor

Como se pode perceber, ‘teu’ foi a forma possessiva maciçamente empregada pelas irmãs do pastor referindo-se a ele (94,9%), o que aponta para uma relação baseada na dimensão da solidariedade. Embora fossem mulheres e poucos anos mais novas do que o destinatário, o que caracterizaria uma relação assimétrica tanto com base no sexo quanto na idade, o fato de serem suas irmãs prevalece configurando uma relação solidária, como explicam Brown e Gilman (1960, p. 258): “Se A tem os mesmos pais que B, B tem os mesmos pais que A. Solidariedade é o nome que damos para o relacionamento geral, e a solidariedade é simétrica”²⁴.

Ainda sobre o uso de ‘teu’, este não ultrapassou os 36% nas cartas de nenhum dos outros grupos de remetentes e não foi empregado nas cartas de genros, o que sinaliza para uma típica relação de poder entre estes e o pastor, de inferior para superior, embora a forma *V* utilizada por esses remetentes tenha sido ‘seu’ e não ‘vosso’. Isso pode ser explicado por o fator *intimidade* prevalecer sobre a *assimetria*, já que os genros são considerados íntimos do destinatário pelos critérios anteriormente estabelecidos. ‘Vosso’ parece estar relacionado a relações fora do círculo familiar — pastores e fiéis —, apesar de ter sido bem usado pelos cunhados. O que justificaria este uso?

Os cunhados do pastor eram também pastores, mas suas correspondências não foram codificadas como cartas de pastores, nem como cartas de relações extrafamiliares, não havendo, portanto, sobreposição de cartas envolvendo essas duas categorias (cunhados e pastores). O uso de ‘vosso’ (bem como dos demais pronomes de segunda pessoa do plural canônica) por parte dos cunhados pode ser explicado por sua familiaridade com o texto bíblico, em que tais pronomes são bastante recorrentes. Esse uso parece consistir num estilo individual influenciado por fatores outros que não a relação entre os interlocutores, como se houvesse uma dimensão semântica governando o uso dos pronomes paralelamente ao estilo do indivíduo (BROWN; GILMAN, 1960). Os trechos abaixo, extraídos de cartas de cunhados, exemplificam o uso alternante de formas *T* e *V*:

(12) Prezado irmão Zeca apaz seja *comsigo* | e família [...] Acuzo que só agora foi que | recebemos carta *tua*, mas fiquei quase pasmado | em *tú* declarar que não *tens* recebido carta nos-|sa, pois *te* digo que nós temos *te* escrito uma após | outra, e nunca tivemos resposta. || Mas agora ficamos extremamente gratos | em receber uma notícia *tua*, pois a muito que | não sabíamos o que era feito de *ti*. [...] *Diga* para o Custódio que é neces-|sário permanecer nos caminhos do Senhor. [...] Do *vosso* irmão e cunhado [C02]

(13) Prezado irmão: José Alencar de Macedo. | A paz do Senhor seja *comvosco*. | Dou em meu poder *vosso* carta de 1 de Dezembro, | a qual respondo-*vos*. [...] O que me *perguntas*, concernente a os estudos, fui-me bem [...] No sentido em *tu* falas, concernente os *teus* sofrimentos, [...] Sem mais muitas lembrança, para todos meus velhos amigos, e para to-|dos de *v*. família [...] Do *seu* irmão sempre amigo [C04]

‘Vosso’ teve vinte ocorrências na amostra, o que equivale a 14,1% do total de possessivos empregados nas cartas. Tais indicadores fazem desse pronome o menos usado de sua categoria, porém ainda com índices consideráveis no período recoberto pela amostra, pelo menos na modalidade escrita e entre os membros da comunidade de prática em análise. O possessivo da segunda pessoa do plural, no entanto, já era dado como obsoleto no português brasileiro falado do século XX, embora ainda bastante em uso em Portugal (FARACO, 1996)²⁵. Dessas vinte ocorrências, quatro (ou 20%) se deram nas cartas dos pastores cunhados, cinco (ou 25%) nas cartas dos pastores amigos e onze (ou 55%) nas cartas dos fiéis. Mais uma vez, ‘vosso’ reafirma-se como forma *V*, tendo sido mais recorrente em cartas de relação assimétrica (de inferior para superior). Em se tratando do sexo, não houve diferença significativa quanto ao uso de ‘vosso’ entre os fiéis: seis ocorrências em cartas de homens e cinco ocorrências em cartas de mulheres. Os trechos abaixo são de cartas desses remetentes:

²⁴ Na original: “If A has the same parents as B, B has the same parents as A. Solidarity is the name we give to the general relationship and solidarity is symmetrical”.

²⁵ Na pesquisa de Arduin (2007) com possessivos em amostras de fala do projeto VARSUL, coletadas em diversas cidades da Região Sul, não houve ocorrências de ‘vosso’; a dissertação de Soares (1980), com amostra de fala cearense, também não apresentou ocorrências de ‘vosso’. Monteiro (1994) fala em desaparecimento “extinção” do pronome ‘vosso’ no português brasileiro.

(14) Meu presado irmão e pastor Zequinha | a paz do Senhor Jesus seja com *tigo*, e com | todos de *vossa* Digna casa. | Sim presado irmão venho pôr meio destas Linhas Respostar a *Sua* Estimada cartinha que fui Recêbedor, sim ao Ler a *vossa* cartinha | os nossos olhos derramaram Lágrimas ao ve as *vosso* Letras escritas [C16]

(15) Muito prezado irmão Zequinha [...] | Escrevo-*vos* esta, em resposta a *vossa* mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a| Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do *vossos* dizeres [...] portanto peço que *oreis* por mim e minha família [...] A *vossa* irmã em Cristo [C23]

Nas cartas dos fiéis, como se vê pela Tabela 4, foram contadas 28 ocorrências de possessivos, das quais a maioria (onze ou 39,3%) foi do pronome ‘vosso’, e a minoria (sete ou 25%) foi do pronome ‘seu’, tendo ‘teu’ alcançado uma recorrência intermediária (dez ou 35,7%), o que parece contrariar a semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960).

A relação fiel/pastor configuraria uma relação definida pela dimensão do poder, portanto assimétrica, de inferior (fiel) para superior (pastor), em que aquele usaria *V* para se dirigir a este. O percentual de forma *T* em cartas de fiéis para o pastor, portanto, aponta para um sistema em conflito, no qual “[...] a semântica da solidariedade tem ganhado supremacia” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 260). É possível entender o uso de *T* dos fiéis para o pastor como uma reinterpretação — conforme propõem Brown e Gilman (1960) — de atributos sobrecarregados de poder, transformando-os em atributos de solidariedade simétrica. Nas palavras dos autores:

Relacionamentos como *mais velho do que, pai de, mais nobre do que e mais rico do que* são agora reinterpretados para os usos de *T* e *V* como relações de *da mesma idade que, da mesma família de, da mesma linhagem de e da mesma renda de*. Na medida em que estes relacionamentos se mantêm, cresce a probabilidade de um mútuo *T*, e na medida em que eles não mantêm, cresce a probabilidade de um mútuo *V* (BROWN; GILMAN, 1960, p. 260).

Assim, a relação entre o fiel e o pastor pode ser compreendida por alguns como uma relação entre membros da mesma igreja. Há de se considerar também que os fiéis, de modo geral, tinham idades próximas à do pastor, o que pode interferir na visão acerca da relação estabelecida entre eles quanto à simetria. Eis um exemplo de carta de fiel em que *T* alterna com *V*:

(16) Prezado irmão Zequinha | Faço votos a Deus para que *estejais* com saúde juntamente com a irmã Mariinha e todos os *teus* filhos. [...] Peço-*te* irmão que | *mande-me* dizer [...] Nada mais que *lhe* mereça atenção. [...] Muitas recomendações a irmã e os *seus* filhos, e os irmãos saúde todos com a paz do Senhor, *responda-me* esta. | *Tua* irmã em Cristo Jesus [C05]

Já os pastores preferiram a forma ‘seu’ (80,6%) a ‘vosso’ (16,1%), evitando ‘teu’ (apenas uma ocorrência em carta de pastor — 3,2%), confirmando as palavras de Brown e Gilman (1960, p. 258) sobre o uso de formas de tratamento em relações simétricas, porém sem intimidade: “[...] a solidariedade é simétrica. As correspondentes normas de tratamento são simétricas ou recíprocas com *V* mais provável à medida que a solidariedade declina” (v. nota 7). Não foi possível analisar as cartas do pastor José Alencar de Macedo para os colegas de ministério que *lhe* mandaram cartas, portanto a afirmação de que o uso de *V* (por ‘seu’ ou por ‘vosso’) tenha sido recíproco é apenas uma suposição baseada no fato de serem interlocutores do mesmo sexo, mesma faixa etária e mesma ocupação, porém sem a intimidade segundo os critérios estabelecidos. Os exemplos (17) e (18) foram extraídos de cartas de pastores:

(17) Estimado irmão Zequinha, saudações no Senhor. | Antes de tudo rogo a Deus que esta *o* en-|contre desfrutando gloriosas bênçãos celestiais, ao lado de *sua* es-|timada família [...] a fim de que nada possa impedir a *sua* vinda [...] Muito teria que dizer-*lhe*, mas me reservo | para fazê-lo com a *sua* presença que espero que seja certa | Saude a todos de *sua* mui digna família. | Na expectativa de *sua* pronta resposta [C018]

(18) Saldação com a paz do Senhor | Irmão Zequinha, é com muito prazer que hoje estou | *vos* escrevendo esta cartinha primeiramente para *vos* dar as nossas notícias, e aos mesmotempo receberas*vóssas*. | [...] O mesmo desejo que esta var-*vos* encontrar gosando as | mesmas juntamente com todos de *vossa* casa e a Igreja que ainda muito *vos* | ama. [...] só deve cér

mostrada | esta carta as pessoas de *vossa* inteira confiança [...] e neste caso segundo as *vóssas* palavras quando mi *responder* eu continuarei | tranquilo [C39]

Como já se disse, todos os pastores da Assembleia de Deus ao longo do primeiro século de existência dessa igreja eram, necessariamente, homens, de modo que a relação entre os remetentes pastores e o pastor destinatário pode ser considerada simétrica no tocante ao sexo, à faixa etária e ao ofício, mas não eram relações íntimas, por isso a rejeição à forma *T*. Nesse sentido, embora tenha sido encontrada nas cartas de pastores certa oscilação entre ‘seu’ e ‘vosso’, ambas formas *V*, pode-se dizer que, quanto à dicotomia apresentada por Brown e Gilman (1960), as relações entre esses interlocutores estavam em relativo equilíbrio, sendo o uso de ‘vosso’ em suas cartas tanto uma marca do estilo individual, influenciado pelo contato com o texto bíblico, quanto uma forma de reverência ao pastor pioneiro que, tendo sido batizado por Gunnar Vingren, levou a Assembleia de Deus a diversos pontos do Norte e do Nordeste brasileiros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No PB, a variação dos pronomes pessoais — dos quais o possessivo é um tipo, conforme Monteiro (1994) — resulta da passagem de ‘você’ como forma *V* a forma *T*, um processo que se iniciou já no século XVIII (FARACO, 1996), mas que ainda não está inteiramente concluído em algumas regiões. Pesquisas como a de Soares (1980), Modesto (2006), Martins (2010) e Guimarães (2014) revelam uma tendência ao uso de ‘você’ ainda como forma *V*, nas interações entre pessoas não muito íntimas e em relações assimétricas.

Neste trabalho, os adeptos da igreja evangélica Assembleia de Deus (AD), os quais se correspondiam através de cartas com o pastor José Alencar de Macedo, um dos pioneiros na expansão da AD por diversas áreas do Norte e Nordeste, foram considerados como constituindo uma comunidade de prática com hábitos e comportamentos linguísticos próprios. Assim, buscou-se neste estudo analisar o uso dos possessivos ‘teu’, ‘seu’ e ‘vosso’ nessas cartas com referência ao destinatário, à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade, de Brown e Gilman (1960), partindo do pressuposto de que ‘teu’ correspondia à forma *T* e os outros dois à forma *V*.

A pesquisa mostrou que, nas cartas dos evangélicos do século XX, as ocorrências de ‘teu’ predominaram nas relações de proximidade (81,6%) e nas relações simétricas (83,3%); ‘seu’ não se mostrou tão distintivo quanto à proximidade das relações (48,3% nas íntimas e 51,7% nas não íntimas), mas foi mais recorrente nas relações simétricas (64,5%); e ‘vosso’ — que correspondeu a 14% dos possessivos usados — predominou nas relações de não intimidade (80%). Quanto ao sexo do remetente, ‘teu’ foi mais usado pelas mulheres (71,7%), enquanto ‘seu’ e ‘vosso’ foram mais recorrentes nas cartas de homens — 85,4% e 75% de suas respectivas ocorrências.

Entretanto, foi por grupo de remetentes que o uso dos três possessivos com referência à segunda pessoa do singular (o pastor destinatário) se mostrou mais em conformidade com a descrição de Brown e Gilman (1960) acerca das formas de tratamento: nas cartas das irmãs do pastor, que mantinham com ele uma relação de intimidade e de solidariedade, ‘teu’ correspondeu a 94,9% dos possessivos, enquanto ‘vosso’ não foi usado. ‘Seu’ apresentou os seguintes percentuais de uso: correspondeu a 100% dos possessivos empregados pelos genros (relação de intimidade, porém assimétrica); a 80,6% dos possessivos empregados pelos pastores (relação de não intimidade, porém simétrica); a 66,7% dos possessivos empregados pela neta (relação de intimidade, porém assimétrica); a 51,6% dos possessivos empregados pelos cunhados (relação de intimidade e simétrica) e apenas a 25% dos possessivos nas cartas dos fiéis (relação de não intimidade e assimétrica).

Já ‘vosso’ se distribuiu entre as cartas de fiéis (39,3%), de pastores (16,1%) e de cunhados (12,9%), o que tanto pode ser sinal de reverência quanto de influência do texto bíblico, uma vez que os cunhados também eram pastores.

Quanto às questões formuladas na segunda seção deste artigo, as respostas encontradas foram as seguintes:

1) Como só houve uso categórico de ‘seu’ pelos genros e semicategórico de ‘teu’ pelas irmãs, pode-se afirmar que as dimensões de poder e solidariedade encontram-se em conflito na comunidade de prática analisada, porém não de forma tão intensa quanto apontam outros estudos sobre outras comunidades²⁶.

2) Nesse contexto em conflito, a forma possessiva mais empregada pelos remetentes considerados inferiores em relação ao destinatário em algum aspecto — a neta, os genros e os fiéis — foi ‘seu’ (46,3%, considerando-se os três grupos como um só); e também por aqueles que desempenham o mesmo papel na CP, mas sem terem muita intimidade com o destinatário — os pastores —, porém em índice bem mais alto (80,6%).

3) O uso de ‘teu’ e ‘seu’ na CP analisada foi governado, nas cartas, pelo fator solidariedade: quanto maior a proximidade e a simetria entre os interlocutores, mais recorrente foi a forma *T*.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. F. Pastor Zequinha: Uma vida a service de Deus. *Eclesiástica*, ano 1, n. 4, p. 10-11, mai. 2005.

ARAÚJO, F. J. N. *A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX*. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular ‘teu’/‘seu’ na região sul do Brasil*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *The Pronouns of Power and Solidarity*. In: SEBEOK., T. A. (Ed.) *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-76.

CASTRO, C. *Assembleia de Deus no Ceará: 100 anos de história*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2015.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

CONDE, E. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1960.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

_____. The Role of Social Networks and Mobility in Diachronic Sociolinguistics. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 332-352.

CORDOVA, T. *História da igreja evangélica Assembleia de Deus de Ijuí (RS)*. 2012. 53 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

²⁶ Sales (2007), por exemplo, encontrou 65,5% de ‘teu’ e 26,5% de ‘seu’ dentre os possessivos usados numa amostra de 37 cartas baianas dos anos 1940; Arduin (2007) encontrou 86% de ‘teu’ e 14% de ‘seu’ numa amostra de fala de habitantes de várias cidades da Região Sul.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. New generalizations and explanations in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 185-201, 1999.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. O tratamento de 'você' em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

GUIMARÃES, T. A. A. S. *Tu é doido, macho!* A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. The community of practice: Theories and methodologies in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 173-183, 1999.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol. 3: Cultural and cognitive factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática – descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.

_____. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.

LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, G. F. A alternância tu/você/senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 525-548.

MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

_____. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

RAPOSO, E. B. P. Pronomes. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. *Gramática do português*, vol. 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 45-144.

RUSSO, M.; OLIVEIRA, G. R. *Devagar e sempre, com fé em Deus: evangélicos cearenses nos censos demográficos*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, p. 129-150, jan./jun. 2011.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. 2007. 385 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

VAZQUEZ, Ariel. The use of *Tú* and *Usted* in Mexican Compadrazgo Relationships. *Estro: Essex Student Research Online*, v. 1, n.1, p. 58-68, jun. 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN, W. P.; MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics – A Symposium*. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-199.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, Meaning and Identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.



Recebido em 16/06/2018. Aceito em 31/07/2018.

POSSESSIVE PRONOUNS FOR THE ADDRESSEE IN PROTESTANTS' PERSONAL LETTERS FROM THE 20TH CENTURY

O USO DE PRONOMES POSSESSIVOS COM REFERÊNCIA AO DESTINATÁRIO EM CARTAS
PESSOAIS DE EVANGÉLICOS DO SÉCULO XX

EL USO DE PRONOMBRES POSESIVOS CON REFERENCIA AL DESTINATARIO EN CARTAS
PERSONALES DE EVANGÉLICOS DEL SIGLO XX

Francisco Jardes Nobre de Araújo*

Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: This paper describes and analyzes the use of the possessive pronouns 'teu', 'seu', and 'vosso' in Brazilian Portuguese from sample of written material formed by 44 letters addressed to an evangelical pastor, one of the pioneers in the diffusion of the Assembly of God in the North and Northeast Brazilian regions in the 20th century. Taking as the constituents of a community of practice the senders of such letters, the use of possessives is analyzed in the light of the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), considering that the pronominal system is in variation (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), and applying the methodology of Historical Sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007). The results point out to a relatively conflictuous system in which the uses of pronouns are not categorically based on sender-addressee relations, but rather the forms 'teu', 'seu', and 'vosso' are used, to a considerable extent, according to the semantic of power and solidarity described by Brown and Gilman (1960).
KEYWORDS: Possessive pronouns. Personal letters. Community of practice. Power and solidarity. Sociolinguistics.

RESUMO: O presente artigo descreve e analisa o uso dos possessivos 'teu', 'seu' e 'vosso' numa amostra de língua escrita composta por 44 cartas destinadas a um pastor evangélico, um dos pioneiros na difusão da Assembleia de Deus pelo Norte e Nordeste do Brasil durante o século XX. Tomando como constituintes de uma comunidade de prática os remetentes dessas cartas, analisa-se o emprego dos possessivos à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), considerando-se que o sistema pronominal encontra-se em variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e aplicando-se a metodologia da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Os resultados apontam para um sistema relativamente em conflito, em que os usos dos pronomes não se dão categoricamente conforme as relações entre remetente e destinatário, porém as formas 'teu', 'seu' e 'vosso' obedecem, em uma medida considerável, à semântica do poder e da solidariedade descrita por Brown e Gilman (1960).
PALAVRAS-CHAVE: Pronomes possessivos. Cartas pessoais. Comunidade de Prática. Poder e solidariedade. Sociolinguística.

RESUMEN: El presente artículo describe y analiza el uso de los posesivos 'teu', 'seu' y 'vosso' del portugués brasileño en una muestra de lengua escrita compuesta por 44 cartas destinadas a un pastor evangélico, uno de los pioneros en la difusión de la Asamblea de Dios por el norte y el nordeste de Brasil durante el siglo XX. Considerando los remitentes de estas cartas como constituyentes de una comunidad práctica, se analiza el empleo de los posesivos a la luz de la Teoría del Poder y de la Solidaridad (BROWN, GILMAN, 1960), partiendo del supuesto de que el sistema pronominal se encuentra en variación (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968),

* PhD in Linguistics (Universidade Federal do Ceará). E-mail: <jardesnobre@hotmail.com>.

y aplicándose la metodología de la Sociolingüística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Los resultados apuntan a un sistema relativamente en conflicto, en que los usos de los pronombres no se dan categóricamente conforme a las relaciones entre remitente y destinatario, pero las formas ‘*teu*’, ‘*seu*’ y ‘*vosso*’ obedecen, en una medida considerable, a la semántica del poder y de la solidaridad descrita por Brown y Gilman (1960).

PALABRAS CLAVE: Pronombres posesivos. Cartas personales. Comunidad práctica. Poder y solidaridad. Sociolingüística.

1 INTRODUCTION

Throughout the history of the Portuguese language, three words have been used as possessives with reference to the interlocutor, namely: ‘*teu*’ (literally: “thy/thine”), ‘*vosso*’ (lit.: “your” 2PERS PL), and ‘*seu*’ (lit.: ‘its’, whose reference was the noun *mercê*, ‘grace’ in ‘*vossa mercê*’, “your grace”). In terms of normative paradigm, the first corresponds to ‘*tu*’ [lit.: “thou”]; the second to ‘*vós*’ [lit.: “ye”], which, until the 16th century, was used as a ceremonial form to address someone not intimate or superior; and the last one to ‘*você*’ [“you”], which arose from the contraction of ‘*Vossa Mercê*’, an expression initially used (15th century) to address the king of Portugal, but which, by the end of the 19th century, was already almost universally used as treatment in all social strata. In the words of Faraco (1996, p.64), “[*você*] is the common-use pronoun for intimate treatment, being the pronoun ‘*tu*’ restricted to some regional varieties”.¹

Although the pronoun ‘*vós*’, with its respective oblique forms (‘*vos*’ [“you”], ‘*convosco*’ [“with you”]) and possessive form (‘*vosso*’ [“your/yours”]), has become obsolete in most places where Portuguese is spoken, it is still used in the dialects of the North and center of Portugal (RAPOSO, 2013, p.130), and can be found in religious discourses, especially prayers, when addressed to God or to the Virgin (CUNHA, 1986, p.287).

While reading a set of letters written by members of the Assembly of God church, who were either born or living in Brazil’s North and Northeast regions, and written between 1940 and 1986, I noticed a recurrent use of the possessive ‘*vosso*’ referring to the recipient, thus to one individual only, besides the variable employment of the other two forms, ‘*teu*’ and ‘*seu*’. This paper² results from the attempt of understanding the variation amongst the possessives mentioned in a community of practice through writing, considering the relationship and the degree of intimacy between sender and recipient.

This study is based on the work of Brown and Gilman (1960) about the address pronouns used between interlocutors, which argues that there is a “close association with two dimensions fundamental to the analysis of all social life – the dimensions of power and solidarity” (BROWN, GILMAN, 1960, p.252). The research is also based on the Variationist Sociolinguistics’ basic theoretical assumption, which says that “every language constantly undergoes alteration” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.100), and that the linguistic variation has a social meaning that “lies in its value in the negotiation of social membership” (LABOV, 2010, p.189). In addition, Wenger’s (1998) and Eckert and McConnell-Ginet’s (1999) concepts of community of practice were considered in this paper, as we will later see. The methodology used is that of the Historical Sociolinguistics, since it is based on the characterization of historical aspects of the considered community, and on the social context to “reconstruct certain independent variables that in certain linguistic situations of the past could be correlated with the variation” (CONDE SILVESTRE, 2007, p.53)³.

2 THE PRONOUNS AND THE THEORY OF POWER AND SOLIDARITY

¹ All the translations presented throughout this paper were made by me. From the original: “[*você*] é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome ‘*tu*’ restrito a algumas variedades regionais”.

² This study is part of a research still under development in the PhD course of Linguistics that was registered in the Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) – Council of Ethics and Research – of the Universidade Federal do Ceará (UFC) – Federal University of Ceará – and approved under the CAAE nº 72927417.3.0000.5054.

³ In the original: “reconstruir determinadas variables independientes que en ciertas situaciones lingüísticas del pasado pudieron estar correlacionadas con la variación”.

In most natural languages, according to a study developed by Brown and Gilman (1960), the relationship between the interlocutors is codified through deictic forms, which may be the ones traditionally called personal pronouns or the pronouns of address.

The authors call *T* and *V* the two deictic systems of persons used between the interlocutors in the treatment of one another. Thus, the forms used in ceremonial treatment (“polite pronoun”) are called “*V* forms” (from ‘*vos*’, “ye” in Latin), and those used in familiar treatment (“familiar pronoun”) are the “*T* forms” (from ‘*tu*’, “thou” in Latin).

In their famous 1960 paper, Brown and Gilman discuss the semantics of these deictic forms, considering semantics as “the co-variation between the pronoun used and the objective relationship existing between speaker and addressee” (BROWN; GILMAN, 1960, p.186). For them, the relationship between the interlocutors is based on two principles: power and solidarity. The authors explain:

One person may be said to have power over another in the degree that s/he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V* (BROWN; GILMAN, 1960, p.255).

According to them, in what concerns these relationships, societies are either in equilibrium or in conflict. In the first case, the role of each individual in society or in relation to their interlocutor, as well as the distinction between social classes, are clearly established, as was the case in the medieval European society. In the second case, the attitudes of a speaker towards their interlocutor are defined according to the situation in which they are. Therefore, in a relatively static society, the lower-rank interlocutors generally treat superiors by *V*, while they are treated by *T* in power relations (asymmetric relationships) and, in symmetrical relationships, members of higher social strata can treat themselves by reciprocal *V*, while those of the lower social strata do so by reciprocal *T*. For the authors, relationships in which there is intimacy or condescension are relations of solidarity. Power and solidarity would, therefore, be the two conditioning factors for the use of *T* and *V*:

In general terms, the *V* form is linked with differences between persons. Not all differences between persons imply a difference of power. [...] A rule for making distinctive use of *T* and *V* among equals can be formulated by generalizing the power semantics. Differences of power cause *V* to emerge in one direction of address; differences not concerned with power cause *V* to emerge in both directions. [...] The corresponding norms of address are symmetrical or reciprocal with *V* becoming more probable as solidarity declines. (BROWN; GILMAN, 1960, p.257-258).

For Brown and Gilman (1960, p.255), power can be based not only on wealth, but also on age, on the role institutionalized by the church, a business, the state, the military or the family, as well as the social gender and physical strength.

Lyons (2011, p.235) observes that the use of the non-reciprocal *V* has declined in most European languages since the 19th century, “except in the case of adults and children who are not members of the same family and in some more special cases”. For him, the explanation is in the growth of more egalitarian or democratic attitudes in Western societies and in the overlapping of the solidarity factor, in which the reciprocal use of *T* is more cultivated.

In the history of some languages, *V* forms can become *T* forms. As an example, Brown and Gilman (1960) cite English, in which ‘you’, initially *V* (when used for a single interlocutor), became the *T* form replacing the pronoun ‘thou’. Similarly, in the so-called “Español del Río de la Plata”, spoken in Argentina, Uruguay, and Paraguay, ‘*vos*’ (“ye”) lost the value of ceremonial address that it had in European Spanish, and is now used as a form of intimacy.

In Portuguese, until the beginning of the 16th century, according to Faraco (1996), ‘*vós*’ was employed as *V* form. At the time of the discovery of Brazil, that pronoun was already in decline, being replaced by ‘*Vossa Mercê*’, which became, around the 18th century, the word ‘*você*’, which had been *T* form until the end of the 19th century (LOPES, 2009; RUMEU, 2013) and now is used as *T* form in most of the country (FARACO, 1996).

In the first decades of the 20th century, according to some studies (DUARTE, 1993; LOPES, 2007; RUMEU, 2013), the use of ‘você’ as *T* form was accentuated in the Brazilian Portuguese. The use of *V* forms as *T* forms characterizes the conflicting system described by Brown and Gilman (1960), and the period in which such a phenomenon happens corresponds to a phase of variation in the use of those pronouns.

As Weinreich, Labov, and Herzog (1968, p.188) argue, “not all variability and heterogeneity in language structure involves change, but all change involves variability and heterogeneity”. Therefore, the function of the *T* form in Brazilian Portuguese has begun to present a change between the forms ‘tu’ and ‘você’ and, thus, all the oblique and possessive forms of these pronouns have started to vary as well. That is, if ‘tu’ and ‘você’ compete in the function of subject, ‘te’ (lit.: “thee”) competes with ‘lhe’ (“to you”; “to him/her”) in the function of object, ‘teu’ with ‘seu’ as possessives, etc.

In short, there is a variation in Brazilian Portuguese between the two pronominal systems that once performed different functions: the *T* system (‘tu’, ‘te’, ‘ti’, ‘contigo’, ‘teu’ – respectively “thou”, “thee”, “to thee”, “with thee”, “thy/thine” as these forms were used in English before the Norman Conquest) varies with the *V* system (‘você’, ‘o’, ‘lhe’, ‘se’, ‘si’, ‘consigo’, ‘seu’ – lit.: “your grace”, “it”, “to it”, “itself”, “to itself”, “with it”, “its”), resulting in a mixed system in which can be included other address forms (‘o senhor’ [lit.: “the lord”], ‘o amigo’ [“the friend”], etc.).

Considering that the letters analyzed in this study were produced between 1940 and 1986, and that all senders are members of the Assembly of God church writing to a prominent individual within the evangelical community, some questions can be raised regarding the use of deictic forms in such letters:

- 1) Do the relationships between sender and recipient reveal a system in equilibrium, since they are well demarcated in the community of practice in which they participate; or a system in conflict, since the letters were written in a period during which the solidarity factor had already been increasing — as Lyons (2011) points out to Western societies?
- 2) If the system is in equilibrium, what are the possessive forms employed by the senders considered inferior in relation to the recipient, and by those who play the same role, but without much intimacy?
- 3) If the system is in conflict, it is possible to use the possessive ‘teu’ by senders who also use the form ‘seu’ (or another possessive expression) with the same reference (the recipient), revealing a stylistic variation⁴ in what concerns the use of those pronouns. So, what is the influence of the type of relationship between sender and recipient on the use of the possessive with reference to the interlocutor in the letters?

The present study has, hence, the objective of answering these questions and contributing to other researches on the use of possessives, which, after the insertion of ‘você’ into the chart of personal pronouns in the Brazilian Portuguese (BP), began to vary as a result of the instability produced by the combination of the paradigms of the 2nd and 3rd persons singular (FARACO, 1996), something that can be interpreted as a phenomenon derived from the increase of the solidarity factor in social relationships. The *V* form ‘você’ would have acquired the trait [+ intimacy] and reduced its function of reverence, when, then, other expressions had to be put into circulation to replace it.

The variable use of the possessives, as well as of the personal pronouns in the functions of subject and complement in BP, have generated several studies in an attempt to understand one of the most distinctive characteristics of the Portuguese spoken in Brazil in relation to the one spoken in Portugal.

⁴ According to Coelho and Nunes de Souza (2014, p.175), the variation of the use of the personal pronouns is a stylistic variation, since “they are linguistic forms that represent the relationship between the interlocutors, that is, in the study of the forms of treatment the *co-variation* is evident [...] between the language and the characteristics of the speakers”, relying on Brown and Gilman (1960, p.272), for whom “Linguistic styles are potentially expressive when there is co-variation between characteristics of language performance and characteristics of the performers”.

3 THE POSSESSIVE PRONOUNS IN PORTUGUESE

In this study, possessives are considered, based on Bagno (2011, p.767), the terms that indicate possession⁵, and which can both exercise the pronominal function (name substitution) and the determinant function. Sentences (1) and (2), respectively, exemplify these functions:

(1) *O livro de João é mais novo que o teu.* (“John’s book is newer than yours.”)

(2) *O teu livro é de uma edição anterior.* (“Your book is of an earlier edition.”)

As we can see, Portuguese uses the same form to both functions, unlike Spanish and French, in which there is a shorter form used before the noun (Sp.: *mi libro*; Fr.: *mon livre*), and a longer form used as a predicative (Sp.: *El libros es mío*; Fr.: *Le livre est mien*).

For Monteiro (2002), the possessives compose the paradigm of the personal pronouns morphologically, syntactically, and semantically, since they present the same radical of the personal pronouns (‘*me/meu*’, ‘*te/teu*’, ‘*se/seu*’, ‘*nos/nosso*’, ‘*vos/vosso*’ – like in English: “me/my/mine”, “thee/thy/thine”, etc. – complete the scheme of the pronominal functions (‘*eu*’ [“I”] – nominative, ‘*me*’ [“me”] – accusative, ‘*mim*’ [“to me”] – dative, ‘*meu*’ [“my”/“mine”] – genitive), and attribute to a person the notion of ownership.

As for the *T/V* distinction, while ‘*você*’ (formerly used as *V* form) came to play the *T* form function in variation with ‘*tu*’, the possessive of the canonical third person (‘*seu*’) started to compete with the one of the second canonical person (‘*teu*’). For Bagno (2011, p.769), “as with the oblique pronouns, the possessives referring to ‘*tu*’ and ‘*você*’ are used interchangeably in the correlation with these personal indices”.⁶ In other words, the use of ‘*teu*’ is verified in the BP when the interlocutor is treated both by ‘*você*’ and by ‘*tu*’, and the same is done with ‘*seu*’.

In what concerns the possessive ‘*vosso*’, this was *V* form during the period in which ‘*vós*’ played this role for a single interlocutor, and still is in some discursive genres.

Although the use of ‘*vós*’ as singular *V* form has declined in almost all the varieties of Portuguese still in the 16th century, the possessive ‘*vosso*’ continued composing expressions of treatment such as ‘*Vossa Excelência*’, ‘*Vossa Senhoria*’, ‘*Vossa Magnificência*’, etc.

Even though the majority of the BP scholars point to the disappearance, in popular daily communication, of ‘*vós*’ and their corresponding forms - both in the singular *V* function and as in reference to the group to which it is addressed -, all the pronouns of the canonical second person plural, with reference to the singular or to the plural, are identified in the letters written by evangelicals analyzed in this study. The following examples, taken from these letters, attest to this statement:

(3) *Apas do Senhor seja com todos vós [...] que a graça do Senhor seja multiplicada em vossos corações. | Omeu ardente desejo, é, que esta vós emcontre gosando amais perfeita sau|de, juntamente com todos de nossa familia. [...] aminha alma gemme dentro de mim, com desejo, de vós ver. [L01]⁷*

(May the peace of the Lord be with **you** all. [...] may the grace of the Lord be multiplied in **your** hearts. | My ardent desire is that it finds **you** enjoying the most perfect health with all of our family. [...] my soul groans within me, longing to see **you**.)

⁵ The notion of “possession” is not restricted only to the material and the juridical scope. According to Raposo (2013, p.906), the possessives also express other relationships, such as kinship (‘my brother’) and the relationship between a part and the whole, including parts of the body, “inalienable possession” (‘my heart’).

⁶ In the original: “assim como ocorre com os oblíquos, os possessivos referentes a ‘tu’ e ‘você’ são usados indiferentemente na correlação com esses índices pessoais”.

⁷ The code used at the end of each excerpt of the letters transcribed here consists of the letter L as in “letter”, followed by the number of the letter in the constitution of the sample. The transcription of the passages extracted from the letters keeps the original text unchanged. In the case of suppression of excerpts, the notation [...] was used and, in case of line change, a vertical bar (|).

(4) *Muito prezado irmão Zequinha [...] | Escrevo-**vos** esta, em resposta a **vossa** mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. Embora que ao mesmo tempo tenha ficado | contrastada, parecia está sentindo a mesma tris-|teza que o irmão sentiu [...] foi Raimundo que | mandou o Helio filho de Fransquinha telefonar | para o sr. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a | Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do **vossos** dizeres ficaram também | muito contrastados por saberem que o irmão | não recebeu aviso nenhum. Pois Raimundinho | mandou o Hélio telefonar como já **vos** disse. [L23]*

(Dearest brother Zequinha, [...] | I write to **you** in response to **your** very | kind little letter, which came as a comfort to | my heart. Although I have at the same time become sad, | it seems that I have been feeling the same sadness that the brother felt. [...] it was Raimundo who | told Helio, Fransquinha's son, to call [lit.] the lord. | [...] Brother, I have showed the letter of the lord to | Mazú and to Raimundinho, all became | aware of **your** words and became, too, | very sad to know that the brother | have not received any warning, for Raimundinho | told Helio to call, as I told **you**.)

In (3), the forms 'vós', 'vosso' and 'vos' refer to the group of persons in which the recipient is included, which is indicated by the determinant 'todos' ('all') before 'vós'. In (4), however, 'vos' and 'vossa/vosso' have as reference the addressee and, hence, are used as a singular *V* form, alternating with expressions such as 'o irmão' ('the brother') and 'o senhor'/'sr.' ('the Lord').

Few academic studies have been done on the 'teu'~'seu' variation in BP, in which Arduin (2005) and Lucena (2016) stand out. The first author analyzes the phenomenon in the Southern Region, with speech samples obtained from eight cities of the states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul, and concludes that the use of 'teu'/'seu' tends to follow the use of 'tu'/'você', according to the principle of formal parallelism, and that 'teu' is more used by women, less educated people, younger people, and in intimate relationships — or, in the words of Brown and Gilman (1960, p.261), when there is “a shift from power to solidarity as the governing semantic principle”. On the other hand, the second author's research has a diachronic nature – the sample used were personal letters written between 1857 and 1979 – and notices “a timid growth of the pronoun 'seu', both in the ascending and descending symmetric and asymmetric relationships established” (LUCENA, 2016, p.176).⁸

This research considers that the variable use of the possessives with reference to the second person singular is related to the fact that the senders of the letters supposedly have more contact with the biblical text (in which the canonical 2nd p. pl. pronouns are very recurrent), because they are all members of the Assembly of God, one of most conservative evangelical churches in Brazil. This study also considers that the use of possessives by these senders is related to the position that each individual occupies within the community of practice of which they are part of, and to their relation with the recipient.

4 THE MEMBERS OF ASSEMBLY OF GOD AS A COMMUNITY OF PRACTICE

The study presented here uses personal letters written by evangelical senders to the same addressee, pastor José Alencar de Macedo (1899-1991). They are letters both from members of the pastor's family and from friends in the condition of churchgoers and workmates, thus characterizing a web of relationships centered on an individual of prominent role within that community.

It is important to emphasize, regarding the relations of kinship between some senders and the recipient pastor, that: 1) in the case of his sisters, sons-in-law and granddaughter, they did not necessarily suffer the interference of the recipient's position within the community of practice to which they belonged, for they lived far from him; 2) in the case of his brothers-in-law, they were also pastors, therefore, more than the connection acquired by marriage with the sisters of the recipient, they were also linked to the latter by occupation and common experiences they had had in the pastoral life.

In all letters, the linguistic marks of the evangelical faith can be verified, reflected in the vocabulary that identifies them as followers of a strand of Christianity different from the one followed by the Catholics. In other words, the differences between Catholics and

⁸ In the original: “um crescimento tímido do pronome 'seu', tanto nas relações simétricas quanto assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas”.

evangelicals are not restricted to the set of beliefs and dogmas of each Christian strand, but are also manifested in linguistic practices, especially in vocabulary.

As to the property that certain words and linguistic expressions have to point to the social identities of the speakers, to the relation established amongst themselves or with other entities taken as referents in the enunciation, Levinson (2007) calls it social deixis. For Vazquez (2009, p.58), in the interaction between two people, they select, from a repertoire offered by their language, the appropriate terms to demarcate their relationship, that is, “they reveal their relationship with their choice”.

Thus, in the case of the Brazilian evangelical community, specifically that of the Assembly of God church⁹, some linguistic expressions are used to identify their coreligionists, such as, for example, the greeting through the expression “*A paz do senhor!*” (lit.: “The peace of the Lord!”), which is verified in the greeting section of almost all 44 letters analyzed in this paper.

In a country with a Catholic majority, such as the 21st-century Brazil¹⁰, those who decided to follow another faith felt the need to stand out in the environment in which they lived, especially as a way of marking their religious identity. Because they present certain behavioral peculiarities, especially in what concerns the first generations of adepts of the evangelical churches spreaded around a massive-Catholic country, we can consider evangelicals that congregate in a single church a community of practice (CofP), as defined by Eckert and McConnell-Ginet (1999, p.186):

A CofP is an aggregation of people who, united by a common enterprise, develop and share ways of doing things, ways of talking, beliefs, and values – in short, practices. A CofP can develop out of a formally or informally constituted enterprise: a choir, a gang, a secretarial pool, a family, a garage band, a friendship group, or an academic department.

For the authors, a CofP is not confused with a speech community. The distinction lies in the way that members of the community are associated, which leads them to develop certain practices which involve building a common orientation for the world around them — “The community as a whole constructs a joint sense of itself through the relation between its practices and those of other communities” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1999, p.186), with the stylistic practice as the key to the whole process of identity building by members of the community.

Meyerhoff (2002, p.526) associates the CofP with an “analytical domain”, which generally comprises a smaller contingent of users, but can also guide us through principles of language use with a broader meaning. For her, the CofP distinguishes itself from a social network: while the latter presupposes a *quantity* of interaction, the former presupposes *quality* of interaction (HOLMES; MEYERHOFF, 1999, p.180).

According to Conde Silvestre (2012), the concept of CofP is difficult to apply when one investigates language from historical *corpora*, but recent advances in the compilation of samples of manuscript material, such as personal letters, have opened up new possibilities for researches, offering a new understanding of the relationship between language, text and society.

Wenger (1998) establishes three criteria for the existence of a CofP: mutual engagement, joint enterprise, and shared repertoire. The three criteria can be identified in the group of senders who produced the constituents of the sample analyzed here, characterizing these senders as members of the same CofP:

Mutual engagement — each sender is engaged in the same faith, sharing the same beliefs, some playing a prominent role in the church (the pastors, of whom the recipient is one), others as followers of those people’s teachings (the churchgoers), and others as family members of the recipient, from whom they seek advice.

⁹ The Assembly of God church was taken to Brazil by the Swedish missionaries coming from the United States, Gunnar Vingren and Daniel Berg, who landed in Belém (PA) on November 19th, 1910. (CORDOVA, 2012).

¹⁰ Catholicism is still the major religion in Brazil in the first decades of the 21st century, according to Russo and Oliveira (2011).

Joint enterprise — senders are involved in the task of maintaining and propagating the faith that they profess, reporting, in many letters, the progress of their church activities in the community in which they live, as well as suggesting, at the end of the correspondence, specific biblical readings for the meditation of the interlocutor.

Shared repertoire — senders use, in their letters, terms that identify them as evangelicals, such as “*orar*” – [lit.] “orate” – (not “*rezar*” [“pray”]), “*hino*” – “hymn” – (not “canticle”), and “*culto*” – “worship service” – (not “mass”, “meeting”), as well as specific ways of treating others according to their importance within the community (“*pastor*” – “pastor”, “*irmão*” – “brother”, “*vós*” – “you”, etc.), and phraseological conventions (“*A paz do Senhor!*” – [lit.] “The peace of the Lord!”, “*em nome de Jesus*” – “in the name of Jesus” –, etc.), patterns of interaction (“*saúde F. por mim*” – “greet So-and-so for me”, “*recomende-me a F.*” – “recommend me to So-and-so”, “*para a sua meditação, leia...*” – “for your meditation, read...” –, etc.).

As argued by Conde Silvestre (2007, p.167)¹¹,

A community of practice is defined, similarly to social networks, in terms of interaction between individuals, but is not limited to the observation of structural aspects, valuing, on the one hand, the subjective experience of the members of each group about the boundaries between their community and others and, on the other, considering the type of common activities — including the linguistic activity — in which its components participate and act as fundamental factors of its delimitation.

Thus, the CofP is not defined by the space in which its members live, but by the type of interaction between them. In this way, the samples analyzed herein represent a well-defined CofP, although its participants did not cohabitate the same area, maintaining an interaction between them at a distance, and occasionally meeting for the worship services (the churchgoers with the recipient pastor), or rarely, because they lived in different states (the sisters and the brothers-in-law of the recipient).

5 THE SAMPLES AND THE METHODOLOGICAL PROCEDURES

The samples analyzed here were extracted from the *corpus* of Araújo (2014) and consist of 44 letters written to the pastor of Ceará José Alencar de Macedo¹², known as Pastor Zequinha, born in Catholic crib in the town of Crato, in 1899. As a child, he moved with his family to the state of Pará, where he met the famous Swedish missionary Gunnar Vingren, founder, along with Daniel Berg, of the Assembly of God in Brazil. In 1920, Vingren converted Macedo to Protestantism, baptizing him in the village of Timboteua. In the following years, the young man traveled through the state of Ceará diffusing the new church, extending his work also to the states of Rio Grande do Norte and Paraíba. He settled in the municipality of Quixadá, Ceará, in 1946, where he founded the Assembly of God (AG) church in that town, when he was pastor, directing for decades several congregations founded in the most diverse villages and towns of the central hinterlands of Ceará. During his pastoral exercise, he maintained contact with many other pastors of AG and a large number of churchgoers who visited him or wrote letters to him asking for advice. His only two blood sisters were married when they still lived in Pará, each with pastors of AG, who, like their brother-in-law, lived in several states of Brazil spreading evangelical faith and founding churches. Zequinha died at the age of 91, in Quixadá, in 1991.

The letters to the pastor were borrowed for copy from one of his daughters. From these letters, 44 were selected for analysis, divided into two blocks: *letters of intimacy relationships* and *letters of non-intimacy relationships*, each containing 22 communications. The definition of “intimacy” follows the criteria established by Nunes de Souza (2011)¹³, thus redefined: a) coexistence under the same roof; b) knowledge of life details and routine of the other; c) long and significant relationship.

¹¹ In the original: “Una comunidad práctica se define, igual que las redes sociales, en términos de interacción entre individuos, pero no se limita a la observación de los aspectos estructurales, sino que valora, por un lado, la experiencia subjetiva de los miembros de cada grupo con respecto a los límites entre su comunidad y otras y, por otro, considera el tipo de actividades comunes en las que participan y actúan sus componentes - incluyendo la actividad lingüística - como factores fundamentales de su delimitación.”

¹² The information gathered here on Pastor José Alencar de Macedo was extracted from Conde (1960), Aquino (2005), and Castro (2015).

¹³ Nunes de Souza (2011) analyzed the application of the Theory of Power and Solidarity, by Brown and Gilman (1960), in theater plays in Florianópolis from the 19th and 20th centuries, controlling, amongst other extralinguistic variables, the intimacy relationships between the characters, considering that there was intimacy

Each block of letters, in turn, was divided into two categories: *symmetrical relationships* and *asymmetrical relationships*, according to the relationship between sender and recipient. The following table presents the sample in more detail:

closeness	relationship	sender	quantity (sender/letter)
intimacy	symmetrical	sisters	2/10
		brothers-in-law	2/7
	asymmetrical	sons-in-law	3/4
		daughter	1/1
non-intimacy	symmetrical	pastors	10/11
	asymmetrical	churchgoers (men)	5/5
		churchgoers (women)	6/6

Chart 1: Configuration of the analyzed sample

As can be seen from the chart, there are 22 letters of intimacy relationships, of which 17 are of symmetrical relationships, 10 written by 2 sisters (each one wrote 5 letters), and 7 written by 2 brothers-in-law (one wrote 3, the other wrote 4); and 5 letters of asymmetric relationships, from lower to higher, of which 4 were written by 3 sons-in-law (1 of them wrote 2 letters, the other 2 wrote 1 each), and 1 letter written by 1 granddaughter who was raised as a daughter (therefore, the use of the vocative “*papai*” – “dad” – in the letters). The non-intimacy letters also totaled 22, of which 11 are from symmetrical relationships, written by 10 pastors (1 of them wrote 2 letters) who exchanged ideas with the recipient about the pastoral occupation, and the 11 others are from asymmetrical relationships, also from lower to higher, 5 written by 5 male churchgoers, and 6 written by 6 female churchgoers.

All senders, except the granddaughter and the sons-in-law, were over 45 at the time they wrote the letters. The granddaughter was 24; and the sons-in-law were all less than 40 years old. The ages of the senders were not taken into consideration.

As for their origin, all the senders were from Ceará, except the two brothers-in-law (from Pará), and one of the pastors (from Rio Grande do Norte), but all have lived in Ceará for some time.

Thus, the groups of factors controlled in the analysis were: *closeness* (intimacy / non-intimacy), *type of relationship* (symmetrical / asymmetric), *sender-recipient relationship* (sister, brother-in-law, son-in-law, pastor, and churchgoer), and *gender* (male, female).

The occurrences of possessives in the letters were transcribed, coded and inserted in the GoldVarb X program to generate the percentages, which will be interpreted in the light of the so-called Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960) discussed previously. This study considers ‘*teu*’ a *T* form, and ‘*seu*’/‘*vosso*’ *V* forms.

6 ANALYSIS OF RESULTS

In the letters of the analyzed sample, 148 possessive expressions were counted, including, in addition to the pronouns, nominal constructions formed by *de* (of) + name. The table below shows these results:

when: a) the characters were husband and wife, or lovers; b) the characters shared secrets; c) the characters gave indications of having an old and significant friendship. In such a research, the author stated that “to be considered intimate, it is necessary that the characters fit into at least one of these criteria” (p.153).

FORMS	OCCURRENCE	%
<i>TEU</i>	60	40.5
<i>SEU</i>	62	41.9
<i>VOSSO</i>	20	13.5
<i>DO SENHOR</i>	2	1.4
<i>DO IRMÃO</i>	4	2.7
TOTAL	148	100

Table 1: Occurrence of possessive expressions in the sample

As we can see, the form '*seu*' was the most recurrent (41.9%), but in tight competition with '*teu*' (40.5%). Applying the terminology of Brown and Gilman (1960), the *V* forms correspond to 59.5% of the occurrences in the sample, which signals to a greater influence of the power factor in the use of the possessive expressions related to the recipient.

As the focus of this study are the pronouns, the possessive expressions '*do senhor*' (lit.: 'of the lord') and '*do irmão*' (lit.: 'of the brother') were excluded from the analysis. Excerpts (5) and (6) illustrate these uses:

(5) *Irmão mostrei a cartinha do sr. a Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram ciente do vossos dizeres* [C23] (Brother, I have showed the little letter *of the lord* to Mazú and to Raimundinho. Everyone was aware of your words).

(6) *Fico esperando a resposta do irmão, conforme o que o irmão queira mandar diser eu aceitarei com praser* [C14] (I wait for the answer *of the brother*. As to what the brother wants to have me say, I will accept it with pleasure).

Notice in (5) the alternation between the forms *V* '*do senhor*' ('*do sr.*') and '*vossos*' with reference to the addressee. Both letters from which the above passages were extracted are from churchgoers, the C23 from a woman, and the C14 from a man.

After excluding 6 occurrences of possessive nominal expressions, 142 occurrences were left, distributed according to the groups of controlled factors:

		' <i>TEU</i> '	' <i>SEU</i> '	' <i>VOSSO</i> '
GENDER	MALE	17/60 (28.3%)	53/62 (85.4%)	15/20 (75%)
	FEMALE	43/60 (71.7%)	9/62 (14.6%)	5/20 (25%)
CLOSENESS	INTIMACY	49/60 (81.6%)	30/62 (48.3%)	4/20 (20%)
	NON-INTIMACY	11/60 (18.4%)	32/62 (51.7%)	16/20 (80%)
RELATION	SYMMETRICAL	50/60 (83.3%)	40/62 (64.5%)	9/20 (45%)
	ASYMMETRICAL	10/60 (16.7%)	22/62 (35.5%)	11/20 (55%)
TOTAL		60/142 (42.3%)	62/142 (43.7%)	20/142 (14%)

Table 2: Possessive pronouns by social variables in the sample

By the table above, it is verified that the possessive ‘*teu*’ was more used by female senders (71.7%), in intimacy relationships (81.6%), and symmetrical relationships (83.3%) with percentages well above 50%. As for the possessive ‘*vosso*’, 75% of its 20 occurrences were in men’s letters, and 80% in letters from senders outside the recipient’s family circle, not being so different, only as regards the relationship level (45% in the symmetrical, and 55% in the asymmetrical). The pronoun ‘*seu*’ presented 85% of its 62 occurrences in men’s letters, and 64.5% in letters of symmetrical relations, being distributed more evenly only in what concerns the closeness between sender and recipient (48.3% in intimacy relationships, and 51.7% in non-intimacy relationships).

As can be deduced, in the sample letters, ‘*teu*’ is reaffirmed as a legitimate *T* form, while ‘*vosso*’ is as *V* form, competing with ‘*seu*’, which is only more neutral as to the closeness of the interlocutors.

The fact that ‘*teu*’ has been used more by women than by men requires a more detailed understanding of the indexes generated by GoldVarb X. What made the Evangelical women, who (at least in the period in which the letters were written) are usually put in an inferior condition in relation to man¹⁴, use more often a *T* form to refer to the pastor recipient than the male senders? To answer this question, a cross between the groups of factors *sender’s genre* and *closeness between sender and recipient* was made. The results are presented in the table below:

	WOMEN’S LETTERS	
	ALL THE POSSESSIVES	ONLY ‘ <i>TEU</i> ’
TOTAL	57/142 (40.1%)	43/60 (71.6%)
REL. OF INTIMACY	42/57 (73.7%)	38/43 (88.4%)
REL. OF NON-INTIMACY	15/57 (26.3%)	5/43 (11.6%)

Table 3: Occurrences of possessives in women’s letters regarding the group of closeness factors

It is observed that, of the 142 occurrences of possessives, 57 (40.1%) were found in women’s letters, in which 43 (71.6%) of the 60 total appearances of ‘*teu*’ occurred. Of these 43 occurrences, 38 (88.4%) were given in letters of intimacy relationship, which were written by the two sisters of the recipient and by his granddaughter raised as a daughter. In fact, both sisters reported to the pastor predominantly through the 2nd canonical person (*T* form), as exemplified by the excerpts:

(7) *Meu prezado irmão Zeca, a paz de nosso | Senhor Jesus Cristo seja contigo e todos | de tua família, a mezes recebi uma carta tua na qual recordas os teus esforços no trabalho do Senhor, sei que quando | chegares na presença do Senhor levando | os molhos, lá terás a corôa de justissa que | o justo Juiz nos dará [...]. Dá minhas lembranças | a Maria e todos os teus filhos | Da tua | irmã que não te esquece [C22]*

(My dear brother Zeca, may the peace of our | Lord Jesus Christ be with you and all | of your family. Months ago, I received a letter of yours in which you remember your efforts in the work of the Lord. I know that, when | you come in the presence of the Lord carrying | the keys, there you shall have the crown of justice that | the righteous Judge will give us. [...] Send my greetings | to Maria and to all of your children. | From your | sister that does not forget you.)

(8) *Prezado e querido Zeca, recebi a tua carta fiquei | muito alegre, em ter tuas notícias, que vaes bem e | com saude, e toda a tua família graças ao Senhor que | nos guarda nestes dias tão difíceis.[...] Um forte abraço da tua irmã. [C32]*

(Dear and beloved Zeca, I have received your letter. I became | very happy for having your news, that you do well and | heal your, and all of your family, too, thanks to the Lord, who | keeps us on these difficult days. [...] A strong hug from your sister.)

¹⁴ It is worth remembering that, in its first century of existence, only men exercised the role of pastors at the Assembly of God churches, a principle that has only been discussed in recent years during CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) – General Convention of Assemblies of God in Brazil meetings.

As a consequence, the high incidence of ‘*teu*’ in the women’s letters is explained by the fact that most of the occurrences (88.4%) were in the letters from the recipient’s sisters. In this case, the dimension of solidarity related to intimacy overlapped the gender factor, when it is usually established, in the community of practice in question, the dimension of power. The granddaughter raised as a daughter also uses the *T* form, but alternating it with *V* forms:

(9) Querido papai | Peço-*lhe* abençoação | Escrevo-*te* para darte as minhas | notícias e saber das *tuas* | Papai sinto muita saudades *do* | *Senhor* principalmente pela manhã que | eu lembro quando eu ia bem | cedinho para ai dar o leite da Sara | e o *Senhor* esta tomando o *seu* café [...] Um abraço de *sua* filha [C38]

(Dear dad, | I ask you for blessing. | I write you to give you my | news and to know about yours. | Dad, I really miss | you, especially in the morning, when | I remember when I would | give Sara’s milk very early in the morning | and you would be drinking your coffee. [...] A hug from your daughter.)

As in the letters of the churchgoing women, who wrote to the pastor to ask for advice, prayers or favors and to inform about the routine, there is the predominant use of *V* forms, although ‘*teu*’ is also used:

(10) Presado Irmão Zequinha! | Apaz do Senhor. | Aviso-*lhe* que recebi *sua* carta, siente | dos *teus* diseres. [...] | Sem mais abrace a família | e aceite um cordial abraço da *sua* | irmã em Cristo Jesus [C20]

(Dear brother Zequinha! | May the peace of the Lord be with you. | I warn you that I have received your letter, knowing | about your words. [...] | Without further ado, hug the family | and accept a warm hug from your | sister in Christ Jesus.)

(11) Prezado irmão Zequinha | A paz do Senhor | Hoje é que tive condição de responder *tua* amavel carta, o irmão que tem muitas | experiências na vida, sabe muito bem | que [...] Peço as *vossas* orações em nome de Jesus para que o | Espírito Santo nos console. | Recomendações a irmã Mariinha e as meninas. | *Vossa* irmã em Cristo Jesus. [C36]

(Dear brother Zequinha, | may the peace of the Lord be with you! | Today I was able to answer your kind letter, the brother, who has many | experiences in life, knows well | that [...] I ask for your prayers, in the name of Jesus, so that the | Holy Spirit comfort us. | Recommendations to sister Mariinha and to the girls. | Your sister in Christ Jesus.)

As to the use of possessives according to what the sender is for the recipient, the table below shows the results:

	‘ <i>TEU</i> ’	‘ <i>SEU</i> ’	‘ <i>VOSSO</i> ’	TOTAL
SISTERS	37 (94.9%)	2 (5.1%)	0	39
BROTHERS-IN-LAW	11 (35.5%)	16 (51.6%)	4 (12.9%)	31
SONS-IN-LAW	0	10 (100%)	0	10
GRANDDAUGHTER	1 (33.3%)	2 (66.7%)	0	3
PASTORS	1 (3.2%)	25 (80.6%)	5 (16.1%)	31
CHURCHGOERS	10 (35.7%)	7 (25%)	11 (39.3%)	28
TOTAL	60 (42.3%)	62 (43.7%)	20 (14.1%)	142

Table 4: Occurrences of possessives by group of senders

As one can see, ‘*teu*’ was the possessive form massively employed by the sisters of the pastor referring to him (94.9%), which points to a relationship based on the dimension of solidarity. Although they were women and a few years younger than the recipient, which would characterize an asymmetrical relationship both on the basis of gender and age, the fact that they are their sisters prevails in a

relationship of solidarity, as Brown and Gilman (1960, p.258) explain: “If A has the same parents as B, B has the same parents as A. Solidarity is the name we give to the general relationship and solidarity is symmetrical.”

Still on the use of *‘teu’*, it did not exceed 36% in the letters of any of the other groups of senders and was not used in the letters of the sons-in-law, which signals a typical relationship of power between these and the pastor, from lower to higher, although the *V* form used by those senders was *‘seu’*, and not *‘vosso’*. This can be explained by the *intimacy* factor prevailing over *asymmetry*, since the sons-in-law are considered intimate of the recipient, by the previously established criteria. *‘Vosso’* seems to be related to the relationships outside the family circle — pastors and churchgoers —, although it has been well used by the brothers-in-law. What would justify this use?

The pastor’s brothers-in-law were also pastors, but their correspondences were not coded as letters of pastors or letters of extra-family relationships, so there was no overlapping of letters involving these two categories (brothers-in-law and pastors). The use of *‘vosso’* (as well as of the other canonical 2nd p. pl. pronouns) by the brothers-in-law can be explained by their familiarity with the biblical text, in which such pronouns are quite recurrent. This usage seems to consist of an individual style influenced by factors other than the relationship between the interlocutors, as if there were a semantic dimension governing the use of the pronouns in parallel with the style of the individual (BROWN; GILMAN, 1960, p.274). The following excerpts from letters of the brothers-in-law exemplify the alternating use of *T* and *V* forms:

(12) *Prezado irmão Zeca apaz seja comsigo | e familia [...]Acuzo que só agora foi que | recebemos carta tua, mas fiquei quase pasmado | em tú declarar que não tens recebido carta nos-|sa, pois te digo que nós temos te escrito uma após | outra, e nunca tivemos resposta. || Mas agora ficamos extremamente gratos | em receber uma notícia tua, pois a muito que | não sabíamos o que era feito de ti. [...] Diga para o Custódio que é neces-|sário permanecer nos caminhos do Senhor. [...] Do vosso irmão e cunhado [C02]*

(Dear brother Zeca, may the peace of the Lord be with you | and family. [...] I state that only now | we received your letter, but I was almost astonished | by you declaring that you have not received letters from us, | for I tell you that we have written to you one after | another, and we had never had an answer. || But now we are extremely grateful | to receive news from you, for it has been a long time that | we did not know what was made of you. [...] Tell Custódio that it is necessary | to remain in the ways of the Lord. [...] From your brother and brother-in-law.)

(13) *Prezado irmão: José Alencar de Macedo. | A paz do Senhor seja comvosco. | Dou em meu poder vossa carta de 1 de Dezembro, | aqual respondo-vos. [...] O que me perguntas, concernente a os estudos, fui-me bem [...] No sentido em tu falas, concernente os teus sofrimentos, [...] Sem mais muitas lembrança, para todos meus velhos amigos, e para to-|dos de v. familia [...] Do seu irmão sempre amigo [C04]*

(Dear brother: José Alencar de Macedo. | May the peace of the Lord be with you. | I give you, in my possession, your letter of December 1st, | to which I answer you. [...] What you asked me, concerning the studies, I did well. [...] In the sense that you speak, concerning your sufferings, [...]. With no more remembrance, to all my old friends, and to all of your family. [...] From your always friendly brother.)

‘Vosso’ had 20 occurrences in the sample, which is equivalent to 14.1% of the total number of possessives used in the letters. These indicators make that pronoun the least used of its category, but still with considerable indices in the period covered by the sample, at least in the written modality and amongst the members of the community of practice under analysis. The possessive of the 2nd person plural, however, was already given as obsolete in the Brazilian Portuguese spoken in the 20th century, although still widely used in Portugal (FARACO, 1996, p.70).¹⁵ Of these 20 occurrences, 4 (or 20%) were given in the letters of the brother-in-law pastors, 5 (or 25%) in the letters of the friend pastors, and 11 (or 55%) in the letters of the churchgoers. Again, *‘vosso’* is reaffirmed as *V* form, having been most recurrent in asymmetric relationship letters (from lower to higher). Regarding gender, there was no significant

¹⁵ In the research of Arduin (2007), with possessives in speech samples of the VARSUL project, collected in several cities of the Southern Region, there were no occurrences of *‘vosso’*; the thesis of Soares (1980) with a speech sample from Ceará also did not present occurrences of *‘vosso’*. Monteiro (1994, p.209) discusses about the disappearance and “extinction” of the pronoun *‘vosso’* in the Brazilian Portuguese.

difference in the use of ‘vosso’ amongst the churchgoers: 6 occurrences in men’s letters and 5 occurrences in women’s letters. The excerpts below are from letters of those senders:

(14) Meu presado irmão e pastor Zequinha | a paz do Senhor Jesus seja com *tigo*, e com | todos de **vossa** Digna casa. | Sim presado irmão venho pôr meio destas Linhas Respostar a **Sua** Estimada cartinha que fui Recêbedor, sim ao Ler a **vossa** cartinha | os nossos olhos derramaram Lágrimas ao ve as **vosso** Letras escritas [C16]

(My dear brother and pastor Zequinha, | may the peace of the Lord Jesus be with you, and with | all of your worthy house. | Yes, dear brother, I come through these lines to give answer to your dear little letter, of which I was the receiver. Yes, by reading your little letter | our eyes shed tears when seeing your written words.)

(15) Muito prezado irmão Zequinha [...] Escrevo-vos esta, em resposta a **vossa** mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a| Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do **vossos** dizeres [...] portanto peço que *oreis* por mim e minha família [...] A **vossa** irmã em Cristo [C23]

(Very dear brother Zequinha, [...] | I write to you in response to your very | kind little letter, which came as a comfort to | my heart. [...] Brother, I have showed the letter of the lord to | Mazú and to Raimundinho, all became | aware of your words [...] therefore I ask that you pray for me and my family. [...] Your sister in Christ)

In the letters of the churchgoers, as shown in table 4, 28 possessive occurrences were counted, of which the majority (11 or 39.3%) was the pronoun ‘vosso’, and the minority (7 or 25%) was the pronoun ‘seu’, having ‘teu’ reached an intermediate recurrence (10 or 35.7%), which seems to contradict the semantics of Brown and Gilman’s power and solidarity.

The churchgoer/pastor relationship would form a relationship defined by the dimension of power, therefore asymmetrical, from inferior (churchgoer) to superior (pastor), in which the former would use *V* to address the latter. The percentage of *T* forms in letters of churchgoers to the pastor, therefore, points to a conflicting system in which “the solidarity semantic has gained supremacy” (BROWN; GILMAN, 1960, p.260). It is possible to understand the use of the churchgoers’ *T* with the pastor as a reinterpretation — as Brown and Gilman propose — of attributes overcharged with power, turning them into attributes of symmetrical solidarity. In the words of the authors:

Relationships like *older than*, *father of*, *nobler than* and *richer than* are now reinterpreted for purposes of *T* and *V* as relations of *the same age as*, *the same family as*, *the same kind of ancestry as*, and *the same income as*. To the degree that these relationships hold, the probability of a mutual *T* increases and, in the degree that they do not hold, the probability of a mutual *V* increases (BROWN; GILMAN, 1960, p.260).

Thus, the relationship between the churchgoer and the pastor can be understood by some as a relationship between members of the same church. It is also to be considered that the churchgoers, in general, had ages close to that of the pastor, which may interfere with the view of the relationship established between them as to symmetry. Here is an example of a letter of a churchgoer in which *T* alternates with *V*:

(16) Prezado irmão Zequinha | Faço votos a Deus para que estejais com saúde juntamente com a irmã Mariinha e todos os **teus** filhos. [...] Peço-te irmão que | mande-me dizer [...] Nada mais que lhe mereça atenção. [...] Muitas recomendações a irmã e os **seus** filhos, e os irmãos saúde todos com a paz do Senhor, responda-me esta. | **Tua** irmã em Cristo Jesus [C05]

(Dear brother Zequinha, | I wish to God that thou art healthy together with sister Mariinha and all of your children. [...] I ask you, brother, that | you tell me to say [...] nothing else that deserves attention to you. [...] Many recommendations to the sister and your children, and, to the brothers, greet all with the peace of the Lord, answer me this. | Your sister in Christ Jesus.)

The pastors, however, preferred the form ‘seu’ (80.6%) to ‘vosso’ (16.1%), avoiding ‘teu’ (only 1 occurrence in the pastors’ letters — 3.2%), confirming the words of Brown and Gilman (1960, p.258) on the use of forms of treatment in symmetrical relationships, but without intimacy: “[...] solidarity is symmetrical. The corresponding norms of address are symmetrical or reciprocal with *V*

becoming more probable as solidarity declines” (see note 7). It was not possible to analyze the letters of Pastor José Alencar de Macedo to his colleagues of ministry who sent him letters, thus, the claim that the use of *V* (for ‘seu’ or ‘vosso’) has been reciprocal is just a guess, based on the fact that they are interlocutors of the same gender, same age group, and same occupation, but without the intimacy according to the established criteria. Examples (17) and (18) were extracted from letters of pastors:

(17) *Estimado irmão Zequinha, saudações no Senhor. | Antes de tudo rogo a Deus que esta o en-|contre desfrutando gloriosas bênçãos celestiais, ao lado de sua es-|timada família [...] a fim de que nada possa impedir a sua vinda [...] Muito teria que dizer-lhe, mas me reservo | para fazê-lo com a sua presença que espero que seja certa | Saude a todos de sua mui digna família. | Na expectativa de sua pronta resposta [C018]*

(Dear brother Zequinha, greetings in the Lord. | First and foremost, I pray to God that he will find | you enjoying glorious heavenly blessings, next to your | beloved family [...], so that nothing can prevent your coming. [...] A lot I would have to tell you, but I refrain | to do it in your presence, which I hope is right. | Greet every one of your most honorable family. | In anticipation of your prompt response.)

(18) *Saldação com a paz do Senhor | Irmão Zequinha, é com muito prazer que hoje estou | vos escrevendo esta cartinha primeiramente para vos dar as nossas notícias, e aos mesmotempo receberasvóssas. | [...] Omesmo desejo que esta var-vos encontrar gosando as | mesmas juntamente com todos de vossa casa e a Igreja que ainda muito vos | ama. [...] só deve sér mostrada | esta carta as pessoas de vossa inteira confiança [...] e neste caso segundo as vóssas palavras quando mi responder eu continuarei | tranquilo [C39]*

(Greetings with the peace of the Lord, | brother Zequinha. It is with great pleasure that I am | writing you this little letter, first to give you our news, and at the same time to receive yours. | [...] Also, I wish that this will find you enjoying the | same, together with all of your household and the church that still loves you a lot. [...] Should only be shown, | this letter, to the people of your entire trust [...] and, in this case, according to your words when you respond me, I will continue | tranquil.)

As has been said, all the pastors of the Assembly of God, throughout the first century of this church, were necessarily men, so that the relationship between the pastoral senders and the pastoral recipient can be considered symmetrical with respect to gender, age, and occupation, but they were not intimate relationships, hence the rejection of the *T* form. In this sense, although a certain oscillation between ‘seu’ and ‘vosso’ was found in the letters of shepherds, both *V* forms, one can say that, in relation to the dichotomy presented by Brown and Gilman (1960), the relationships between these interlocutors were in relative balance, the use of ‘vosso’ being in their letters both a mark of the individual style, influenced by contact with the biblical text, and a form of reverence to the pioneer pastor who, having been baptized by Gunnar Vingren, led the Assembly of God to several places in Brazil’s North and Northeast regions.

7 FINAL CONSIDERATIONS

In BP, the variation of the personal pronouns — of which the possessive is a type, according to Monteiro (1994, p.116-117) — results from the passage from ‘você’ as *V* form to *T* form, a process that began already in the 21st century (FARACO, 1996), but that is not yet fully completed in some regions. Researches such as Soares (1980), Modesto (2006), Martins (2010), and Guimarães (2014) reveal a tendency to use ‘você’ still as *V* form, in the interactions amongst not very intimate people and in asymmetric relationships.

In this study, adepts of the evangelical church Assembly of God (AG), who corresponded through letters with pastor José Alencar de Macedo, one of the pioneers in the expansion of the AG through several areas of the country’s North and Northeast, were considered as constituting a community of practice with their own habits and linguistic behaviors. Therefore, it was sought, in this study, to analyze the use of the possessives ‘teu’, ‘seu’ and ‘vosso’ in these letters with reference to the recipient, in the light of the Theory of Power and Solidarity of Brown and Gilman (1960), starting from the assumption that ‘teu’ corresponded to the *T* form, and the other two to the *V* form.

The research showed that, in the letters of the evangelists of the 20th century, the occurrences of ‘*teu*’ predominated in the relationships of closeness (81.6%) and in the symmetrical relationships (83.3%); ‘*seu*’ was not as distinctive as to the closeness of the relationships (48.3% in the intimate, and 51.7% in the non-intimate), but it was more frequent in the symmetrical relationships (64.5%); and ‘*vosso*’ — which corresponded to 14% of the possessives used — predominated in the relationships of non-intimacy (80%). As for the gender of the sender, ‘*teu*’ was more used by women (71.7%), while ‘*seu*’ and ‘*vosso*’ were more recurrent in men’s letters — 85.4% and 75% of their respective occurrences.

However, it was by group of senders that the use of the three possessives with reference to the 2nd p. sing. (the recipient pastor) was more in line with the description of Brown and Gilman (1960) of the forms of treatment: in the letters of the pastor’s sisters, who had a relationship of intimacy and solidarity with him, ‘*teu*’ corresponded to 94.9% of the possessives, while ‘*vosso*’ was not used. ‘*Seu*’ presented the following percentages of use: it corresponded to 100% of the possessives used by the sons-in-law (relationship of intimacy, however asymmetric); to 80.6% of the possessives used by pastors (relationship of non-intimacy, however symmetrical); to 66.7% of the possessives used by the granddaughter (relationship of intimacy, however asymmetrical); to 51.6% of the possessives used by the brothers-in-law (relationship of intimacy and symmetrical), and to only 25% of the possessives in the letters of the churchgoers (relationship of non-intimacy and asymmetrical).

‘*Vosso*’ was found amongst the letters of the churchgoers (39.3%), pastors (16.1%) and brothers-in-law (12.9%), which can be both a sign of reverence and influence of the biblical text, since the brothers-in-law were also pastors.

Regarding the questions formulated in the second section of this article, the answers were as follows:

- 1) Since there was only categorical use of ‘*seu*’ by the sons-in-law and semi-categorical use of ‘*teu*’ by the sisters, it can be said that the dimensions of power and solidarity are in conflict in the community of practice analyzed, but not so intensely as other studies on other communities point out.¹⁶
- 2) In this conflicting context, the possessive form mostly used by the senders who were considered inferior to the recipient in some respect — the granddaughter, the sons-in-law and the churchgoers — was ‘*seu*’ (46.3%, considering all three groups as only one); and also by those who play the same role in the CP, but without much intimacy with the recipient — the pastors —, but at a much higher rate (80.6%).
- 3) The use of ‘*teu*’ and ‘*seu*’ in the analyzed CP was governed, in the letters, by the solidarity factor: the greater the closeness and the symmetry between the interlocutors, the more recurrent was the *T* form.

REFERENCES

- AQUINO, E. F. Pastor Zequinha: Uma vida a service de Deus. *Eclesiástica*, ano 1, n. 4, p. 10-11, mai. 2005.
- ARAÚJO, F. J. N. *A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX*. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular ‘teu’/‘seu’ na região sul do Brasil*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

¹⁶ Sales (2007), for example, found 65.5% of ‘*teu*’ and 26.5% of ‘*seu*’ amongst the possessives used in a sample of 37 letters from Bahia in the 1940s; Arduin (2007) found 86% of ‘*teu*’ and 14% of ‘*seu*’ in a speech sample from inhabitants of several cities in the Southern Region.

- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.) *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-76.
- CASTRO, C. *Assembleia de Deus no Ceará: 100 anos de história*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2015.
- COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.
- CONDE, E. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1960.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- _____. The Role of Social Networks and Mobility in Diachronic Sociolinguistics. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 332-352.
- CORDOVA, T. *História da igreja evangélica Assembleia de Deus de Ijuí (RS)*. 2012. 53 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. New generalizations and explanations in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 185-201, 1999.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- FARACO, C. A. O tratamento de 'você' em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
- GUIMARÃES, T. A. A. S. *Tu é doído, macho! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza*. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. The community of practice: Theories and methodologies in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 173-183, 1999.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol. 3: Cultural and cognitive factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática – descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.
- _____. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.
- LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MARTINS, G. F. A alternância tu/você/senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 525-548.

MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

_____. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

RAPOSO, E. B. P. Pronomes. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B.;

MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. *Gramática do português*, vol. 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 45-144.

RUSSO, M.; OLIVEIRA, G. R. *Devagar e sempre, com fé em Deus: evangélicos cearenses nos censos demográficos*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, p. 129-150, jan./jun. 2011.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Itaca, 2013.

SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. 2007. 385 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

VAZQUEZ, Ariel. The use of *Tú* and *Usted* in Mexican Compadrazgo Relationships. *Estro: Essex Student Research Online*, v. 1, n.1, p. 58-68, jun. 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN, W. P.; MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics – A Symposium*. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-199.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, Meaning and Identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.



Received in June 16, 2018. Approved in July 31, 2018.

“PODE PARÁ” – VERBO MODAL NAS SENTENÇAS IMPERATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO- PRAGMÁTICA

**"PODE PARÁ" - VERBO MODAL EN LAS SENTENCIAS IMPERATIVAS DEL PORTUGUÉS
BRASILEÑO: UN ANÁLISIS SEMÁNTICO-PRAGMÁTICO**

**“PODE PARÁ” – MODAL VERB ON BRAZILLIAN PORTUGUESE’S IMPERATIVE PHRASES: A
SEMANTIC-PRAGMATIC ANALYSIS**

Dirceu Cleber Conde*

Ednei de Souza Leal**

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes***

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Neste trabalho, procuraremos sugerir uma interpretação semântico-pragmática para as Sentenças Imperativas (Imp) no Português Brasileiro (PB) que se utilizam do verbo modal/operador modal “pode/poder”, ao contrário de outras interpretações que se constatam na literatura especializada, as quais sejam: interpretações sintáticas das Imp ou de uma semântica de base funcionalista. Aqui, ao contrário, procuraremos sugerir interpretações das Imp, tendo como fundamentação teórica as teorias Pragmáticas de Atos de Fala e um modelo bastante simplificado de Semântica Formal. A razão e o estímulo para tal trabalho surgem da leitura de Jary e Kissine (2014), obra que justamente procura interpretações semânticas e pragmáticas para as Imp. Assim, das diversas propostas teóricas apresentadas por aqueles autores, tomamos como pressuposto justamente a Semântica denotacional verifuncional e a Pragmática de Atos de Fala para procurar mostrar uma possibilidade de interpretação das Imp em PB.

PALAVRAS-CHAVE: Imperativos. Modais. Verbo “poder”. Semântica. Pragmática.

RESUMEN: En este trabajo, propusimos una interpretación semántico-pragmática para sentencias imperativas (Imp.) en portugués brasileño (PB) utilizando el verbo modal “poder”, de forma diferente a otras interpretaciones verificadas en la literatura especializada, que son: interpretaciones sintáticas de las Imp. o una semántica funcionalista. Además, trataremos de sugerir interpretaciones de las Imp., teniendo como fundamentación teórica las teorías Pragmáticas de Actos de Habla y un modelo bastante simplificado de Semântica Formal. La razón y el estímulo para tal fin provienen de las lecturas de Jary y Kissine (2014), un trabajo que busca precisamente interpretaciones semânticas y pragmáticas para Imp. Por lo tanto, a partir de las diversas propuestas teóricas

* Professor Doutor do Departamento de Letras (Graduação e Pós-graduação) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: <cleberconde2@gmail.com>.

** Doutorando do PPGL-UFSCar. Mestre em Letras-Linguística pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: <edsleal79@gmail.com>.

*** Doutorando do PPGL-UFSCar. Mestre em Linguística pela UFSCar. E-mail: <rograntunes@gmail.com>.

presentadas por esos autores, asumimos como metodología la Semántica denotacional-verifuncional y los Actos del Habla para mostrar la posibilidad de interpretaciones de las Imp. en PB.

PALABRAS CLAVE: Imperativos. Modales. Verbo “poder”. Semántica. Pragmática.

ABSTRACT: In this paper, we suggest a semantic-pragmatic interpretation for Imperative Sentences (Imp) in Brazilian Portuguese (BP) using the modal verb “poder” (can), differently from other interpretations verified in the specialized literature, which are: syntactic interpretations of Imp, or a functionalist-based semantics. Therefore, we will try to suggest interpretations of the Imps, taking as theoretical foundation the Pragmatic theories of Acts of Speech, and a simplified model of Formal Semantics. The reason and stimulus for such aim come from the readings of Jary & Kissine (2014), a work that precisely seeks semantic and pragmatic interpretations for Imps. Thus, from the various theoretical proposals presented by those authors, we assume as methodology the verifuncional Denotational Semantics and the Acts of Speech to show the possibility of Imp interpretations in BP.

KEYWORDS: Imperatives. Modals. Verb “poder”. Semantics. Pragmatic.

1 INTRODUÇÃO

Na tradição gramatical e mesmo linguística, as Sentenças Imperativas (doravante Imp) são geralmente tratadas como fenômeno puramente morfológico ou sintático, sendo, dessa forma, descritas como marcações verbais especializadas, construções sintáticas específicas ou, quando muito, realizações prosódicas. Sabe-se que a construção das estruturas imperativas em Português Brasileiro (PB) se difere das do Português Europeu (PE) em diversos níveis e formas linguísticas (SCHERRE et al., 2007). No entanto, neste trabalho, procuraremos fazer alguns testes e mesmo comparações entre diversas sentenças, prototipicamente imperativas ou não, para tentar mostrar que a natureza das Imp não se resume às características morfossintáticas e geográficas apenas. Ou seja, parece que noções morfossintáticas não são suficientes para descrever de modo satisfatório as Imp.

Segundo o banco de dados eletrônico WALS – *World Atlas of Language Structure Online*, cerca de 80% das línguas do mundo, até agora descritas, realizam morfológicamente o imperativo, ou seja, possuem um ou mais morfemas específicos para realizar sentenças no modo imperativo. Este parece ser o caso do português, ao menos em parte. Isso porque, além das sentenças Imperativas prototípicas (chamaremos aqui de ImpProt), as Imp podem também se manifestar, por exemplo, com o modo indicativo: “Pode ir agora” (JARY; KISSINE, 2014, p. 15). Chamaremos estas de Sentenças Imperativas não prototípicas (–ImpProt). Por outro lado, Sadock e Zwick (1985 apud Jary; Kissine, 2014) constatam, através de um atlas de mais de quatrocentas línguas, que não há registros de línguas desprovidas de Imp, o que nos leva a crer que os imperativos possam ser *universais linguísticos*, que se manifestam nos mais diferentes modos, e não apenas por marcações morfológicas, como se é ensinado pelas gramáticas normativas da língua portuguesa.

Ao observarmos outras línguas pelo mundo – novamente com o auxílio do WALS (2008)¹ –, notamos que existem línguas que sequer possuem morfologia para marcar as Imp, caso das línguas tonais, ou mesmo do inglês. Nesses e mesmo em alguns casos do português (justamente as –ImpProt), outras noções para além das morfossintáticas seriam de grande utilidade para descrever fenômenos de imperativo. É justamente o que procuraremos fazer neste trabalho:

Uma declaração direta de um imperativo (I) expressa um certo conteúdo relacionado com **as ações futuras** do destinatário; (II) transmite que o orador deseja que o conteúdo se torne realidade; e (III) atua como incentivo para que o destinatário execute o conteúdo da sentença imperativa (CONDORAVDI; LAUER, 2012, p. 22, grifos nossos).

¹ Ver Auwerta et al. (2013).

Vale ainda lembrar que as Imp não possuem sujeito pronunciado, tendo nula a posição de realização fonética, sendo que na posição que não é preenchida, há um ouvinte em um mundo qualquer (w@) pressupostamente actancial em pelo menos um w (mundo), tanto é que, em “pode tirar o cartão”, pode-se ter a pronúncia do pronome em uma posição anterior ao verbo – “você pode tirar o cartão”. Nesses casos, não há necessariamente sujeito pronunciado, porém tem-se um sujeito semântico e pragmático, em pelo menos uma perspectiva de modelos intensionais. Mesmo em línguas como o inglês, em que esse sintagma parece ser obrigatório em sentenças declarativas, as Imp não o exigem. O que existe são as pessoas que participam passivamente da ação verbal, podendo ou não serem representadas por meio de algum tipo de marcação linguística. Dessa maneira, percebemos que o fenômeno imperativo é, de fato, um fenômeno desambigüizável por meio do viés de análise semântico-pragmática.

Dentre inúmeros exemplos de Imp em PB, escolhemos aqueles que são encabeçados pelo verbo operador modal “poder”. As razões da escolha se dão por diversos fatores. Um deles é porque, embora haja farta descrição desse verbo dito “modal”, ou mesmo “auxiliar modal”, sua descrição usada com Imp não foi realizada da mesma maneira que propomos neste trabalho, ou seja, uma descrição semântico-pragmática. Ademais, o verbo “poder” em português é semanticamente rico em seus usos e correspondentes significados. Polissêmico por natureza, suas diversas funções ainda não foram devidamente descritas, como justamente o caso das Imp.

Dentre as construções imperativas com o verbo “poder”, é possível observar, com certa frequência, as seguintes ocorrências:

1. Pode parar de *p*;
2. Pode fazer a lição agora;
3. Agora pode fazer a lição;
4. Pode retirar o cartão.
5. Pode pegar 1kg de carne moída para mim?
6. A gente pode elaborar o texto juntos;
7. Podem abrir os cadernos!
8. a) Coma tudo!
b)* Pode coma tudo.
c) Pode comer tudo!

Em uma primeira observação, é possível perceber, intuitivamente, que o mesmo item lexical “pode” parece não *significar* a mesma coisa em cada uma das sentenças, ou ao menos, parece não exercer o mesmo ato de fala. Outra justificativa para a escolha de tais sentenças com o verbo “poder” se dá pela abundância com a qual elas ocorrem no PB – como podemos observar nos trabalhos de Resende (2016) e Silva (2012).

Em (1) há visivelmente “ordem”, típica de Imp, a não ser pela sua estrutura: –ImpProt. Às sentenças (2) e (3) cabe a observação do deslocamento dos advérbios, o que deve gerar diferentes interpretações. Na sentença (5) há um pedido muito comum em contextos de compra e em (6) e (7), tentativas de testar o imperativo com “poder”, no plural.

Particularmente, a sentença (4) nos chama atenção por, pelo menos, dois motivos: o primeiro é que ela é –ImpProt, ou seja, é construída por um verbo no modo indicativo conjuntamente com um verbo “principal” na sua forma infinitiva; a segunda é que tal sentença é proferida em situações de uso bastante específicas, como em comércios, cuja situação de polidez é requerida. Nesse sentido, a “ordem” característica das Imp estaria, de certa forma, atenuada em forma de pedido ou permissão (dependendo do contexto). Algo semelhante acontece com as outras sentenças dadas aqui como exemplos.

Quanto aos exemplos (8 a-c), observamos que não é possível acumular o imperativo morfológico verbal conjuntamente com o verbo modal “poder”. Isso é mostrado pela sua agramaticalidade em (8b).

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: nas duas primeiras seções, procuramos dar conta da explicação sobre a natureza dos imperativos e do verbo modal operador “poder”. Na seção 3, expomos nossos pressupostos teóricos. Na seção 4, procedemos aos testes pragmáticos e semânticos de quatro sentenças propostas aqui e construídas com o verbo “poder” em sentenças infinitivas.

Na seção 5, comentamos os resultados dos testes. Por fim, na última seção, fazemos um apanhado geral dos resultados obtidos com este trabalho.

2 VERBO MODAL DEÔNTICO

Ao consultarmos qualquer dicionário, podemos constatar que o verbete “poder” é altamente polissêmico. Ou seja, à sua significação atribuem-se diversos sentidos: *ter a faculdade de; ter ocasião ou possibilidade de; estar sujeito a; ter capacidade ou força física ou moral; ter autoridade para; ter autorização ou permissão para; ter razão, direito ou motivo para*². Parece que os últimos três casos serão mais importantes para nossos propósitos aqui.

Conforme consta na literatura especializada, o verbo “poder”, cujas construções fazem parte do nosso objeto de análise (exemplos 1-8), é um verbo modal e que tem como função discursiva o chamado efeito *deôntico*. A seguir, delimitaremos tais noções.

Segundo Neves (2002), o modo em português pode se manifestar em sentenças que realizam afirmações sobre coisas no mundo – *modo indicativo* –; ou em sentenças que exprimem afirmações de caráter duvidoso ou incerto – *modo subjuntivo* –; ou ainda, naquelas sentenças que exprimem ordem ou pedidos – *modo imperativo*. Os tipos de informações veiculadas nessas sentenças num plano discursivo (*dictum*), podem ser expressas nas seguintes formas: (i) *modalidades aléticas*: relacionadas com o valor de verdade dos estados de coisas; (ii) *modalidades deônticas*: relacionadas com o eixo da conduta, que abriga a proibição, a permissão e a obrigação; (iii) *modalidades epistêmicas*: referem-se ao nosso conhecimento ou crença em relação aos estados de coisas.

Segundo essa classificação, portanto, o verbo “poder”, nos exemplos utilizados neste trabalho, se concretizaria na *modalidade deôntica*. Ou seja, aquela cujas características principais seriam: impingir ordem, advertência ou conselho: “A modalização deôntica está relacionada aos valores de permissão, obrigação e volição; está, de um lado, condicionada por traços lexicais específicos ligados ao enunciador ([+ controle]) e, de outro, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo”. (NEVES, 2002, p. 180).

Ainda, segundo Neves (2002), é bom lembrar que o *modo* não se manifesta exclusivamente nos verbos, mas também em outras categorias, como os advérbios e os adjetivos; também pode se manifestar na sentença como um todo ou mesmo num nível discursivo. Tal classificação do verbo modal não é definitiva. Pontes (1973 apud Brunelli; Bastos, 2011) sugere mesmo que os modais não são verbos auxiliares, como tradicionalmente são classificados.

Dados esses esclarecimentos, apresentaremos a seguir brevemente a nossa base teórica.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A base teórica para este trabalho é constituída basicamente por pressupostos apresentados em Jary e Kissine (2014). Como na obra dos autores o número de sugestões teóricas é bastante vasto, optamos por fazer a nossa interpretação das Imp com o verbo modal “poder” nos níveis semântico e pragmático.

Para a semântica, adotaremos algumas noções referencialistas ou composicionais, mais propriamente a noção de “valor de verdade” para atestarmos a veracidade de sentenças em mundos possíveis. Segundo esta noção, deve-se obedecer ao *princípio da composicionalidade* a qual diz que o significado de uma sentença é derivado do significado dos itens lexicais que a compõem e da maneira específica como esses itens estão agrupados nesta sentença. Assim, a regra básica de uma teoria semântica composicional se daria por: (i) léxico: lista com significado de cada palavra; e (ii) regras composicionais: como obter significado dos constituintes

² Retiramos estas acepções do dicionário eletrônico Priberam. No entanto, em outros dicionários a classificação não seria muito diferente.

por meio do significado de seus constituintes imediatos. Com isso, obter-se-iam valores de verdade em mundos possíveis, tais como: sendo uma sentença S qualquer verdadeira, se e somente se o conteúdo expresso em p também for verdadeiro, sendo p aquilo que descreve certos aspectos no mundo (BORGES NETO, 2003). Sendo assim, $[[S]] = 1$, sse p , sendo 1 o valor de verdade e 0 o valor de falsidade de uma sentença (CHIERCHIA, 2008). Nesse sentido, adotaremos alguns testes bastante simplificados, que inclusive dispensam tais formalizações, como propostos em Ilari e Basso (2008), adiante.

Vale ainda lembrar que a noção de “valor de verdade” parece descabida em sentenças como as imperativas, pois elas expressam ordem ou pedido e, portanto, não necessitariam dos critérios dessas noções. Não é a opinião, no entanto de Chierchia (2008), para quem os valores de verdade das Imp decorreriam do fato de elas serem factíveis ou não, passíveis de serem executadas ou não. Além disso, “[...] o uso dos diferentes modos do verbo é precisamente uma das tantas maneiras de alertar nossos interlocutores para o fato de que, em nossas afirmações, estamos levando em consideração outros mundos além do real” (ILARI; BASSO, 2008, p. 315). Essa discussão surge devido ao aparato da ferramenta semântica que nos propomos a utilizar. Por meio dela, é preciso passar por esse crivo, haja vista que o imperativo pode apontar para outros mundos possíveis. Dessa maneira, este trabalho insere-se num modelo intensional de análise.

Para a Pragmática, adotaremos algumas noções da teoria dos Atos de Fala, inicialmente proposta por Austin (1962) e desenvolvida por Searle (1981 [1975]). Para este modelo teórico, a língua não se presta apenas à comunicação, mas ao pronunciarmos qualquer sentença, estamos também realizando algumas ações, inclusive em sentenças declarativas. É o que acontece com os chamados atos ilocucionários tais como pedidos e ordens, obviamente dados em contextos específicos, como ordens de prisão expedidas por policiais devidamente empossados desses cargos. Em situações análogas, é “[...] o ato de fazer uma declaração, oferta, promessa, etc ao enunciar uma sentença, em virtude da *força* convencional associada a ela” (LEVINSON, 2007, p. 300). A noção que mais nos interessa na teoria dos Atos de fala é, nas palavras de Searle (1981), a que diz que “[...] falar uma língua é executar atos de fala, atos como: fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas etc [...]”. (SEARLE 1981, p. 26).

Searle (1976 apud LEVINSON, 2007, p. 305), ainda, propôs que existem alguns tipos básicos de ação que alguém pode executar ao falar. A enunciação diretiva está associada ao falante fazer com que o destinatário faça o que está sendo pedido, enquanto a ação compromissiva diz respeito ao comprometimento do falante com o curso de uma ação futura. Com isso, a pretensão que temos é que a teoria dos Atos de Fala, especialmente desses atos ilocucionários, nos ajude a pontuar um lugar das Imp no discurso cotidiano, em seu uso.

Porém, para Borges Neto (2003), um tipo de semântica referencialista faria um trabalho oposto às noções propostas pela teoria dos Atos de Fala, justamente porque a semântica preocupa-se com a interpretação das sentenças sem se ocupar com seus contextos, como o faz a Pragmática.

A Pragmática, assim como a Semântica, se foca no estudo do sentido das sentenças, ou seja, na busca da expressão linguística de uma operação de representação mental da realidade, porém acrescenta ressalvas contextuais, advindas de estratos (níveis) semânticos vericondicionais (condicionados a sua relação de veracidade ou falsidade), às interpretações desses significados. Basso e Oliveira (2007, 2014) exploram os embates da convergência entre essas duas áreas de pesquisa, que dispõem, muitas vezes das mesmas variáveis. Resumidamente, as proposições entendidas pela semântica possuem sua interpretação isoladamente, sem as variáveis situacionais que são adicionadas no decorrer do estudo da pragmática.

Segundo Basso e Oliveira (2007, p. 18-19), o estudo semântico embora dependa do julgamento em contexto (porque a caracterização da proposição só é possível a partir dele), se dá na sua independência, porque seu objeto de estudos é a proposição que se caracteriza por carregar não apenas as informações sobre as condições de verdade, mas também sobre as condições de admissibilidade (sobre o contexto em que ela é bem-sucedida). Nesse mesmo sentido, Chierchia (2008, p. 223) afirma que “[...] os imperativos, em particular, podem ser analisados em termos das condições de verdade das proposições que descrevem a execução adequada da ordem que eles expressam.”.

Vale ressaltar que a prosódia tem um papel importante nessas questões sobre os modos pragmáticos apropriados das imperativas. No entanto, dados os limites deste trabalho e seu recorte teórico que se concentra em teorias semânticas e pragmáticas, não trataremos de problemas de ordem prosódica. Desse modo, seguiremos os preceitos incitados por Jary e Kissine (2014) que sugerem análises pautadas nessas duas ferramentas teóricas para os imperativos.

4 PRAGMÁTICA E SEMÂNTICA DO VERBO “PODER”

Nesta seção, procuraremos fazer a devida interpretação das sentenças (1-8) segundo nossos modelos teóricos. Iniciaremos com uma interpretação Pragmática (4.1). Em seguida (4.2), procederemos com os testes sintáticos. Não perdendo de vista, contudo, que às análises semânticas cabe o “significado das sentenças”, atentado para o fato de que “[...] o significado é uma espécie de *relação*, e não uma entidade [...] o significado de uma expressão é a relação que se estabelece entre essa expressão e *algo não-linguístico*” (BORGES NETO, 2003, p. 10). Por outro lado, à Pragmática cabe analisar a relação das sentenças aos seus contextos de uso.

4.1 PRAGMÁTICA DO “PODER”

Ao aplicarmos os preceitos da teoria dos Atos de Fala propostos por Searle (1981), podemos notar que, hipoteticamente contextualizadas as sentenças de (1) a (8), teríamos a seguinte interpretação:

1. “Pode parar” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode parar”, num dado contexto de ordem ou mesmo de pedido polido em que o alocutor julga possível ou factível a execução da ordem dada pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético 1: um falante interpelando o curso linguístico de um alocutor de modo abrupto: ordem. O resultado esperado seria que o alocutor interrompesse sua fala ou ação.

Contexto hipotético 2: um falante sugerindo ao seu interlocutor de modo a aconselhá-lo que pare uma ação que está sendo feita naquele instante: pedido polido ou conselho. O resultado esperado seria que o interlocutor interrompesse sua ação.

2. “Pode fazer a lição agora” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode fazer”, num dado contexto de ordem em que o alocutor julga possível ou factível a execução da ordem dada pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético: um professor irritado com o atraso das tarefas do aluno.

3. “Agora pode fazer a lição” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode fazer”, num dado contexto de ordem ou mesmo de pedido polido em que o alocutor acha possível ou factível a execução da ordem dada pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético: um professor comunicando ou sugerindo a possibilidade da execução de um ato a um aluno.

4. “Pode retirar o cartão” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode retirar”, num dado contexto de pedido polido em que o alocutor acha possível ou factível a execução do pedido realizado pelo proponente da ação a cujo ato se presta.

Contexto hipotético: uma compra de mercado ou em uma loja, em que o comprador opta por pagar com cartão e depois de finalizada a transação financeira, um funcionário faz o pedido para que o cartão seja retirado da máquina.

5. “Pode pegar 1kg de carne moída para mim?” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode pegar”, num dado contexto de pedido polido em que o alocutor só tem como factível a execução do pedido realizado pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético: em um açougue, um cliente faz um pedido para um funcionário.

6. “A gente pode elaborar o texto junto” – Neste caso, há um ato ilocucionário compromissivo que é representado pela locução verbal “pode elaborar” com o pronome “a gente”, num dado contexto de pedido em que o alocutor tem como factível a

execução do pedido realizado pelo proponente da ação cujo ato se presta quando o locutor está também inserido e se compromete a estar na ação.

Contexto hipotético: quando, entre estudantes ou escritores, alguém se propõe a elaborar um texto em coautoria.

7. “Podem abrir os cadernos!” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode abrir”, num dado contexto de ordem em que o alocutor só tem como factível a execução do pedido realizado pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético: um professor perante os seus alunos em um contexto de sala de aula.

8. a) “Coma tudo!” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela conjugação verbal “coma”, num dado contexto de ordem em que o alocutor só tem como factível a execução do pedido realizado pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético: um pai perante o filho durante uma refeição.

c) “Pode comer tudo!” – No ato ilocucionário, a força diretiva é constatada pela locução verbal “pode comer”, num dado contexto de ordem e / ou permissão em que o alocutor e o locutor só têm como factível a execução do pedido realizado pelo proponente da ação cujo ato se presta.

Contexto hipotético 1: um pai perante ao filho durante uma refeição.

Contexto hipotético 2: resposta concedendo a permissão de poder comer alimentos.

Feitos os testes com seus devidos contextos hipotéticos, é importante notar que conjecturas gerariam interpretações pragmáticas absurdas, como o que ocorre, notadamente, com a sentença (4). Ao imaginarmos “Pode retirar o cartão” proferida como **ordem** num contexto semelhante (uma loja ou supermercado), resultaria em um feito, no mínimo, estranho enunciado por um vendedor a seu cliente. Soaria como uma falta de polidez.

Nos casos plurais, o modal pode ainda ser analisado e utilizado como **ordem** (7) e/ou **pedido polido**. É interessante ressaltar que quando o locutor está incluído, não há uma instauração de ato ilocucionário diretivo, mas sim um ato ilocucionário compromissivo (6), pois na sentença imperativa de primeira pessoa do plural, o comprometimento do locutor e dos alocutores perante aos demais é obrigatório.

Embora todos os atos ilocucionários aqui observados tenham como resultados a força diretiva, nem todo ato ilocucionário é, obviamente, resultante dela. Sequer as Imp são todas categoricamente regidas por ela, haja visto os anúncios publicitários (JARY; KISSINE, 2014, p. 63), que embora imperativos, não expressam ordem. Sendo assim, parece que nem mesmo a força diretiva é característica possível para descrever a universalidade dos imperativos.

Cabe ainda observar que “[...] todo ato de fala é sempre uma operação sobre algum conteúdo proposicional [...] [e] uma operação sobre mundos [...]” (ILARI; BASSO, 2008, p. 333-334, grifos nossos). Ou seja, um ato de fala se concretiza sobre conteúdos linguísticos devidamente contextualizados, cuja função é sempre realizada sobre um conteúdo proposicional executado pelo falante e, no caso das Imp, geralmente acatado pelo interlocutor.

Isso acontece porque há sempre duas dimensões da significação: uma dimensão do sentido e uma dimensão da ação. Assim, não é possível que os falantes apenas comuniquem a ação sem a veiculação de um sentido, da mesma forma que a mera veiculação de um sentido é de certo modo uma veiculação de ação.

4.2 SEMÂNTICA DO “PODER”

Segundo o modelo de cálculo lambda (λ), para os imperativos \neg ImpProt, formados com o operador modal *poder*, conseguimos chegar à formalização intensional:

$$[[\text{pode}]]^{\text{Imp}} = \lambda f \in D_{(e,t,w)} [\lambda x [\lambda p [x = \text{destinatário que realiza } p \text{ em } w]]]$$

Ainda nesta linha de raciocínio e baseados em Portner (2004), boa parte dos ImpProt podem ser formalizados da seguinte maneira:

$$[[\text{saia!}]]^{w^c} = \lambda w \lambda x [x = \text{destinatário}(c) . x \text{ sai em } w]$$

A seguir, procederemos integralmente ao teste semântico proposto por Ilari e Basso (2008):

Esquema básico para a interpretação dos enunciados modais:

- (i) *Regra básica*: operador modal (proposição ou *dictum*);
 - (ii) *Regra de interpretação 1*: entende a proposição como a descrição de um estado de coisas, e o operador como uma instrução para uma busca que começa no mundo real, e continua em outros mundos aos quais temos acesso;
 - (iii) *Regra de interpretação 2*: conforme o operador utilizado, a sentença analisada significará que o estado de coisas descrito na proposição é válido em pelo menos um desses mundos, ou em todos eles.”
- (ILARI; BASSO, 2008, p. 327).

1. “Pode parar”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode [poder];

dictum: “pode parar”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança uma ordem do falante ao seu interlocutor³, pedindo de alguma forma que este “pare” toda e qualquer ação ou que “pare” de falar. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

2. “Pode fazer a lição agora”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode fazer X agora”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança uma ordem do falante ao seu interlocutor, pedindo de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

3. “Agora pode fazer a lição”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Agora pode fazer X”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança um pedido polido do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

4. “Pode retirar o cartão”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode retirar X”;

³ Na seção anterior tratamos o sujeito passivo na enunciação de “alocutor”. Nesta seção trataremos este mesmo sujeito de “interlocutor”. Isso se dá devido à variação terminológica das áreas de estudo e dos conceitos elaborados pelos teóricos.

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança um pedido polido do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

5. “Pode pegar 1kg de carne moída para mim?”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode pegar X”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança um pedido polido do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

6. “A gente pode elaborar o texto juntos”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode elaborar X”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança um pedido e um compromisso do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este aceite a participação ou execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

7. “Podem abrir os cadernos!”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode abrir X”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança uma ordem do falante aos seus interlocutores, solicitando de alguma forma que estes executem um ato a eles conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

8. a) “Coma tudo!”

(i) *Regra básica*:

operador modal: coma;

dictum: “comer X”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança uma ordem do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

c) “Pode comer tudo!”

(i) *Regra básica*:

operador modal: pode;

dictum: “Pode comer tudo”;

(ii) *Regra de interpretação 1*: a sentença lança uma ordem do falante ao seu interlocutor, solicitando de alguma forma que este execute um ato a ele conferido. Deôntica;

(iii) *Regra de interpretação 2*: o estado de coisas ordenado no *dictum* é plausível na opinião do falante e, portanto, é passível de ser realizada na maioria dos mundos possíveis pelo receptor da sentença.

Procedidos os testes, é importante notar que a *Regra de interpretação 2* confirmou o que dissemos na seção 3 sobre a atribuição de “valores de verdade” às Imp. Esse fenômeno que se mostrava inconcebível foi possível, nesta seção, devido à descrição do *dictum* das sentenças, ou seja, justamente por meio do seu conteúdo proposicional-informativo.

5 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS TESTES REALIZADOS

Uma das questões prementes neste trabalho é a de saber se as sentenças analisadas são de fato imperativas. Dadas as noções do que seja uma sentença imperativa (seção 1), e dados os testes feitos nas seções 4.1 e 4.2, podemos constatar que as sentenças analisadas são imperativas. Contrariando algumas noções mais tradicionais, no entanto, (1) a (7) e (8c) são \neg ImpProt, ou seja, são construções cujos verbos não estão, a rigor, concordando com a segunda pessoa gramatical (*tu*)⁴. Por outro lado, diferentemente das ImpProt, como se sabe, para a segunda pessoa do discurso no PB contemporâneo, adota-se, na maior parte dos dialetos, o pronome *você* ao invés do *tu*. E mesmo em muitas regiões onde o *tu* é ainda usado como forma de tratamento de segunda pessoa, pesquisas diacrônicas revelam que coexistem as duas formas de imperativo: ImprProt e \neg ImprProt (FAVARO, 2015).

Vale a pena, ainda, darmos especial atenção às sentenças (3) e (4), nas quais o deslocamento do adjunto temporal “agora” implica em diferentes interpretações semânticas e, mesmo, pragmáticas. Dados os contextos hipotéticos na seção 4.1, percebemos que há certa “atenuação” no curso discursivo em (4), o que parece não ocorrer em (3). Como apontamos também, há ainda a possibilidade de que (4) seja a continuação de outra sentença, ou pragmaticamente falando, de uma ação anteriormente executada.

É interessante refletirmos que há, em (6), além do ato ilocucionário diretivo, um ato compromissivo, pois o locutor se compromete a realizar a ação conjuntamente com o alocutor — um parceiro. Isso acontece em todas as construções imperativas de primeira pessoa do plural.

Outra constatação importante é a de que o verbo “poder” apresenta diferentes interpretações. Em (1), (2) e (7) parece significar uma espécie de “força” do falante ante o interlocutor, uma ordem explícita; já em (3), (4) e (6), ao contrário, expressa possibilidade, atenuando-se aí o *dictum* deontico próprio dos imperativos. De maneira um tanto ousada, poderíamos dizer que o item lexical “poder”, reinterpreta-se por diferentes manifestações de sentido, aproximando-o das formas coetâneas (mas não necessariamente traduzíveis) das expressões inglesas *should*, *would* e *could*, que podem significar, respectivamente, probabilidade, possibilidade e atenuação de ordem ou pedido, grosso modo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o procedimento dos testes, somando-se às discussões preliminares, constata-se que (i) as Imp exigem muito mais do que interpretações morfossintáticas para sua descrição; (ii) o verbo operador modal deontico “poder” é altamente polissêmico, não apenas no uso das Imp, mas em outras situações; (iii) a possibilidade de \neg ImpPro no PB é notável. Estaríamos, possivelmente, passando por uma mudança em curso para este paradigma, em que temos formas concorrentes, ao menos no que tange à morfologia verbal dedicada aos imperativos.

Obviamente, mesmo sendo apenas uma proposta, nosso modelo apresenta problemas. Seria desejável que uma análise pudesse dar conta da descrição de um fenômeno linguístico como é o caso dos imperativos. No entanto, as sentenças aqui analisadas poderiam render mais interpretações, visto que, embora tenhamos utilizado o mesmo verbo, as interpretações possíveis foram muitas. Achamos válida a sugestão de se analisar Imp sobre o viés semântico-pragmático, ao menos numa vertente formal, sobretudo porque é um trabalho que, ao que parece, ainda não foi feito para a língua portuguesa.

⁴ Referimo-nos aqui à pessoa do discurso, no mesmo sentido que é usada na Gramática Normativa.

Esperamos ter levantado lacunas pertinentes e contribuído para as discussões semânticas e pragmáticas a respeito dos Imp em PB.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*, Oxford: Oxford University Press, 1962.

AUWERTA, J. van der et al. The morphological imperative. In: DRYER, M. S; HASPELMATH, M. (Ed.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/70>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BASSO, R. M.; OLIVEIRA, R. P. de. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. A Semântica, a pragmática e os seus mistérios. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 8, p. 1-30, mar. 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_8_a_semantica_a_pragmatica_e_os_seus_misterios.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

BORGES NETO, José. Semântica de Modelos. In: MÜLLER, Ana; NEGRÃO Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-44.

BRUNELLI, A. F.; BASTOS, S. D. G. O Comportamento do verbo modal “poder” no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 60-70, jan.-abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1376/0>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CONDORAVDI, C.; LAUER, S. Imperatives: meaning and illocutionary force. In: PIÑÓN, C. (Org.). *Empirical Issues in Syntax and Semantics*. Stanford University, 2012.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA (DPLP). 2008. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> Acesso em: 16 jan. 2019.

FAVARO, G. Análise das formas verbais imperativas no português arcaico. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 245-254, jan./-abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/886>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ILARI, R.; BASSO, R. M. “O Verbo”. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil II – classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

JARY, M.; KISSINE, M. *Imperatives*. Cambridge University Press: 2014.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [1981].

NEVES, M. H. de M. Modalidade. In: KOCH, I. V. *Gramática do português falado*. v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

PORTNER, P. The Semantics of Imperatives within a Theory of Clause Types. In: YOUNG, R. (Ed). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) XIV*. p. 235-252, Ithaca, NY: Cornell University, 2004. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/SALT/article/download/2907/2647>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RESENDE, M. S. A sintaxe dos verbos modais. Um panorama de abordagens. *Letras & Ideias*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 86-100, 2016. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/letraseideias/article/download/26457/15320. Acesso em: 15 jan. 2019

SCHERRE, M. M. P. Reflexões sobre o imperativo em Português. *Delta*, São Paulo, v. 23, n. spe, p. 193-241, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30511>. Acesso em: 15 de jan. 2019.

SEARLE, J. R. *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina, 1981 [1975].

SILVA, E. A. da. 2012. 301 f. *O comportamento do verbo “poder” no Português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Centro de Artes e Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

THE WORLD ATLAS OF LANGUAGE STRUCTURES (WALS). 2008. Disponível em: <https://wals.info/>. Acesso em: 16 jan. 2019.



Recebido em 26/10/2017. Aceito em 13/03/2018.

“PODE PARÁ” – MODAL VERB ON BRAZILLIAN PORTUGUESE’S IMPERATIVE PHRASES: A SEMANTIC-PRAGMATIC ANALYSIS

“PODE PARÁ” – VERBO MODAL NAS SENTENÇAS IMPERATIVAS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

"PODE PARÁ" - VERBO MODAL EN LAS SENTENCIAS IMPERATIVAS DEL PORTUGUÉS
BRASILEÑO: UN ANÁLISIS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

Dirceu Cleber Conde*

Ednei de Souza Leal**

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes***

Universidade Federal de São Carlos

ABSTRACT: In this paper, we suggest a semantic-pragmatic interpretation for Imperative Sentences (Imp) in Brazilian Portuguese (BP) using the modal verb "poder" (can), differently from other interpretations verified in the specialized literature, which are: syntactic interpretations of Imp, or a functionalist-based semantics. Therefore, we will try to suggest interpretations of the Imps, taking as theoretical foundation the Pragmatic theories of Acts of Speech, and a simplified model of Formal Semantics. The reason and stimulus for such aim come from the readings of Jary & Kissine (2014), a work that precisely seeks semantic and pragmatic interpretations for Imps. Thus, from the various theoretical proposals presented by those authors, we assume as methodology the verifunctional Denotational Semantics and the Acts of Speech to show the possibility of Imp interpretations in BP.

KEYWORDS: Imperatives. Modals. Verb "poder". Semantics. Pragmatic.

RESUMO: Neste trabalho, procuraremos sugerir uma interpretação semântico-pragmática para as Sentenças Imperativas (Imp) no Português Brasileiro (PB) que se utilizam do verbo modal/operador modal “pode/poder”, ao contrário de outras interpretações que se constata na literatura especializada, as quais sejam: interpretações sintáticas das Imp ou de uma semântica de base funcionalista. Aqui, ao contrário, procuraremos sugerir interpretações das Imp, tendo como fundamentação teórica as teorias Pragmáticas de Atos de Fala e um modelo bastante simplificado de Semântica Formal. A razão e o estímulo para tal trabalho surgem da leitura de Jary e Kissine (2014), obra que justamente procura interpretações semânticas e pragmáticas para as Imp. Assim, das diversas

* PhD Professor of Department of Languages in Federal University of São Carlos (UFSCar). E-mail: <cleberconde2@gmail.com>.

** PhD Student in UFSCar. Master in Languages - Federal University of Paraná. E-mail: <edsleal79@gmail.com>.

*** PhD Student in UFSCar. Master in Linguistics - UFSCar. E-mail: <rograntunes@gmail.com>

propostas teóricas apresentadas por aqueles autores, tomamos como pressuposto justamente a Semântica denotacional verifuncional e a Pragmática de Atos de Fala para procurar mostrar uma possibilidade de interpretação das Imp em PB.

PALAVRAS-CHAVE: Imperativos. Modais. Verbo “poder”. Semântica. Pragmática.

RESUMEN: En este trabajo, propusimos una interpretación semántico-pragmática para sentencias imperativas (Imp.) en portugués brasileño (PB) utilizando el verbo modal "poder", de forma diferente a otras interpretaciones verificadas en la literatura especializada, que son: interpretaciones sintácticas de las Imp. o una semántica funcionalista. Además, trataremos de sugerir interpretaciones de las Imp., teniendo como fundamentación teórica las teorías Pragmáticas de Actos de Habla y un modelo bastante simplificado de Semántica Formal. La razón y el estímulo para tal fin provienen de las lecturas de Jary y Kissine (2014), un trabajo que busca precisamente interpretaciones semánticas y pragmáticas para Imp. Por lo tanto, a partir de las diversas propuestas teóricas presentadas por esos autores, asumimos como metodología la Semántica denotacional-verifuncional y los Actos del Habla para mostrar la posibilidad de interpretaciones de las Imp. en PB.

PALABRAS CLAVE: Imperativos. Modales. Verbo “poder”. Semántica. Pragmática.

1 INTRODUCTION

In the grammatical and even linguistic tradition, imperative sentences (Imp) are generally treated as a purely morphological or syntactic phenomenon. Imps are described as specialized verbal markings, specific syntactic constructs or, at most, prosodic accomplishments. It is known that the construction of imperative structures in Brazilian Portuguese (BP) differs from European Portuguese (EP) in several levels and linguistic forms (Scherre et al., 2007). However, at work, we try to make some tests and even comparisons between several sentences, prototypically imperative or not, to prove that the nature of impressions is not only a summary of morphosyntactic and geographic characteristics. Therefore, the morphosyntactic knowledge is not sufficient to satisfactorily describe the Imps.

According to electronic database of the World Atlas of Language Structures (WALS)¹, about 80% of the world languages described so far perform morphologically the imperative, i.e., they have one or more specific morphemes to perform sentences in the imperative mode. This seems to be the case of the Portuguese language, at least moderately. In addition to the prototypical Imperative sentences (we will call them ImpProt), the Imp can also manifest, for example, in the indicative mode, with a modal verb: "You can go now" (JARY; KISSINE, 2014, p.15). We will call these non-prototypical Imperative Sentences (-ImpProt). On the other hand, Sadock e Zwick (1985 apud JARY; KISSINE, 2014) find, through an atlas of more than 400 languages, that there are no records of languages lacking Imp, which leads us to believe that imperatives can present themselves in the most different ways, and not only by morphological markings, as taught by the normative grammars of the Portuguese language.

When we observe other languages around the world – again, with the help of the WALS -, we notice there are languages that do not even have morphologic particles to mark Imp, as in tonal languages, or even English. In such cases, and even in some cases of Portuguese (just the -ImpProt), other notions, apart from the morphosyntactic ones, would be very useful to describe imperative phenomenon. It is precisely what we will try to do here:

A direct statement of an imperative (I) expresses a certain content related to the future actions of the recipient; (II) conveys that the speaker wants the content to become a reality; and (III) acts as an incentive for the recipient to execute the content of the mandatory sentence (CONDORAVDI; LAUER, 2012, p.22).

It is worthwhile recalling that the Imp has no pronounced subject, with no position of phonetic realization, being in the position that is not fulfilled. However, there is a listener in any world (w @) presupposed actancial in at least one world, then in "pode tirar o cartão", it is possible to have the pronunciation of the pronoun in a position before the verb - "você pode tirar o cartão". In these

¹ <<http://wals.info/>>

cases, a pronounced subject is not necessarily there, but there is a semantic and pragmatic subject, at least from a perspective of intentional models. Even in languages such as English, where this phrase seems to be mandatory in declarative sentences, the Imp does not require it. What exist are people who passively participate in verbal action, and may or may not be represented by some kind of linguistic markup. In this way, we perceive that the imperative phenomenon is, in fact, a disambiguous phenomenon through the bias of the semantic-pragmatic analysis.

Among many examples of Imp in BP, we chose the ones that are headed by the modal operator "poder"². The reasons include several factors. One of them is because, even though there is a great description of the verb called "modal", or even "modal assistant", its description used in Imp was not carried out in the same way that we propose herein, i.e., a semantic-pragmatic description. In addition, the verb "poder" in Portuguese is semantically rich in its uses and corresponding meanings. Polysemous by nature, its various functions have not yet been properly described - precisely the case of Imp.

Among the imperative constructions with the verb "poder", it is possible to frequently observe the following occurrences:

1. *Pode parar de p.*
You can stop p.
*Can stop of p³.
2. *Pode fazer a lição agora.*
You can do the lesson now.
*Can to do the lesson now.
3. *Agora pode fazer a lição.*
Now you can do the lesson.
*Now can to do the lesson.
4. *Pode retirar o cartão.*
You can withdraw your card.
Take the card, please.
Could remove your card.
*Can withdraw the card.
5. *Pode pegar 1kg de carne moída para mim?*
Can you get 1kg of ground beef for me?
*Can to take 1kg of ground beef for me?
6. *A gente pode elaborar o texto juntos.*
We can write the text together.
*We can elaborate the text together.
7. *Podem abrir os cadernos!*
You can open the notebooks!
*Can to open the notebooks.

² In English, it could be translated as *can* or *may*.

³ As, obviously, there are no perfect correspondences, we tried to translate the sentences word by word, so that the reader can understand how difficult it is dealing with the verb "poder" in Portuguese - which, in English, has several meanings: "can", "could", "would", "should", etc. We left out example 8 because we think it is not necessary, since there are alternative translations. Still, we indicate any cases of ungrammaticality with an asterisk.

8. a) *Coma tudo!*
 (you) Eat all!
 b)* *Pode coma tudo.*
 * Should eat (imperative declination of Portuguese on 2nd person pronoun) all.
- c) *Pode comer tudo!*
 (you) can eat all.

At first sight, it is possible to intuitively see that the same lexical item “pode” does not mean the same in every sentence. At least it does not seem to perform the same Act of Speech. Another justification for choosing such sentences with the verb “poder” is the abundance of occurrences in BP - as we can see in Resende (2006) and Silva (2012).

In (1), there is noticeably an “order”, typical of Imp, except for its structure: ¬ImpProt. In sentences (2) and (3), there is an adverb displacement, which should generate different interpretations. In sentence (5), there is a very common request in contexts of purchase, and in (6) and (7), attempts to test the imperative with “poder” in the plural form.

Sentence (4), in particular, is interesting for at least two reasons: first, because it is a ¬ImpProt, i.e., formed by a verb in the indicative mode along with a “main” verb in its infinitive form. Second, it is pronounced in very specific usage situations, as in trades, whose politeness situation is required. In this sense, the “order” characteristic of the Imp would be somewhat attenuated in the form of a request or permission (depending on the context). Something similar happens to the other sentences given here as examples.

Regarding examples (8a-c), we observe that it is not possible to accumulate the verbal morphological imperative along with the modal verb “poder”. This is shown by its ungrammaticality in (8b).

This work is structured as follows: in the first two sections we explain the nature of the imperatives and the modal verb operator “poder”. In section 3, we present our theoretical assumptions. In section 4, we proceed to the pragmatic and semantic tests of sentences proposed herein, and constructed with the verb “poder” in infinitive sentences. In section 5, we comment on the test results. Finally, in the last section, we give a general overview of the results obtained with this work.

2 DEONTIC MODAL VERB

When we look up in any Portuguese dictionary, we can see that the entry “poder” is highly polysemous. In other words, several directions are attributed to its meaning: to have the faculty of; occasion or possibility of; to be subject to; to have physical or moral ability or strength; to have authority to; to have permission or permission to; to have reason, the right or reason to.⁴ It seems that the last three cases are more important to our purposes here.

According to the specialized literature, the verb “poder”, whose constructs are part of our object of analysis (examples 1-8), is a modal verb and has as its discursive function the so-called deontic effect. We will delineate such notions below.

As stated by Neves (2002), the *modo* in Portuguese can be manifested in sentences that make statements about things in the world - *modo indicativo* -; or in sentences expressing doubtful or uncertain statements - *modo subjuntivo* -; or in those sentences that express order or orders - *modo imperativo*. The types of information conveyed in these sentences in a discursive plan (dictum), can be expressed as follows: (i) althetic modalities: related to the true value of the state of things; (ii) deontic modalities: related to the axis of

⁴ Translated from Portuguese “ter a faculdade de; ter ocasião ou possibilidade de; estar sujeito a; ter capacidade ou força física ou moral; ter autoridade para; ter autorização ou permissão para; ter razão, direito ou motivo para;”. We extracted these definitions from the Priberam electronic dictionary <<https://www.priberam.pt/dlpo/poder>>. However, in other dictionaries, the definitions are not very different.

conduct, which shelters prohibition, permission, and obligation; (iii) epistemic modalities: they refer to our knowledge or belief in the state of things.

According to this classification, therefore, the verb “poder”, in the examples used, would be classified as of being from the deontic modality. That is, the one whose main characteristics would be to impose order, warning or advice: “The deontic modality is related to the values of permission, obligation and volition; it is, on the one hand, conditioned by specific lexical traits linked to the speaker ([+ control]) and, on the other, it implies that the enunciatee accepts the true value of the statement, to execute it. (NEVES, 2002, p.180).”⁵

Also, according to Neves (2002), it is worth remembering that the *modo* is not manifested exclusively in verbs, but also in other categories, such as adverbs and adjectives; it can also manifest itself throughout the sentence or even at a discursive level. Such classification of the modal verb is not definitive. Bridges (1973 apud Brunelli & Bastos, 2011) even suggests that modals are not auxiliary verbs, as they are traditionally classified.

Given these clarifications, we briefly present our theoretical basis.

3 THEORETICAL ASSUMPTIONS

The theoretical basis for this paper is basically constituted by the assumptions of Jary & Kissine (2014). As in the authors' work the number of theoretical suggestions is quite wide, we chose to make our interpretation of Imp with the modal verb “poder” at the semantic and pragmatic levels.

For semantics, we adopt some referential or compositional notions, the notion of “true value” to attest the veracity of sentences in possible worlds. According to this notion, we should obey the principle of compositionality, which says that the meaning of a sentence is derived from the meaning of the lexical items that compose it, and the specific way that these items are grouped in sentences. Thus, the basic rule of a compositional semantic theory can be given by: (i) lexicon: list with the meanings of each word; and (ii) compositional rules: how to get meaning from constituents by the meaning of their immediate constituents. In this way, true values would be obtained in possible worlds, such as: being a sentence *S* any true, if and only if the content expressed in *p* is also true, being *p* what describes certain aspects in the world (BORGES NETO, 2003). Therefore, $[[S]] = 1$, iff *p*, whose 1 is the truth value, and 0 is the false value of a sentence (CHIERCHIA, 2008). In this sense, we adopt some rather simplified tests, which even dismiss such formalizations, as proposed by Ilari & Basso (2008), below.

It is also worth remembering that the notion of “true value” seems to be out of place in sentences such as imperatives, since they express order or request and, therefore, would not need the criteria of such notions. It is not the opinion, however, of Chierchia (2008), for whom the Imp's values of truth would be due to whether they were feasible or not, capable of being executed or not. In addition, “the use of the verb's different *modos* is precisely one of the many ways of alerting our interlocutors to the fact that in our statements we are taking into consideration worlds other than the real one”⁶ (ILARI; BASSO, 2008, p.315). This discussion arises due to the apparatus of the semantic tool that we propose to use. It is necessary to pass through this filter, since the imperative can point out to other possible worlds. In this way, this work is part of an intentional model of analysis.

For Pragmatics, we adopt some notions of the Acts of Speech, initially proposed by Austin (1962), and developed by Searle (1981 [1975]). For this theoretical model, language is not only developed to communicate, but when we pronounce any sentences, we are

⁵ Translated from Portuguese: “A modalização deontica está relacionada aos valores de permissão, obrigação e volição; está, de um lado, condicionada por traços lexicais específicos ligados ao enunciador ([+ controle]) e, de outro, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo.”

⁶ Translated from Portuguese: “o uso dos diferentes modos do verbo é precisamente uma das tantas maneiras de alertar nossos interlocutores para o fato de que, em nossas afirmações, estamos levando em consideração outros mundos além do real”.

also performing actions, including declarative sentences. This is what happens to the so-called Illocutionary Acts, such as orders, obviously given in specific contexts, as for example the arrest warrants issued by police officers. In analogous situations, it is “[...] the act of making a statement, offer, promise, etc. in enunciating a sentence, by virtue of the conventional force associated with it” (LEVINSON, 2007, p.300). The notion that most interests us in the Acts of Speech is, in the words of Searle (1981), that “speaking a language is to perform acts of speech, acts like making affirmations, giving orders, asking questions, making promises, etc. [...]” (SEARLE, 1981, p.26).

According to Searle (1976 apud LEVINSON, 2008, p.305), there are some basic types of action that someone can perform in speech. The directive enunciation is associated with the speaker while causing the recipient to do something when is being asked to. The commitment enunciation refers to the commitment of the speaker with the course of a future action. With this, the pretension we have is that the Acts of Speech theory, especially what is related to the illocutionary acts, helps us punctuate a place of Imp in everyday discourse, in its use.

However, for Borges Neto (2003), a type of referential semantics would be opposite to the notions proposed by the Acts of Speech theory, precisely because semantics is concerned with the interpretation of sentences without dealing with their contexts, as done in pragmatics.

Pragmatics, as well as semantics, focuses on the study of the meanings of sentences, in other words, focuses on the search for the linguistic expression of an operation for a mental representation of reality, but adds contextual reservations, derived from semantic layers of analysis. Basso and Oliveira (2007, 2014) explore the convergence between these two research areas, which often have the same variables. According to them, the propositions understood by semantics have their interpretation in isolation, without the situational variables that are added in the course of the study of pragmatics.

According to Basso and Oliveira (2007, p.18-19), the semantic study, although dependent on judgment in context (because the characterization of the proposition is only possible from it), is given in its independence, since its object of study is a proposition characterized not only by bearing information about the conditions of truth, but also about the conditions of admissibility (on the context in which it is successful). In the same sense, Chierchia (2008, p.223) states that “imperatives in particular can be analyzed in terms of the truth conditions of propositions that describe the proper execution of the order they express.”

It is noteworthy that prosody plays an important role when it comes to the appropriate pragmatic particles of imperatives. However, given the limits of this work and its theoretical clipping that focuses on semantic and pragmatic theories, we will not deal with prosodic problems. In this way, we will follow the precepts prompted by Jary & Kissine (2014), that suggest analysis based on these two theoretical tools for the imperatives.

4 PRAGMATICS AND SEMANTICS OF “PODER”

In this section, we will try to make the proper interpretation of sentences (1-8) according to our theoretical models. We will start with a Pragmatic interpretation (4.1). Then (4.2), we will proceed to the syntactic tests. Notwithstanding, however, that semantic analysis is the “meaning of sentences”, taking into account the fact that “[...] meaning is a kind of relationship, not an entity [...] the meaning of an expression is the relation that is established between an expression and something non-linguistic” (BORGES NETO, 2003, p.10). On the other hand, to Pragmatics, it is necessary to analyze the relation of the sentences with their contexts of use.

4.1 PRAGMATICS OF “PODER”

When we apply the Acts of Speech theory’s precepts as proposed by Searle (1981), we notice that, hypothetically contextualized sentences from (1) to (8), we have the following interpretation:

1. “*Pode parar*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode parar” in a given utterance of order or even a polite request, in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

1st hypothetical context: a speaker interpellates the language course of a speaker abruptly: order. The expected result would be for the speaker to interrupt his\her speech or action.

2nd hypothetical context: a speaker suggests his\her interlocutor to stop an action being taken at that moment: polite request or advice. The expected result would be for the interlocutor to stop.

2. “*Pode fazer a lição agora*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode fazer” in a given utterance of order or even a polite request in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

Hypothetical Context: a teacher annoyed by the delay of the student's tasks.

3. “*Agora pode fazer a lição*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode fazer” in a given utterance of order or even a polite request in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

Hypothetical context: a teacher communicates or suggests the possibility of the execution of an act by a student.

4. “*Pode retirar o cartão*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode retirar” in a given context of a polite request in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

Hypothetical context: a purchase in which the buyer chooses to pay with credit card, and after the financial transaction is completed, an employee requests that the card is removed from the machine.

5. “*Pode pegar 1kg de carne moída para mim?*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode pegar”, in a given polite request context in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

Hypothetical context: at a butcher shop, a customer places an order for an employee.⁷

6. “*A gente pode elaborar o texto junto*” – In this case, there is a commissive illocutionary act represented by the verbal phrase “pode elaborar” with the pronoun “a gente”, in a given request context in which the alocutor has as feasible the execution of the request made by the proposer of the action when the speaker is also inserted and agrees to be in action.

Hypothetical context: when, among students or writers, someone proposes to write a co-authored text.

7. “*Podem abrir os cadernos!*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode abrir” in a given utterance of order in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

Hypothetical context: a teacher in front of the students in a classroom context.

8. a) “*Coma tudo!*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal conjugation “coma”, in a given utterance of order in which to the alocutor only has as feasible the execution of the request made by the proponent of the action whose act is rendered.

Hypothetical context: a father in front of his son during a meal.

⁷ This sentence is valid in Brazilian Portuguese.

b) “*Pode comer tudo!*” – In the illocutionary act, the directive speech is verified by the verbal phrase “pode comer” in a given utterance of order or even a permission in which to the alocutor the execution of the order given by the proposer of the action whose act is rendered seems possible or feasible.

1st hypothetical context: a father in front of his son during a meal.

2nd hypothetical context: an answer granting permission to eat some food.

Once the tests with their hypothetical contexts have been made, it is important to note that conjectures would generate absurd pragmatic interpretations - as occurs, in particular, in sentence (4). By imagining “You can withdraw the card” issued as an order in a similar context (a store or supermarket), it would result in a weird speech, at the very least, done by a salesperson to a customer. It would sound like lack of politeness.

In plural cases, the modal can still be analyzed and used as an order (7) and / or polished request. It is interesting to notice that, when the speaker is included, there is no introduction of a directive illocutionary act, but rather a committed illocutionary act (6), because in the imperative sentence of the first plural person, the commitment of the speaker and the speakers to the others is required.

Although all the illocutionary acts observed here result in a directing force, not every illocutionary act is obviously the result of it. Not even the Imps are all categorically ruled by it, having seen the commercials (JARY; KISSINE, 2014, p.63), which, although imperative, do not express order. Thus, it seems that even directive force is not a possible trait to describe the universality of imperatives.

It should also be noted that “[...] every act of speech is always an operation on some propositional content [...] [and] an operation on worlds [...]” (ILARI; BASSO, 2008, p.333-334)”. That is, an act of speech is concretized on properly contextualized linguistic contents, whose function is always performed on a propositional content by the speaker and, in the case of the Imp, generally accepted by the interlocutor.

This is because there are always two dimensions of significance: a dimension of meaning, and a dimension of action. Thus, it is not possible for the speakers to communicate only the action without the conveyance of a meaning, in the same way that the mere conveyance of a meaning is, in a way, a conveyance of action.

4.2 SEMANTICS OF “PODER”

According to the lambda (λ) calculation model, for the imperatives \neg ImpProt, formed with the modal operator “poder”, it is possible to reach the follow intentional formalization:

$$\begin{aligned} [[\textit{pode}]]^{\text{Imp}} &= \lambda f \in D_{(e,t,w)} [\lambda x [\lambda p [x = \textit{destinatário que realiza p em w}]]] \\ [[\textit{may/should/can}]]^{\text{Imp}} &= \lambda f \in D_{(e,t,w)} [\lambda x [\lambda p [x = \textit{recipient that accomplishes p in w}]]] \end{aligned}$$

Yet, in this line of reasoning, and based on Portner (2004), many of the ImpProt can be formalized in the following way:

$$\begin{aligned} [[\textit{saia!}]]^{w^c} &= \lambda w \lambda x [x = \textit{destinatário} (c) . x \textit{ sai em w}] \\ [[\textit{get out!}]]^{w^c} &= \lambda w \lambda x [x = \textit{recipient} (c) . x \textit{ leaves in w}] \end{aligned}$$

Next, we will proceed to the semantic test proposed by Ilari and Basso (2008):

- Basic scheme for the interpretation of modal statements:
(i) Basic rule: modal operator (proposition or dictum);

(ii) 1st interpretation rule: to understand the proposition as the description of the state of things, and the operator as an instruction for a search that begins in the real world, and continues in other worlds to which we have access;

(iii) 2nd interpretation rule: according to the operator used, the sentence analyzed will mean that the state of things described in the proposition is valid in at least one of these worlds, or in all of them.

(ILARI & BASSO, 2008, p.327).⁸

1. “Pode parar”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode [poder]; *dictum*: “pode parar”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order from the speaker to its interlocutor, ordering in some way to “stop” any action or “stop” speaking. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

2. “Pode fazer a lição agora”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode; *dictum*: “Pode fazer X agora”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

3. “Agora pode fazer a lição”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode; *dictum*: “Agora pode fazer X”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order of the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

4. “Pode retirar o cartão”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode; *dictum*: “Pode retirar X”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches a polished request from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

5. “Pode pegar 1kg de carne moída para mim?”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode; *dictum*: “Pode pegar X”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches a polished request from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

6. “A gente pode elaborar o texto juntos”

(i) *Basic rule*: modal operator: pode; *dictum*: “Pode elaborar X”;

⁸ Translated from Portuguese: “Esquema básico para a interpretação dos enunciados modais:

(i) Regra básica: operador modal (proposição ou dictum);

(ii) Regra de interpretação 1: entende a proposição como a descrição de um estado de coisas, e o operador como uma instrução para uma busca que começa no mundo real, e continua em outros mundos aos quais temos acesso;

(iii) Regra de interpretação 2: conforme o operador utilizado, a sentença analisada significará que o estado de coisas descrito na proposição é válido em pelo menos um desses mundos, ou em todos eles.”

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches a commissive request from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

7. “*Podem abrir os cadernos!*”

(i) *Basic rule*: modal operator: *pode*; *dictum*: “*Pode abrir X*”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order from the speaker to its interlocutors, requesting in some way that these ones execute the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

8. a) “*Coma tudo!*”

(i) *Basic rule*: modal operator: *coma*; *dictum*: “*comer X*”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

c) “*Pode comer tudo!*”

(i) *Basic rule*: modal operator: *pode*; *dictum*: “*Pode comer tudo*”;

(ii) *1st interpretation rule*: the sentence launches an order from the speaker to its interlocutor, requesting in some way that this one executes the requested act. Deontic;

(iii) *2nd interpretation rule*: the state of things ordered in the dictum is plausible in the opinion of the speaker and, thus, likely to be performed in most possible worlds by the receiver of the sentence.

Once the tests were completed, it is important to note that Interpretation Rule 2 confirmed what we said in section 3 about the assignment of “true values” to Imp. This inconceivable phenomenon was possible, in this section, due to the description of the sentences’ dictum, that is, precisely through its propositional-informative content.

5 SOME NOTES ABOUT THE TESTS PERFORMED

One of the central questions in this work is whether the sentences analyzed are, indeed, imperative. Given the notions of an imperative sentence (section 1), and given the tests made in sections 4.1 and 4.2, we can see that the sentences analyzed are imperative. Contrary to some traditional notions, however, (1) to (7), and (8c) are \neg ImpProt, that is, they are constructs whose verbs are not, strictly speaking, concordant to the second grammatical person, *tu*. On the other hand, unlike ImpProt, as we know, for the second person in contemporary BP, most of the dialects use *você* instead of *tu*. And even in many regions where *tu* is still used as a form of second-person treatment, diachronic research reveals that the two imperative forms coexist: ImprProt and \neg ImprProt (FAVARO, 2015).

It is worthwhile to pay special attention to sentences (3) and (4), in which the displacement of the temporal adjunct “now” implies different semantic and even pragmatic interpretations. Given the hypothetical contexts in section 4.1, we notice that there is an “attenuation” in the discursive course in (4), which does not seem to occur in (3). As we also pointed out, there is still the possibility that (4) is the continuation of another sentence or, pragmatically, of an action previously performed.

It is interesting to reflect that there is, in (6), besides the directive illocutionary act, a compromising act, since the speaker undertakes to carry out the action along with the alocutor - a partner. This happens in all imperative first-person plural constructions.

Another important finding is that the verb "poder" presents different interpretations. In (1), (2) and (7), it seems to mean a kind of "force" of the speaker facing the interlocutor, an explicit order; in (3), (4) and (6), on the contrary, it expresses possibility, attenuating the deontic dictum proper of the imperatives. Thus, we could say that the lexical item "poder" is reinterpreted by different manifestations of meaning, bringing it closer to the coetaneous (but not necessarily translatable) forms of the English expressions "should", "could" and "would", which may mean, respectively, advice, possibility and attenuation of order or asking.

6 FINAL CONSIDERATIONS

Given the procedure of the tests, adding to the preliminary discussions, it is verified that (i) the Imp requires much more than morphosyntactic interpretations for its description; (ii) the verb deontic modal operator "poder" is highly polysemic, not only in the use of Imp, but in other situations; (iii) the possibility of \neg ImpPro in BP is remarkable. We would possibly be undergoing an on-going change to this paradigm, in which we have competing forms, at least with regards to verbal morphology devoted to imperatives.

Obviously, even though it is only a proposal, our model presents problems. It would be desirable for an analysis to account the description of a linguistic phenomenon, as is the case with imperatives. However, the sentences analyzed here could yield more interpretations, since, even though we used the same verb, the possible interpretations were many. We find valid the suggestion to analyze Imp on the semantic-pragmatic bias, at least in a formal way, especially since it is a work that, apparently, has not yet been done for the Portuguese language.

We hope to have raised pertinent gaps and contributed to the semantic and pragmatic discussions about Imp in BP.

REFERENCES

AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*, Oxford: Oxford University Press, 1962.

AUWERTA, J. van der et al. The morphological imperative. In: DRYER, M. S; HASPELMATH, M. (Ed.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/70>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BASSO, R. M.; OLIVEIRA, R. P. de. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. A Semântica, a pragmática e os seus mistérios. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 8, p. 1-30, mar. 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_8_a_semantica_a_pragmatica_e_os_seus_misterios.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

BORGES NETO, José. Semântica de Modelos. In: MÜLLER, Ana; NEGRÃO Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-44.

BRUNELLI, A. F.; BASTOS, S. D. G. O Comportamento do verbo modal "poder" no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 60-70, jan.-abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1376/0>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CONDORAVDI, C.; LAUER, S. Imperatives: meaning and illocutionary force. In: PIÑÓN, C. (Org.). *Empirical Issues in Syntax and Semantics*. Stanford University, 2012.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA (DPLP). 2008. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 16 jan. 2019.

FAVARO, G. Análise das formas verbais imperativas no português arcaico. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 245-254, jan./-abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/886>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ILARI, R.; BASSO, R. M.. “O Verbo”. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil II – classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

JARY, M.; KISSINE, M. *Imperatives*. Cambridge University Press: 2014.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [1981].

NEVES, M. H. de M. Modalidade. In: KOCH, I. V. *Gramática do português falado*. v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

PORTNER, P. The Semantics of Imperatives within a Theory of Clause Types. In: YOUNG, R. (Ed). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) XIV*. p. 235-252, Ithaca, NY: Cornell University, 2004. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/SALT/article/download/2907/2647>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RESENDE, M. S. A sintaxe dos verbos modais. Um panorama de abordagens. *Letras & Ideias*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 86-100, 2016. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/letraseideias/article/download/26457/15320. Acesso em: 15 jan.2019

SCHERRE, M. M. P. Reflexões sobre o imperativo em Português. *Delta*, São Paulo, v. 23, n. spe, p. 193-241, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30511>. Acesso em: 15 de jan. 2019.

SEARLE, J. R. *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina, 1981 [1975].

SILVA, E. A. da. 2012. 301 f. *O comportamento do verbo “poder” no Português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Centro de Artes e Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

THE WORLD ATLAS OF LANGUAGE STRUCTURES (WALS). 2008. Disponível em: <https://wals.info/>. Acesso em: 16 jan. 2019.



Received in October 26, 2017. Approved in March 13, 2018.

A PASSIVA POSSESSIVA EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM LEXICALISTA COM UMA IMPLEMENTAÇÃO COMPUTACIONAL

LA PASIVA POSESIVA EN PORTUGUÉS: UN ENFOQUE LEXICALISTA CON UNA
IMPLEMENTACIÓN COMPUTACIONAL

THE POSSESSIVE PASSIVE IN PORTUGUESE: A LEXICALIST APPROACH WITH A
COMPUTATIONAL IMPLEMENTATION

Leonel Figueiredo de Alencar
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: A passiva possessiva constitui um dos fenômenos gramaticais mais discutidos das línguas do leste asiático. Em português, embora comum, foi discutida, segundo parece, unicamente por Lunguinho (2011, 2013, 2016), numa abordagem transformacional, utilizando exemplos construídos. No presente artigo, contrapomo-nos a essa abordagem tanto no plano teórico quanto no metodológico. Por um lado, propomos uma análise puramente lexicalista no quadro dos modelos não transformacionais LFG e LDG. Por outro, recorreremos a evidências extraídas de textos autênticos. Essa dupla estratégia permite explicar dados que não se encaixam na proposta de Lunguinho. Argumentamos que as propriedades distintivas dessa passiva resultam de uma regra lexical que estende a estrutura argumental de *ter* pela incorporação de uma variável de predicado à sua forma semântica. Essa variável é vinculada a um argumento predicativo, tornando *ter* um verbo de controle do objeto do tipo *equi*.

PALAVRAS-CHAVE: Passiva possessiva. Passiva não canônica. Gramática Léxico-Funcional (LFG). Decomposição de predicados. Linguística computacional.

RESUMEN: La pasiva posesiva es uno de los fenómenos gramaticales más discutidos en los idiomas de Asia oriental. En portugués, aunque es común, fue discutido, aparentemente, solo por Lunguinho (2011, 2013, 2016), en un enfoque transformacional utilizando ejemplos contruïdos. En este artículo, nos oponemos a este enfoque tanto teórica como metodológicamente. Por un lado, proponemos un análisis puramente lexicalista basado en los modelos no transformacionales LFG y LDG. Por otro lado, recurrimos a evidencias extraïdas de textos auténticos. Esta doble estrategia nos permite explicar datos que no se ajustan a la propuesta de Lunguinho. Argumentamos que las propiedades distintivas de esta variedad pasiva resultan de una regla léxica que extiende la estructura de argumento del verbo *ter* 'tener' al incorporar una variable predicativa a su forma semántica. Esta variable está vinculada a un argumento predicativo, convirtiendo *ter* en un verbo *equi* de control de objeto.

PALABRAS CLAVE: Pasiva posesiva. Pasiva no canônica. Gramática Léxico-Funcional (LFG). Descomposición de predicados. Linguística computacional.

ABSTRACT: The possessive passive is one of the most discussed grammatical phenomena of East Asian languages. In Portuguese, although common, it has apparently been discussed only by Lunguinho (2011, 2013, 2016) in a transformational approach with constructed examples. In this paper, we oppose this approach both theoretically and methodologically. On the one hand, we propose a purely lexicalist analysis based on the non-transformational LFG and LDG models. On the other, we resort to evidence extracted from authentic texts. This twofold strategy allows us to explain data that do not fit Lunguinho's proposal. We argue that the distinctive properties of this passive variety result from a lexical rule that extends the argument structure of the verb *ter* 'have', by incorporating a predicate variable into its semantic form. This variable is linked to a predicative argument, turning *ter* into an object control *equi* verb.

KEYWORDS: Possessive passive. Non-canonical passive. Lexical-Functional Grammar (LFG). Predicate decomposition. Computational linguistics

1 INTRODUÇÃO

Em *Aurora*, Kim Stanley Robinson conduz o leitor pelas peripécias de uma viagem intergaláctica (ROBINSON, 2015). Um dos aspectos mais interessantes dessa história é que, na maior parte, é narrada pela inteligência artificial (IA) da espaçonave, que assiste aos seus habitantes na resolução dos mais variados problemas, com quem interage em linguagem natural. Para tanto, o sistema tem à disposição todo o conhecimento humano armazenado digitalmente em textos, cujos zettabytes de informações é capaz de extrair, organizar e aplicar em tarefas cognitivas tão complexas como a elaboração de uma narrativa literária.

É incerto se algum dia um sistema de IA poderá, pela autoaprendizagem, alcançar a maestria de um narrador como o próprio Robinson. No entanto, sistemas de resolução de perguntas (Q&A) há algum tempo auxiliam técnicos de manutenção de aviões, interagem com consumidores de empresas de transportes, fornecem informações imobiliárias, turísticas e meteorológicas etc. (KOTSEV, 2010). Também constitui realidade uma das estratégias em que alguns desses sistemas se baseiam: a extração automática de informações (IE) a partir de textos em linguagem natural, que integra dezenas de softwares de aplicação geral ou especializados para determinados domínios e tornou-se indispensável em vários setores de atividade, contribuindo para a análise de grandes conjuntos de dados (*big data*). Talvez o caso de maior sucesso na utilização dessas duas tecnologias seja o Watson, da IBM, que em 2011 venceu dois ex-campeões do *Jeopardy*, programa televisivo norte-americano de perguntas e respostas (WATSON, 2017).

A Q&A e a IE integram a subárea do processamento de linguagem natural (PLN) designada compreensão textual. A IE consiste em converter, em estruturas de dados, informações estruturadas de forma apenas implícita nos textos (MEHLER; LOBIN, 2004, p. 1). Um dos componentes da arquitetura de sistemas de compreensão textual, como o Watson, é um analisador sintático automático

(*parser*), cujas análises constituem entrada para a construção das representações semânticas das sentenças (MCCORD; MURDOCK; BOGURAEV, 2012).

Consideremos os fragmentos a seguir, extraídos de textos reais:

- (1) [...] os torcedores tinham quebrado os vidros do quiosque. (Google)
- (2) Vidraças da sede do banco RBS foram quebradas por manifestantes. (Google)
- (3) Bancos da região central tiveram vidraças quebradas pelos manifestantes. (Google)

Intuitivamente, (1)-(3) expressam, sob diferentes roupagens, um mesmo tipo de situação, modelado na IE por meio de um *template*, estrutura de dados constituída de *slots* referentes aos diferentes papéis semânticos de uma relação. Esses *slots* são preenchidos automaticamente por entidades extraídas de textos em linguagem natural, permitindo que informações codificadas de forma não estruturada alimentem uma ontologia (KIRSTEIN-JOST, 2010), constituam respostas para usuários de sistemas de Q&A etc. Por exemplo, podemos esquematizar as relações semânticas expressas por (1)-(3) por meio do molde DEPREDAÇÃO, abrangendo eventos do tipo *quebrar*, *destruir*, *deprestar* etc. e incluindo os papéis PERP(*retador*), ALVO e POSS(*uido*)R (CHAMBERS; JURAFSKY, 2011). A aplicação desse molde a (1)-(3) revela a estrutura subjacente comum às diferentes configurações superficiais:

- (4) PERP: torcedores, ALVO: vidros, POSSR: quiosque
- (5) PERP: manifestantes, ALVO: vidraças, POSSR: banco RBS
- (6) PERP: manifestantes, ALVO: vidraças, POSSR: bancos da região central

Esse exemplo evidencia a necessidade de as arquiteturas dos sistemas de IE e Q&A levarem em conta os diferentes tipos de construções sintáticas. O sistema de IE proposto por Chambers e Jurafsky (2011), por exemplo, prescinde da elaboração manual de *templates*, os quais extrai de textos e preenche automaticamente. Para tanto, recorre, entre outros recursos, a um *parser*, utilizado para rotular as funções gramaticais das ocorrências dos verbos que compõem os *templates* e converter todas as sentenças passivas nas correspondentes ativas. Desse modo, adotando essa abordagem, a extração de (5) a partir de (2) implicaria transformar essa sentença na correspondente ativa, nos moldes, portanto, de (1). Uma vez que (3) expressa o mesmo tipo de relação que (2), também precisaria passar por transformação análoga.

A sentença (3) exemplifica uma construção do português que, apesar de comum tanto na variedade brasileira quanto na europeia, salvo a abordagem de Lunguinho (2011; 2013; 2016) no quadro do Programa Minimalista (PM), aparentemente, ainda não foi investigada. Pelo contrário, rotulada passiva possessiva, sua contraparte em línguas do leste asiático, onde é pervasiva, tem sido amplamente discutida (HUANG, 1999, p. 51). Em coreano e japonês, que formam a passiva sinteticamente, a mesma forma verbal derivada é utilizada tanto na passiva direta (correspondente a (2)) quanto na possessiva (correspondente a (3)) (OSHIMA, 2004). Em ambas as passivas, o participante realizado como sujeito na ativa é demovido para uma função oblíqua. Na possessiva, porém, o objeto direto do verbo na ativa é preservado, sendo promovido a sujeito um participante que não integra a estrutura argumental de partida. O termo *passiva possessiva* decorre da restrição de que deve subsistir algum tipo de relação de posse entre os referentes do sujeito e do objeto direto nessa construção.

Neste trabalho, analisamos a passiva possessiva do português, tanto em sua dimensão gramatical quanto semântica, a partir de dados reais, extraídos de textos recentes dos mais diversos gêneros e registros da variedade brasileira. O modelo que fundamenta a primeira dimensão da análise é a Gramática Léxico-Funcional (LFG), vertente não transformacional da teoria gerativa que confere um lugar central às funções gramaticais e ao léxico. O nível de representação fundamental do modelo é a estrutura funcional, que constitui entrada para a representação do significado das sentenças. Tratamos dos aspectos semânticos da passiva possessiva sob a perspectiva da Gramática de Decomposição Lexical (LDG), teoria lexicalista da vinculação argumental e das alternâncias verbais, baseada na decomposição de predicados (WUNDERLICH, 2000).

ma das vantagens da LFG em relação a outras abordagens gerativas, como o PM, é a completa formalização, facilitando a simulação computacional de fenômenos gramaticais específicos ou a compilação de *parsers*. Por conta disso e do *design* propício ao processamento semântico, a LFG tem sido utilizada para a compreensão textual, em sistemas de IE (NOVICHKOVA; EGOROV; DARASELIA, 2003), Q&A (BOBROW et al., 2007) etc. Um atrativo da LFG para estudantes e pesquisadores de linguística é o *Xerox Linguistic Environment* (XLE), um ambiente amigável de desenvolvimento de gramáticas, gratuitamente disponível para fins não comerciais. Parte substancial da arquitetura do modelo pode ser implementada nesse sistema em gramáticas de menor ou maior extensão, sem necessidade de conhecimentos aprofundados de informática. O XLE permite compilar *parsers* a partir dessas gramáticas e aplicá-los a sentenças individuais ou *corpora* inteiros, oferecendo diversos recursos para avaliar os resultados. Desse modo, uma determinada proposta de análise de um dado recorte gramatical pode ser automaticamente testada em um vasto conjunto de dados. Analogamente, abordagens alternativas de um mesmo conjunto de fenômenos podem ser automaticamente comparadas quanto à complexidade. Essa metodologia de avaliação não é praticável no caso de propostas elaboradas em teorias não completamente formalizadas e, portanto, não diretamente implementáveis, como o PM¹.

A análise gramatical proposta neste trabalho foi implementada no XLE no âmbito da BrGram (ALENCAR, 2013), uma gramática de média cobertura sintática, capaz de analisar exemplos não triviais como (1)-(3), preenchendo lacuna da gramática de Santos (2014), que não contempla a passiva possessiva². Desse modo, a BrGram pode contribuir de forma direta para sistemas de compreensão textual.

Na próxima seção, expomos o quadro teórico que fundamenta a análise gramatical e a implementação computacional da passiva possessiva do português da Seção 4. Essa proposta oferece uma solução para diversas questões suscitadas por estudos prévios sobre o fenômeno em coreano, japonês e português, resumidos na Seção 3. A última seção apresenta as conclusões e oferece sugestões para trabalhos futuros.

2 A GRAMÁTICA LÉXICO-FUNCIONAL

A LFG filia-se à gramática gerativa. No entanto, opõe-se aos modelos propostos por Chomsky, como o PM, dos quais diverge em relação às transformações sintáticas. Na LFG, apenas admitem-se transformações no léxico, via regras lexicais.

¹ Segundo Falk (2001, p. 65), o PM é uma teoria *semiformal*.

² A BrGram está disponível neste endereço: <<https://github.com/LFG-PTBR/BrGram>>.

"Os torcedores tinham quebrado os vidros do quiosque."

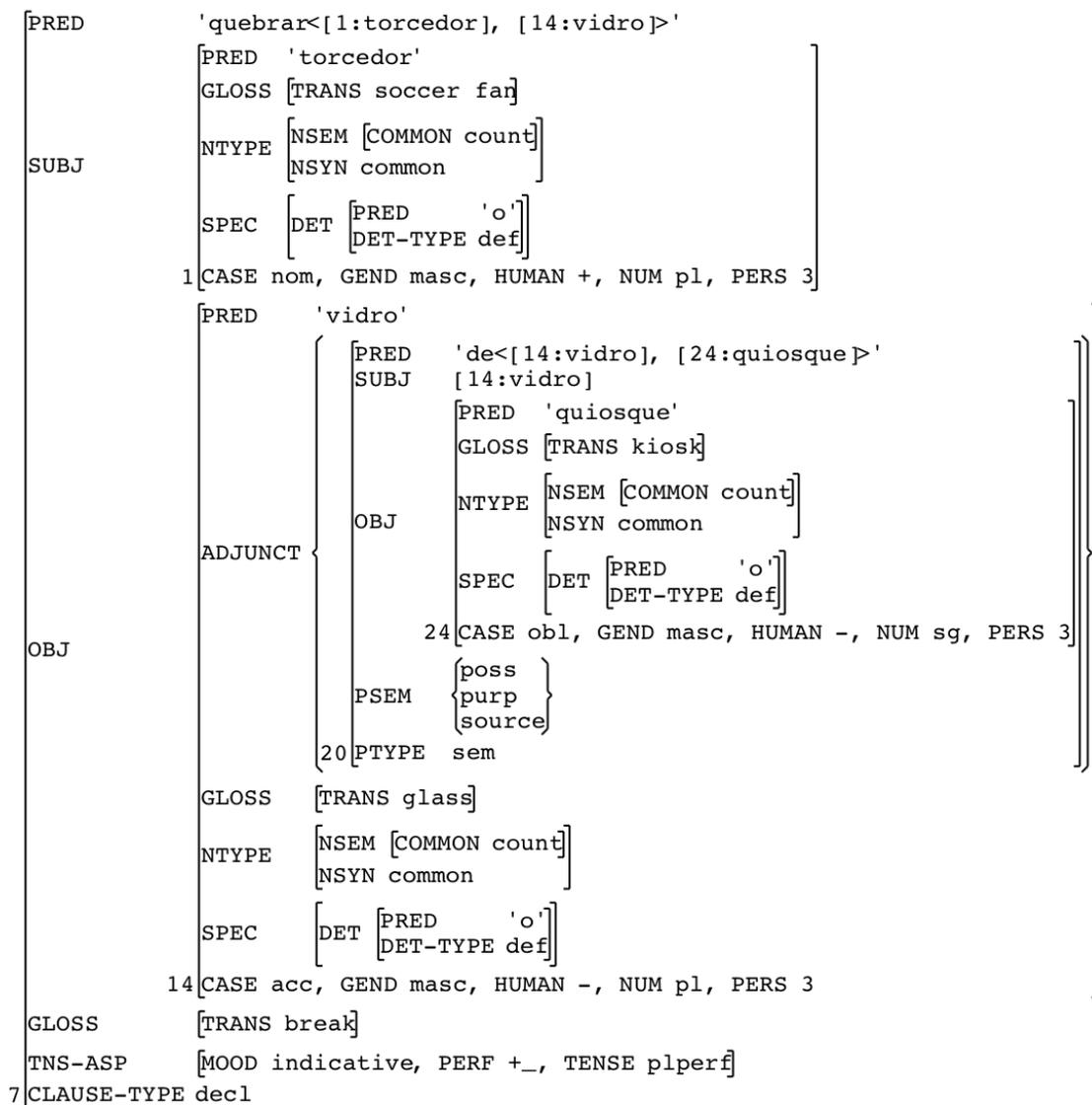


Figura 1: Estrutura F do exemplo (1) gerada pela BrGram

Fonte: Elaborada pelo autor.

Outra diferença em relação às abordagens transformacionais resulta do Princípio da Integridade Lexical (doravante PIL), conforme o qual as palavras são os átomos da sintaxe. Desse modo, processos do componente sintático não podem manipular elementos que não constituem palavras, por exemplo núcleos como *v**, adotado por Lunguinho (2011; 2013; 2016) em sua análise da passiva possessiva no quadro do PM. Por conta do PIL, a LFG desloca, para o componente lexical, a codificação de uma ampla gama de fenômenos analisados por meio de processos sintáticos nos modelos transformacionais. O léxico assume, dessa forma, uma enorme importância nessa teoria.

A LFG postula três projeções fundamentais para representar as propriedades gramaticais de uma sentença, das quais apenas as duas primeiras estão implementadas no XLE e, por conseguinte, na BrGram: (i) estrutura sintagmática ou de constituintes (estrutura C), (ii) estrutura funcional (estrutura F) e (iii) estrutura argumental (estrutura A). A primeira é representada por meio de diagramas arbóreos. A segunda codifica, entre outras propriedades, as funções gramaticais. A terceira constitui uma lista de traços que codificam os aspectos sintaticamente relevantes dos papéis semânticos de um predicado. Outras projeções estão previstas no modelo, como a estrutura fonológica, a estrutura semântica e a estrutura informacional (FALK, 2001).

A projeção mais importante, no presente contexto, é a estrutura F, que constitui *input* para a construção da representação do significado sentencial. A principal informação representada nessa estrutura consiste nas funções gramaticais, como SUBJ (sujeito), OBJ (objeto direto) etc. Nesse nível são também codificadas propriedades como tempo, modo, aspecto e voz.

A estrutura F constitui uma matriz de atributos e valores, em que um determinado atributo pode ter um valor atômico ou uma outra estrutura F como valor, como na Figura 1, que segue a notação de King (2004), a quem remetemos para a expansão das abreviaturas utilizadas nas figuras do presente artigo. Designamos por meio de f_1, f_2, \dots, f_n as estruturas F de índices 1, 2, ..., n. Na Figura 1, f_7 tem os atributos PRED (predicado), SUBJ e OBJ. O valor do primeiro é a forma semântica (7), no qual *quebrar* constitui um predicado de dois argumentos, saturados por f_1 e f_{14} , i.e., pelos valores dos atributos SUBJ e OBJ, cujas formas semânticas são os lemas *torcedor* e *vidro*. Abstraindo das informações modo-temporais, (7) corresponde, na lógica de predicados, a *quebrar(t,v)*, em que *t* e *v* se referem às entidades denotadas pelo SUBJ e OBJ.

(7) 'quebrar<[1:torcedor],[14:vidro]>'

O outro exemplo de função gramatical da Figura 1 é ADJUNCT, que engloba não só adjuntos adnominais, como nesse caso, mas também adjuntos adverbiais. Diferentemente de SUBJ e OBJ, ADJUNCT não é subcategorizado. O valor de ADJUNCT é um conjunto de estruturas F, representado por meio de chaves. No exemplo em tela, esse conjunto tem um único membro, cuja forma semântica é dada pela preposição *de*, constituindo a fórmula (8). Essa preposição expressa posse (*poss*), finalidade (*purp*) ou fonte (*source*) (KING, 2004)³. Num sistema de compreensão textual, a desambiguação entre essas diferentes acepções fica a cargo de um módulo posterior na cadeia de processamento.

(8) 'de< [14:vidro], [24: quiosque]>'

Fórmulas como (7) e (8) podem ser usadas em um sistema de IE para preenchimento de *templates* como DEPREDACÃO por meio da simples vinculação dos argumentos dessas fórmulas aos diferentes *slots*: o PERP e o ALVO são, respectivamente, o primeiro e o segundo argumento de (7), enquanto o POSSR é o segundo argumento de (8).

A Figura 1 exemplifica o tratamento dado na BrGram aos auxiliares utilizados nas perífrases verbais do tipo de (1), analisados como instâncias da categoria Flexão (doravante I), desprovidas de significação lexical e, portanto, de atributo PRED (FALK, 2001). Desse modo, não constituem domínio predicacional nem oracional próprio, contribuindo para a estrutura F da sentença apenas com traços como pessoa, número, tempo, modo, aspecto etc. No exemplo em questão, há um único domínio oracional, constituído pelo verbo *quebrar*. O auxiliar *ter*, implementado como núcleo I, contribui apenas com os traços *MOOD=indicative* e *TENSE=plperf*, especificando o modo e o tempo da sentença como indicativo e mais-que-perfeito.

Em (9), temos exemplo de entrada lexical na variante notacional do formalismo da LFG utilizada no XLE, no caso para a forma *quebrado* do exemplo (1). Nessa entrada, a primeira linha expressa a categoria lexical (V=verbo) seguida do predicado *quebrar*, cujos argumentos devem ser realizados pelo SUBJ e OBJ. Essa fórmula específica, dessa maneira, também a valência sintática ou moldura de subcategorização do verbo. Na segunda linha da entrada, cada uma das duas siglas precedidas de "@" constitui uma invocação de molde, um recurso do XLE análogo às sub-rotinas ou funções de linguagens de programação como C ou Python. Os moldes @PSTPT e @ACT caracterizam essa forma verbal como participio passado ativo.

³ Essa lista está longe de esgotar o amplo leque de relações coberto pela preposição *de*. Novos valores serão incluídos em versões futuras da BrGram.

(9) quebrado V * (^ PRED)= 'quebrar<(^ SUBJ)(^ OBJ)>'
@PSTPT @ACT.

Na BrGram, diferentes classes valenciais são codificadas por meio de moldes, simplificando o processo de elaboração de entradas lexicais. Para os verbos divalentes do tipo de (9), que governam um OBJ e são apassiváveis, define-se o molde TRNS (transitivo) na forma de (10). Esse molde toma como parâmetro o lema verbal, representado pela variável P. Invocando esse molde com o parâmetro *quebrar*, pode-se condensar a codificação da forma semântica de (9) como (11).

(10) TRNS(P) = (^ PRED)= 'P<(^ SUBJ)(^ OBJ)>'.
(11) quebrado V * @(TRNS quebrar)

Outra função gramatical subcategorizada relevante na nossa análise da passiva possessiva é o complemento predicativo XCOMP, que se caracteriza pela posição vazia do seu sujeito na estrutura C, preenchida na estrutura F por uma função gramatical nuclear do verbo matriz, estabelecendo uma relação de *controle* entre essas duas funções. Em (12)-(14), a função controladora é o OBJ do verbo matriz. O núcleo de um XCOMP pode ser qualquer categoria lexical (N, V, A etc.).

(12) O prefeito [...] convenceu os manifestantes a terminarem o protesto. (Google)

(13) A juíza [...] julgou improcedente a reclamação trabalhista. (Google)

(14) [...] o sapateiro viu o bandido fugir em uma bicicleta [...]. (Google)

"O prefeito convenceu os manifestantes a terminarem o protesto."

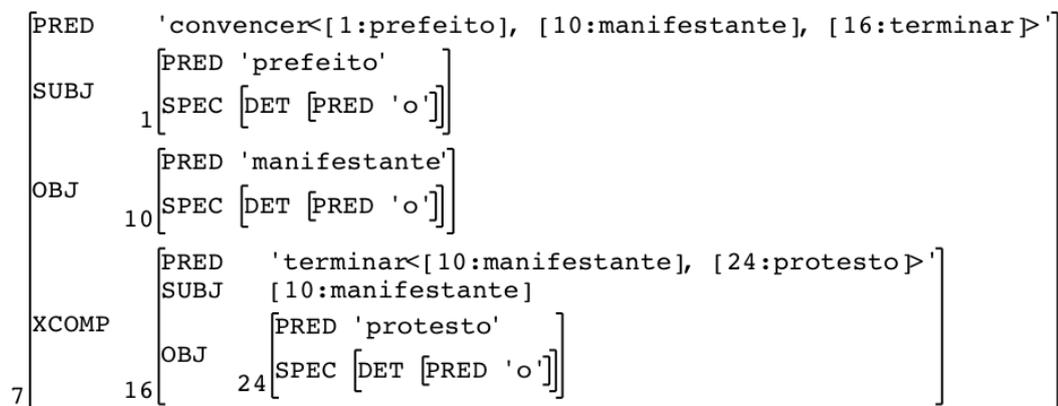


Figura 2: Estrutura F simplificada gerada pela BrGram para o exemplo (12)

Fonte: Elaborada pelo autor

A Figura 2 exemplifica o funcionamento do controle. Nesse exemplo, os argumentos do predicado *convencer* são preenchidos por f1, f10 e f16, valores, respectivamente, dos atributos SUBJ, OBJ e XCOMP. A estrutura f16 tem como representação semântica o

predicado diádico *terminar*, preenchido por f10 e f24, valores dos atributos SUBJ e OBJ. Desse modo, esse exemplo tem uma estrutura bioracional, constituída por uma oração matriz nucleada pelo verbo *convencer* e uma oração encaixada, argumento desse verbo, nucleada pelo verbo *terminar*. Pelo contrário, a estrutura da Figura 1 é mono-oracional. Como a estrutura F constitui *input* para projeção da estrutura S, a estrutura da Figura 2 projeta uma estrutura S bipredicacional, enquanto a estrutura F da Figura 1 projeta uma estrutura S monopredicacional.

A LFG modela a relação entre as funções controladora e controlada por meio de uma equação nas entradas lexicais, como na segunda linha de (15). Essa equação assegura, concomitantemente, a concordância entre essas duas funções gramaticais, bloqueando exemplos como (16).

(15) convenceu V * (^ PRED)='convencer<(^ SUBJ)(^ OBJ)(^ XCOMP)>'
 (^ XCOMP SUBJ)=(^ OBJ)

(16) *O prefeito convenceu o manifestante a terminarem o protesto.

Na BrGram, também a codificação de verbos de controle é simplificada por meio de moldes que permitem a modelação das propriedades comuns às diferentes classes de verbos desse tipo. Por exemplo, na elaboração de entradas para verbos de controle do objeto, a utilização do molde (17) permite condensar as informações das duas linhas de código de (15) em uma única linha, como exemplificado em (18).

(17) O-CTRL(P) = (^ PRED)='P<(^ SUBJ)(^ OBJ)(^ XCOMP)>'
 (^ XCOMP SUBJ)=(^ OBJ).

(18) convenceu V * @(O-CTRL convencer)

Os verbos de controle classificam-se em duas classes, conforme a relação da função controladora com o verbo matriz: verbos do tipo *equi* e verbos de alçamento. O verbo de (15) enquadra-se na primeira classe, na qual a controladora realiza argumento semântico (i.e. papel teta) do verbo matriz, o que não ocorre nos verbos da segunda classe, caso dos verbos aspectuais (*começar, cessar* etc.) e dos verbos causativos do tipo de *fazer*. Por exemplo, em (19), não é o verbo matriz que impõe restrições de seleção ao seu OBJ, mas o encaixado. Funções gramaticais subcategorizadas que não realizam papel teta são representadas na LFG fora dos parênteses angulares, como em (20).

(19) A iniciativa fez os ladrões fugirem. (Google)

(20) fez V * (^ PRED)='fazer<(^ SUBJ)(^ XCOMP)>(^ OBJ)'
 (^ XCOMP SUBJ)=(^ OBJ)

A Figura 3 exemplifica a análise de *ser* da passiva comum como verbo de alçamento, defendida por Morais (1988), Patejuk e Przepiórkowski (2014) etc.⁴. O predicado mais externo é *ser*, que governa duas funções: um XCOMP-PRED e um SUBJ, constituindo apenas o primeiro um argumento semântico. Na f23, temos praticamente a mesma fórmula (7) da contraparte ativa dessa sentença, a única diferença é que, na estrutura passiva, o primeiro lugar argumental é realizado pela estrutura F do OBL-AG, o agente da passiva, enquanto o segundo é preenchido pela estrutura F do SUBJ. As duas fórmulas expressam a mesma relação semântica, resultando no mesmo *template* preenchido de (4).

"Os vidros do quiosque tinham sido quebrados pelos torcedores."

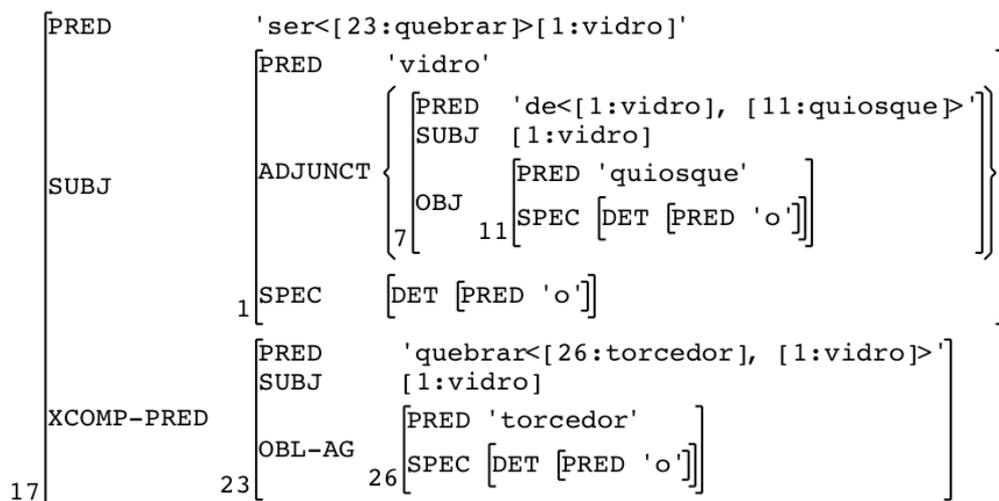


Figura 3: Estrutura F simplificada gerada pela BrGram para a contraparte passiva do exemplo da Figura 1

Fonte: Elaborada pelo autor

Por conta do PIL, a LFG adota uma análise puramente lexical das diáteses verbais, como passivização, alçamento de possuidor etc., explicando-as com base nas estruturas argumentais dos verbos. Esse nível de representação é manipulado por regras lexicais, processos que incidem sobre as representações fonológicas, sintáticas e/ou semânticas de entradas do léxico, gerando novas entradas. Dispensam, portanto, a codificação individual de entradas lexicais, conferindo economia à elaboração do léxico. No XLE, a modelação de regras lexicais responsáveis por diáteses, como a passiva, recorre ao modelo da LFG do início da década de 1980, segundo o qual a passiva envolve a manipulação de funções gramaticais, conforme as transformações de (21), passíveis de implementação no XLE por meio de um molde (CROUCH et al., 2011). Na primeira transformação, o OBJ vira SUBJ. A segunda envolve duas alternativas, conectadas pela disjunção lógica “|”: ou o SUBJ é transformado em OBL-AG ou sofre apagamento (indicado por NULL).

$$(21) (^{\wedge} \text{OBJ}) \rightarrow (^{\wedge} \text{SUBJ}) \\ \{ (^{\wedge} \text{SUBJ}) \rightarrow (^{\wedge} \text{OBL-AG}) \mid (^{\wedge} \text{SUBJ}) \rightarrow \text{NULL} \}$$

3 ANÁLISES PRÉVIAS

Diante da proximidade tipológica entre coreano e japonês (BUSSMANN, 2002, p. 383), não surpreende que essas línguas compartilhem o mesmo padrão sintático superficial na passiva possessiva. No entanto, conforme Oshima (2004), são muitas as diferenças entre as duas línguas nesse quesito. Em primeiro lugar, o leque de relações entre os referentes do sujeito e do objeto é bem mais amplo em japonês, que licencia “qualquer relação pragmaticamente significativa” (p. 16). Em segundo, sujeitos inanimados

⁴ Isso é matéria de controvérsia na LFG. Bresnan (2001, p. 116), por exemplo, classifica esse elemento em inglês como I.

são admitidos na construção japonesa, restrita em coreano a sujeitos animados. Em terceiro, a passiva possessiva japonesa (tal como a passiva direta) não implica que o sujeito seja adversamente afetado, característica essa da passiva indireta, tipo inexistente em coreano. Pelo contrário, as duas passivas do coreano implicam que o sujeito, quando animado, é adversamente afetado. Em quarto, apenas o sufixo apassivador do japonês é produtivo, sua contraparte em coreano restringe-se a formas lexicalizadas. A quinta diferença diz respeito à ambiguidade dos sufixos apassivadores. Em coreano, esse sufixo funciona também como causativizador. Em japonês, em vez disso, dependendo do tipo de relação entre o sujeito e o objeto, determinadas sentenças passivas podem ser interpretadas tanto como possessivas quanto como indiretas. A última diferença refere-se à quantidade de estratos da construção em cada língua. No japonês, a passiva possessiva, assim como os outros dois tipos, constitui uma estrutura semântica biestratal, expressando uma relação estativa de falta de controle de alguém sobre a ação de outrem, envolvendo três participantes: um ator, um *undergoer* e um “efeito”, do qual o segundo participante funciona como ator (OSHIMA, 2003). Essa complexidade da passiva japonesa no nível semântico, porém, não se projeta no plano sintático. Um radical verbal apassivado funciona, sintaticamente, como um único verbo, com uma moldura valencial que especifica um sujeito, um complemento dativo e um acusativo. Desse modo, verbos apassivados do japonês apresentam estrutura sintática e semântica análoga à dos verbos causativizados (OSHIMA, 2003). Já em coreano, ambas as variantes da passiva são sintática e semanticamente monoestratais. O argumento adicional da passiva possessiva resulta, para Oshima (2004), de alçamento do possuidor, que destaca como um processo comum na língua.

Em sua tese sobre verbos auxiliares, Lunguinho (2011) compara os dois tipos de passiva do português, a “canônica” com auxiliar *ser* e a “não canônica” ou “adversativa” com auxiliar *ter*. Ambas são formadas com o particípio passivo, restrito a verbos com um argumento externo e um interno direto, com o qual concorda, distinguindo-se do particípio perfeito, que não sofre essa restrição argumental nem exibe concordância. Outras propriedades em comum entre as duas passivas são a demissão do argumento externo e a promoção do argumento interno direto. A partir de exemplos gramaticais e agramaticais construídos, ele levanta as diferenças entre os dois tipos, para os quais propõe uma explicação no quadro do PM. Como essa proposta foi reformulada em estudos posteriores (LUNGUINHO, 2013, 2016), de que trataremos em seguida, nos limitamos aqui aos aspectos aos quais nos contrapomos na nossa proposta.

O primeiro aspecto consiste na posição do argumento interno relativamente ao particípio. Para Lunguinho (2011), este deve subseguir aquele, como em (3), pelo que (22) seria agramatical.

(22) *A porta teve consertada a maçaneta (pelo maceneiro). (p. 43)

O segundo aspecto refere-se ao licenciamento de uma categoria vazia (*ec*) na posição de possuidor, como em (23), que constituiria vestígio deixado pelo alçamento do possuidor, passível de ocorrer também de dentro de um argumento interno indireto ou externo, como em (24) e (25), respectivamente.

Segundo Lunguinho (2011, p. 74), “apenas as passivas canônicas permitem que possuidor e possuído se mantenham unidos como um constituinte”. Ele admite não ter explicação para a obrigatoriedade do movimento do possuidor para especificador da categoria T(empo), que impediria a derivação de sentenças como (26).

(23) ele_i teve conversas *ec_i* interceptadas pela PF (Google)

(24) Byron_i teve cinco anos acrescentados à pena *ec_i*.⁵

⁵ Baseado na seguinte ocorrência extraída do Google, análoga ao exemplo (63a) de Lunguinho (2011, p. 72): “Byron Moreno está preso e deve ter cinco anos acrescentados à pena.”

(25) [O Pedro]_i teve as contas pagas *ec*_i pelo pai *ec*_i. (p. 72)

(26) *Nesse momento tem o suspeito a casa revistada pela polícia. (p. 76, n. 27)

Linguinho afirma utilizar *possuidor* como um termo genérico para cobrir também casos em que a categoria vazia não corresponde, necessariamente, ao possuidor de uma relação de posse alienável (v. (72)) ou inalienável (v. (44)), constituindo argumento de nome relacional (v. (84)) ou de relação todo-parte (v. (3)) ou tema de deverbais (v. (65)).

O terceiro aspecto concerne à realização do possuidor como um pronome lexical, não havendo diferença de marcação relativamente à realização como categoria vazia:

(27) Ele teve uma conversa dele grampeada e divulgada. (Google)

(28) Ela teve uma conversa sua [...] impressa pelo diretor da escola. (Google)

O quarto aspecto refere-se às propriedades do auxiliar *ter*, que atribuiria papel temático ao seu sujeito e licenciaria o acusativo do argumento interno do participio. Admitindo que essa caracterização contraria a sua própria definição de auxiliar como categoria incapaz de selecionar argumento e atribuir papel temático, Linguinho (2011, p. 80) a justifica pela incorporação do auxiliar *ser* em *ter*. Ele não especifica, porém, o papel temático atribuído por *ter*, limitando-se a caracterizá-lo como “compatível com a interpretação de afetação” (p. 77) geralmente associada, segundo ele, ao argumento na posição de sujeito.

Para Linguinho (2013, p. 2), (29) é ambígua entre as leituras (30a) e (30b), às quais correspondem as perguntas (31a) e (31b), respectivamente:

(29) O João tem dois artigos citados pelo Chomsky.

(30) a. O João possui dois artigos citados pelo Chomsky.
b. Dois artigos do João são citados pelo Chomsky.

(31) a. O que o João tem?
b. Por quem o João tem o trabalho citado?

Linguinho (2013) denomina a construção de (29), na leitura (30a), de possessiva e, na leitura (30b), como anteriormente, de passiva não canônica. Como evidenciam (31a) e (31b), a cada leitura subjaz uma estrutura sintática diferente. Na primeira interpretação, o verbo *ter* (doravante *ter*₁) expressa uma relação de posse entre seus argumentos externo e interno, enquanto o participio passado constitui um modificador desse último.

Na segunda interpretação de (29), o referente de [o João] não funcionaria como possuidor de [dois artigos], mas como autor. Nesse caso, *ter* funcionaria como auxiliar (doravante *ter*₂), analogamente a *ser* na passiva canônica. Contudo, a passiva não canônica

discreparia da canônica por não admitir o preenchimento da posição de sujeito por expletivo (v. (32)) e exibir um argumento adicional.

(32) São/*Têm citados pelo Chomsky dois artigos do João. (p. 2)

Para explicar os aspectos comuns e as diferenças entre as duas passivas, Lunguinho propõe uma análise no quadro do PM, que toma como ponto de partida a derivação da passiva canônica representada em (33), base da leitura (30b).

(33) [_{vSER} [_{VoicE} [_{PartP} [_{DP} [_{DP} O João] dois artigos] [_{Part} citados [_{VP...}]]] [_{VoicE} por [_{v*P} [_{DP} o Chomsky]] (p.2)

As diferenças entre as duas passivas decorreriam de um núcleo v^* capaz de introduzir um argumento, licenciando o alçamento do possuidor à posição de sujeito, e valorar o Caso do argumento interno do participio. Esse núcleo projetaria estrutura dominando a projeção do auxiliar *ser* representada em (33), da qual derivaria *ter*₂ pela concatenação de v^* e *ser*.

Lunguinho (2016) foca a interpretação (30b), propondo, para os dois tipos de passiva, a mesma análise de Lunguinho (2013). Três pontos desse trabalho mais recente merecem ser destacados. O primeiro refere-se aos tipos de relação que o argumento extra da passiva não canônica entretém com o argumento interno do participio. No caso de tema de deverbais, Lunguinho (2016) denomina a relação de *complementação*. A relação expressa por nome relacional não é mais mencionada. O segundo ponto concerne à afetação do argumento na posição de sujeito de *ter*₂. Lunguinho (2016) é mais categórico do que Lunguinho (2011), tratando essa propriedade não como acidental, mas essencial. Finalmente, o terceiro ponto refere-se a exemplos como (34), considerados agramaticais devido à ausência de relação semântica entre o argumento na posição de sujeito de *ter* e o argumento interno do participio:

(34) *O Paulo teve as contas da Maria pagas pela Ana. (LUNGUINHO, 2016, p. 13)

4 ANÁLISE LÉXICO-FUNCIONAL E DECOMPOSICIONAL

Nesta seção, propomos respostas com base na LFG e na LDG, para questões sobre a passiva possessiva em português suscitadas pelas abordagens da seção anterior. Os aspectos lexicais e sintáticos da proposta são implementados no âmbito da BrGram.

A primeira questão diz respeito à ambiguidade de (29) entre (30a) e (30b), que, conforme Lunguinho (2013), correlaciona-se com a oposição entre dois tipos de papel do referente do sujeito em cada estrutura. Na primeira, seria possuidor, enquanto, na segunda, autor. Na verdade, essa diferenciação de papel é ortogonal à ambiguidade estrutural. Decorre não da estrutura sintática da sentença, mas da ambiguidade das expressões que denotam relação de posse *lato sensu*, quando o segundo argumento (doravante POSSM) é referido por expressão nucleada por substantivo como *livro, artigo, escultura, vídeo, filme* etc. Por exemplo, em todos os casos de (35), o primeiro argumento da relação (doravante POSSR) pode constituir tanto “autor” quanto “possuidor” do POSSM. Essa ambiguidade é menos plausível nos mesmos contextos com substantivos do tipo *pedra, cachorro, terreno* etc.

- (35) a. O João tem dois artigos.
 b. os dois artigos do João
 c. os dois artigos dele
 d. os seus dois artigos

Segundo Pustejovsky (1995), a representação semântica de substantivos que designam artefatos do tipo de *livro*, *artigo* etc. contém a especificação de um atributo AGENTE cujo valor é o tipo de evento responsável pela produção da entidade. No caso de (35), trata-se de um evento do tipo *escrever*. Em estruturas desse tipo, o POSSR pode, então, ser identificado com o primeiro argumento desse predicador. Pelo contrário, em *sua pedra* ou *o cachorro dela*, a interpretação do POSSR como autor não emerge porque esses substantivos, pelo menos na sua especificação por *default*, não têm valor para o atributo AGENTE.

Desse modo, (30a) e (30b) são ambíguas entre uma interpretação em que o referente de [*o João*] é “autor” e outra em que é “possuidor”. Consequentemente, (29) não possui apenas duas leituras, como propõe Lunguinho (2013), mas quatro, uma vez que tanto a estrutura com *ter*₁ quanto a com *ter*₂ expressam uma relação entre os referentes de [*o João*] e [*dois artigos*] tal que aquele tanto pode ser “autor” quanto “possuidor” deste.

Qual a diferença semântica entre as duas leituras de (29), dado que não se refere ao tipo de relação entre os referentes do sujeito e do objeto? A primeira diferença concerne à classe aspectual de *ter*₁ e *ter*₂. Na leitura (30a), a classe aspectual de (29) é estado, como evidencia (36a). Nesse exemplo, *possuir* não admite a forma progressiva marcada pela perífrase de gerúndio, o que, segundo Cançado e Amaral (2016, p. 151), constitui critério diagnóstico dos verbos de estado. Pelo contrário, na leitura (30b), a classe aspectual de (29) não é estado, como evidencia a gramaticalidade de (36b). Em consonância com isso, a única leitura de (36c) é (36b). Outro teste para identificar verbos de estado, conforme Cançado e Amaral (2016, p. 152), é a inadequação do seu uso como resposta a perguntas do tipo de (37a), como vemos em (37b). A resposta (37c) só é admissível na leitura (37d), corroborando a classificação aspectual de *ter*₁ como estativo e a não inclusão nessa classe de *ter*₂.

- (36) a. *O João está possuindo dois artigos citados pelo Chomsky.
 b. Dois artigos do João estão sendo citados pelo Chomsky.
 c. O João está tendo dois artigos citados pelo Chomsky.

- (37) a. O que aconteceu?
 b. #O João possuiu dois artigos citados pelo Chomsky.
 c. O João teve dois artigos citados pelo Chomsky.
 d. Dois artigos do João foram citados pelo Chomsky.

Propomos que *ter*₂ não é marcado para aspecto. A classe aspectual da passiva possessiva, analogamente ao que ocorre na passiva comum, é determinada pelo verbo do qual deriva o particípio, como evidenciam (38)-(41). O verbo *usar* de (38) enquadra-se nas atividades, por ser dinâmico e atético, admitindo a forma progressiva, enquanto *pintar*, *decorar* e *limpar* de (39)-(41) constituem *accomplishments*, pois são dinâmicos e téticos, diferenciando-se de *arrancar* de (42), que constitui *achievement* por não possuir intervalos internos (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 153-167).

(38) O prefeito diz que soube que estava tendo o nome usado por golpistas em meados de março de 2015. (Google)

(39) O Home Office [...] teve as paredes pintadas de tinta látex preta fosca. (Google)

(40) A pequena casa de taipa [...] teve suas paredes decoradas com as ostras. (Google)

(41) O site teve as “pichações” limpadas pela tecnologia da empresa por volta das 9 horas. (Google)

(42) A vítima conta que carregava a carteira embaixo do braço, quando a teve arrancada pelo infrator. (Google)

A segunda questão refere-se à categoria sintática de *ter*₂. Linguinho (2011) analisa-o no quadro do PM como um auxiliar atípico, que discrepa dos demais membros dessa categoria por selecionar um argumento, no caso o externo, atribuir-lhe papel teta e valorar Caso, especificamente o acusativo do argumento interno do participio, explicitado no clítico de (42). Esse comportamento corresponde, na LFG, ao de um verbo de alçamento do objeto, que seleciona semanticamente o seu SUBJ, mas licencia apenas sintaticamente o seu OBJ. Por outro lado, o verbo *ser* da passiva comum tem sido analisado no âmbito da LFG como um verbo de alçamento do sujeito. Nesse cenário, configuram-se duas alternativas para a categorização de *ter*₂ no quadro da LFG: (i) auxiliar ou (ii) verbo de alçamento. Conforme (i), a construção seria monoestratal, como em coreano, ao passo que (ii) implicaria uma estrutura biestratal, tal como a estrutura semântica da construção equivalente em japonês. Não optamos por nenhuma dessas duas categorizações, classificando *ter*₂, em vez disso, como verbo de controle do objeto do tipo *equi*, tal como *convencer* em (15) e (18), constituindo uma estrutura F biestratal, como exemplificado na Figura 4, estruturalmente análoga à Figura 2.

Na BrGram, o molde (43) codifica, por meio da disjunção de duas invocações de molde, as propriedades de *ter*₁ e *ter*₂. Os dois moldes disjuntivamente invocados estão definidos em (10) e (17), respectivamente. A relação de controle identifica o OBJ de *ter*₂ com o SUBJ do XCOMP, assegurando a concordância do participio. Na Figura 5, temos a estrutura F da interpretação de (44) com *ter*₁, implausível no contexto em tela.

(43) VERB-TER={"ter1" @(TRNS ter) | "ter2" @(O-CTRL ter)}.

"Gaúcho teve o cabelo elogiado pelo Valdir."

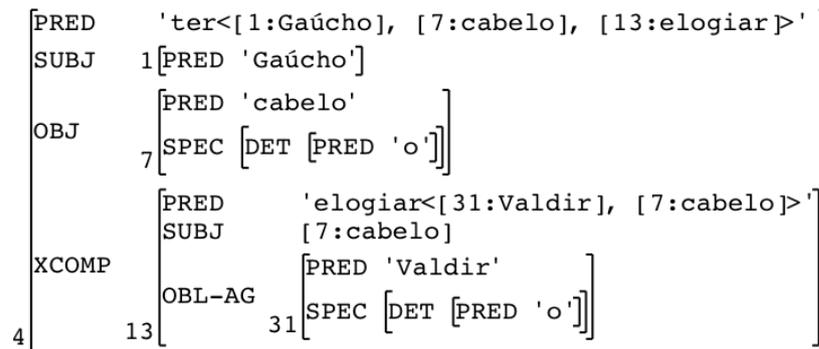


Figura 4: Estrutura F simplificada gerada pela BrGram para a interpretação mais plausível de (44)

Fonte: Elaborada pelo autor

"Gaúcho teve o cabelo elogiado pelo Valdir."

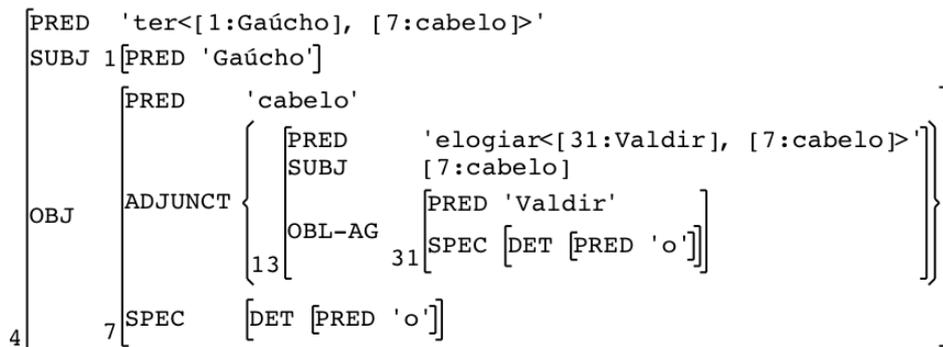


Figura 5: Estrutura F simplificada gerada pela BrGram para a interpretação menos plausível de (44)

Fonte: Elaborada pelo autor

Conforme (43), ter_2 é um verbo pleno, do qual não só o SUBJ, mas também o OBJ, realiza argumento semântico, governando também um XCOMP, realizado pelo particípio passivo, cujo SUBJ é controlado pelo OBJ. Como a função controladora é argumento semântico do verbo matriz, trata-se de verbo do tipo *equi*. Na Figura 4, temos uma estrutura bipredicacional (e, portanto, bioracional), cujo primeiro nível de predicação é constituído pelo predicado *ter* de três lugares, preenchidos pelas estruturas F do SUBJ, do OBJ e do XCOMP, respectivamente. O segundo nível predicacional é constituído pelo valor do atributo PRED do XCOMP, que é o predicado diádico *elogiar*, cujos argumentos são saturados, respectivamente, pelas estruturas F do OBL-AG e do SUBJ do XCOMP, a mesma do OBJ de *ter*.

A terceira questão refere-se à representação semântica de ter_2 . Para tanto, propomos, com base LDG, uma representação da forma semântica (SF) da sentença da Figura 4, parafraseada em (45). Na LDG, a SF de um verbo se restringe aos aspectos do significado relevantes para a vinculação argumental. As relações temporais entre subeventos são especificadas apenas no nível da estrutura conceptual (CS). Desse modo, em vez de operadores de relações temporais (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 69-70), a LDG utiliza, na SF, a conjunção lógica &.

(44) Gaúcho [...] teve o cabelo elogiado pelo Valdir. (Google)

(45) O Valdir elogiou o cabelo de Gaúcho.

Uma vez que essas duas sentenças são logicamente equivalentes, compartilham a mesma SF. Seguindo Wunderlich (2000), entre outros, traduzimos *elogiar* como $\lambda y \lambda x [ELOGIAR(x,y)]$ e utilizamos POSS para representar a preposição *de*. Abstraindo da flexão modo-temporal, propomos (46) como SF de (44) e (45).

(46) POSS(gaúcho,o.cabelo)&ELOGIAR(valdir,o.cabelo)

(47) i.	λQ	λy	λx	$[POSS(x,y) \& Q(y)]$
ii.	XCOMP OBJ	SUBJ		

A partir de (46), resulta, por abstração lambda, a SF de ter_2 em (47i) com a vinculação argumental de (47ii). O primeiro argumento de (47i) é uma variável do tipo $\langle e,t \rangle$, i.e., uma função que recebe uma entidade e retorna um valor de verdade, os outros dois são entidades. Dado que a variável Q predica sobre o argumento interno de POSS, realizado como OBJ, é essa função que constitui a função controladora do SUBJ do XCOMP.

Mostramos em (48)-(52) como o significado de (45) deriva de (47) por aplicação funcional e redução lambda a partir da composição de *ter* com seus argumentos (WITT, 1998, p. 47). Assumimos $\lambda v \lambda u [ELOGIAR(v,u)]$ como SF do particípio passivo, idêntica à do verbo na forma ativa, exceto pela inversão dos abstratores lambda (STERNEFELD, 2006, p. 673). Desse modo, representando como $[[x]]$ o significado de uma expressão x , $[[elogiado]]$ se compõe primeiro com o OBL-AG para formar $[[elogiado pelo Valdir]]$ em (48), com o que $[[ter]]$ se compõe em (49), resultando em $[[ter elogiado pelo Valdir]]$ em (50), que, por sua vez, é aplicado a $[[o cabelo]]$ em (51). O resultado é $[[ter o cabelo elogiado pelo Valdir]]$ em (52), que, aplicado a $[[gaúcho]]$, resulta em $[[Gaúcho ter o cabelo elogiado pelo Valdir]]$ em (53). Num sistema de IE, por meio do mesmo procedimento utilizado para derivar (53), o significado de (3) pode ser computado, resultando na fórmula em (54), a partir da qual o molde DEPREDAÇÃO pode ser facilmente preenchido, resultando em (6). Um procedimento análogo aplica-se a (1) e (2).

(48) $\lambda x \lambda u [\text{ELOGIAR}(v,u)](\text{valdir})$

(49) $\lambda Q \lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y) \& Q(y)](\lambda u [\text{ELOGIAR}(\text{valdir},u)])$

(50) $\lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y) \& \lambda u [\text{ELOGIAR}(\text{valdir},u)](y)]$

(51) $\lambda x \lambda y [\text{POSS}(x,y) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir},y)](\text{o.cabelo})$

(52) $\lambda x [\text{POSS}(x,\text{o.cabelo}) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir}, \text{o.cabelo})](\text{gaúcho})$

(53) $\text{POSS}(\text{gaúcho},\text{o.cabelo}) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir}, \text{o.cabelo})$

(54) $\text{POSS}(\text{bancos...},\text{vidraças}) \& \text{QUEBRAR}(\text{manifestantes}, \text{vidraças})$

Vejamos agora que argumentos favorecem, sob a perspectiva da LFG, a nossa proposta, comparativamente à abordagem de Lunguinho. Em primeiro lugar, esta viola o PIL, pois envolve a manipulação, na sintaxe, de categorias, como o núcleo v^* , que não constituem palavras. Em segundo lugar, ao analisar a passiva possessiva como uma sucessão de movimentos, envolvendo a extração do possuidor de dentro de argumento do participípio e seu alçamento à posição de SUBJ de *ter*, é incompatível com a natureza não transformacional da sintaxe na LFG. Em terceiro lugar, um auxiliar, na LFG, não tem representação semântica sob a forma de um atributo PRED. Desse modo, não pode ter grade temática nem moldura de subcategorização. Caso *ter*₂ seja analisado como núcleo I, não pode atribuir papel temático algum nem governar função gramatical. Os papéis POSSR e POSSM têm de ser selecionados, nesse caso, pelo participípio, que deve governar as funções gramaticais que os realizam, ou seja, o SUBJ e o OBJ.

Uma inconveniência dessa análise é que não é contemplada por (21), que gera as molduras de subcategorização dos participípios da passiva canônica. Para analisar a passiva possessiva no quadro dessa proposta, essa regra precisa ser reformulada, de modo a incluir uma alternativa em que o OBJ é preservado e um novo argumento (o POSSR), a ser realizado como SUBJ, é introduzido na moldura. Com essa reformulação, a complexidade do léxico aumenta proporcionalmente ao número de participípios passivos, porque cada elemento desse grupo passa a ter duas representações, uma para a passiva canônica e outra para a possessiva. Nossa proposta é, portanto, menos complexa computacionalmente, uma vez que utiliza, na passiva possessiva, os mesmos participípios da canônica. A única complexidade que introduz no léxico se refere à inclusão de *ter*₂ em (43).

A análise de *ter*₂ como núcleo I apresenta um problema também de ordem sintática. Em (55) e (56), apresentamos as estruturas de I' e V' de (1) e (3) geradas pela BrGram. Em (57), reformulamos (56) em termos da análise de *ter*₂ como núcleo I. Observe que, em (57), contrariamente a (55), o DP complemento de V é realizado à esquerda desse núcleo, contrariando a ordem canônica de núcleos e complementos no português, uma língua de núcleo inicial. A implementação dessa análise é desvantajosa por necessitar da introdução, no aparato de regras sintagmáticas, de uma regra que gere VP com núcleo final. Nossa proposta em (56) não padece desse tipo de problema, pois obedece rigorosamente ao parâmetro do núcleo inicial: tanto o núcleo V quanto o Part(icipípio) precedem os seus respectivos complementos.

(55) os torcedores [_I tinham] [_{VP} [_V quebrado] [_{DP} os vidros do quiosque]]]]

(56) bancos... [_V tiveram] [_{DP} vidraças] [_{PartP} [_{Part'} [_{Part} quebradas] [_{PP} pelos...]]]]

(57) bancos... [_I tiveram] [_{VP} [_V [_{DP} vidraças] [_V quebradas] [_{PP} pelos...]]]]

Há também um argumento de natureza semântica a favor da nossa análise, em detrimento da análise de *ter*₂ como I ou como verbo de alçamento. Consideremos os exemplos de (58) e suas respectivas paráfrases em (59).

(58) a. O livro teve uma página rasgada pelo vândalo.
b. Uma página do livro foi rasgada pelo vândalo.

(59) a.#O lago teve uma página rasgada pelo vândalo.
b.#Uma página do lago foi rasgada pelo vândalo.

A sentença (58a) é perfeitamente normal, correspondendo à paráfrase (58b). O exemplo (59a) difere de (58a) apenas no tipo de entidade referida pelo SUBJ. No entanto, é semanticamente anômalo, assim como sua paráfrase em (59b). A que se deve esse contraste? Nossa proposta oferece uma explicação natural para a normalidade de (58), por um lado, e a anomalia de (59), por outro. Conforme (43) e (47), *ter*₂ seleciona semanticamente tanto o SUBJ quanto o OBJ, que realizam os dois argumentos do predicado POSS. A anomalia do segundo grupo de exemplos decorre, naturalmente, da dificuldade de se conceber uma relação de posse entre um lago e uma página, enquanto POSSR e POSSM, respectivamente, dessa relação, ao contrário do que ocorre com o primeiro grupo.

Nas propostas que analisam *ter*₂ como I ou verbo de alçamento do objeto, o POSSM não é argumento semântico desse núcleo, que, conseqüentemente, não expressa a relação de posse inerente à construção. Na abordagem de Lunguinho, essa relação é abrigada em argumento do participípio, do qual o possuidor é extraído, operação incompatível com a LFG. No quadro dessa teoria, para manter as análises de *ter*₂ como núcleo funcional I ou verbo de alçamento, é necessário codificar, de alguma forma, a relação POSS no participípio passivo. Como essa categoria não expressa essa relação na passiva canônica, faz-se necessário estipular uma extensão semântica para incluí-la. Como esse processo deve aplicar-se a todo participípio passivo, é evidente que essa solução incorre no mesmo problema de complexidade anteriormente apontado. Outra questão que as duas abordagens alternativas enfrentam se refere ao licenciamento do argumento adicional no papel de POSSR. Se *ter*₂ for considerado I, é o participípio passivo que precisa licenciar esse argumento. Na análise de *ter*₂ como verbo de alçamento, o POSSR pode ser licenciado por esse verbo. Nesse caso, porém, tem-se uma assimetria que parece injustificável no tratamento dos dois participantes da relação POSS, uma vez que o POSSM é licenciado pelo participípio. Uma maneira de contornar essa dificuldade seria codificar POSS no participípio, como na abordagem que trata *ter*₂ como I, e estipular, na esteira da abordagem de Lunguinho, um novo papel semântico para o argumento na posição de sujeito de *ter*₂, correferente do POSSR. Veremos mais adiante, contudo, que esse argumento não exerce papel de afetado.

Nossa proposta, pelo contrário, dispensa todas essas estipulações. O participípio da possessiva passiva é o mesmo da comum. A relação de posse que diferencia o primeiro do segundo tipo de passiva decorre de *ter*₂, que, como *ter*₁, codifica POSS, responsável pelos papéis semânticos POSSR e POSSM do SUBJ e do OBJ. Desse modo, nossa proposta correlaciona de forma natural a diferença semântica entre as duas passivas (i.e. presença do predicado POSS) à diferença sintática entre elas (i.e. presença de *ter*). Sob essa perspectiva, a passiva possessiva constitui mera diátese de *ter*, ao nosso ver resultado de um processo geral de aumento de valência que Wunderlich (2000) modela por meio da regra lexical de extensão semântica ARG, responsável por construções resultativas

como *Ela cortou os cabelos curtos* e, segundo nos parece, subjacente a diáteses análogas de vários outros verbos do tipo *equi*, como *convencer*, *julgar*, *ver* etc. (ver (12)-(14)).

A quarta questão foca a ordenação de constituintes. Para Lunguinho (2011), exemplos como (22b) são agramaticais, contrariamente às evidências de (60)-(62).

(60) [...] o brasileiro “Aquarius” [...] teve elogiada a atuação de Sonia Braga pelo crítico. (Google)

(61) [...] o Prefeito de Canela teve vetado pela Câmara de Vereadores o seu pedido de autorização para viajar à Itália (Google)

(62) [...] o Bitfinex teve roubado por hackers 65 milhões de dólares. (Google)

As ocorrências (13), (63) e (64) evidenciam que, em verbos de controle do objeto, o XCOMP pode preceder o OBJ. Como na nossa análise essas duas funções gramaticais são governadas por *ter*₂ e o português geralmente não estabelece uma ordem rígida entre complementos verbais, são esperados exemplos como (60)-(62) com a ordem XCOMP OBJ, ao lado de exemplos com a ordem inversa OBJ XCOMP como (3), (38) e (39). Na análise de Lunguinho (2011), porém, exemplos do primeiro tipo não são licenciados.

(63) A categoria quer resolvida na mesa de negociação a cláusula de compensação dos dias parados. (Google)

(64) [...] a pernambucana viu chegarem às lojas só um LP, “A Rainha da Ciranda” (1977), e um CD. (Google)

Contrariamente à análise de Lunguinho (2013) de (32), (65) evidencia que a passiva possessiva licencia SUBJ final. Como evidencia (66), a agramaticalidade daquele exemplo decorre da não realização do OBJ.

(65) Além de João Vaccari, tiveram as condenações confirmadas pelo tribunal o marqueteiro João Santana [...], a mulher dele, Mônica Moura, e o lobista Zwi Skornicki. (Google)

(66) Têm trechos citados pelo Chomsky dois artigos do João.

Outra divergência da nossa proposta em relação à de Lunguinho (2011) refere-se a (26), considerado por ele agramatical. Embora sem comprovação de textos reais, julgamos gramatical esse exemplo, haja vista ocorrências como (67), que evidenciam que a inversão do sujeito é licenciada em verbos do tipo *equi*.

(67) Por despacho proferido no dia 19 de Dezembro de 2001, julgou o juiz a arguição da executada improcedente. (Google)

A quinta questão refere-se aos tipos de relação de posse. Vimos que a passiva possessiva coreana se restringe à posse inalienável, enquanto a japonesa admite ampla gama de relações. Para o português, Lunguinho (2011) propõe um leque de cinco tipos. Nossa análise em (47) prediz espectro de relações coincidente com o de outros elementos com o predicado POSS na sua composição, como *ter*₁ e os possessivos, predição corroborada pelo fato de tanto o possessivo sintético quanto o analítico poderem explicitar essa rela-

ção, como em (27), (28), (40) e (61). Desse modo, no caso de deverbal, o POSSM não se limita ao papel tema, como propõe Lunguinho, mas pode exercer também, analogamente aos possessivos, outros papéis, como agente (v. (23), (27) e (61)), recipiente (v. (68)) etc.

(68) Os setores de imprensa dos Ministérios tiveram ampliadas as suas atribuições. (Google)

A sexta questão concerne à realização do POSSM, que, no coreano e no japonês, pelos exemplos de Oshima (2003; 2004), restringe-se ao OBJ, restrição que incorporamos na nossa análise em (47). No entanto, (24) de Lunguinho (2011), abonado por (69)-(71), evidencia que o POSSM pode se realizar por um argumento interno indireto do participio.

(69) No comprimento, o novo Palio teve adicionados mais 28 mm. (Google)

(70) a comissão teve acrescentadas em seu nome [...] as palavras “Direitos Humanos”. (Google)

(71) O piloto [...] teve adicionados 10s ao seu tempo final de prova. (Google)

As ocorrências (72)-(74) evidenciam que o POSSM pode se realizar também como ADJ(UNCT) do OBJ. Com efeito, em (74), por exemplo, não foi a largura do carro que foi ampliada, mas a da sua grade dianteira.

(72) Carmem teve o carro dela e [o _{ADJ} do filho]] arrastados pela correnteza. (Google)

(73) [...] o Luverdense [...] teve quebrados [os vidros _{ADJ} do ônibus que o levou ao Estádio]] [...]. (Google)

(74) [...] o novo [Audi] TT teve [a largura _{ADJ} da grade]] ampliada [...]. (Google)

Para contemplar a realização do POSSM por outras funções que não OBJ, propomos a noção de *posse mediata* (MPOSS), que definimos em (75) na linguagem de programação Prolog, analogamente à definição de descendente de Blackburn, Bos e Striegnitz (2006, p. 52)⁶. Parafraçando (75) informalmente, traduzindo POSS como *ter*, x tem mediatamente y (i) se x tem y ou (ii) se z tem y e x tem mediatamente z. Reformulamos, portanto, a SF de *ter*₂ em (47) como (76), que cobre todos os casos de (72)-(74), por exemplo, em (73), de *POSS(ônibus, vidros)* e *POSS(luverdense, ônibus)*, decorre *MPOSS(luverdense, vidros)*. A aplicação de (76) a (34) em

(77) evidencia que essa sentença, contrariando Lunguinho (2016), é, na verdade, gramatical, por aceitável numa situação em que subsistisse POSS(p,m), como em (78).

(75) *mposs(X,Y):- poss(X,Y).*
mposs(X,Y):- poss(Z,Y), mposs(X,Z).

(76) $\lambda Q\lambda y\lambda x[MPOSS(x,y)\&Q(y)]$

⁶ Em Prolog, “:-” corresponde ao condicional se.

(77) MPOSS(p,c)&PAGAR(a,c)&POSS(m,c)

(78) As contas da Maria do Paulo foram pagas pela Ana.

A representação (76) contempla também casos como (24) e (69)-(71). Aplicando-a na composição do significado de (24), obtemos (79), em que abreviamos os nomes dos argumentos e decomponemos ACRESCENTAR. Como vimos, representações da forma $c1 \& c2$ não explicitam a precedência ($<$) entre as eventualidades denotadas por cada proposição. Em (46), temos $c1 < c2$. Em (79), pelo contrário, temos $c2 < c1$, porque, preenchida a condição POSS(byron,a.pena), MPOSS(byron,5.anos) só se verifica com POSS(a.pena,5.anos).

(79) $\exists x$ [MPOSS(byron, 5.anos)&CAUSE(x,BECOME(POSS(a.pena,5.anos)))]

Nossa proposta contempla também ocorrências como (80)-(82), que não são passíveis de derivação por meio de alçamento de possuidor. Com efeito, carecem de configuração $[_{DP} [_{DP} \textit{possuidor}] \textit{possuído}]$ do qual o possuidor possa ser extraído nos moldes de (33), subjacente a toda passiva possessiva, segundo Lunguinho (2013). O SUBJ nessa variante construcional não é um possuidor correferente a uma *ec*, como em (69), que possa ser substituída por um possessivo, como em (70) ou (71). A representação de (82) em (83) evidencia a analogia com (24). Em ambos os casos, subsiste $c2 < c1$. A única diferença é que MPOSS(d3048,p) denota posse imediata, decorrendo de POSS(d3048,p), conforme a primeira regra de (75).

(80) [...] o Hino [...] teve adicionados os versos de Ovídio Saraiva [...]. (Google)

(81) LISP [...] teve adicionados recursos de linguagens imperativas [...] (Google)

(82) O Decreto n. 3.048 [...] teve um parágrafo acrescentado pelo Decreto n. 5.545 [...]. (Google)

(83) MPOSS(d3048,p) & CAUSE(d5545,BECOME(POSS(d3048,p)))

A sétima questão diz respeito à alegada afetação do referente do SUBJ de *ter*₂. Enquanto a construção coreana equivalente implica que o sujeito é adversamente afetado, em japonês isso só ocorre na passiva indireta, que exclui relação de posse entre os referentes do SUBJ e do OBJ. A representação semântica que propomos em (47) prediz, contrariamente a Lunguinho (2016), que não há necessariamente esse tipo de implicação, o que se comprova por (84) e (85). Se há afetação ou não, depende do participio, em interação com fatores pragmático-discursivos. Essa é uma característica em comum com a passiva canônica, que não expressa, necessariamente, afetação do paciente ou tema (CANÇADO; AMARAL, 2016).

(84) Cada dente teve a largura mensurada por três vezes. (Google)

(85) A ex-primeira-dama Marisa Leticia teve o nome excluído da ação após a sua morte. (Google)

A última questão refere-se à realização do POSSR como possessivo, alternando com a sua não realização; comparem-se (23), (39) e (69) com (27), (28), (40) e (71), o que parece contrariar a análise de Lunguinho (2011, 2013). De fato, se o alçamento do possuidor é

obrigatório na passiva não canônica, como explicar que, como possessivo, concomitantemente forme constituinte com o POSSM, configuração restrita à passiva canônica? Na nossa proposta, que prescinde do movimento de constituintes, esse problema inexistente. O verbo ter_2 codifica relação MPOSS entre o SUBJ e o OBJ, e o possessivo codifica relação POSS entre esses dois argumentos ou entre o SUBJ e uma outra função gramatical.

5 CONCLUSÃO

A passiva possessiva constitui um dos fenômenos mais discutidos das línguas do leste asiático. Em coreano e japonês, por exemplo, que formam a passiva morfologicamente, essa diátese distingue-se pelo argumento adicional como SUBJ, a preservação do OBJ e a relação de posse entre eles. Este trabalho propõe uma abordagem dessa construção em português, que, abstraindo da formação perifrástica da passiva, compartilha essas características.

Para investigar as propriedades gramaticais e semânticas da passiva possessiva do português, formulamos oito questões a partir das características das correspondentes coreana e japonesa, conforme Oshima (2003; 2004), e da proposta de Lunguinho (2011; 2013; 2016), aparentemente a única sobre o fenômeno em português. Sob a perspectiva de duas teorias formais lexicalistas, a LFG e a LDG, propomos soluções ancoradas em ocorrências em textos autênticos. Enquanto a primeira teoria fundamenta a descrição dos aspectos gramaticais, a segunda embasa a descrição da interface sintaxe-semântica por meio da decomposição de predicados.

Argumentamos, sob a ótica da LFG, que existem pelo menos duas variantes de *ter* em português: ter_1 biargumental e ter_2 da passiva possessiva. Este é analisado por Lunguinho como um auxiliar atípico, resultado da concatenação de v^* e *ser*, núcleo aquele responsável pelo argumento externo de ter_2 , que seria afetado, e o acusativo do argumento interno do participípio. Ao contrário, defendemos que ter_2 é um verbo de controle do objeto do tipo *equi*, cujo XCOMP é realizado pelo participípio passivo, analogamente à análise de *ser* da passiva comum como verbo de alçamento do sujeito. Nossa proposta é consistente com ocorrências em que o sujeito de ter_2 não é afetado, impossíveis para Lunguinho, que também exclui, entre outras variantes posicionais abonadas em textos autênticos, exemplos em que o XCOMP precede o OBJ. Na nossa proposta, esses dois complementos de ter_2 são passíveis de permutação, tal como noutros verbos do tipo *equi*.

Com base na LDG, propomos que ter_2 resulta da aplicação, sobre ter_1 , da operação ARG, que adjunge, ao predicado de entrada, um predicado adicional, subjazendo a diversas diáteses verbais. Admitindo $\lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y)]$ como representação semântica de ter_1 , propomos, inicialmente, $\lambda Q \lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y) \& Q(y)]$ como representação de ter_2 , da qual derivam a moldura de subcategorização e a equação de controle do objeto que caracterizam esse lexema. Dessa representação, decorre também a atribuição dos papéis POSSR e POSSM ao SUBJ e ao OBJ, respectivamente, pelo que o SUBJ não é necessariamente afetado. Por conta de POSS, o leque de relações semânticas entre SUBJ e OBJ é o mesmo de ter_1 e de outros elementos possessivos. Dessa forma, as propriedades gramaticais e semânticas distintivas da passiva possessiva em relação à comum não decorrem de elementos que não constituem palavras, o que violaria o PIL, mas da integração do participípio passivo numa estrutura bipredicacional com *ter* em vez de *ser*.

Na nossa proposta, o participípio da passiva possessiva é o mesmo da comum, sendo, portanto, computacionalmente mais econômica que as alternativas que codificam as propriedades distintivas dessa construção no participípio, as quais exigem a duplicação de participípios passivos para cada verbo apassivável.

Para contemplar também casos em que o POSSM é realizado por função outra que não o OBJ de ter_2 , substituímos POSS na representação desse verbo por MPOSS, que expressa posse mediata. Essa solução cobre igualmente casos em que não há uma configuração de possuidor e possuído do qual o primeiro possa ser extraído e que, portanto, não são deriváveis pela abordagem de Lunguinho. Oferece também uma explicação para a realização concomitante do POSSR como possessivo, que, ao nosso ver, constitui um problema para a abordagem de Lunguinho.

Dado o caráter completamente formalizado da LFG, a análise gramatical foi implementada no âmbito da BrGram (ALENCAR, 2013). Isso permitirá, por um lado, testar a análise automaticamente em um grande volume de dados, como pretendemos num

trabalho próximo. Por outro, representa uma potencial contribuição para aplicações de PLN direcionadas à compreensão textual, como IE e Q&A.

Várias questões tiveram de ficar de fora deste artigo, que focou os aspectos gramaticais e semânticos da passiva possessiva. Por exemplo, as funções discursivas dessa diátese, que, ao promover a SUBJ o possuidor de argumento de verbo do qual não é participante, constitui estratégia para conferir-lhe status de tópico. Outras questões interessantes relacionam-se aos aspectos conceituais, históricos, dialetais, tipológicos e tradutológicos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, L. F. de. BrGram: uma gramática computacional de um fragmento do português brasileiro no formalismo da LFG. In: BRAZILIAN SYMPOSIUM IN INFORMATION AND HUMAN LANGUAGE TECHNOLOGY – STIL, 9., 2013. Fortaleza. *Proceedings...* Fortaleza: Sociedade Brasileira de Computação, 2013. p. 183-188.

BLACKBURN, P.; BOS, J.; STRIEGNITZ, K. *Learn Prolog Now!* Londres: College Publications, 2006.

BOBROW, D. G. et al. PARC's bridge and question answering system. In: GRAMMAR ENGINEERING ACROSS FRAMEWORKS, 2007. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2007. p.46-66.

BRESNAN, J. *Lexical-functional syntax*. Malden: Blackwell, 2001.

BUSSMANN, H. (Org.). *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 3.ed. Stuttgart: Kröner, 2002.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CHAMBERS, N.; JURAFSKY, D. Template-based information extraction without the templates. ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 49., 2011. *Proceedings...* Stroudsburg: Association for Computational Linguistics, 2011. p. 976-986.

CROUCH, D. et al. *XLE documentation*. Palo Alto: Palo Alto Research Center, 2011. Disponível em: http://www2.parc.com/isl/groups/nltt/xle/doc/xle_toc.html. Acesso em: 22 fev. 2016.

FALK, Y. N. *Lexical-functional grammar: an introduction to parallel constraint-based syntax*. Stanford: CSLI, 2001.

HUANG, C.-T. J. Chinese passives in comparative perspective. *The Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, Hsinchu, v. 29, n. 4, p. 423-509, 1999.

KIRSTEIN-JOST, S. *Auflösung von Anaphern im Rahmen der Informationsextraktion für Ontologie-Management im Bereich Life Sciences*. Hamburg: Dr. Kovač, 2010.

KOTSEV, E. *Interaktive Dialogsysteme: Sprachwissenschaftliche Grundlagen und Untersuchungen zu Nutzungsmöglichkeiten*. Saarbrücken: VDM Verlag, 2010.

LUNGUINHO, M. V. S. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. 2011. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. *Construções participiais com o verbo 'ter'*. [S.l.]: ANPOLL, 2013. Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/teoria-da-gramatica-gttg/wp-content/uploads/sites/14/2013/06/Marcus-Lunguinho.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. *Applicatives and 'ter' passives*. Workshop de Linguística Formal, Brasília, 2016. *Abstract booklet...* Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 12-14.

MCCORD, M. C.; MURDOCK, J. W.; BOGURAEV, B. K. Deep parsing in Watson. *IBM Journal of Research and Development*, Armonk, v. 56, n. 3/4, p. 1-15, 2012.

MEHLER, A.; LOBIN, H. Aspekte der texttechnologischen Modellierung. In: _____ (Org.). *Automatische Textanalyse: Systeme und Methoden zur Annotation und Analyse natürlichsprachlicher Texte*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2004. p. 1-21.

MORAIS, M.A.C.R.T. *A passivização no português: uma abordagem léxico-funcional*. 1988. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.

NOVICHKOVA, S; EGOROV, S.; DARASELIA, N. MedScan: a natural language processing engine for MEDLINE abstracts. *Bioinformatics*, Oxford, v. 19, n. 13, p. 1699-1706, 2003.

OSHIMA, D. Y. Out of Control: A Unified Analysis of Japanese Passive Constructions. INTERNATIONAL CONFERENCE ON HPSG, 9., 2003. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2014. p. 245-265.

_____. *Adversity and Korean/Japanese passives: constructional analogy*. [Nagoya]: Nagoya University, 2004. Disponível em: <http://www.gsid.nagoya-u.ac.jp/oshima/docs/kjpassives.pdf>. Acesso em: 24 maio 2017.

PATEJUK, A.; PRZEPIÓRKOWSKI, A. In favour of the raising analysis of passivisation. INTERNATIONAL LEXICAL-FUNCTIONAL GRAMMAR CONFERENCE, 19., 2014. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2014. p. 461-481.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

ROBINSON, K. S. *Aurora*. Londres: Orbit, 2015.

SANTOS, A.F. *Uma gramática LFG-XLE para a análise sintática profunda do português*. 2014. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

STERNEFELD, W. *Syntax: eine morphologisch motivierte generative Beschreibung des Deutschen*. Tübingen: Stauffenburg, 2006. 2 v.

WATSON (computer). In: WIKIPEDIA. [S.l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Watson_\(computer\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Watson_(computer)). Acesso em: 16 dez. 2017

WITT, J. Kompositionalität und Regularität im System der Partikelverben mit *ein-*. In: Olsen, S. (Org.). *Semantische und konzeptuelle Aspekte der Partikelverbbildung mit ein-*. Tübingen: Stauffenburg, 1998. p. 27-103.

WUNDERLICH, D. Predicate composition and argument extension as general options: a study in the interface of semantic and conceptual structure. In: STIEBELS, B.; _____. (Org.). *Lexicon in Focus*. Berlin: Akademie Verlag, 2000. p. 247-269.

AGRADECIMENTOS

Somos grato a Jessé de Sousa Mourão pelos esclarecimentos a respeito de questões de tradução. Agradecemos também aos pareceristas e revisores anônimos pelos valiosos comentários e sugestões sobre versão prévia deste artigo. Todos os erros remanescentes são de nossa responsabilidade.



Recebido em 15/01/2018. Aceito em 26/02/2018.

THE POSSESSIVE PASSIVE IN PORTUGUESE: A LEXICALIST APPROACH WITH A COMPUTATIONAL IMPLEMENTATION

A PASSIVA POSSESSIVA EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM LEXICALISTA COM UMA
IMPLEMENTAÇÃO COMPUTACIONAL

LA PASIVA POSESIVA EN PORTUGUÉS: UN ENFOQUE LEXICALISTA CON UNA
IMPLEMENTACIÓN COMPUTACIONAL

Leonel Figueiredo de Alencar*
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: The possessive passive is one of the most discussed grammatical phenomena of East Asian languages. In Portuguese, although common, it has apparently been discussed only by Lunguinho (2011, 2013, 2016) in a transformational approach with constructed examples. In this paper, we oppose this approach both theoretically and methodologically. On the one hand, we propose a purely lexicalist analysis based on the non-transformational LFG and LDG models. On the other, we resort to evidence extracted from authentic texts. This twofold strategy allows us to explain data that do not fit Lunguinho's proposal. We argue that the distinctive properties of this passive variety result from a lexical rule that extends the argument structure of the verb *ter* 'have', by incorporating a predicate variable into its semantic form. This variable is linked to a predicative argument, turning *ter* into an object control *equi* verb.

KEYWORDS: Possessive passive. Non-canonical passive. Lexical-Functional Grammar (LFG). Predicate decomposition. Computational linguistics.

RESUMO: A passiva possessiva constitui um dos fenômenos gramaticais mais discutidos das línguas do leste asiático. Em português, embora comum, foi discutida, segundo parece, unicamente por Lunguinho (2011; 2013; 2016), numa abordagem transformacional, utilizando exemplos construídos. No presente artigo, contrapomo-nos a essa abordagem tanto no plano teórico quanto no metodológico. Por um lado, propomos uma análise puramente lexicalista no quadro dos modelos não transformacionais LFG e LDG. Por outro, recorreremos a evidências extraídas de textos autênticos. Essa dupla estratégia permite explicar dados que não se

* PhD in Linguistics from the University of Constance (Universität Konstanz), Germany. Associate Professor at the Federal University of Ceará. E-mail: <leonel.de.alencar@ufc.br>.

encaixam na proposta de Lunguinho. Argumentamos que as propriedades distintivas dessa passiva resultam de uma regra lexical que estende a estrutura argumental de *ter* pela incorporação de uma variável de predicado à sua forma semântica. Essa variável é vinculada a um argumento predicativo, tornando *ter* um verbo de controle do objeto do tipo *equi*.

PALAVRAS-CHAVE: Passiva possessiva. Passiva não canônica. Gramática Léxico-Funcional (LFG). Decomposição de predicados; Linguística computacional.

RESUMEN: La pasiva posesiva es uno de los fenómenos gramaticales más discutidos en los idiomas de Asia oriental. En portugués, aunque es común, fue discutido, aparentemente, solo por Lunguinho (2011, 2013, 2016), en un enfoque transformacional utilizando ejemplos contruïdos. En este artículo, nos oponemos a este enfoque tanto teórica como metodológicamente. Por un lado, proponemos un análisis puramente lexicalista basado en los modelos no transformacionales LFG y LDG. Por otro lado, recurrimos a evidencias extraïdas de textos auténticos. Esta doble estrategia nos permite explicar datos que no se ajustan a la propuesta de Lunguinho. Argumentamos que las propiedades distintivas de esta variedad pasiva resultan de una regla léxica que extiende la estructura de argumento del verbo *ter* 'tener' al incorporar una variable predicativa a su forma semántica. Esta variable está vinculada a un argumento predicativo, convirtiendo *ter* en un verbo *equi* de control de objeto.

PALABRAS CLAVE: Pasiva posesiva. Pasiva no canónica. Gramática Léxico-Funcional (LFG). Descomposición de predicados. Lingüística computacional.

1 INTRODUCTION

In “Aurora”, Kim Stanley Robinson leads the reader through the perils of an intergalactic journey (ROBINSON, 2015). One of the most interesting aspects of this story is that, for the most part, it is narrated by the spacecraft’s artificial intelligence (AI), which helps its inhabitants solve the most varied problems, interacting with them in natural language. To do so, the system has available all human knowledge digitally stored in texts, whose zettabytes of information it is able to extract, organize, and apply to cognitive tasks as complex as elaborating a literary narrative.

It is uncertain whether someday an AI system could, by self-learning, achieve the mastery of a narrator like Robinson himself. However, question answering (Q&A) systems have for some time been aiding aircraft maintenance technicians, interacting with consumers of transport companies, providing real estate, tourist, and weather information, etc. (KOTSEV, 2010). One of the strategies underlying some of these systems is automatic information extraction (IE) from natural language texts, used by dozens of general or domain-specialized softwares, and indispensable in several fields, contributing to the analysis of large datasets (big data). Perhaps the most successful case of use of these two technologies is IBM’s Watson which, in 2011, defeated two former champions of *Jeopardy!*, a North American television quiz show (WATSON, 2017).

Q&A and IE belong to the natural language processing (NLP) sub-area called text understanding. IE consists of converting information that is only implicitly structured in texts into data structures (MEHLER; LOBIN, 2004, p.1). One of the components of the architecture of text understanding systems, such as Watson, is an automatic parser, whose analyses constitute input for building semantic representations of sentences (MCCORD; MURDOCK; BOGURAEV, 2012).

Consider the following fragments extracted from real texts:

(1) os torcedores tinham quebrado os vidros do quiosque (Google)
the fans have:IMPF;3PL break:PTCP the windows of the kiosk
‘The fans had broken the windows of the kiosk’

(2) Vidraças da sede do banco RBS foram quebradas por manifestantes (Google)
windowpanes:F;PL of the headquarters ... be:PRF;3PL break:PTCP;F;PL by protesters
‘Windowpanes of the RBS bank’s headquarters were broken by protesters’

(3) Bancos da região central tiveram vidraças quebradas pelos manifestantes. (Google)

banks ... have:PRF;3PL windowpanes:F;PL break:PTCP;F;PL by protesters

'Windowpanes of banks in the central region were broken by protesters.'

Intuitively, (1)-(3) express the same type of situation under different guises. This commonality is modeled in IE by means of a template, a data structure consisting of slots referring to the different semantic roles of a relation. These slots are automatically filled by entities extracted from texts in natural language, allowing unstructuredly encoded information to feed an ontology (KIRSTEIN-JOST, 2010), constitute answers for users of Q&A systems, etc. For example, we can schematize the semantic relations expressed by (1)-(3) through the DEPREDATION template, covering events such as *quebrar* 'break', *destruir* 'destroy', *depredar* 'depredate', etc., and including the roles PERP(etrator), TARGET, and POSS(esso)R (CHAMBERS; JURAFSKY, 2011). The application of this template to (1)-(3) reveals the underlying structure common to the different surface configurations:

(4) PERP: fans, TARGET: windows, POSSR: kiosk

(5) PERP: protesters, TARGET: windowpanes, POSSR: RBS bank

(6) PERP: protesters, TARGET: windowpanes, POSSR: banks in the central region

This example highlights the need for the architectures of IE and Q&A systems to take into account the different types of syntactic constructions. The IE system proposed by Chambers and Jurafsky (2011), for example, dispenses with the manual elaboration of templates, which are instead extracted from texts and automatically filled in. To do so, the system uses, among other resources, a parser, to label the grammatical functions of the occurrences of verbs that make up the templates, and to convert all of the passive sentences into the corresponding active ones. Thus, by taking this approach, the extraction of (5) from (2) would imply transforming this sentence into its corresponding active, in the form, therefore, of (1). Since (3) expresses the same type of relation as (2), it would also need to undergo an analogous transformation.

Sentence (3) exemplifies a construction of Portuguese that, although common in both the Brazilian and the European varieties, apparently has not yet been investigated, except for Lunguinho's approach (2011, 2013, 2016) within the framework of the Minimalist Program (MP). On the contrary, labeled possessive passive, its counterpart in East Asian languages, where it is pervasive, has been widely discussed (HUANG, 1999, p.51). In Korean and Japanese, which form the passive synthetically, the same derived verb form is used both in the direct passive (corresponding to (2)), and the possessive passive (corresponding to (3)) (OSHIMA, 2004). In both passive types, the participant realized as subject in the active is demoted to an oblique function. In the possessive passive, however, the direct object of the verb in the active is preserved, while a participant that does not belong to the source argument structure is promoted to subject. The term *possessive passive* arises from the constraint that some kind of possession relation must subsist between the referents of the subject and the direct object in this construction.

In this paper, we analyze the possessive passive of Portuguese, both in its grammatical and semantic dimensions, based on real data, extracted from recent texts of the most diverse genres and registers of the Brazilian variety. The model that underlies the first dimension of the analysis is Lexical-Functional Grammar (LFG), a non-transformational generative theory in which grammatical functions and the lexicon play a central role. The fundamental representation level of the model is functional structure, which constitutes input for the representation of sentence meaning. We deal with the semantic aspects of the possessive passive from the perspective of Lexical Decomposition Grammar (LDG), a lexicalist theory of argument linking and verb alternations, based on predicate decomposition (WUNDERLICH, 2000).

One of the advantages of LFG in comparison to other generative approaches, such as the MP, is the complete formalization, facilitating computational simulation of specific grammatical phenomena or parser compilation. LFG has been used for text understanding, in IE systems (NOVICHKOVA; EGOROV; DARASELIA, 2003), Q&A (BOBROW et al., 2007), etc. An attraction of LFG for linguistics students and researchers is the Xerox Linguistic Environment (XLE), a free grammar development environment available for non-commercial purposes. A substantial part of the architecture of the model can be implemented in this system in smaller or larger grammars, without the need for in-depth computer skills. XLE allows one to compile parsers from these grammars and apply them to individual sentences or entire corpora, providing a number of features for evaluating results. Thus, a given proposal of analysis of a given grammar fragment can be automatically tested on a vast dataset. Analogously, alternative approaches to the same set of phenomena can be automatically compared for complexity. This evaluation methodology is not feasible in the case of proposals elaborated in theories that are not completely formalized and, therefore, not directly implementable, such as the MP.¹

The grammar analysis proposed herein was implemented in XLE within the framework of BrGram (ALENCAR, 2013), a grammar of medium syntactic coverage, capable of analyzing nontrivial examples such as (1)-(3), thus filling a gap in Santos' grammar (2014), which does not include the possessive passive.² In this way, BrGram can directly contribute to systems of text understanding.

In the next section, we present the theoretical framework that underlies the grammatical analysis and the computational implementation of the Portuguese possessive passive in section 4. This proposal offers a solution to several questions raised by previous studies on the phenomenon in Korean, Japanese, and Portuguese, summarized in section 3. The last section presents the conclusions and offers suggestions for future work.

2 LEXICAL-FUNCTIONAL GRAMMAR

LFG is a branch of generative grammar. However, it opposes the models proposed by Chomsky, like the MP, from which it diverges in relation to syntactic transformations. In LFG, only transformations in the lexicon are allowed, via lexical rules.

¹ According to Falk (2001, p.65), the MP is a *semi-formalized* theory.

² BrGram is available at this address: <https://github.com/LFG-PTBR/BrGram>.

"Os torcedores tinham quebrado os vidros do quiosque."

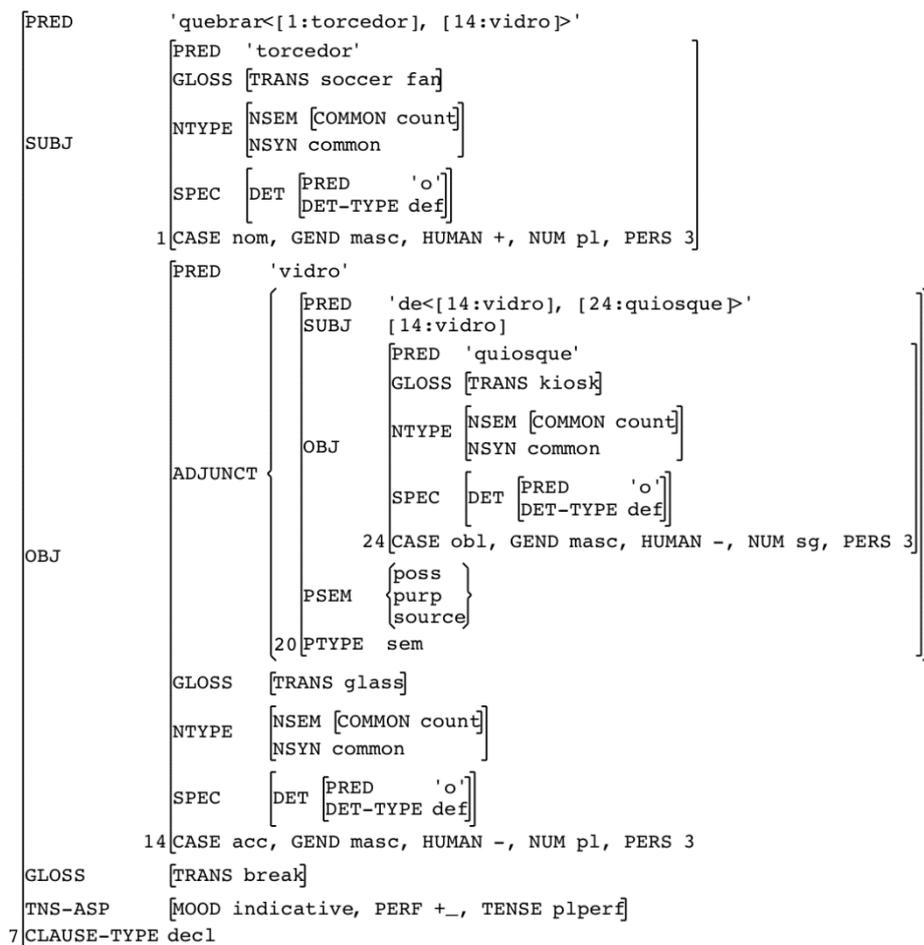


Figure 1: F-structure of example (1) generated by BrGram

Source: Own elaboration

Another difference from transformational approaches results from the Lexical Integrity Principle (henceforth LIP), according to which words are the atoms of syntax. Thus, processes of the syntactic component can not manipulate elements that do not constitute words, for example heads such as v^* , adopted by Lunguinho (2011, 2013, 2016) in his analysis of the possessive passive within the MP framework. In LFG, due to the LIP, the encoding of a wide range of phenomena analyzed by means of syntactic processes in transformational models is transferred to the lexical component. The lexicon, thus, takes on an enormous importance in this theory.

LFG postulates three fundamental projections to represent the grammatical properties of a sentence, of which only the first two are implemented in XLE and, therefore, in BrGram: (i) phrase or constituent structure (c-structure), (ii) functional structure (f-structure), and (iii) argument structure (a-structure). The first is represented by tree diagrams. The second encodes, among other properties, the grammatical functions. The third is a list of features that encode the syntactically relevant aspects of the semantic roles of a predicate. Other projections are provided in the model, such as phonological structure, semantic structure (s-structure), and information structure (FALK, 2001).

The most important projection, in the present context, is the f-structure, which constitutes input for the construction of the representation of sentence meaning. The main information represented in this structure consists of grammatical functions such as SUBJ (subject), OBJ (direct object), and so on. At this level, properties such as tense, mood, aspect, and voice are also encoded.

F-structure consists of an attribute-value matrix, where a given attribute can have an atomic value or another f-structure as a value, as in Figure 1, which follows the notation of King (2004), to whom we refer for the expansion of abbreviations used in the figures of

this article. We assign f_1, f_2, \dots, f_n to the f -structures of indices 1, 2, ..., n . In Figure 1, f_7 has the attributes PRED (predicate), SUBJ, and OBJ. The value of the first is the semantic form (7), where *quebrar* ‘break’ is a predicate of two arguments, saturated by f_1 and f_{14} , i.e. by the values of the attributes SUBJ and OBJ, whose semantic forms are the lemmas *torcedor* ‘fan’ and *vidro* ‘window’. Abstracting away from the mood-tense information, (7) translates to *quebrar*(t, v) in predicate logic, where t and v refer to the entities denoted by SUBJ and OBJ.

(7) *quebrar* <[1: *torcedor*], [14: *vidro*]>’

The other example of grammatical function of Figure 1 is ADJUNCT, which encompasses not only adnominal adjuncts, as in this case, but also adverbial adjuncts. Unlike SUBJ and OBJ, ADJUNCT is not subcategorized. The value of ADJUNCT is a set of f -structures, represented by braces. In the example at hand, this set has a single member, whose semantic form is the representation of the preposition *de* ‘of’ with its arguments in (8). This preposition expresses possession (*poss*), purpose (*purp*), or source (*source*) (KING, 2004).³ In a text understanding system, the disambiguation between these different meanings is taken care of by a later module in the processing pipeline.

(8) *de* <[14: *vidro*], [24: *quiosque*]>’

Formulas such as (7) and (8) can be used in an IE system to fill in templates such as DEPREDATION by simply linking the arguments of these formulas to the different slots: the PERP and the TARGET are the first and second arguments of (7), respectively, while POSSR is the second argument of (8).

Figure 1 exemplifies the treatment given in BrGram to the auxiliaries used in verbal periphrases like (1). These auxiliaries are analyzed as instances of the Inflection category (hereafter I), devoid of lexical meaning and, therefore, of a PRED attribute (FALK, 2001). Thus, they do not constitute a predicational and/or clausal domain by themselves, contributing to the structure F of the sentence only with features such as person, number, tense, mood, aspect, etc. In the example in question, there is a single sentence domain, consisting of the verb *quebrar* ‘break’. The auxiliary *ter* ‘have’, implemented as an I head, only contributes with the features MOOD=indicative and TENSE=plperf, specifying the mood and tense of the sentence as indicative and pluperfect.

In (9), we have an example of a lexical entry in the notational variant of the LFG formalism used in XLE, in this case for the word form *quebrado* ‘broken’ from example (1). In this entry, the first line expresses the lexical category (V=verb) followed by the predicate *quebrar* ‘break’, whose arguments must be realized by the SUBJ and OBJ functions. This formula, thus, also specifies the syntactic valence or subcategorization frame of the verb. In the second line of the entry, each of the two abbreviations preceded by “@” is a template call. Templates in XLE are analogous to subroutines or functions in programming languages such as C or Python. The @PSTPT and @ACT templates specify that this verb form is an active past participle.

(9) *quebrado* V * (^ PRED)=‘*quebrar*<(^ SUBJ)(^ OBJ)>’
@PSTPT @ACT.

In BrGram, different valence classes are encoded by means of templates, simplifying the elaboration of lexical entries. For divalent verbs of the type of (9), which govern an OBJ and are passivizable, the TRNS (transitive) template (10) is defined. This template takes the verbal lemma as a parameter, represented by the P variable. Invoking this template with the parameter *quebrar* ‘break’, the encoding of the semantic form of (9) can be simplified to (11).

(10) TRNS(P) = (^ PRED)=P<(^ SUBJ)(^ OBJ)>’.

(11) *quebrado* V * @(TRNS *quebrar*)

³ This list is far from exhausting the wide range of relations covered by the preposition *de*. New values will be included in future versions of BrGram.

Another subcategorized grammatical function that is relevant to our analysis of the possessive passive is the XCOMP predicative complement, characterized by the empty position of its subject in C-structure. This function is realized in f-structure by a nuclear grammatical function of the matrix verb, establishing a control relation between the two functions. In (12)-(14), the controlling function is the OBJ of the matrix verb. The head of an XCOMP can be any lexical category (N, V, A, etc.).

(12) O prefeito [...] convenceu os manifestantes a terminarem o protesto. (Google)
 the mayor persuaded the protesters to end:INF;3PL the protest
 'The mayor persuaded the protesters to end the protest.'

(13) A juíza [...] julgou improcedente a reclamação trabalhista. (Google)
 'The judge dismissed the labor claim as unfounded.'

(14) o sapateiro viu o bandido fugir em uma bicicleta (Google)
 'The cobbler saw the thug run off on a bicycle.'

"O prefeito convenceu os manifestantes a terminarem o protesto."

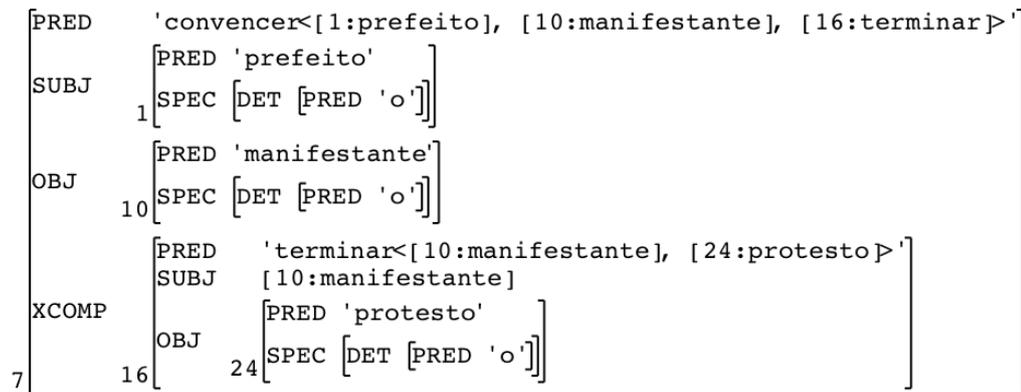


Figure 2: Simplified f-structure generated by BrGram for example (12)

Source: Own elaboration

Figure 2 exemplifies the control operation. In this example, the arguments of the predicate *convencer* 'persuade' are filled by f1, f10, and f16. These are the values of the SUBJ, OBJ, and XCOMP attributes, respectively. The semantic representation of f16 is the dyadic predicate *terminar* 'end', whose arguments are filled by f10 and f24, i.e., the values of the SUBJ and OBJ attributes. Thus, this example has a biclausal structure, formed by a matrix sentence headed by the verb *convencer* and an embedded sentence, argument of this verb, headed by the verb *terminar*. In contrast, the structure of Figure 1 is monoclausal. Since f-structure constitutes input for the projection of s-structure, the structure of Figure 2 projects a bipredicational s-structure, while the structure F of Figure 1 projects a monopredicational s-structure.

LFG models the relation between the controlling and the controlled functions by means of an equation in the lexical entries, as in the second line of (15). This equation concomitantly ensures agreement between these two grammatical functions, blocking examples like (16).

(15) convenceu V * (^ PRED)='convencer<(^ SUBJ)(^ OBJ)(^ XCOMP)>'
 (^ XCOMP SUBJ) = (^ OBJ)

(16) *O prefeito convenceu o manifestante a terminarem o protesto.
 the mayor persuaded the protester to end:INF;3PL the protest.

In BrGram, the encoding of control verbs is also simplified by means of templates, which allow for modeling properties common to different classes of verbs of this type. For example, in the elaboration of entries for object control verbs, the use of template (17) allows for condensing the information from the two lines of code of (15) into a single line, as exemplified in (18).

(17) O-CTRL (P) = (^ PRED) = 'P <(^ SUBJ) (^ OBJ)
 (^ XCOMP SUBJ) = (^ OBJ).

(18) convenceu V * @ (O-CTRL convencer)

Control verbs are classified into two classes, according to the relation of the controlling function to the matrix verb, namely equi type verbs and raising verbs. The verb of (15) falls into the first class, in which the controller realizes a semantic argument (i.e. a theta role) of the matrix verb. This is not the case with raising verbs, for example, aspectual verbs (*começar* 'to begin', *cessar* 'to cease', etc.), and causative verbs like *fazer* 'to make'. For example, in (19), it is not the matrix verb that imposes selection constraints on its OBJ, but the embedded verb. Subcategorized grammatical functions that do not realize a theta role are represented in LFG outside the angled brackets, as in (20).

(19) A iniciativa fez os ladrões fugirem. (Google)
 'The initiative made the robbers flee.'

(20) fez V * (^ PRED)='fazer<(^ SUBJ)(^ XCOMP)>(^ OBJ)
 (^ XCOMP SUBJ) = (^ OBJ)

Figure 3 exemplifies the raising verb analysis of passive *be*, defended by Morais (1988), Patejuk and Przepiórkowski (2014), etc.⁴ The most external predicate is *ser* 'be', which governs two functions: an XCOMP-PRED and a SUBJ, of which only the first one constitutes a semantic argument. In f23, we practically have the same formula (7) of the active counterpart of this sentence, the only difference being that the first argument slot in the passive structure is realized by the f-structure of the OBL-AG, the passive agent, while the second slot is filled by the f-structure of the SUBJ. The two formulas express the same semantic relation, resulting in the same filled in template of (4).

"Os vidros do quiosque tinham sido quebrados pelos torcedores."

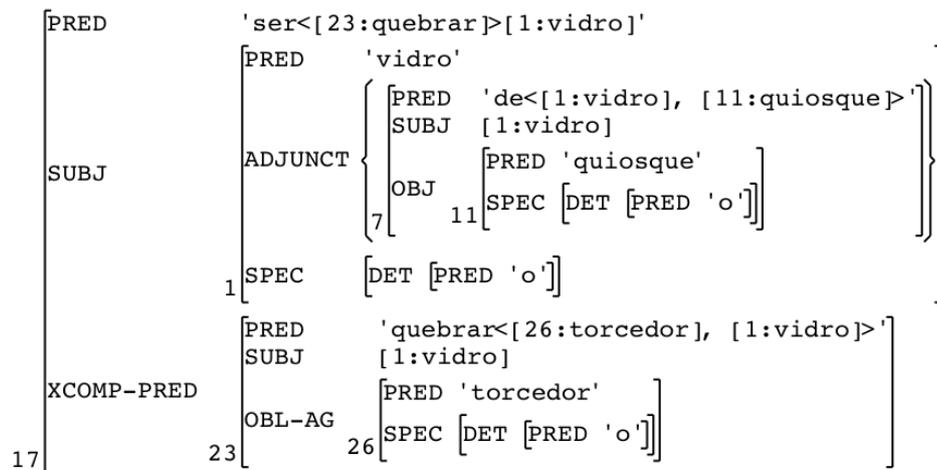


Figure 3: Simplified f-structure generated by BrGram for the passive counterpart of the example of Figure 1

Source: Own elaboration

⁴ This is a matter of controversy in LFG.. Bresnan (2001: 116), for example, classifies this element in English as I.

Due to the LIP, LFG adopts a purely lexical analysis of verbal diatheses, such as passivization, possessor raising, etc., explaining them based on the argument structures of verbs. This level of representation is manipulated by lexical rules, processes that affect the phonological, syntactic, and/or semantic representations of lexical entries, generating new entries. They, therefore, make it possible to dispense with the individual encoding of lexical entries, simplifying lexicon development. In XLE, the modeling of lexical rules responsible for diatheses such as the passive resort to the LFG model of the early 1980s. In this model, the passive involves the manipulation of grammatical functions according to the transformations of (21), which can be implemented in XLE by means of a template (CROUCH et al., 2011). In the first transformation, the OBJ becomes the SUBJ. The second transformation involves two alternatives, connected by the logical disjunction "|": either the SUBJ is transformed into an OBL-AG, or suffers erasure (indicated by NULL).

$$(21) (^{A} \text{OBJ}) \rightarrow (^{A} \text{SUBJ}) \\ \{ (^{A} \text{SUBJ}) \rightarrow (^{A} \text{OBL-AG}) \mid (^{A} \text{SUBJ}) \rightarrow \text{NULL} \}$$

3 PREVIOUS ANALYSES

Given the typological proximity between Korean and Japanese (BUSSMANN, 2002, p.383), it is not surprising that these languages share the same superficial syntactic pattern in the possessive passive. However, according to Oshima (2004), there are many differences in this matter between the two languages. In the first place, the range of relations between subject and object referents is much broader in Japanese, which permits “any pragmatically significant relation” (p.16). Second, inanimate subjects are admitted in the Japanese construction, which is restricted in Korean to animated subjects. Third, the Japanese possessive passive (like the direct passive) does not imply that the subject is adversely affected, a characteristic of the indirect passive, a type that does not exist in Korean. On the contrary, the two Korean passives imply that the subject, when animated, is adversely affected. Fourth, only the Japanese passive suffix is productive, its counterpart in Korean being restricted to lexicalized forms. The fifth difference concerns the ambiguity of the passive suffixes. In Korean, this suffix also functions as a causativizer. In Japanese, instead, depending on the type of relation between the subject and the object, certain passive sentences can be interpreted as both possessive and indirect passives. The last difference refers to the amount of strata of the construction in each language. In Japanese, the possessive passive, like the other two types, constitutes a bistratal semantic structure, expressing a stative relation of somebody’s lack of control over someone else’s action, involving three participants: an actor, an undergoer, and an “effect”, of which the second participant functions as an actor (OSHIMA, 2003). This complexity of the Japanese passive at the semantic level, however, does not reflect itself on the syntactic level. A passivized verb stem functions syntactically as a single verb, with a valence frame that specifies a subject, a dative complement, and an accusative complement. In this way, the syntactic and semantic structures of passivized Japanese verbs are analogous to those of causativized verbs (OSHIMA, 2003). In Korean, both passive variants are syntactically and semantically monostratal. The additional argument of the possessive passive results, according to Oshima (2004), from possessor raising, which he considers a common process in this language.

In his thesis on auxiliary verbs, Lunguinho (2011) compares the two types of Portuguese passives, the “canonical” one with auxiliary *ser* ‘be’, and the “non-canonical” or “adversative” one with auxiliary *ter* ‘have’. Both are formed with the passive participle, which is restricted to verbs with an external argument and a direct internal argument. The passive participle agrees with the latter argument. Therefore, it differs from the perfect participle, which does not undergo this argument restriction nor exhibits agreement. Other common properties between the two passives are the demotion of the external argument, and the promotion of the direct internal argument. Based on constructed grammatical and ungrammatical examples, he presents the differences between the two types, for which he proposes an explanation in the MP framework. As this proposal was reformulated in later studies (LUNGUINHO, 2013, 2016), which we will deal with next, we limit ourselves to the aspects to which we are opposed in our proposal.

The first aspect refers to the position of the internal argument relative to the participle. For Lunguinho (2011), the latter must follow the former, as in (3), whereby (22) would be ungrammatical.

$$(22) *A porta teve concertada a maçaneta (pelo marceneiro). (p.43)$$

the door have:PRF;3SG repair:PTCP;F;SG the doorknob:F;SG (by the carpenter)

The second aspect refers to the licensing of an empty category (*ec*) in the possessor position, as in (23). Lunguinho considers this *ec* a trace left by possessor raising, and it can also occur within an indirect internal or external argument, as in (24) and (25), respectively.

Linguinho states that “only canonical passives allow the possessor and the possessed to remain united as a constituent” (p.74). He admits that there is no explanation for the obligatoriness of the possessor movement to specifier of category T(ense), which prevents the derivation of sentences like (26).

(23) *ele_i teve conversas ec_i interceptadas pela PF* (Google)

he_i have:PRF;3SG conversations:F;PL ec_i intercept:PTCP;F;PL by the Federal Police
 ‘conversations of his were intercepted by the Federal Police.’

(24) *Byron_i teve cinco anos acrescentados à pena ec_i*.⁵

Byron have:PRF;3SG five years:M;PL add:PTCP;M;PL to the sentence
 ‘Five years were added to Byron’s sentence.’

(25) *[O Pedro]_i teve as contas ec_i pagas pelo pai ec_i*. (p.72)

Peter_i have:PRF;3SG the bills:F;PL ec_i pay_for:PTCP;F;PL by the father ec_i
 ‘Peter’s bills were paid for by his father.’

(26) **Nesse momento tem o suspeito a casa revistada pela polícia*. (p.76, n.27)

at this moment have:PRS;3SG the suspect the house:F;SG search:PTCP;F;SG by the police

Linguinho remarks that he uses *possessor* as a generic term to also cover cases in which the empty category does not necessarily correspond to the possessor of an alienable (v. 72) or inalienable possession relation (see (44)), but instead constitutes an argument of a relational noun (see 84) or of a whole-part relation (see (3)) or the theme of a deverbal noun (see (65)).

The third aspect concerns the realization of the possessor as a lexical pronoun, in which case Linguinho claims there is no difference in markedness with regard to its realization as an empty category:

(27) *Ele teve uma conversa dele grampeada e divulgada* (Google)

he have:PRF;3SG a conversation:F;SG of his bug:PTCP;F;SG and disclose:PTCP;F;SG
 ‘A conversation of his was bugged and disclosed.’

(28) *Ela teve uma conversa sua [...] impressa pelo diretor da escola* (Google)

she have:PRF;3SG a conversation:F;SG 3POSS:F;SG print:PTCP;F;SG by the principal of the school
 ‘A conversation of hers was printed by the school’s principal.’

The fourth aspect refers to the properties of the auxiliary *ter* ‘have’. According to Linguinho, this auxiliary assigns a thematic role to its subject and licenses accusative Case on the internal argument of the participle. The author admits that this behavior goes against his own definition of auxiliary as a category unable of selecting an argument and assigning a thematic role. However, he justifies this exceptionality by the incorporation of the auxiliary *ser* ‘be’ into *ter* ‘have’ (p.80). He does not, however, specify the thematic role assigned by *ter*, limiting himself to characterizing it as “compatible with the interpretation of affection” (p.77), generally associated, as he claims, with the argument in subject position.

⁵ Based on the following occurrence extracted from Google results, analogous to Linguinho’s (2011, p.72) example (63a): *Byron Moreno está preso e deve ter cinco anos acrescentados à pena*. (‘Byron Moreno is imprisoned and must have five years added to his sentence.’).

For Lunguinho (2013, p.2), (29) is ambiguous between readings (30a) and (30b), which correspond to questions (31a) and (31b), respectively:

- (29) O João tem dois artigos citados pelo Chomsky.
John have:PRS;3SG two articles:M;PL cite:PTCP;M;PL by Chomsky.
- (30) a. O João possui dois artigos citados pelo Chomsky.
'John possesses two articles cited by Chomsky.'
b. Dois artigos do João são citados pelo Chomsky.
two articles:M;PL of the John be:PRS;3PL cite:PTCP;M;PL by the Chomsky
'Two articles by John are cited by Chomsky.'
- (31) a. O que o João tem?
'What does John have?'
b. Por quem o João tem o trabalho citado?
by whom the John have:PRS;3SG the work:M;SG cite:PTCP;M;SG
'By whom was John's work cited?'

Lunguinho (2013) calls the construction of (29), in reading (30a), possessive and, in reading (30b), non-canonical passive, as in his previous work. As evidenced by (31a) and (31b), different syntactic structures underlie the two readings. In the first interpretation, the verb *ter* (hereinafter *ter1*) expresses a relation of possession between its external and internal arguments, while the past participle constitutes a modifier of the latter.

In the second interpretation of (29), Lunguinho points out, the referent of [John] does not function as possessor of [*two articles*], but as author. He claims that, in this case, *ter* functions as an auxiliary (hereafter *ter2*), analogously to *ser* 'be' in the canonical passive. He concludes from (32) that the non-canonical passive, besides exhibiting an additional argument, differs from the canonical passive by not allowing an expletive in the subject position.

- (32) São/*Têm citados pelo Chomsky dois artigos do João. (p.2)
be:PRS;3PL/have:PRS;3PL cite:PTCP;M;PL by Chomsky two articles:M;PL of John

To explain the common aspects and the differences between the two passives, Lunguinho proposes an analysis within the MP that takes as its starting point the derivation of the canonical passive represented in (33), which, according to him, underlies reading (30b).

- (33) [_{vSER} [_{VoiceP} [_{PartP} [_{DP} [_{DP} o João] dois artigos] [_{Part} citados [_{VP...}]]] [_{Voice} por [_{vP} [_{DP} o Chomsky]] (p.2)
[_{vBE} [_{VoiceP} [_{PartP} [_{DP} [DP] John] two articles] [_{Part} cite:PTCP;M;PL [_{VP...}]]] [_{Voice} by [_{vP} [_{DP} Chomsky]

For Lunguinho, the differences between the two passives result from a *v** head capable of introducing an argument, licensing possessor raising to subject position, and valuing Case on the internal argument of the participle. This head projects a structure that dominates the projection of the auxiliary *ser* 'be' represented in (33), from which *ter2* derives by the concatenation of *v** and *ser*.

Lunguinho (2016) focuses on interpretation (30b), proposing, for both types of passives, the same analysis of Lunguinho (2013). Three points of this latest work deserve to be highlighted. The first, refers to the types of relation that the extra argument of the non-canonical passive entertains with the internal argument of the participle. In the case of the theme of a deverbal noun, Lunguinho (2016) calls the relation *complementation*. The relation expressed by a relational noun is no longer mentioned.

The second point concerns the affection of the argument in the subject position of *ter2*. Lunguinho (2016) is more categorical than Lunguinho (2011), treating this property not as accidental, but essential. Finally, the third point refers to examples such as (34),

considered ungrammatical because of the absence of a semantic relation between the argument in the subject position of *ter* ‘have’ and the internal argument of the participle:

- (34) *O Paulo teve as contas da Maria pagas pela Ana. (LUNGUINHO, 2016, p.13)
 the Paul have:PRF;3SG the bills:F;PL of the Mary pay_for:PTCP;F;PL by the Hannah

4 LEXICAL-FUNCTIONAL AND DECOMPOSITIONAL ANALYSIS

In this section, we propose answers, based on LFG and LDG, for questions about the possessive passive in Portuguese raised by the approaches of the previous section. The lexical and syntactic aspects of the proposal are implemented in BrGram.

The first question concerns the ambiguity of (29) between (30a) and (30b), which, according to Lunguinho (2013), correlates with an opposition between two types of roles played by the referent of the subject in these structures. In the first, it functions as possessor; in the second, as author. In fact, this role differentiation is orthogonal to the structural ambiguity. It follows not from the syntactic structure of the sentence, but from the ambiguity of expressions that denote a possession relation in the broad sense, when the second argument of the relation (henceforth POSSM) is referred to by an expression headed by nouns such as *book*, *article*, *sculpture*, *video*, *film*, etc. For example, in all cases of (35), the first argument of the relation (henceforth POSSR) may function both as “author” and “possessor” of the POSSM. This ambiguity is less plausible in the same contexts with nouns such as *stone*, *dog*, *land*, etc.

- (35) a. O João tem dois artigos.
 ‘John has two articles.’
 b. os dois artigos do João
 the two articles of the John
 ‘the two articles of/by John’
 c. os dois artigos dele
 the two articles 3msPOSS
 ‘his two articles’
 d. os seus dois artigos
 the 3POSS;M;PL two articles:M;PL
 ‘his two articles’

According to Pustejovsky (1995), the semantic representation of nouns that designate artifacts like *book*, *article*, etc. contains the specification of an AGENT attribute whose value is the type of event responsible for the production of the entity. In the case of (35), this is a *write* event. In such structures, the POSSR can then be identified with the first argument of this predicator. On the contrary, in examples such as *sua pedra* ‘her stone’ or *o cachorro dela* ‘her dog’, the interpretation of POSSR as author does not emerge because these nouns, at least in their default specification, have no value for the AGENT attribute.

In this way, (30a) and (30b) are ambiguous between an interpretation in which the referent of [John] is “author”, and another in which it is “possessor”. Consequently, (29) has not only two readings, as proposed by Lunguinho (2013), but four, since both the *ter1* and the *ter2* structures express a relation between the referents of [*the John*] and [*two articles*] such that the former can be both “author” and “possessor” of the latter.

What is the semantic difference between the two readings of (29), given that it does not refer to the type of relation between the referents of the subject and the object? The first difference concerns the aspectual class of *ter1* and *ter2*. In reading (30a), the aspectual class of (29) is state, as evidenced by (36a). In this example, *possuir* ‘possess’ does not admit the progressive form marked by the gerund periphrasis, which, according to Cançado and Amaral (2016, 151), is a diagnostic criterion of state verbs. On the contrary, in reading (30b), the aspectual class of (29) is not state, as evidenced by the grammaticality of (36b). Consistent with this, the only reading of (36c) is (36b). Another test to identify state verbs, according to Cançado and Amaral (2016, p.152), is the inadequacy of

its use as a response to questions like (37a), as we see in (37b). Response (37c) is only permissible in reading (37d), corroborating the aspectual classification of *ter1* as stative and the non-inclusion of *ter2* in this class.

- (36) a. *O João está possuindo dois artigos citados pelo Chomsky.
the John is possessing two articles cited by the Chomsky
b. Dois artigos do João estão sendo citados pelo Chomsky.
two articles of the John are being cited by the Chomsky
c. O João está tendo dois artigos citados pelo Chomsky.
the John is having two articles cited by the Chomsky
'Two articles by John are being cited by Chomsky.'
- (37) a. O que aconteceu?
'What happened?'
b. #O João possuiu dois artigos citados pelo Chomsky.
'John possessed two articles cited by Chomsky.'
c. O João teve dois artigos citados pelo Chomsky.
the John have:PRF;3SG two articles:M;PL cite:PTCP;M;PL by the Chomsky
'Two articles by John were cited by Chomsky.'
d. Dois artigos do João foram citados pelo Chomsky.
two articles of the John were cited by the Chomsky
'Two articles by John were cited by Chomsky.'

We propose that *ter2* is not marked for aspect. The aspectual class of the possessive passive, analogously to what occurs in the common passive, is determined by the verb from which the participle derives, as evidenced by (38)-(41). The verb *usar* 'use' of (38) fits into the activities because it is dynamic and atelic, admitting the progressive form, while *pintar* 'paint', *decorar* 'decorate', and *limpar* 'clean' of (39)-(41) constitute accomplishments, since they are dynamic and telic, differing from (42), which constitutes an achievement because it does not have internal intervals (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.153-167).

(38) O prefeito diz que soube que estava tendo o nome usado por golpistas em meados de março de 2015. (Google)
the mayor says he knew he was having the name used by scammers in mid-March 2015
'The mayor says he knew his name was being used by scammers in mid-March 2015.'

(39) O Home Office [...] teve as paredes pintadas de tinta látex preta fosca. (Google)
the Home Office had the walls painted with matte black latex paint
'The walls of the Home Office were painted with matte black latex paint.'

(40) A pequena casa de taipa [...] teve suas paredes decoradas com as ostras (Google)
the small mud house had its walls decorated with the oysters
'The walls of the small mud house were decorated with the oysters.'

(41) O site teve as "pichações" limpadadas pela tecnologia da empresa por volta das 9 horas. (Google)
the site had the graffiti cleaned_off by the company's technology at around 9 o'clock
'The graffiti were cleaned off from the site by the company's technology at around 9 o'clock.'

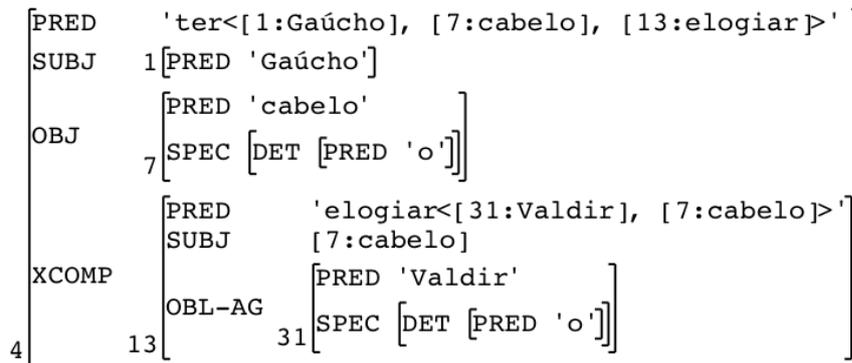
(42) A vítima conta que carregava a carteira embaixo do braço, quando a teve arrancada pelo infrator. (Google)
the victim reports that carry:IMPF;3SG the wallet:F;SG under the arm when have:PRF;3SG 3SG;F;ACC rip_off:PTCP;F;SG
by the offender
'The victim reports that s/he was carrying the wallet under her/his arm when s/he had it ripped off by the offender.'

The second question refers to the syntactic category of *ter2*. Lunguinho (2011) analyzes it in the MP as an atypical auxiliary, which differs from the other members of this category by selecting an argument, the external one, assigning it a theta role and valuing Case, namely the accusative on the internal argument of the participle, as manifested in the clitic pronoun of (42). This corresponds, in LFG, to the behavior of a raising-to-object verb, which semantically selects its SUBJ, but only syntactically licenses its OBJ. On the other hand, the passive *ser* 'be' has been analyzed as a raising-to-subject verb within LFG. In this scenario, two alternatives for categorizing *ter2* within LFG present themselves: (i) auxiliary, or (ii) raising verb. According to (i), the construction would be monostratal, as in Korean, while (ii) would imply a biestratal structure, such as the semantic structure of the Japanese equivalent construction. We did not opt for either of these two categorizations, classifying *ter2* instead as an *equi* object control verb, such as *convencer* 'persuade' in (15) and (18), projecting a biestratal f-structure, as exemplified in Figure 4, structurally analogous to Figure 2.

In BrGram, template (43) encodes the properties of *ter1* and *ter2* by means of the disjunction of two template invocations. The two disjunctively invoked templates are defined in (10) and (17), respectively. The control relation identifies the OBJ of *ter2* with the SUBJ of the XCOMP, ensuring participle agreement. Figure 5 displays the f-structure of (44) in the *ter1* reading, implausible in the context at hand.

(43) VERB-TER = {"ter1" (TRNS ter) | "ter2" (O-CTRL ter)}.

"Gaúcho teve o cabelo elogiado pelo Valdir."



According to (43), *ter*₂ is a full verb, of which not only the SUBJ, but also the OBJ realizes a semantic argument, also governing an XCOMP, realized by the passive participle, whose SUBJ is controlled by the OBJ. Since the controlling function is a semantic argument of the matrix verb, it is an *equi* verb. In Figure 4, we have a bipredicational (and, therefore, biclausal) structure. The first predication level consists of the three-place predicate *ter*, whose arguments are realized by the f-structures of the SUBJ, the OBJ, and the XCOMP, respectively. The second predication level consists of the PRED attribute value of XCOMP, which is the dyadic predicate *elogiar* ‘praise’, whose arguments are saturated, respectively, by the f-structures of the OBL-AG and the SUBJ of the XCOMP, the same as the OBJ of *ter*.

The third question refers to the semantic representation of *ter*₂. For this, we propose, based on LDG, a representation of the semantic form (SF) of the sentence of Figure 4, paraphrased in (45). In LDG, the SF of a verb is restricted to aspects of meaning that are relevant for argument linking. The temporal relations between subevents are specified only at the level of conceptual structure (CS). Thus, in SF, instead of operators of temporal relations (PUSTEJOVSKY, 1995, p.69-70), LDG uses the logical conjunction &.

(44) Gaúcho [...] teve o cabelo elogiado pelo Valdir (Google)
 Gaúcho have:PRF;3SG the hair:M;SG praise:PTCP;M;SG by the Valdir
 ‘Gaúcho’s hair was praised by Valdir.’

(45) O Valdir elogiou o cabelo de Gaúcho.
 ‘Valdir praised Gaúcho’s hair.’

Since these two sentences are logically equivalent, they share the same SF. Following Wunderlich (2000), among others, we translate *elogiar* ‘praise’ as $\lambda y \lambda x$ [ELOGIAR(x,y)], and we use POSS to represent the preposition *de* ‘of’. Abstracting away from the tense/mood inflection, we propose (46) as SF of (44) and (45).

(46) POSS(gaúcho,o.cabelo)&ELOGIAR(valdir,o.cabelo)

(47) i. λQ λy λx [POSS(x,y) & Q(y)]
 | | |
 ii. XCOMP OBJ SUBJ

From (46), by lambda abstraction, we obtain the SF of *ter*₂ in (47i) with the argument linking in (47ii). The first argument of (47i) is a variable of type $\langle e, t \rangle$, i.e., a function that receives an entity and returns a truth value, the other two are entities. Since the variable Q predicates on the internal POSS argument, realized as OBJ, it is this function that constitutes the controlling function of the SUBJ of the XCOMP.

In (48)-(52), we show how the meaning of (45) derives from the composition of *ter* ‘have’ in (47) with its arguments by means of functional application and lambda reduction (WITT, 1998, p.47). We assume $\lambda v \lambda u$ [ELOGIAR(v, u)] as SF of the passive participle. This is identical to the SF of the verb in the active form, except for the inversion of the lambda abstractors (STERNEFELD, 2006, p.673). Thus, by representing the meaning of an expression *x* as $[[x]]$, $[[\textit{elogiado}]]$ is first composed with OBL-AG to form $[[\textit{elogiado pelo Valdir}]]$ in (48), with which $[[\textit{ter}]]$ is composed in (49), resulting in $[[\textit{ter elogiado pelo Valdir}]]$ in (50). This, in turn, is applied to $[[\textit{o cabelo}]]$ in (51). The result is $[[\textit{ter o cabelo elogiado pelo Valdir}]]$ in (52), which, applied to $[[\textit{Gaúcho}]]$, results in $[[\textit{Gaúcho ter o cabelo elogiado pelo Valdir}]]$ in (53). In an IE system, the meaning of (3) can be computed by the same procedure used to derive (53), resulting in formula (54), by means of which the DEPREDATION template can easily be filled in, resulting in (6). An analogous procedure applies to (1) and (2).

(48) $\lambda v \lambda u$ [ELOGIAR(v,u)](valdir)

(49) $\lambda Q \lambda y \lambda x$ [POSS(x,y) & Q(y)](λu [ELOGIAR(valdir,u)])

- (50) $\lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y) \& \lambda u [\text{ELOGIAR}(\text{valdir},u)](y)]$
- (51) $\lambda y \lambda x [\text{POSS}(x,y) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir},y)](\text{o.cabelo})$
- (52) $\lambda x [\text{POSS}(x,\text{o.cabelo}) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir}, \text{o.cabelo})](\text{gaúcho})$
- (53) $\text{POSS}(\text{gaúcho}, \text{o.cabelo}) \& \text{ELOGIAR}(\text{valdir}, \text{o.cabelo})$
- (54) $\text{POSS}(\text{bancos...}, \text{vidraças}) \& \text{QUEBRAR}(\text{manifestantes}, \text{vidraças})$

Let us now see what arguments, from an LFG perspective, favor our proposal, compared to Lunguinho's approach. First, the latter violates the LIP, because it involves manipulating, in the syntax, categories such as the head v^* , which do not constitute words. Second, in analyzing possessive passive as a succession of movements, involving the extraction of the possessor from within an argument of the participle and its raising to the position of SUBJ of *ter* 'have', it is incompatible with the non-transformational nature of syntax in LFG. Third, an auxiliary, in LFG, has no semantic representation in the form of a PRED attribute. Thus, it can not have a thematic grid or subcategorization frame. If *ter*₂ is analyzed as an I head, it can not assign a thematic role nor govern a grammatical function. The POSSR and POSSM roles must be selected, in this case, by the participle, which must govern the grammatical functions that realize them, i.e. the SUBJ and the OBJ.

An inconvenience of this analysis is that it is not covered by (21), which generates the subcategorization frames of the canonical passive participles. In order to analyze the possessive passive within this proposal, this rule needs to be reformulated to include an alternative in which the OBJ is preserved, and a new argument (the POSSR), to be realized as SUBJ, is introduced into the frame. With this reformulation, the complexity of the lexicon increases proportionally to the number of passive participles, because each element of this group has two representations, one for the canonical passive, and another for the possessive. Our proposal is, therefore, computationally less complex, since it uses, in the possessive passive, the same participles as the canonical passive. The only complexity it introduces in the lexicon is the inclusion of *ter*₂ in (43).

The analysis of *ter*₂ as an I head presents a syntactic problem as well. In (55) and (56), we present the structures of I' and V' of (1) and (3) generated by BrGram. In (57), we reformulate (56) in terms of the analysis of *ter*₂ as an I head. Note that, in (57), contrary to (55), the DP complement of V is realized to the left of this head, contrary to the canonical order of heads and complements in Portuguese, a head-initial language. The implementation of this analysis is disadvantageous because it needs to introduce, in the apparatus of phrase-structure rules, a rule that generates a head-final VP. Our proposal in (56) does not suffer from this type of problem, since it strictly obeys the head-initial parameter: both the V and the Part(icipale) heads precede their respective complements.

- (55) os torcedores [_I tinham] [_{VP} [_V quebrado] [_{DP} os vidros do quiosque]]]
 the fans [_I have:IMPF;3PL] [_{VP} [_V break:PTCP] [_{DP} the windows of the kiosk]]]
- (56) bancos... [_V tiveram] [_{DP} vidraças] [_{PartP} [_{Part'} [_{Part} quebradas] [_{PP} pelos...]]]]]
 banks ... [_V have:PRF;3PL] [_{DP} windowpanes:F;PL] [_{PartP} [_{Part'} [break:PTCP;F;PL] [_{PP} by ...]]]]]
- (57) bancos... [_I tiveram] [_{VP} [_{DP} vidraças] [_V quebradas] [_{PP} pelos...]]]
 banks ... [_I have:PRF;3PL] [_{VP} [_V [_{DP} windowpanes:F;PL] [_V break:PTCP;F;PL] [_{PP} by ...]]]]]

There is also an argument of a semantic nature in favor of our analysis, to the detriment of the analysis of *ter*₂ as an I head or as a raising verb. Let us consider the examples of (58) and their respective paraphrases in (59).

- (58) a. O livro teve uma página rasgada pelo vândalo.
 the book have:PRF;3SG a page:F;SG torn:F;SG by the vandal
 ‘A page of the book was torn by the vandal.’
 b. Uma página do livro foi rasgada pelo vândalo.
 ‘A page of the book was torn by the vandal.’
- (59) a. #O lago teve uma página rasgada pelo vândalo.
 the lake have:PRF;3SG a page:F;SG torn:F;SG by the vandal
 ‘A page of the lake was torn by the vandal.’
 b. #Uma página do lago foi rasgada pelo vândalo.
 ‘A page of the lake was torn by the vandal.’

Sentence (58a) is perfectly normal, corresponding to paraphrase (58b). Example (59a) differs from (58a) only in the type of entity referred to by the SUBJ. However, it is semantically anomalous, as its paraphrase in (59b). What underlies this contrast? Our proposal offers a natural explanation for the normality of (58), on the one hand, and the anomaly of (59), on the other. According to (43) and (47), *ter2* semantically selects both the SUBJ and the OBJ, which realize the two arguments of the POSS predicate. The anomaly of the second group of examples naturally stems from the difficulty of conceiving a relation of possession between a lake and a page, as POSSR and POSSM, respectively, of this relation, unlike what occurs with the first group.

In the proposals that analyze *ter2* as an I or an object-raising verb, POSSM is not a semantic argument of this head, which, therefore, does not express the relation of possession inherent to the construction. In Lunguinho’s approach, this relation is housed within an argument of the participle, from which the possessor is extracted. However, this operation is incompatible with LFG. In this theory, to maintain the analysis of *ter2* as a functional I head or a raising verb, it is necessary to encode, in some way, the POSS relation in the passive participle. As this category does not express this relation in the canonical passive, it is necessary to stipulate a semantic extension to include it. As this process must apply to every passive participle, it is clear that this solution incurs the same complexity problem noted above. Another issue that the two alternative approaches face is the licensing of the additional argument in the role of POSSR. If *ter2* is considered an I head, it is the passive participle that must license this argument. In the analysis of *ter2* as a raising verb, POSSR can be licensed by that verb. In this case, however, there is an asymmetry in the treatment of the two participants in the POSS relation that seems unjustifiable, since POSSM is licensed by the participle. One way to overcome this difficulty would be to encode POSS in the participle, as in the approach that treats *ter2* as an I, and to stipulate, in the wake of Lunguinho’s approach, a new semantic role for the argument in the subject position of *ter2*, co-referent with POSSR. We will see later, however, that this argument plays no affected role.

Our proposal, on the contrary, dispenses with all these stipulations. The participle of the possessive passive is the same as the common passive participle. The possession relation that distinguishes the first from the second type of passive stems from *ter2*, which, as *ter1*, encodes POSS, responsible for the semantic roles POSSR and POSSM of the SUBJ and OBJ. Thus, our proposal naturally correlates the semantic difference between the two passives (i.e. presence of the POSS predicate) with the syntactic difference between them (i.e. presence of *ter* ‘have’). From this perspective, the possessive passive constitutes a mere diathesis of *ter* ‘have’, which, in our opinion, derives from a general process of valence increase that Wunderlich (2000) models through the semantic extension rule ARG. This rule is responsible for resultative constructions like *Ela cortou os cabelos curtos* ‘She cut the hair short’ and, it seems to us, underlies analogous diatheses of several other *equi* verbs, such as *convencer* ‘persuade’, *julgar* ‘judge’, *ver* ‘see’, and so on (see (12)-(14)).

The fourth question focuses on the ordering of constituents. For Lunguinho (2011), examples such as (22b) are ungrammatical, contrary to the evidence of (60)-(62).

- (60) o brasileiro “Aquarius” [...] teve elogiada a atuação de Sonia Braga pelo crítico. (Google)

Brazilian *Aquarius* have:PRF;3SG praise:PTCP;F;SG the performance:F;SG of Sonia Braga by the critic
 ‘Sonia Braga’s performance in Brazilian *Aquarius* was praised by the critic.’

(61) o Prefeito de Canela teve vetado pela Câmara de Vereadores o seu pedido de autorização para viajar à Itália (Google)
 the mayor of Canela have:PRF;3SG veto:PTCP;M;SG by the City Council his application:M;SG for authorization to travel to Italy

‘The mayor of Canela’s application for authorization to travel to Italy was vetoed by the City Council.’

(62) o Bitfinex teve roubado por hackers 65 milhões de dólares. (Google)
 Bitfinex have:PRF;3SG steal:PTCP;M;SG by hackers 65 million dollars:M;PL
 ‘Bitfinex had 65 million dollars stolen by hackers.’

Examples (13), (63), and (64) show that, in object control verbs, XCOMP can precede OBJ. As in our analysis these two grammatical functions are governed by *ter*₂, and Portuguese generally does not establish a rigid order among verbal complements, examples such as (60)-(62) with the order XCOMP OBJ are expected, along with examples with the reverse order OBJ XCOMP, as in (3), (38), and (39). In Lunguinho’s (2011) analysis, however, examples of the first type are not licensed.

(63) A categoria quer resolvida na mesa de negociação a cláusula de compensação dos dias parados (Google)
 the category wants resolve:PTCP;F;SG at the negotiating table the clause:F;SG of compensation of the days stopped
 ‘The category wants the compensation clause for non-worked days resolved.’

(64) a pernambucana viu chegarem às lojas só um LP, “A Rainha da Ciranda” (1977), e um CD (Google)
 the Pernambuco saw arrive:INF;3PL at the shops only one LP, *The Queen of Ciranda* (1977), and a CD
 ‘The woman from Pernambuco saw only one LP, *The Queen of Ciranda* (1977), and a CD come to the shops.’

Contrary to Lunguinho’s (2013) analysis of (32), (65) evidences that the passive possessive licenses a final SUBJ. As evidenced by (66), the ungrammaticality of that example stems from the non-realization of OBJ.

(65) Além de João Vaccari, tiveram as condenações confirmadas pelo tribunal o marqueteiro João Santana [...], a mulher dele, Mônica Moura, e o lobista Zwi Skornicki. (Google)

In addition to João Vaccari, had:PRF;3PL the convictions:F;PL confirm:PTCP;F;PL by the court marketer João Santana, his wife, Mônica Moura, and lobbyist Zwi Skornicki.

‘In addition to João Vaccari, the conviction of marketer João Santana, his wife, Mônica Moura, and lobbyist Zwi Skornicki was confirmed by the court.’

(66) Têm trechos citados pelo Chomsky dois artigos do João.
 have:PRS;3PL excerpts:M;PL quote:PTCP;M;PL by the Chomsky two articles by the John
 ‘Excerpts from two articles by John were quoted by Chomsky.’

Another divergence of our proposal in relation to Lunguinho’s (2011) refers to (26), considered ungrammatical by him. Although without evidence from real texts, we consider this example grammatical, given occurrences such as (67), which show that subject inversion is licensed in equi-type verbs.

(67) Por despacho proferido no dia 19 de Dezembro de 2001, julgou o juiz a arguição da executada improcedente (Google)
 by order delivered in the day 19 of December of 2001, judge:PRF;3SG the judge the complaint:F;SG of the defendant unfounded:F;SG
 ‘By order delivered on December 19, 2001, the judge dismissed the defendant’s complaint as unfounded.’

The fifth question concerns the types of possession relation. We have seen that the Korean possessive passive is restricted to inalienable possession, whereas Japanese admits a wide range of relations. For Portuguese, Lunguinho (2011) proposes a range of five types. Our analysis in (47) predicts a spectrum of relations coincident with that of other elements with the POSS predicate in its composition, such as *ter* and the possessives. This prediction is corroborated by the fact that both the synthetic and the analytical possessives can explicit this relation, as in (27), (28), (40), and (61). Thus, in the case of deverbal nouns, POSSM is not limited to the theme role, as Lunguinho proposes, but can also play other roles, such as agent (see (23), (27), and (61)), container (see (68)), etc., as in the case of possessives.

- (68) Os setores de imprensa dos Ministérios tiveram ampliadas as suas atribuições (Google)
 the press departments of the Ministries have:PRF;3PL extend:PTCP;F;PL their powers:F;PL
 ‘The powers of the press departments of the Ministries were extended.’

The sixth question concerns the realization of POSSM, which, in Korean and Japanese, according to the examples of Oshima (2003, 2004), is restricted to OBJ, a restriction that we incorporate in our analysis in (47). However, example (24) from Lunguinho (2011), supported by (69)-(71), evidences that the POSSM can be realized by an indirect internal argument of the participle.

- (69) No comprimento, o novo Palio teve adicionados mais 28 mm (Google)
 in length, the new Palio have:PRF;3SG add:PTCP;M;PL more 28 mm:M;PL
 ‘More 28 mm in length were added to the new Palio.’
- (70) a comissão teve acrescentadas em seu nome [...] as palavras “Direitos Humanos”. (Google)
 the commission have:PRF;3SG add:PTCP;F;PL in its name the words:F;PL *Human Rights*.
 ‘The words *Human Rights* were added to the commission’s name.’
- (71) O piloto [...] teve adicionados 10s ao seu tempo final de prova (Google)
 the racing_driver have:PRF;3SG add:PTCP;M;PL 10s:M;PL to his final race time
 ‘10s were added to the driver’s final race time.’

Occurrences (72)-(74) show that POSSM can also be realized as an ADJ(UNCT) of OBJ. Indeed, in (74), for example, it was not the width of the car that was enlarged, but that of its front grille.

- (72) Carmem teve o carro dela e [o [ADJ do filho]] arrastados pela correnteza. (Google)
 Carmen have:PRF;3SG the car:M;SG 3fsPOSS and [the [ADJ of the son]] drag:PTCP;M;SG by the flood
 ‘Carmen’s car and her son’s were dragged by the flood.’
- (73) o Luverdense [...] teve quebrados [os vidros [ADJ do ônibus que o levou ao Estádio]] (Google)
 the Luverdense [...] have:PRF;3SG break:PTCP;M;PL [the glasses:M;PL [ADJ of the bus that took it to the Stadium]]
 ‘The glasses of the bus that took the Luverdense team to the Stadium were broken.’
- (74) o novo [Audi] TT teve [a largura [ADJ da grade]] ampliada (Google)
 the new TT have:PRF;3SG [the width:F;SG] [ADJ of the grid]] extend:PTCP;F;SG
 ‘The width of the grid of the new [Audi] TT was extended.’

To handle the realization of POSSM by functions other than OBJ, we propose the notion of mediate possession (MPOSS), which we define in (75) in the Prolog programming language, analogously to the definition of descendant by Blackburn, Bos, and Striegnitz (2006, p.52).⁶ Paraphrasing (75) informally, translating POSS as *have*, *x* mediately has *y* (i) if *x* has *y*, or (ii) if *z* has *y* and *x* mediately

⁶ In Prolog, “:-” corresponds to conditional *if*.

has z. We, thus, reformulate the SF of *ter2* in (47) as (76), which covers all cases of (72)-(74), for example, in (73), from *POSS(bus,glasses)* and *POSS(luverdense,bus)* follows *MPOSS(luverdense,glasses)*. The application of (76) to (34) in (77) shows that this sentence, contrary to Linguinho's (2016) opinion, is actually grammatical, since it is acceptable in a situation where *POSS(paul,maria)* holds true, as in (78).

(75) $mposs(X,Y) \text{:-} poss(X,Y).$

$mposs(X,Y) \text{:-} poss(Z,Y), mposs(X,Z).$

(76) $\lambda Q\lambda y\lambda x[MPOSS(x,y)\&Q(y)]$

(77) $MPOSS(paul,bills)\&PAY_FOR(ana,bills)\&POSS(maria,bills)$

(78) As contas da Maria do Paulo foram pagas pela Ana.

the bills of the Maria of the Paul were paid_for by Ana

'Paul's Maria's bills were paid for by Ana.'

Representation (76) also covers cases like (24) and (69)-(71). Applying it to the composition of the meaning of (24), we obtain (79), where we abbreviate the names of the arguments and decompose ADD. As we have seen, representations of the form $c1\&c2$ do not explicit the precedence (<) between the eventualities denoted by each proposition. In (46), we have $c1<c2$. In (79), on the contrary, we have $c2<c1$, because, given that the condition *POSS(byron,the.sentence)* is satisfied, *MPOSS(byron,5.years)* is only fulfilled when *POSS(the.sentence,5.years)* obtains.

(79) $\exists x[MPOSS(byron,5.years) \& CAUSE(x,BECOME(the.sentence,5.years))]$

Our proposal also includes occurrences such as (80)-(82), which are not capable of being derived by means of possessor raising. In fact, in these examples there is no $[_{DP} [_{DP} \textit{possessor}] \textit{possessed}]$ configuration from which the possessor could be extracted as in (33). However, according to Linguinho (2013), such a configuration underlies all possessive passive constructions. The SUBJ in this constructional variant is not a possessor co-referent with an *ec*, as in (69), which can be replaced by a possessive, as in (70) or (71). The representation of (82) in (83) shows the analogy with (24). In both cases, $c2<c1$ subsists. The only difference is that *MPOSS(d3048,p)* denotes immediate possession, resulting from *POSS(d3048,p)*, according to the first rule of (75).

(80) o Hino [...] teve adicionados os versos de Ovídio Saraiva (Google)

the Hymn have:PRF;3SG add:PTCP;M;PL the verses:M;PL of Ovídio Saraiva

'The verses of Ovídio Saraiva were added to the Hymn.'

(81) LISP [...] teve adicionados recursos de linguagens imperativas (Google)

LISP have:PRF;3SG add:PTCP;M;PL resources:M;PL from imperative languages

'Resources from imperative languages were added to LISP.'

(82) O Decreto nº 3.048 [...] teve um parágrafo acrescentado pelo Decreto nº 5.545 (Google)

Decree No. 3,048 have:PRF;3SG one paragraph:M;SG add:PTCP;M;SG by Decree No. 5.545

'One paragraph was added to Decree No. 3,048 by Decree No. 5.545.'

(83) $MPOSS(d3048,p)\&CAUSE(d5545,BECOME(POSS(d3048,p)))$

The seventh question concerns the alleged affection of the SUBJ referent of *ter*₂. While the equivalent Korean construction implies that the subject is adversely affected, in Japanese this only occurs in the indirect passive, which excludes a possession relation between the referents of the SUBJ and the OBJ. The semantic representation that we propose in (47) predicts, contrary to Lunguinho (2016), that there is not necessarily this type of implication, which is confirmed by (84) and (85). Whether there is affection or not, it depends on the participle, in interaction with pragmatic-discursive factors. This characteristic is shared with the canonical passive, which does not necessarily express affection of the patient or subject (CANÇADO; AMARAL, 2016).

(84) Cada dente teve a largura mensurada por três vezes (Google)
 each tooth have:PRF;3SG the width:F;SG measure:PTCP;F;SG for three times
 ‘The width of each tooth was measured three times.’

(85) A ex-primeira-dama Marisa Letícia teve o nome excluído da ação após a sua morte (Google)
 the former First Lady Marisa Letícia have:PRF;3SG the name:M;SG exclude:PTCP;M;SG from the lawsuit after the her death
 ‘Former First Lady Marisa Letícia’s name was excluded from the lawsuit after her death.’

The last question concerns the realization of POSSR as a possessive, alternating with its non-realization, compare (23), (39), and (69) with (27), (28), (40), and (71), which seems to contradict Lunguinho’s (2011, 2013) analysis. In fact, if possessor raising is obligatory in the non-canonical passive, how to explain that the possessor, in form of a possessive, concomitantly makes up a constituent with the POSSM, since this configuration is restricted to the canonical passive? In our proposal, which dispenses with the movement of constituents, this problem does not exist. Verb *ter*₂ encodes an MPOSS relation between the SUBJ and the OBJ, while the possessive encodes a POSS relation between these two arguments or between the SUBJ and another grammatical function.

5 CONCLUSION

The possessive passive is one of the most discussed phenomena of East Asian languages. In Korean and Japanese, for example, which form the passive morphologically, this diathesis is distinguished by the additional argument functioning as SUBJ, the preservation of the OBJ, and the relation of possession between them. This paper put forward an approach to this construction in Portuguese, which, apart from the periphrastic passive formation, shares these characteristics.

To investigate the grammatical and semantic properties of the Portuguese possessive passive, we formulated eight questions based on the characteristics of the Korean and Japanese counterparts, according to Oshima (2003, 2004), and on Lunguinho’s proposal (2011, 2013, 2016), apparently the only one about the phenomenon in Portuguese. From the perspective of two formal lexicalist theories, LFG and LDG, we proposed solutions anchored in occurrences from authentic texts. While the first theory lays foundation for the description of the grammatical aspects, the second lays foundation for the description of the syntax-semantics interface by means of predicate decomposition.

We argued, from an LFG perspective, that there are at least two variants of *ter* ‘have’ in Portuguese: biargumental *ter*₁, and possessive passive *ter*₂. The latter is analyzed by Lunguinho as an atypical auxiliary, resulting from the concatenation of *v*^{*} and *ser* ‘be’. According to him, head *v*^{*} is responsible for the external argument of *ter*₂, which plays an affected role, and the accusative on the internal argument of the participle. On the contrary, we argued that *ter*₂ is an equi-type object control verb, whose XCOMP is realized by the passive participle, analogously to the analysis of common passive *ser* ‘be’ as a subject raising verb. Our proposal is consistent with occurrences in which the subject of *ter*₂ is not affected, impossible for Lunguinho, who also excludes examples in which the XCOMP precedes the OBJ, among other positional variants attested in authentic texts. In our proposal, these two complements of *ter*₂ are permutable, as in the case of other equi-type verbs.

Based on LDG, we proposed that *ter2* results from the application of the ARG operation on *ter1*. This operation, which underlies several verbal diatheses, appends an additional predicate to the input predicate. Assuming $\lambda y\lambda x[\text{POSS}(x,y)]$ as semantic representation of *ter1*, we initially proposed $\lambda Q\lambda y\lambda x[\text{POSS}(x,y)\&Q(y)]$ as a representation of *ter2*, from which the subcategorization frame and the object control equation characterizing this lexeme are derived. This also results in the assignment of the POSSR and POSSM roles to the SUBJ and the OBJ, respectively, so the SUBJ is not necessarily affected. Because of POSS, the range of semantic relations between the SUBJ and the OBJ is the same as in *ter1* and other possessive elements. Thus, the distinctive grammatical and semantic properties of the possessive passive in relation to the common passive do not derive from elements that are not words, which would violate the LIP, but from the integration of the passive participle into a bipredicational structure with *ter* 'have' instead of *ser* 'be'.

Our proposal states that the possessive passive and the common passive share the same participle, being, therefore, computationally more economical than the alternatives that encode the distinctive properties of this construction within the participle, since this requires the duplication of passive participles for each passivizable verb. To also handle cases where the POSSM is realized by a function other than the OBJ of *ter2*, we replaced POSS in the representation of this verb by MPOSS, which expresses mediate possession. This solution also covers cases in which there is no possessor-possessed configuration from where the possessor can be extracted and which, therefore, are not derivable by Lunguinho's approach. It also provides an explanation for the concomitant realization of POSSR as a possessive, which, in our view, represents a problem for Lunguinho's approach.

Given the fully formalized character of LFG, the grammatical analysis was implemented within BrGram (ALENCAR, 2013). This will allow, on the one hand, testing the analysis automatically on a large volume of data, as we intend to do so in an upcoming study. On the other hand, it represents a potential contribution to NLP applications aimed at text understanding, such as IE and Q&A.

This paper focused on the grammatical and semantic aspects of the possessive passive. Therefore, several questions had to be left out, such as the discursive functions of this diathesis, which, by promoting to SUBJ the possessor of an argument of a verb of which it is not a participant, represents a strategy to assign it topic status. Other interesting questions concern the conceptual, historical, dialectal, typological, and translational aspects.

REFERENCES

ALENCAR, L. F. de. BrGram: uma gramática computacional de um fragmento do português brasileiro no formalismo da LFG. In: BRAZILIAN SYMPOSIUM IN INFORMATION AND HUMAN LANGUAGE TECHNOLOGY – STIL, 9., 2013. Fortaleza. *Proceedings...* Fortaleza: Sociedade Brasileira de Computação, 2013. p. 183-188.

BLACKBURN, P.; BOS, J.; STRIEGNITZ, K. *Learn Prolog Now!* Londres: College Publications, 2006.

BOBROW, D. G. et al. PARC's bridge and question answering system. In: GRAMMAR ENGINEERING ACROSS FRAMEWORKS, 2007. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2007. p.46-66.

BRESNAN, J. *Lexical-functional syntax*. Malden: Blackwell, 2001.

- BUSSMANN, H. (Org.). *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 3.ed. Stuttgart: Kröner, 2002.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CHAMBERS, N.; JURAFSKY, D. Template-based information extraction without the templates. ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS, 49., 2011. *Proceedings...* Stroudsburg: Association for Computational Linguistics, 2011. p. 976-986.
- CROUCH, D. et al. *XLE documentation*. Palo Alto: Palo Alto Research Center, 2011. Disponível em: http://www2.parc.com/isl/groups/nltx/xle/doc/xle_toc.html. Acesso em: 22 fev. 2016.
- FALK, Y. N. *Lexical-functional grammar: an introduction to parallel constraint-based syntax*. Stanford: CSLI, 2001.
- HUANG, C.-T. J. Chinese passives in comparative perspective. *The Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, Hsinchu, v. 29, n. 4, p. 423-509, 1999.
- KIRSTEIN-JOST, S. *Auflösung von Anaphern im Rahmen der Informationsextraktion für Ontologie-Management im Bereich Life Sciences*. Hamburg: Dr. Kovač, 2010.
- KOTSEV, E. *Interaktive Dialogssysteme: Sprachwissenschaftliche Grundlagen und Untersuchungen zu Nutzungsmöglichkeiten*. Saarbrücken: VDM Verlag, 2010.
- LUNGUINHO, M. V. S. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. 2011. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- _____. *Construções participiais com o verbo 'ter'*. [S.l.]: ANPOLL, 2013. Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/teoria-da-gramatica-gttg/wp-content/uploads/sites/14/2013/06/Marcus-Lunguinho.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.
- _____. Applicatives and 'ter' passives. Workshop de Linguística Formal, Brasília, 2016. *Abstract booklet...* Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 12-14.
- MCCORD, M. C.; MURDOCK, J. W.; BOGURAEV, B. K. Deep parsing in Watson. *IBM Journal of Research and Development*, Armonk, v. 56, n. 3/4, p. 1-15, 2012.
- MEHLER, A.; LOBIN, H. Aspekte der texttechnologischen Modellierung. In: _____ (Org.). *Automatische Textanalyse: Systeme und Methoden zur Annotation und Analyse natürlichsprachlicher Texte*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2004. p. 1-21.
- MORAIS, M.A.C.R.T. *A passivização no português: uma abordagem léxico-funcional*. 1988. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.
- NOVICHKOVA, S; EGOROV, S.; DARASELIA, N. MedScan: a natural language processing engine for MEDLINE abstracts. *Bioinformatics*, Oxford, v. 19, n. 13, p. 1699-1706, 2003.
- OSHIMA, D. Y. Out of Control: A Unified Analysis of Japanese Passive Constructions. INTERNATIONAL CONFERENCE ON HPSG, 9., 2003. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2014. p. 245-265.
- _____. *Adversity and Korean/Japanese passives: constructional analogy*. [Nagoya]: Nagoya University, 2004. Disponível em: <http://www.gsid.nagoya-u.ac.jp/oshima/docs/kjpassives.pdf>. Acesso em: 24 maio 2017.

PATEJUK, A.; PRZEPIÓRKOWSKI, A. In favour of the raising analysis of passivisation. INTERNATIONAL LEXICAL-FUNCTIONAL GRAMMAR CONFERENCE, 19., 2014. *Proceedings...* Stanford: CSLI, 2014. p. 461-481.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

ROBINSON, K. S. *Aurora*. Londres: Orbit, 2015.

SANTOS, A.F. *Uma gramática LFG-XLE para a análise sintática profunda do português*. 2014. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

STERNEFELD, W. *Syntax: eine morphologisch motivierte generative Beschreibung des Deutschen*. Tübingen: Stauffenburg, 2006. 2 v. WATSON (computer). In: WIKIPEDIA. [S.l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Watson_\(computer\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Watson_(computer)). Acesso em: 16 dez. 2017

WITT, J. Kompositionalität und Regularität im System der Partikelverben mit *ein-*. In: Olsen, S. (Org.). *Semantische und konzeptuelle Aspekte der Partikelverbbildung mit ein-*. Tübingen: Stauffenburg, 1998. p. 27-103.

WUNDERLICH, D. Predicate composition and argument extension as general options: a study in the interface of semantic and conceptual structure. In: STIEBELS, B.; _____. (Org.). *Lexicon in Focus*. Berlin: Akademie Verlag, 2000. p. 247-269.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to express our gratitude to Jessé de Sousa Mourão for providing feedback on translation questions. We also thank the anonymous reviewers for helpful comments and suggestions on an earlier draft of this paper. Any remaining errors are our own.



Received in January 15, 2018. Approved in February 26, 2018.

A MODALIZAÇÃO DISCURSIVA COMO ÍNDICE DE ARGUMENTATIVIDADE NOS GÊNEROS ACADÊMICOS

LA MODALIZACIÓN DISCURSIVA COMO ÍNDICE DE ARGUMENTATIVIDAD EN LOS
GÉNEROS ACADÉMICOS

DISCURSIVE MODALITY AS ARGUMENTATIVE INDEX IN ACADEMIC GENRES

Erivaldo Pereira do Nascimento*
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar como a modalização discursiva funciona nos gêneros acadêmicos, imprimindo argumentatividade, ou seja, orientando os enunciados em razão de determinadas conclusões. Trata-se de reflexões feitas sobre o fenômeno da modalização nos referidos gêneros, a partir de investigações científicas de natureza qualitativa e de caráter descritivo e interpretativista. Para tal, fundamentamo-nos nos estudos sobre a Modalização Discursiva, a partir de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) e Nascimento e Silva (2012), além dos estudos sobre a argumentação linguística de Ducrot (1987, 1988). A descrição do fenômeno da modalização nos gêneros investigados permitiu-nos verificar que a modalização é uma estratégia presente em todos eles (ata administrativo-acadêmica, resumo, resenha, projeto de pesquisa de TCC, monografia de TCC e artigo científico) e que é utilizada com diferentes funções discursivas, produzindo diversos efeitos de sentido: assimilação, distanciamento e avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Modalização. Argumentação. Gêneros Acadêmicos.

RESUMEN: Este artículo tiene el objetivo de mostrar como la modalización discursiva funciona en los géneros académicos, imprimiendo argumentación, es decir, direccionando los enunciados a determinadas conclusiones. Se hacen reflexiones sobre el fenómeno de la modalización en dichos géneros, a partir de investigaciones de naturaleza cualitativa, de carácter descriptivo e

* Doutor em Letras pela UFPB e estagiário de Pós-Doutorado pela UBA-Argentina. Professor Associado da UFPB, atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). E-mail: <ery.nascimento2008@gmail.com>.

interpretativo. Está fundamentado en los estudios sobre modalización discursiva de Cervoni (1989), Castilho & Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) y Nascimento & Silva (2012), además de los estudios sobre la argumentación lingüística en la perspectiva de Ducrot (1987, 1988), entre otros. La descripción de la modalización en los géneros investigados posibilitó verificar que este fenómeno es una estrategia presente en todos ellos: acta administrativo-académica, resumen, reseña académica, proyecto de investigación, monografía y artículo científico. Además, es utilizada con distintas funciones discursivas, produciendo diferentes efectos de sentido: asimilación, alejamiento y evaluación.

PALABRAS CLAVE: Modalización. Argumentación. Géneros Académicos.

ABSTRACT: This study aims to show how modality behaves in the academic genres, producing argumentation. In other words, driving utterances to a specific conclusion. This work is composed of reflections about the modality phenomenon in academic genres, deriving from qualitative, descriptive and interpretative scientific investigations. It is also based on the studies about Discursive Modality proposed by Cervoni (1989), Castilho & Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010), and Nascimento & Silva (2012), as well as the study about linguistic argumentation by Ducrot (1987, 1988). Modality was found in all the genres investigated (administrative-academic protocol, abstract, review, undergraduate research project, undergraduate monograph, and academic paper), and is used with different discursive functions: assimilation, detachment and evaluation.

KEYWORDS: Modality. Argumentation. Academic Genres.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito do funcionamento da modalização discursiva em diferentes gêneros acadêmicos e objetiva não apenas revelar de que maneira esse fenômeno se constitui em estratégia de argumentatividade nos gêneros descritos, mas também observar quais os efeitos de sentido que são gerados nos enunciados e textos em que aparece esse fenômeno.

Trata-se, na verdade, da apresentação¹ dos resultados de investigações científicas que foram desenvolvidas em dois laboratórios da Universidade Federal da Paraíba (o LAEL – Laboratório de Estudos Linguísticos e o LASPRAT – Laboratório Semântico-Pragmático de Textos), sob nossa orientação, que descreveram a modalização, entre outras estratégias semântico-argumentativas e pragmáticas, em gêneros acadêmicos. As investigações aqui referidas filiam-se ao Projeto ESAGD (Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso: gêneros acadêmicos e formulaicos) e, mais recentemente, ao Projeto ESAELD (Estudos Semântico-Argumentativos e Enunciativos na Língua e no Discurso: marcas de (inter)subjetividade e de orientação argumentativa).

No que se refere, especificamente, à modalização discursiva, as investigações foram fundamentadas nos estudos de diferentes estudiosos, em especial Lyons (1977), Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) e Nascimento e Silva (2012). Convém ressaltar, no entanto, que consideramos a modalização como um fenômeno que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos e, portanto, imprimir um modo como esse discurso deve ser lido, funcionando, assim, como uma estratégia semântico-argumentativa e pragmática, na perspectiva de Nascimento (2010).

Como se adota, neste trabalho, a modalização sob o ponto de vista semântico-argumentativo e pragmático, a argumentação é aqui vista como um fenômeno linguístico-discursivo, na perspectiva de Ducrot (1987, 1988) e colaboradores. A língua é fundamentalmente argumentativa, afirma o estudioso, e vai da língua ao discurso, permitindo determinadas orientações e conclusões. Assim, não só a língua, mas também o uso que dela fazemos é argumentativo, como acrescenta Espíndola (2004).

¹ Ressaltamos que parte dos resultados aqui relatados foram apresentados no I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivo e Conexões de Orações, realizado na Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ, no período de 8 a 10 de novembro de 2016. Naquela ocasião, foram relatados dados parciais. Aqui apresentamos os resultados finais das investigações, com dados já consolidados.

As investigações desenvolvidas pelos projetos ESAGD, no período de 2009 a 2016, e ESAELD², a partir de 2017, são de natureza qualitativa e de caráter descritivo e interpretativista. Apesar das investigações serem de natureza qualitativa, observamos quais modalizadores ocorriam com mais frequência em determinados gêneros, a fim de verificar que tipos de modalização são mais comuns nos gêneros do universo acadêmico. No período acima assinado, foi descrita a modalização, entre outras estratégias argumentativas, em diferentes gêneros discursivos. Do universo acadêmico, os gêneros descritos foram o resumo, a resenha, o projeto de pesquisa de TCC, a monografia de TCC e o artigo científico, em língua portuguesa, e a ata administrativo-acadêmica, em língua espanhola. Ressaltamos que, embora em língua espanhola, a ata-administrativa acadêmica foi incluída em razão de os fenômenos investigados serem os mesmos e não observarmos nenhuma diferença significativa na funcionalidade dos modalizadores de um idioma para o outro, no que se refere ao aspecto semântico-argumentativo. Além disso, a utilização de *corpora* dos dois idiomas nos permitiu observar com mais propriedade o fenômeno da modalização. É importante considerar ainda que, embora não seja um gênero que descreva ou relate o fazer científico ou acadêmico, a ata administrativo-acadêmica nele interfere e também reflete sua voz, uma vez que relata as ações e decisões dos conselhos acadêmicos.

Os procedimentos adotados, durante as investigações, foram os seguintes:

- a) leitura e discussão a respeito da Teoria da Argumentação na Língua, dos Estudos sobre a Modalização e sobre o gênero a ser descrito;
- b) coleta, armazenamento e seleção dos textos a serem investigados;
- c) levantamento das estruturas semântico-argumentativas presentes nos textos;
- d) descrição e análise das estruturas semântico-argumentativas presentes nos textos;
- e) reflexão teórica a partir da descrição e da análise dos dados obtidos e sistematização dos resultados.

Os *corpora* que compõem os projetos ESAGD e ESAELD foram coletados em diferentes instituições de ensino superior e de pesquisa públicas e privadas, no Brasil e no exterior, em diferentes bancos de dados. A seleção dos textos se deu sempre considerando a presença do fenômeno investigado no gênero, bem como a representatividade da amostra. No entanto, como a investigação é, principalmente, de natureza qualitativa, dado o objetivo de descrever e analisar o funcionamento da modalização, entre outros fenômenos, como elemento que imprime argumentatividade nos textos, não nos pautamos por critérios quantitativos dessa ocorrência, mas pela própria natureza do fenômeno e seu funcionamento.

Ressaltamos que a análise realizada foi de caráter qualitativo, no entanto, em alguns gêneros foi possível quantificar a ocorrência dos modalizadores, a fim de verificar não só qual modalização se sobressaía em cada gênero, mas também realizar comparações entre os gêneros descritos, muitas das quais relatamos neste trabalho.

Foram envolvidos na investigação desses gêneros, além do coordenador do projeto, o autor deste artigo, 03 alunos de doutorado, 01 aluna do mestrado em Linguística do Proling/UFPB³ e 01 aluno (bolsista de Iniciação Científica) da graduação em Secretariado

² O projeto ESAELD dá continuidade às investigações desenvolvidas pelo projeto ESAGD, ampliando o escopo dos gêneros e dos fenômenos investigados. No projeto ESAGD foram investigados o resumo, a resenha, o artigo científico, a ata administrativo-acadêmica e o projeto de pesquisa de TCC, no que se refere aos gêneros acadêmicos. A monografia de TCC foi investigada no âmbito do projeto ESAELD. Ambos os projetos possuem o mesmo objetivo de pesquisa, qual seja: descrever e analisar o funcionamento de diferentes estruturas e fenômenos semântico-argumentativos e enunciativos, a partir de diferentes gêneros discursivos e em diferentes contextos de uso da língua, bem como adotam os mesmos procedimentos metodológicos.

³ Coordenador do projeto: Erivaldo Pereira do Nascimento, com o gênero ata administrativo-acadêmica (NASCIMENTO, 2014). Doutorandos: Clécida Maria de Bezerra Bessa, com o artigo científico (BESSA, 2015); Maria Vanice de Lacerda de Melo Barbosa, com a resenha (BARBOSA, 2015); Ana Carolina de Vieira Bastos, com a monografia de TCC (BASTOS, 2017). Mestranda: Aleise Guimarães Carvalho, com o gênero projeto de pesquisa de TCC (CARVALHO, 2014).

Executivo Bilíngue, também da UFPB⁴. Cada um dos pesquisadores trabalhou com um gênero específico e as investigações se deram sob nossa orientação e supervisão.

Assim, este artigo reúne resultados de pesquisas realizadas em três teses de doutorado, uma dissertação de mestrado e dois relatórios de pesquisa, todas inter-relacionadas entre si, uma vez que objetivaram descrever e analisar a argumentação em gêneros acadêmicos, mapeando, entre outros fenômenos, a modalização discursiva⁵. Embora cada uma dessas pesquisas trate da argumentação em um gênero específico, elas contribuem para uma finalidade maior dos projetos ESAGD e ESAELD, que é descrever o fenômeno da argumentatividade linguística. É nesse sentido que este trabalho correlaciona os resultados obtidos nessas pesquisas, no que se refere especificamente à modalização, procurando refletir sobre a presença desse fenômeno no universo acadêmico, ou seja, na linguagem da academia e da ciência.

Para tal, organizamos o artigo em três partes, além desta seção introdutória. Inicialmente, tratamos do fenômeno da modalização como uma estratégia semântico-argumentativa. Apresentamos, ainda, a classificação dos elementos modalizadores que adotamos nas investigações dos projetos ESAGD e ESAELD. Na segunda seção, trazemos as reflexões a respeito do fenômeno da modalização nos gêneros acadêmicos, a partir das investigações realizadas pelo referido projeto. Para tal, utilizaremos recortes dos trabalhos (teses, dissertações e relatórios) que resultaram das pesquisas. Na última seção, das considerações finais, resumimos os resultados obtidos, refletindo sobre a importância dos estudos da modalização para a análise e descrição dos gêneros acadêmicos.

2 A MODALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA

O fenômeno da modalização, ou modalidade, tem sido objeto de estudo de diferentes áreas e correntes dos estudos linguísticos. No entanto, os primeiros estudos sobre a modalidade nasceram na lógica.

Lyons (1977, p. 329) afirma que, na lógica tradicional, o termo modalidade é utilizado para descrever a quantificação do predicado: “Na lógica tradicional (baseada na análise bipartida entre sujeito e predicado), a modalidade foi comumente descrita como quantificação do predicado” (tradução nossa)⁶.

No entanto, Lyons (1977) aponta que, tanto na linguística como na lógica, o termo tem provocado uma série de interpretações conflitantes, devido a sua aproximação com os termos *modo* e *modal*. O autor reconhece que há uma aproximação etimológica óbvia entre esses três termos, mas acrescenta que prefere reservar o termo *modo* para o sentido que lhe atribui a Gramática Tradicional, para se referir às categorias gramaticais denominadas de *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*.

Lyons (1977) ainda acrescenta que o único tipo de modalidade reconhecido pela lógica tradicional é o que relaciona as noções de necessidade e possibilidade ao valor de verdade e falsidade das proposições, ou seja, a modalidade alética. Os lógicos relacionam a modalidade alética, segundo Lyons (1977), mais à necessidade do que à possibilidade. Necessidade é definida em termos de verdade em todos os universos possíveis, e possibilidade em termos de verdade em alguns universos possíveis.

⁴ Geziel de Brito Lima, em conjunto com o coordenador do projeto, com o gênero resumo acadêmico (LIMA; NASCIMENTO, 2009).

⁵ É importante mencionar que outros fenômenos também foram investigados nesses corpora, tais como a polifonia enunciativa. A esse respeito, pode ser consultado o trabalho *A polifonia dos gêneros acadêmicos e formulaicos: a evocação da palavra alheia*, de Nascimento (2015). Neste artigo, no entanto, o foco será especificamente o fenômeno da modalização.

⁶ No original: “In traditional logic (based on a bipartite analysis of propositions into subject and predicate), modality was commonly described as quantification of the predicate” (LYONS, 1977, p. 329).

Cervoni (1989) afirma que o termo modalidade implica a ideia de que uma análise semântica permite distinguir, em um enunciado, um conteúdo proposicional (dito) de um ponto de vista do falante sobre esse conteúdo (modalidade). Para o autor, a modalidade é constitutiva da significação fundamental do enunciado, o que a distingue da conotação.

Para Cervoni (1989), o fenômeno da modalidade na Linguística, embora tenha suas raízes na lógica e conserve alguma coisa de sua significação original, deve ser tratado com a máxima atenção à morfologia, à sintaxe e ao léxico. Por essa razão, ele retoma a noção tradicional de que só ocorre modalidade quando essa incide sobre a proposição como um todo, para afirmar que, nas teorias linguísticas contemporâneas, a partir da análise das formas de superfície e do implícito, discute-se a modalidade incidindo sobre parte da proposição, o sintagma nominal, por exemplo. Acrescenta o autor:

Conforme a definição tradicional, só serão consideradas modalidades as determinações referentes a uma proposição. Mas, para o linguista, não há hipótese de ver proposições apenas nas frases que têm uma forma canônica (*Sócrates corre, educa os jovens, é um homem...*). As teorias linguísticas contemporâneas demonstraram a vantagem de se supor estruturas subjacentes para as formas de superfície e de dar lugar ao implícito na análise das frases (CERVONI, 1989, p. 62, grifos do autor).

Por essa razão, esse autor apresenta uma classificação segundo a qual se pode distinguir o que é tipicamente modal do que é parcialmente modal e do que é possível e vantajoso excluir do campo das modalidades. O que é tipicamente modal, ele denominou de núcleo duro, o que é parcialmente modal foi denominado de modalidade impura.

Dentro do núcleo duro foram incluídas as modalidades proposicionais, em frases do tipo “(unipessoal) + é + Adjetivo + *que* P ou Infinitivo”, e os auxiliares de modo, uma vez que ambos, para Cervoni (1989, p. 63), “[...] têm uma significação essencialmente modal perfeitamente explícita”.

Com relação à modalidade impura, o autor afirma que essa inclui “[...] os casos em que a modalidade é implícita ou mesclada num lexema, num mesmo morfema, numa mesma expressão, a outros elementos da significação” (CERVONI, 1989, p. 68). Nesse grupo, estão incluídos alguns adjetivos avaliativos, como *útil, agradável, interessante, grave* etc., os verbos *dicendi* e os modos verbais. No entanto, ao tratar dos adjetivos avaliativos, Cervoni (1989) afirma que esses só serão modais quando for possível recuperar a forma canônica.

Castilho e Castilho (1993, p. 217) afirmam que o termo modalização expressa um julgamento do falante perante a proposição; no entanto, dois termos têm sido empregados nesse sentido: modalidade e modalização – o primeiro quando “[...] o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa)”. O termo modalização tem sido usado quando “[...] o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional” (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p. 217). Esse relacionamento consiste em julgar o teor de verdade da proposição, ou expressar um julgamento sobre a forma escolhida para verbalizar o conteúdo da proposição.

No entanto, esses autores preferem usar os termos indistintamente, pois “[...] há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular” (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p. 217). Eles acrescentam que decorrem daí as decisões do falante sobre afirmar, negar, interrogar, expressar dúvida, certeza etc.

A partir de Dubois (1973), Santos (2000) afirma que a modalização é uma categoria que permite ao falante expressar uma atitude em face do enunciado que produz. A modalidade, por sua vez, é sinônima de modo e indica o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e o seu interlocutor.

Analisando os autores supramencionados, temos observado que a modalização tem sido vista, geralmente, como uma estratégia inerente ao enunciado, recaindo ora sobre o enunciado como um todo, ora sobre parte deste. Percebemos, ainda, que a distinção entre o que é modalização e o que é modalidade não é um problema resolvido. A não resolução desse problema tem sua base na distinção entre subjetividade e intersubjetividade, como também no fato de considerar que é possível separar o subjetivo do

intersubjetivo (NASCIMENTO, 2010). No processo de interação, esses fenômenos não são tão separáveis assim, tampouco na própria estrutura da língua, como afirma Ducrot (1988).

Assim, ao asseverar um enunciado do tipo “É certo que Pedro venha”, o locutor, além de expressar certeza com relação ao fato da vinda futura de Pedro, o faz em função do seu interlocutor, ou porque queira que seu interlocutor acredite também que essa informação é verdadeira, ou porque tem outra intenção, que, algumas vezes, só é recuperada pela enunciação. Nesse sentido, não nos parece produtivo separar a atitude do falante (expressar certeza, logo, modalização) da sua intenção (fazer com que o interlocutor acredite que isso é uma verdade, logo, modalidade). Tampouco parece produtivo, do ponto de vista semântico-argumentativo, separar a escolha em asseverar (expressar uma certeza = modalização) do julgamento feito pelo falante (eu considero isso uma verdade = modalidade). Esses fenômenos não estão separados, como observaram Castilho e Castilho (1993), e constituem-se em uma estratégia de argumentação. Isso já pudemos constatar nos estudos sobre a modalização em vários gêneros textuais/discursivos (NASCIMENTO, 2009, 2010).

As nossas investigações nos fizeram perceber que há sempre uma avaliação do locutor (modalidade) em função da interlocução, no sentido de expressar suas intenções (modalização) e, por essa razão, não parece produtivo separar aspectos subjetivos de intersubjetivos, pois esses estão intrinsecamente relacionados (um só se manifesta em função do outro). Assim, reiteramos: “Logo também não se é produtivo, a priori, separar modalidade de modalização, pelo menos quando formos tratar esse fenômeno como uma estratégia argumentativa” (NASCIMENTO, 2009, p. 1376). Tal posicionamento se baseia, como já foi assinalado, em Ducrot (1988), que reúne os aspectos subjetivos e intersubjetivos dos enunciados em um único aspecto, por ele denominado de valor argumentativo dos enunciados.

O valor argumentativo se constitui, conforme postula Ducrot (1988), no sentido do enunciado, que é ao mesmo tempo significação e direção (orientação discursiva). Assim, a presença de um determinado elemento linguístico modalizador, por exemplo, não só porta uma determinada significação (certeza, possibilidade, obrigação etc.), como permite uma determinada continuação discursiva, uma determinada orientação, apontando para determinadas conclusões e produzindo determinados efeitos de sentido (comprometimento, distanciamento, avaliação axiológica etc.). Dessa forma, a modalização constitui-se em um índice de argumentação.

Segundo Lyons (1977), todas as línguas naturais proveem seus falantes com recursos prosódicos (acentuação e entonação) com os quais eles expressam tipos distintos de enunciados epistêmicos. Alguns, mas nem todos, são gramaticalizados (categoria de modo), alguns são lexicalizados ou semilexicalizados (verbos modais – dever; adjetivos modais – possível; advérbios modais – possivelmente; partículas modais – talvez).

Castilho e Castilho (1993) também afirmam que a modalização movimenta diferentes recursos linguísticos, entre os quais citam a prosódia, os modos verbais, os verbos auxiliares como *dever* e *querer*, os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar*, *crer* e *acreditar*, os adjetivos, os advérbios, os sintagmas preposicionados com função adverbial, entre outros. Da mesma forma como a modalização pode se lexicalizar de diversas maneiras, diferentes tipos de modalidade podem ser veiculados com um mesmo item lexical, segundo Koch (2002). Este é o caso do verbo *dever*, que pode veicular possibilidade, probabilidade, dúvida, certeza etc.

Koch (2002) ainda apresenta uma lista de vários tipos de lexicalização das modalidades, entre os quais estão os performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito etc.; os auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar etc.; os predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável etc.; os advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente etc.; as formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer etc. + infinitivo; os modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; o uso do pretérito perfeito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; o uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade etc.; os verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho etc.; o fenômeno da entonação (que permite, por exemplo, distinguir uma ordem de um pedido na linguagem oral); e os operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo etc.

Essa listagem, no entanto, não é finita, pois a cada ano as investigações têm apontado outros elementos da língua com função modalizadora, entre os quais temos o caso do sufixo *-inho* (investigado por Chaves, 2007), dos verbos *dicendi* (investigado por Nascimento, 2005) e da repetição (investigada por Adelino, 2016).

Os modalizadores, elementos linguísticos que materializam, explicitamente, a modalização, costumam ser classificados de acordo com o tipo de modalização que expressam, nos enunciados e discursos em que aparecem. No entanto, diferentes estudiosos têm apresentado diferentes classificações para os tipos e subtipos de modalização. Neste trabalho, adotamos a classificação de Nascimento e Silva (2012), que agruparam os elementos modalizadores em quatro grandes grupos, a partir das investigações realizadas pelo projeto ESAGD, considerando os efeitos de sentido que geram nos enunciados ou na enunciação propriamente dita: epistêmicos, deônticos, avaliativos e delimitadores. O quadro a seguir, dos referidos autores, sumariza os tipos de modalização.

Tipo de Modalização	Subtipos	Efeito de sentido no enunciado ou enunciação
Epistêmica – expressa avaliação sobre o caráter de verdade ou conhecimento	Asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo certo ou verdadeiro.
	Quase-asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo quase certo ou verdadeiro.
	Habilitativa	Expressa a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado.
Deôntica – expressa avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade	De obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer.
	De proibição	Expressa o conteúdo como algo proibido, que não pode acontecer.
	De possibilidade	Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça.
	Volitiva	Expressa um desejo ou vontade de que algo ocorra.
Avaliativa – expressa avaliação ou ponto de vista	---	Expressa uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se qualquer caráter deôntico ou epistêmico.
Delimitadora	---	Determina os limites sobre os quais se deve considerar o conteúdo do enunciado.

Quadro 1: Tipos e subtipos de modalização

Fonte: Nascimento e Silva (2012, p. 93)

Convém ainda ressaltar que um mesmo item lexical pode expressar diferentes modalidades, gerando efeitos de sentido diferentes. Obviamente que, para determinar o tipo de modalidade expressa, é necessária uma análise semântico-discursiva do item em questão, conforme Nascimento e Silva (2012).

3 A MODALIZAÇÃO NOS GÊNEROS ACADÊMICOS

Nas investigações realizadas pelos projetos ESAGD e ESAELD sobre a argumentatividade nos gêneros acadêmicos, mapeamos todos os tipos (com alguns de seus subtipos) de modalizadores discursivos, apresentados por Nascimento e Silva (2012). Embora não tenha sido possível quantificar a ocorrência de todos os tipos e subtipos em todos os gêneros, observamos que, em geral, prevalecem os modalizadores epistêmicos asseverativos e quase-asseverativos e os modalizadores avaliativos, em todos os gêneros

do universo acadêmico que foram pesquisados. Os modalizadores deônticos e os delimitadores não são muito significativos nos *corpora* analisados, embora presentes em alguns gêneros, como o resumo acadêmico e a ata administrativo-acadêmica.

Apresentamos, a seguir, a análise descritivo-interpretativa de alguns trechos dos *corpora* descritos, a fim de demonstrar não só a ocorrência desses modalizadores presentes nos gêneros, mas, sobretudo, os efeitos de sentido que geram nos enunciados em que aparecem.

3.1 MODALIZADORES EPISTÊMICOS ASSEVERATIVOS

A modalização epistêmica asseverativa ocorre, conforme Nascimento e Silva (2012), quando o conteúdo do enunciado (ou a própria enunciação) é apresentado como algo certo ou verdadeiro e, por esse motivo, o locutor responsável pelo discurso compromete-se com o dito do enunciado. Nesse sentido, o locutor apresenta um alto grau de adesão com relação ao conteúdo do enunciado, como afirma Castilho e Castilho (1993).

Os modalizadores epistêmicos asseverativos foram encontrados em todos os gêneros descritos (resumo, resenha, artigo, projeto de pesquisa de TCC, monografia de TCC e ata administrativo-acadêmica). A sua ocorrência se deu, no gênero resumo, principalmente através de verbos e advérbios modais, ou ainda através de verbos *dicendi* modalizadores nos demais gêneros. Os trechos 01 e 02, a seguir, ilustram essa ocorrência.

TRECHO 01 – Resumo (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

Na investigação *constatou-se que* seleção lexical está diretamente relacionada à classe socioeconômica do destinatário e reflete-lhe os anseios, o estilo de vida e os valores ideologicamente consagrados pela classe social a que ele pertence.

No trecho 01, do *corpus* descrito por Lima e Nascimento (2009), observa-se a presença da modalização epistêmica asseverativa através do modalizador “constatou-se que”, cujo efeito de sentido recai sobre o conteúdo de todo o enunciado, apresentando-o como algo constatado, logo, provado, e, por isso mesmo, certo ou verdadeiro. Se considerarmos que o texto científico deve ser baseado em experimentos, dados ou fenômenos comprovados e testados, logo, provados, justifica-se não só o uso dessa expressão, como também o efeito de sentido que ela gera no enunciado, o efeito de asseveração. Por esse motivo, é possível considerar o modalizador em destaque como epistêmico asseverativo.

No *corpus* analisado, Lima e Nascimento (2009) mapearam dezoito ocorrências de modalizadores epistêmicos asseverativos e verificaram que esse tipo de modalização foi utilizado, sobretudo, para apresentar dados e resultados de investigações, como algo comprovado, logo, digno de certeza. Além disso, foi utilizado para apresentar informações compartilhadas no universo acadêmico, de conhecimento do locutor e de seus prováveis interlocutores, e tidas como certas, em enunciados do tipo “**É notório** o avanço da tecnologia em nossa sociedade”. O trecho que segue, retirado do *corpus* analisado por Carvalho (2014), ilustra outra ocorrência da modalização epistêmica asseverativa presente nos *corpora* descritos.

TRECHO 02 – Projeto de Pesquisa de TCC (CARVALHO, 2014)

A respeito dessas transformações, Marcuschi (2012, p. 36) *afirma* que há dois momentos significativos no contexto sócio-histórico do LD “o marco inicial está diretamente relacionado à época em que os livros de uso no espaço escolar começam a ser nomeados como *livros didáticos* (...)” e o segundo marco provém da preocupação de se “compreender o momento atual vivenciado pelas coleções didáticas no contexto social brasileiro”, pois a concepção de língua no LDPB sofreu alterações no transcorrer das últimas oito décadas.

O trecho 02 ilustra a ocorrência da modalização discursiva não só no gênero investigado por Carvalho (2014), mas também nos demais gêneros analisados pelo Projeto ESAGD, em que esse fenômeno se dá em conjunto com a polifonia de locutores e através de verbos *dicendi* modalizadores. Os verbos *dicendi* modalizadores, conforme Nascimento (2005), são utilizados pelo locutor responsável pelo discurso (L1) para introduzir o relato de outros locutores (L2, L3 etc.) em seu enunciado e, ao mesmo tempo, apresentar o conteúdo do relato como algo certo ou verdadeiro, comprometendo-se, assim, o dito alheio.

Analisando o trecho 02, Carvalho (2014)⁷ observa a presença de dois locutores distintos: L1 apresenta o conteúdo do enunciado e, pretendendo que essa afirmação se torne válida em termos acadêmicos, insere a voz de outro locutor, L2: Marcuschi. Para introduzir a voz de L2, L1 utiliza o verbo *dicendi* modalizador asseverativo *afirmar*, portador da síntese lexêmica *dizer + certeza* (*dizer com certeza*), nos termos utilizados por Cervoni (1989). Ao apresentar o relato de L2 como algo certo ou verdadeiro, L1 não só indica como esse discurso deve ser lido, como também se engaja e admite o discurso de L2, constituído discursivamente como uma autoridade no assunto, um arrazoado por autoridade, nos termos de Ducrot (1987). O relato de L2 é incorporado ao discurso de L1, que o admite como certo e a partir do qual dá continuidade ao seu dizer.

Esse tipo de estratégia, presente em todos os gêneros investigados, ilustra um dos principais usos dos modalizadores epistêmicos asseverativos nos gêneros do universo acadêmico: imprimir uma análise do discurso alheio, permitindo o engajamento do locutor responsável pelo dito com as vozes do outro. Esse tipo de estratégia não só gera o efeito de credibilidade ao que foi enunciado, como também permite que L1 se valha do dizer alheio para fundamentar suas investigações, suas comprovações e seus resultados, ou seja, o seu fazer acadêmico. Assim, os efeitos de sentido gerados nos enunciados são: certeza, credibilidade e assimilação ou engajamento.

3.2 MODALIZADORES EPISTÊMICOS QUASE-ASSEVERATIVOS

A modalização epistêmica quase-asseverativa ocorre quando o falante considera o conteúdo do enunciado ou discurso quase certo ou como uma hipótese a ser confirmada e, por isso, não se responsabiliza pelo valor de certeza ou verdade do enunciado, nem se compromete com a veracidade do que afirma, conforme assinalam Nascimento e Silva (2012).

Em todos os *corpora* analisados, foram identificados modalizadores epistêmicos quase-asseverativos, com relativa frequência e imprimindo diferentes efeitos de sentido, conforme demonstram os trechos 03 e 04 abaixo analisados.

TRECHO 03 – Resumo (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

Esse aumento na demanda de estudantes de E/LE se deve, *provavelmente*, às relações do Brasil com o MERCOSUL.

No trecho 03, retirado de um resumo acadêmico publicado em anais de um evento científico, observa-se que o locutor responsável pelo discurso apresenta o conteúdo do dito como algo provável de ocorrer, como uma hipótese que necessita de confirmação. Esse caráter de possibilidade ou probabilidade é expresso no conteúdo do enunciado pela presença do modalizador epistêmico quase-asseverativo “provavelmente”. Ao utilizar esse modalizador, o locutor não se compromete com o conteúdo do dito (Esse aumento na demanda de estudantes de E/LE se deve às relações do Brasil com o MERCOSUL), isentando-se de responsabilidade com relação à certeza ou à verdade do que foi enunciado.

No *corpus* analisado por Lima e Nascimento (2009), foram mapeados 52 modalizadores epistêmicos quase-asseverativos, em quantidade superior inclusive aos asseverativos (dezoito ocorrências), sempre indicando um não comprometimento com relação ao dito. Segundo os pesquisadores, essa ocorrência se deu, sobretudo, em resumos sobre pesquisas que ainda estavam em fase de desenvolvimento, ou seja, os autores ainda não haviam chegado aos resultados finais e, conseqüentemente, também não poderiam se comprometer com relação ao que estavam enunciando: “Por esta razão é que podemos perceber com frequência a presença de expressões como ‘buscamos descobrir’, ‘pretendemos discutir’, ‘pretendemos revelar’, entre outras, que deixam claro que a pesquisa está em fase de desenvolvimento” (LIMA; NASCIMENTO, 2009, p. 8). Os autores ainda mapearam modalizadores epistêmicos quase-asseverativos em enunciados que tratavam de questões polêmicas do ponto de vista científico, ou que apresentavam hipóteses a serem confirmadas, sempre isentando o locutor com relação ao dito.

⁷ No *corpus* investigado por Carvalho (2014) foram mapeadas 55 ocorrências de modalizadores epistêmico-asseverativos, todos sob a forma de verbos *dicendi* modalizadores e em enunciados com arrazoado por autoridade. O arrazoado por autoridade, conforme Ducrot (1987), existe em situações em que um locutor, ao introduzir a voz de um segundo locutor em seu discurso, a apresenta como uma autoridade no assunto que fundamenta o seu dizer.

TRECHO 04 – Resenha (BARBOSA, 2015)

A traição, *como já ficara sugerido* décadas atrás na peça de Chico Buarque e Rui Guerra sobre Calabar, não pode ser vista sob a perspectiva meramente moral, que tendemos a lhe imputar. Muitos outros contemporâneos desse homem “alto, magro, preto, e feio”, traíram. Uns, como João Fernandes Vieira, grande herói do panteão pernambucano, se deram bem. Manoel se deu mal, talvez porque, além de traidor, foi herege. As peripécias e indecisões desse mestiço cabotino e inteligentíssimo parecem metáfora do que era a colonização no século 17, quando a política europeia se redefinia com as tintas de outros mundos, das Américas, da Índia, da África, da China, e quando o poderio marítimo ibérico minguava mais e mais ante a pujança holandesa, antes que a Inglaterra entrasse de vez em cena, e para acabar com a festa. (R3)

Ao analisar o trecho 04, retirado de uma resenha acadêmica, Barbosa (2015) identifica uma polifonia de locutores. Para analisar a obra do autor resenhado, o locutor resenhista (L1) introduz, em estilo indireto, o discurso de um segundo locutor (L2 – a peça de Chico Buarque e Rui Guerra), segundo o qual a traição não pode ser vista sob a perspectiva meramente moral. Esse relato é introduzido pela expressão “como já ficara sugerido”. Segundo Barbosa (2015), o verbo *dicendi* “sugerir” é modalizador quase-asseverativo, visto expressar algo considerado possível: “No contexto em que foi usado, indica a forma como o discurso de L2 deve ser lido: como uma sugestão” (BARBOSA, 2015, p. 131).

No entanto, a pesquisadora observa que, embora o discurso de L2 seja apresentado como algo possível de ser certo (sugerido), L1 o assimila, o que decorre da utilização dos operadores argumentativos “como” e “já”⁸.

Assim, o fato de apresentar o relato como algo possível de ser certo não implicou em um distanciamento do discurso de L2, por parte de L1, mas apenas no julgamento do discurso alheio como algo possivelmente certo ou verdadeiro, embora admissível. Isso significa que a modalização epistêmica quase-asseverativa, ao apresentar o discurso como possivelmente certo ou verdadeiro, também pode ter seu efeito de não comprometimento ou distanciamento anulado, dependendo do contexto discursivo em que ocorra.

Assim, os efeitos de sentido mapeados pelo uso dos modalizadores epistêmicos quase-asseverativos nos *corpora* investigados foram: noção de possibilidade ou probabilidade, não comprometimento, distanciamento, não engajamento.

3.3 MODALIZADORES DEÔNTICOS

A modalização deôntica está relacionada ao caráter instrucional ou de orientação da linguagem e, nesse sentido, pode implicar obrigatoriedade, permissão, volição e proibição, conforme postulam Nascimento e Silva (2012).

Nos *corpora* analisados, a sua ocorrência é muito baixa, tendo sido registrada em apenas dois gêneros:

- a) no gênero resumo, com ocorrência de modalizadores deônticos de obrigatoriedade, indicando, muito mais do que uma instrução, um posicionamento subjetivo e de caráter axiológico do locutor responsável pelo resumo com relação ao conteúdo do dito, em enunciados tais como “Sendo assim os cuidados com as influências trazidas por essa tecnologias *devem* ser redobradas” (LIMA; NASCIMENTO, 2009);
- b) no gênero ata administrativo-acadêmica, em língua espanhola, indicando ora obrigatoriedade, ora volição, como no trecho que segue:

⁸ Barbosa (2015) assinala que o elemento linguístico “como”, junto aos verbos do dizer, normalmente indica conformidade com o ponto de vista introduzido, o que se observa no exemplo analisado. No que se refere ao operador “já”, esse indica, no contexto em que foi usado, uma ação consumada, ou seja, indica algo já dito, fato consumado e, por isso, possível de ser admitido. Nesse sentido, afirma que “[...] o verbo *dicendi* e os recursos linguísticos ‘como’ e ‘já’ possibilitam verificar que L1 assimila o dito de L2, apresentado em relato em estilo indireto” (BARBOSA, 2015, p. 131).

TRECHO 05 – ata administrativo-acadêmica (NASCIMENTO, 2014)

Solicitud aula Dra. Pizarro: se acuerda otorgar el aula siempre que no perjudique el dictado de alguna materia del Departamento. *Se requerirá* que dicha solicitud sea refrendada por el Departamento en el cual ejercen los docentes.

No trecho 05, do gênero ata administrativo-acadêmica, em língua espanhola, identifica-se a voz de um SE-locutor, que se refere à voz coletiva de um conselho departamental⁹, introduzido pelas formas verbais “se acuerda” e “se requerirá”. O enunciado se refere a uma solicitação para utilização de uma sala de aula pela Dr^a Pizarro a um conselho acadêmico que decidiu autorizar a cessão da sala, desde que não se prejudicasse a utilização por docentes do Departamento. Com a forma verbal *dicendi* “se requerirá” é colocado em cena o ponto de vista do SE-locutor, como uma solicitação ou vontade do próprio conselho, de caráter deontico: com essa expressão verbal, o locutor responsável pelo discurso como um todo (aquele que assina a ata) apresenta o ponto de vista do SE-locutor (a solicitação seja referendada pelo Departamento ao qual se vinculam os professores que usam a sala) como uma solicitação que deverá ser realizada; indicando, conseqüentemente, como esse ponto de vista deve ser lido. Por esse motivo, a expressão *dicendi* “se requerirá” constitui-se em um modalizador deontico volitivo¹⁰, já que, através dele, o locutor responsável pela ata apresenta o discurso do SE-locutor como um desejo ou vontade, de caráter deontico.

A baixa ocorrência dos modalizadores deonticos nos textos do domínio acadêmico é perfeitamente justificável se considerarmos que esse universo de atividade humana não tem, *a priori*, a função de normatizar ações e fatos sociais, mas principalmente de descrevê-los e explicá-los, à luz do conhecimento científico. Talvez por esse motivo a sua ocorrência se fez notar exatamente no gênero ata administrativo-acadêmica que, mesmo sendo produzida e circulando na academia, está muito mais relacionada ao setor administrativo, em específico aos conselhos e órgãos colegiados, registrando decisões e instruções, quer de natureza acadêmico-pedagógica, quer de natureza puramente administrativa.

3.4 MODALIZADORES AVALIATIVOS

A modalização avaliativa, segundo Nascimento e Silva (2012), imprime um juízo de valor do locutor responsável pelo discurso a respeito do conteúdo do enunciado, excetuando-se qualquer avaliação de caráter deontico ou epistêmico. Em todos os gêneros investigados foram catalogados modalizadores avaliativos, com uma frequência bastante significativa: nos gêneros projeto de pesquisa de TCC, resumo e ata administrativo-acadêmica, por exemplo, foram os modalizadores com a segunda maior ocorrência.

Nos *corpora* investigados, os modalizadores avaliativos foram empregados pelo locutor responsável pelo discurso de duas maneiras:

- a) avaliando o seu próprio dizer, imprimindo um juízo de valor sobre o conteúdo do seu próprio dito, em enunciados do tipo “*Felizmente* os estudos direcionados aos gêneros textuais a cada dia que passa ganha mais espaço nas aulas de língua portuguesa” (Gênero resumo – LIMA; NASCIMENTO, 2009), em que o advérbio “Felizmente” imprime um posicionamento pessoal e axiológico positivo do locutor sobre o conteúdo do enunciado, pelo qual ele se apresenta como responsável;
- b) avaliando o discurso alheio, de um segundo locutor introduzido no discurso, emitindo um posicionamento sobre o conteúdo da voz alheia e ao mesmo tempo indicando como o discurso do outro deve ser lido. Essa segunda

⁹ O SE-locutor (*omnilocutor*, em espanhol, ou *on-locutuer*, em francês), nos estudos de Anscombe (2005, 2010), é definido como uma voz colocada em cena pelo locutor responsável pelo discurso e introduzida, geralmente, por marcadores de citação genéricos (segundo, diz-se etc.), que pode estar associada, em alguns contextos, à voz do conhecimento popular (nos provérbios, por exemplo) ou a uma voz coletiva, e nas quais o locutor enquanto ser do mundo (λ) pode ou não estar incluído.

¹⁰ Os modalizadores deonticos volitivos expressam, no sentido do enunciado, um desejo ou uma vontade, de caráter deontico, segundo Nascimento e Silva (2012). Neves (2010), por sua vez, afirma que a modalidade volitiva ou bulomaica é, em sua profundidade, uma necessidade deontica.

ocorrência se deu, sobretudo, através de verbos *dicendi* modalizadores, como se observa nos trechos 06 e 07, que seguem:

TRECHO 06 – Artigo Científico (BESSA, 2015)

Frade e Maciel (2006) **ressaltam** que as cartilhas são os primeiros livros de leitura, têm um ideal pedagógico e se constituem como a primeira via de acesso no processo de escolarização, ou seja, objetos de implementação da pedagogia da alfabetização (CACHIONI et al., 2015).

No trecho 06, retirado do *corpus* investigado por Bessa (2015), composto por artigos científicos, o locutor responsável pelo discurso como um todo (L1 = locutor articulista) introduz em seu discurso o relato de outro locutor (L2 = Freire e Maciel) como fundamento para o seu dizer. O relato é apresentado em estilo indireto e introduzido pelo verbo *dicendi* modalizador avaliativo “ressaltam”. Ao utilizar esse verbo, L1 não somente emite um posicionamento com relação ao discurso de L2, como também indica como esse discurso deve ser lido: como algo que merece ser ressaltado, logo, importante e digno de consideração. Dessa forma, avalia positivamente o discurso alheio e o incorpora ao seu dizer. Em outras palavras, poderíamos dizer que o efeito de sentido gerado no discurso é que o leitor tenha ciência de que o discurso apresentado em estilo indireto é de responsabilidade de L2, mas L1 está em conformidade com o mesmo, já que o apresenta como algo digno de ser ressaltado.

TRECHO 07 – Monografia de TCC (BASTOS, 2017)

Reconhecer um direito fundamental também exige do intérprete a observação dos limites expressos ao seu exercício. Todavia, a ideia de estabelecimento de restrição a direitos suscita uma problemática, pois, como bem adverte Friedrich Klein⁴⁶, usando das leis da lógica, **não pode existir restrição a direito individual, mas tão somente o conceito do que seja a mesma.**

É possível observar, no trecho 07, retirado do *corpus* investigado por Bastos (2007), o uso da modalização avaliativa, utilizada para emitir um ponto de vista sobre um discurso de um segundo locutor introduzido no discurso. Segundo a pesquisadora, o trecho acima, coletado de uma monografia de TCC, inicia uma seção da referida monografia, problematizando a restrição de direitos individuais.

Como é possível perceber no referido trecho, o locutor responsável pela monografia (L1) inicia seu texto com o ponto de vista segundo o qual “Reconhecer um direito fundamental também exige do intérprete a observação dos limites expressos ao seu exercício”. Em seguida, L1, por meio do operador de contraposição “todavia”, indica para o interlocutor uma mudança na orientação discursiva, apresentando o ponto de vista segundo o qual o estabelecimento de restrição a direitos provoca um problema.

Para fundamentar o ponto de vista introduzido pelo operador “todavia”, L1 traz para o interior de seu discurso a voz de um segundo locutor (Friedrich Klein), introduzido pelo verbo *dicendi* modalizador avaliativo “advertir”, acompanhado dos elementos “como” e “bem”, compondo a expressão “como bem adverte”.

Como observa Bastos (2017), o advérbio “como” normalmente indica conformidade com o ponto de vista introduzido, ou seja, um engajamento de L1 com relação ao discurso de L2. A noção de conformidade expressa pelo referido advérbio, como assinala Garcia Negroni (2008), pode ser reforçada pela presença do advérbio “bem”, em expressões do tipo “como bem disse x”. No trecho 07 em análise, é possível verificar a ocorrência de tal fenômeno. Bastos (2017) afirma que há de se considerar que o advérbio “bem” é um modalizador avaliativo de sentido positivo e que, no trecho em análise, vem acompanhado por um *dicendi* também modalizador avaliativo: o verbo “advertir”.

Com essa combinação, segundo Bastos (2017), L1 imprime um caráter avaliativo positivo ao ponto de vista apresentado, indicando que esse conteúdo deve ser lido como uma advertência. Esse caráter positivo é expresso pelo uso do advérbio “bem”, que indica aprovação, algo que já estava sinalizado pelo emprego do advérbio “como”, indicador de engajamento. Assim, L1 imprime um modo como o discurso de L2 deve ser lido, imprimindo um juízo de valor com relação ao discurso relatado, e ao mesmo tempo assimila esse discurso.

3.5 MODALIZADORES DELIMITADORES

A modalização delimitadora é aquela que estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo do enunciado e, por essa razão, identifica graus de tensão ou de negociação na interlocução, conforme assinalam Nascimento e Silva (2012).

Nos gêneros acadêmicos, este tipo de modalização não é muito usual, pelo menos nos *corpora* investigados. Sua maior recorrência se deu no gênero resumo acadêmico, investigado por Lima e Nascimento (2009), cujo funcionamento se pode perceber no enunciado que segue.

TRECHO 08 – Resumo (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

Teoricamente, esperamos que os livros apresentem atividades que contemplem orientações atualizadas e sugiram formas de encaminhamento didático.

No trecho 08, retirado de um resumo acadêmico, observa-se que, com a utilização do advérbio “teoricamente”, o locutor estabelece limites para o conteúdo enunciado, ou seja, especifica-se que o conteúdo do dito (esperamos que os livros apresentem atividades que contemplem orientações atualizadas e sugiram formas de encaminhamento didático) deve ser encarado do ponto de vista teórico.

Isso pode implicar, por exemplo, que, do ponto de vista prático, pode ser que os livros não apresentem atividades que contemplem orientações atualizadas, mas do ponto de vista teórico é isso que se espera. Por esta razão, “teoricamente” funciona como um modalizador delimitador.

Os modalizadores delimitadores, nos gêneros acadêmicos, além de funcionarem estabelecendo limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo do tipo, agindo como elementos negociadores de sentido, muitas vezes especificam áreas de conhecimento, campos do saber ou aspectos que devem ser observados, com relação ao dito, imprimindo relativizações. Isso se dá em termos e expressões do tipo: “particularmente”, “do ponto de vista pragmático”, “no que se refere aos estudos da Psicologia Cognitiva”, entre outros.

3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A investigação realizada nos gêneros acadêmicos descritos (resumo acadêmico, resenha acadêmica, projeto de pesquisa de TCC, monografia de TCC, artigo científico e ata administrativo-acadêmica) mapeou a presença de todos os tipos de modalizadores apresentados por Nascimento e Silva (2012): epistêmicos, deônticos, delimitadores e avaliativos. No entanto, são recorrentes apenas os modalizadores epistêmicos e avaliativos. Os demais (deônticos e delimitadores) são pouco frequentes e aparecem apenas em alguns dos gêneros, em especial no resumo e na ata administrativo-acadêmica.

No que se refere à modalização epistêmica, foram encontrados nos *corpora* os modalizadores asseverativos e quase-asseverativos; não houve ocorrência de modalizadores epistêmicos habilitativos. Os modalizadores asseverativos foram utilizados para imprimir asseveração ou noção de certeza, ou ainda para dar ideia de credibilidade ao dito, sempre comprometendo o locutor com relação ao conteúdo do enunciado/discurso. Os modalizadores epistêmicos quase-asseverativos foram utilizados para expressar possibilidade ou probabilidade. Na maioria dos casos, mas não sempre, o uso desse tipo de modalizador gerou distanciamento, não engajamento ou não comprometimento do locutor com relação ao conteúdo do enunciado.

A presença dos modalizadores epistêmicos nos gêneros acadêmicos é perfeitamente justificável se considerarmos que esses gêneros são utilizados para veicular a voz da ciência, que se pretende comprovada, certa, objetiva. Daí a forte presença dos modalizadores epistêmicos asseverativos, que apresentam o discurso como algo certo ou verdadeiro, em todos os gêneros pesquisados, inclusive no gênero ata administrativo-acadêmica. Os quase-asseverativos, por sua vez, permitem ao locutor dos gêneros acadêmicos colocar-se à margem do dito, distanciando-se daquilo que enuncia, ou então apresentar investigações e dados ainda não comprovados e que, portanto, carecem de mais testagem ou análise.

Os modalizadores avaliativos, frequentes em todos os gêneros investigados, foram utilizados para imprimir juízos de valor, avaliação axiológica, quase sempre de caráter positivo. Com esse tipo de modalizador, o locutor dos gêneros do universo acadêmico coloca-se em uma posição de quem analisa, se compromete e julga o seu dizer ou a voz da ciência. Além disso, podem sinalizar “engajamento” do locutor responsável pelo discurso com relação ao dizer de outros locutores introduzidos em seu texto.

É interessante observar que os modalizadores avaliativos e os modalizadores epistêmicos asseverativos ocorrem com grande frequência sob a forma de expressões ou verbos *dicendi*, que permitem ao locutor introduzir vozes alheias em seu próprio discurso – normalmente, sob a forma de arrazoado por autoridade; incorporar essas vozes; ou ainda emitir julgamentos com relação às vozes introduzidas. Nesse sentido, o discurso que se pretende objetivo e neutro torna-se um terreno de inter cruzamento de vozes, de expressão de subjetividades. Isso significa, entre outras coisas, que o locutor responsável pelo discurso se permite expressar julgamentos sobre o fazer científico (seu e alheio) e se posicionar, enquanto sujeito, a respeito da voz da ciência.

A modalização deôntica, com baixa frequência nos *corpora* investigados, foi utilizada com dois principais efeitos de sentido: imprimir obrigatoriedade ou instrução + valor axiológico, através de modalizadores deônticos de obrigatoriedade, e expressar desejos ou solicitações (volição), através de modalizadores deônticos volitivos.

Acreditamos que essa baixa ocorrência se dá exatamente em razão da própria funcionalidade dos gêneros acadêmicos. Esses não são utilizados para normatizar, orientar ou instruir, uma vez que a ciência não se presta a esse fim, salvo algumas exceções, como é o caso da ata administrativo-acadêmica, que registra decisões tomadas nos conselhos acadêmicos. Em outras palavras, os gêneros acadêmicos descrevem, analisam e explicam fatos e fenômenos, à luz do conhecimento científico, sem preocupar-se necessariamente em regulamentá-los, salvo algumas exceções. Por esse motivo, não é um terreno propício para a presença dos modalizadores deônticos, tampouco para os modalizadores delimitadores, que também possuem grande caráter regulador, já que estabelecem limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo do dito. Talvez por esse motivo a ocorrência dos modalizadores delimitadores se deu, nos *corpora* analisados, principalmente em situações em que se fez necessária a delimitação de campos do saber, de áreas do conhecimento, apontando o alcance do fazer científico, em cada caso, especialmente.

As análises realizadas nos diversos gêneros do universo acadêmico permitiram verificar que a modalização discursiva, enquanto fenômeno de subjetividade e intersubjetividade (logo, argumentatividade), nesse universo de atividade humana, permite que o locutor responsável pelo discurso apresente o fazer da ciência como algo certo ou verdadeiro, o que contribui para a manutenção do *status quo* dessa atividade humana; coloque-se, algumas vezes, à margem do dito; mas também se posicione a respeito do próprio fazer científico, emitindo juízos de valor e orientando o seu interlocutor.

Nesse sentido, as investigações também nos fizeram refletir sobre a impessoalidade e a objetividade pregadas pelos manuais de redação científica. A utilização de diferentes tipos de modalização, materializando diferentes estratégias semântico-argumentativas nos textos, comprova que o fato de o texto científico ser apresentado, normalmente, na terceira pessoa do singular não implica objetividade, tampouco neutralidade, ou seja, a impessoalidade acaba sendo “neutralizada” por outras estratégias, como a modalização.

Assim, podemos afirmar que a argumentatividade (logo, subjetividade) se materializa, nos gêneros acadêmicos, entre outras estratégias, pelo uso da modalização. Isso significa que, através dos modalizadores, o locutor deixa marcas de sua subjetividade, avalia o dito e tenta orientar seu interlocutor, indicando como deve ser lida a voz da ciência.

REFERÊNCIAS

ADELINO, F. J. da S. *Na trilha dos modalizadores: perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego*. 2016. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

- BASTOS, A. C. V. *De quem é essa voz? Um estudo sobre as marcas de subjetividade em monografias de conclusão de curso*. 2017. 249 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- BARBOSA, M. V. L. de M. *Modalização e polifonia no gênero resenha acadêmico-científica: um olhar argumentativo sobre a voz da ciência*. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- BESSA, C. M. B. *Que autoridades sustentam a autoridade? A argumentatividade no gênero artigo científico através do arrazoado por autoridade e da modalização discursiva*. 2015. 456 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- CARVALHO, A. G. *O arrazoado por autoridade e a modalização discursiva: estratégias de argumentação no gênero Projeto de Pesquisa de TCC*. 2014. 147 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v.II: níveis de análise linguística. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- CHAVES, A. L. A. O sufixo *-inho* no gênero textual entrevista – elemento modalizador discursivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS, 2007, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2007. p. 1-19.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, O. *O dizer o dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- _____. *Polifonia y argumentación: conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- ESPÍNDOLA, L. *A entrevista: um olhar argumentativo*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2004.
- GARCÍA NEGRONI, M. M. Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. Trad. Maria Eta Vieira. In: MICHELETTI, G. (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 92-121.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LIMA, G. de B.; NASCIMENTO, E. P. do. *A argumentatividade no gênero resumo acadêmico: operadores argumentativos e modalizadores discursivos (Relatório de Pesquisa PIVIC)*. Mamanguape: Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- NASCIMENTO, E. P. do. *Jogando com as vozes do outro: apolifonia – recurso modalizador – na notícia jornalística*. 2005. 239 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.
- _____. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Idéia, 2009. p. 1369-1376. CD-ROM.

_____. A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 30-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2010v7n1p30/17100>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____. *Modalización en el género “acta administrativo-académica”*. (Relatório de Pesquisa de Estágio de Pós-doutorado) – Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires-Argentina, 2014.

_____. A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. *Letras de Hoje*, v. 50, n. 3, 2015. p. 242 – 351. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/19385>. Acesso em: 12 jul. 2018.

NASCIMENTO, E. P. do; SILVA, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. do (Org.). *A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 63 – 100.

NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, M. F. O. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, p.1-5, 2000.



Recebido em 25/05/2018. Aceito em: 12/07/2018.

DISCURSIVE MODALITY AS ARGUMENTATIVE INDEX IN ACADEMIC GENRES

A MODALIZAÇÃO DISCURSIVA COMO ÍNDICE DE ARGUMENTATIVIDADE NOS
GÊNEROS ACADÊMICOS

LA MODALIZACIÓN DISCURSIVA COMO ÍNDICE DE ARGUMENTATIVIDAD EN LOS
GÉNEROS ACADÉMICOS

Erivaldo Pereira do Nascimento*

Universidade Federal da Paraíba

ABSTRACT: This study aims to show how modality behaves in the academic genres, producing argumentation. In other words, driving utterances to a specific conclusion. This work is composed of reflections about the modality phenomenon in academic genres, deriving from qualitative, descriptive and interpretative scientific investigations. It is also based on the studies about Discursive Modality proposed by Cervoni (1989), Castilho & Castillho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010), and Nascimento & Silva (2012), as well as the study about linguistic argumentation by Ducrot (1987, 1988). Modality was found in all the genres investigated (administrative-academic protocol, abstract, review, undergraduate research project, undergraduate monograph, and academic paper), and is used with different discursive functions: assimilation, detachment and evaluation.

KEYWORDS: Modality. Argumentation. Academic Genres.

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar como a modalização discursiva funciona nos gêneros acadêmicos, imprimindo argumentatividade, ou seja, orientando os enunciados em razão de determinadas conclusões. Trata-se de reflexões feitas sobre o fenômeno da modalização nos referidos gêneros, a partir de investigações científicas de natureza qualitativa e de caráter descritivo e interpretativista. Para tal, fundamentamo-nos nos estudos sobre a Modalização Discursiva, a partir de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) e Nascimento e Silva (2012), além dos estudos sobre a argumentação

* Doutor em Letras pela UFPB e estagiário de Pós-Doutorado pela UBA-Argentina. Professor Associado da UFPB, atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). E-mail: <ery.nascimento2008@gmail.com>.

linguística de Ducrot (1987, 1988). A descrição do fenômeno da modalização nos gêneros investigados permitiu-nos verificar que a modalização é uma estratégia presente em todos eles (ata administrativo-acadêmica, resumo, resenha, projeto de pesquisa de TCC, monografia de TCC e artigo científico) e que é utilizada com diferentes funções discursivas, produzindo diversos efeitos de sentido: assimilação, distanciamento e avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Modalização. Argumentação. Gêneros Acadêmicos.

RESUMEN: Este artículo tiene el objetivo de mostrar como la modalización discursiva funciona en los géneros académicos, imprimiendo argumentación, es decir, direccionando los enunciados a determinadas conclusiones. Se hacen reflexiones sobre el fenómeno de la modalización en dichos géneros, a partir de investigaciones de naturaleza cualitativa, de carácter descriptivo e interpretativo. Está fundamentado en los estudios sobre modalización discursiva de Cervoni (1989), Castilho & Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) y Nascimento & Silva (2012), además de los estudios sobre la argumentación lingüística en la perspectiva de Ducrot (1987, 1988), entre otros. La descripción de la modalización en los géneros investigados permitió verificar que este fenómeno es una estrategia presente en todos ellos: acta administrativo-académica, resumen, reseña académica, proyecto de investigación, monografía y artículo científico. Además, es utilizada con distintas funciones discursivas, produciendo diferentes efectos de sentido: asimilación, alejamiento y evaluación.

PALABRAS CLAVE: Modalización. Argumentación. Gêneros Acadêmicos.

1 INTRODUCTION

This article presents a reflection on the presence of discursive modality in different academic genres, and is set to not only reveal how modality works as an argumentative strategy in academic genres, but also to investigate what meaning effects are generated in the utterances and texts in which the phenomenon is used.

This work presents¹ outcomes of scientific investigations conducted in two laboratories at *Universidade Federal da Paraíba* (namely, LAEL - *Laboratório de Estudos Linguísticos*²; and, LASPRAT - *Laboratório Semântico-Pragmático de Textos*³), coordinated by the author of this paper, who described modality, among other semantic-argumentative and pragmatic strategies in academic genres. The investigations herein are part of Project ESAGD – *Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso: gêneros acadêmicos e formulaicos*⁴, and, more recently, of Project ESAELD – *Estudos Semântico-Argumentativos e Enunciativos na Língua e no Discurso: marcas de (inter)subjetividade e de orientação argumentativa*⁵.

The investigations into discursive modality were founded on the studies of different scholars, especially Lyons (1977), Cervoni (1989), Castilho and Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010), and Nascimento and Silva (2012). It is worth mentioning that we consider modality as a phenomenon that allows speakers to produce, in their discourse, marks of subjectivity through specific linguistic elements and, thus, convey the way such discourse must be read; therefore, it works as a semantic-argumentative and pragmatic strategy, as proposed by Nascimento (2010).

¹ Part of the results shown and discussed herein were presented in the *I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivo e Conexões de Orações*, at *Universidade Federal Fluminense*, Niterói-RJ, from November 08 to 10, 2016. At that time, partial results were reported; in this paper, we present the final outcomes of the investigations and their consolidated data.

² Meaning Laboratory for Linguistic Studies.

³ Meaning Laboratory for Investigations on Textual Semantics and Pragmatics.

⁴ Meaning Argumentative Semantic Studies of Discourse Genres: academic and formulaic genres.

⁵ Meaning Semantic-Argumentative and Enunciative Studies in Language and Discourse: marks of (inter)subjectivity and argumentation.

Since this paper adopts modality from a semantic-argumentative and pragmatic standpoint, argumentation is herein seen as a linguistic-discursive phenomenon, as proposed by Ducrot (1987, 1988) and collaborators. Ducrot states that language is essentially argumentative, and it goes from language to discourse, allowing specific directions and conclusions. Therefore, as Espíndola (2004) adds, both language and its use are argumentative.

The investigations conducted by projects ESAGD – from 2009 to 2016 –, and ESAELD⁶ – from 2017 onwards –, are qualitative, descriptive and interpretative by nature. Although such investigations are qualitative, we studied which modalizers occurred more frequently in specific genres, to verify what types of modality are more common in the academic genres. In the aforementioned period, we investigated modality, among other argumentative strategies, in different discursive genres. From the academic realm, the genres we analyzed included abstract, review, undergraduate research project, undergraduate monograph, and academic paper, all written in Portuguese; and the administrative-academic protocol, in Spanish. Even though in a foreign language, the administrative-academic protocol, in Spanish, was included because the investigated phenomena are the same and we found no significant difference in the functionality of the modalizers, as to the semantic-argumentative aspect, when the two languages were compared. Besides, by using two *corpora* in different languages we could observe the modality phenomenon more thoroughly. Still, it is important to consider that, even though it is not a genre that describes or reports scientific or academic production, the administrative-academic protocol interferes with and echoes the scientific voice, since it reports the actions and decisions of the academic boards.

The procedures adopted during the investigations were as described below:

- a) Reading and discussing the Argumentation Theory, the Studies on Modality, and the genre to be described;
- b) Collecting, storing and selecting the texts to be investigated;
- c) Finding the semantic-argumentative structures in the texts;
- d) Describing and analyzing the semantic-argumentative structures found in the texts;
- e) Conducting a theoretical reflection on the description and analysis of the data obtained and results systematization.

The *corpora* that comprise the ESAGD and ESAELD projects were collected from different public and private higher education and research institutions in Brazil and abroad, from distinct databases. Texts were selected upon the presence of the investigated phenomenon in the genre, and on the representativeness of the sample. However, since the investigation is mainly qualitative, and the objective is to describe and analyze how modality operates, among other phenomena, as an argumentative element in the texts, we did not rely on the quantitative criteria of such occurrences, but rather on the very nature of the phenomenon and how it works.

Although this was a qualitative analysis, in some genres we were able to quantify the occurrences of the modalizers to verify not only which modality stood out for each genre, but also to compare the genres we were analyzing, much of which we report in this paper. In addition to the project coordinator, who is the author of this article, this genre investigation involved three doctoral researchers, one M.Sc. student of Linguistics at Proling/UFPB⁷, and one undergraduate student (Scientific Initiation fellow) of the

⁶ The ESAELD project furthers the investigations conducted by the ESAGD project; it enlarges the scope of investigated genres and phenomena. From ESAGD, we investigated the following academic genres: abstract, review, academic paper, academic-administrative protocol, and the undergraduate research project, while the undergraduate monograph was investigated from ESAELD. Both projects share the same research objective, namely, to describe and analyze how different semantic-argumentative and enunciative structures and phenomena operate, in different discursive genres and in different contexts of language use. Both projects also share the same methodological procedures.

⁷ Project Coordinator: Erivaldo Pereira do Nascimento, academic-administrative protocol (NASCIMENTO, 2014). Ph.D. researchers: Clécida Maria de Bezerra Bessa, academic paper (BESSA, 2015); Maria Vanice de Lacerda de Melo Barbosa, review (BARBOSA, 2015); Ana Carolina de Vieira Bastos, undergraduate monograph (BASTOS, 2017); M.Sc. student: Aleise Guimarães Carvalho, undergraduate research project (CARVALHO, 2014).

undergraduate program of Bilingual Executive Secretariat, also at UFPB⁸. Each of the researchers worked on a specific genre, and the investigations were conducted under our guidance and supervision.

Then, this article assembles the results for researches conducted in three Ph.D. thesis studies, one M.Sc. thesis study, and two research reports, all of which are interconnected, since they are set to describe and analyze argumentation in academic genres, with focus, among other phenomena, on discursive modality⁹. Although each of such researches deals with argumentation in a specific genre, they contribute to a greater goal of the ESAGD and ESAELD projects, namely, to describe the phenomena of argumentative language. This is why this work correlates the results obtained in those studies, specifically those about modality, as an attempt to discuss such phenomenon in the academic realm, that is, the academic and scientific languages.

To that end, this article is organized in three sections, apart from this introduction. First, we discuss the phenomenon of modality as a semantic-argumentative strategy. We also introduce the classification of modalizers that were adopted for the investigations of the ESAGD and ESAELD projects. In the second section, we produce reflections on the phenomenon of modality in academic genres, on the investigations conducted in the aforementioned project. For this, we sample the works (Ph.D. and M.Sc. theses, and reports) that originated from the researches. In the last section, the one with the final remarks, we summarize our findings and discuss the importance of modality studies for the analysis and description of academic genres.

2 MODALITY AS A SEMANTIC-ARGUMENTATIVE STRATEGY

The phenomenon of modality, or modality, has been the object to different areas and strands of linguistic studies. However, the first studies about modality stemmed from logic.

Lyons (1977, p.329) affirms that, in traditional logic, the term is used to describe the quantification of predicate: “In traditional logic (based on a bipartite analysis of propositions into subject and predicate), modality was commonly described as quantification of the predicate” (LYONS, 1977, p.329).

However, Lyons (1977) indicates that, both in linguistics and in logic, the term has generated a series of conflicting interpretations, due to its approximation with the terms *mood* and *modal*. Lyons acknowledges that these three terms are etymologically close, but states his preference to saving the term *mood* for the meaning given by the Traditional Grammar, to refer to grammatical categories denominated *indicative*, *subjunctive*, and *imperative*.

Lyons adds that the only type of modality acknowledged by traditional logic is that which associates the notions of necessity and possibility to the truth and falsehood of propositions, that is, alethic modality. According to Lyons, logicians associate alethic modality to necessity more than possibility. Necessity is defined in terms of truth in each and every possible universe, and possibilities of truth in some possible universes.

Cervoni (1989) affirms that modality implies the idea that a semantic analysis permits distinguishing, in one utterance, one propositional content (the *dictum*) from one viewpoint of the locutor about such content (modality). To Cervoni, modality constitutes the essential meaning of the utterance, which distinguishes it from connotation.

To Cervoni, when dealing with the phenomenon of modality in Linguistics – despite its roots in logic, and even though it conserves some of its original meaning –, one must be very careful with morphology, syntax and the lexicon. For this reason, Cervoni turns to the traditional notion that modality only happens when it affects the proposition as a whole, only to affirm that, in contemporary

⁸ Geziel de Brito Lima, jointly with the project coordinator; genre: academic abstract (LIMA; NASCIMENTO, 2009).

⁹ It is important to mention that other phenomena were also investigated in these corpora, such as enunciative polyphony. On this subject, the work *A polifonia dos gêneros acadêmicos e formulaicos: a evocação da palavra alheia*, by Nascimento (2015). However, this article focuses specifically on the phenomenon of modality.

linguistic theories, based on the analysis of surface structures and deep structures, modality is discussed as affecting part of the proposition, the noun phrase, for example. Cervoni adds that:

According to the traditional definition, only the determinations relative to a proposition will be considered modalities. However, to the linguist, seeing proposition only in sentences that have a canonic form is not a hypothesis (*Socrates runs, educates the young, is a man* [...]). The contemporary linguistic theories have demonstrated the advantage of assuming underlying structures for the surface structure as well as making room for [that which is] the implicit in the analysis of sentences. (CERVONI, 1989, p.62, italics in original)

For this reason, Cervoni introduces a classification according to which what is typically modal can be distinguished from that which is partially modal, and what is possible and beneficial to exclude from the field of modalities. That which is typically modal was named by Cervoni hard modality whereas that which is partially modal was named impure modality.

Within the hard modality, he included the propositional modalities, in sentences of the type “(unipersonal) + is + Adjective + *that* P or Infinitive”, and the mood auxiliaries, since both, to Cervoni (1989, p.63), “have a perfectly-explicit essentially-modal meaning”.

As to the impure modality, Cervoni affirms that it includes “the cases in which modality is implicit or mixed into a lexeme, a single morpheme, a single expression, to other elements of meaning” (ibidem, p.68). In this very group are some evaluative adjectives, such as *useful, pleasant, interesting, grave*, etc., the *verba dicendi* (verbs of utterance), and the verb moods. However, Cervoni affirms that evaluative adjectives will only be modals when the canonic form can be identified.

Castilho and Castilho (1993, p.217) affirm that the term modality expresses the locutor’s judgement on the proposition. However, two terms have been employed in this sense: modality and modalization. Modality is used for when “the locutor presents the propositional content in an assertive mood (affirmative or negative), interrogative (polar or non-polar), and jussive (imperative or optative)”. The term modalization has been used when the “locutor expresses their relationship with the propositional content”. This relationship consists in judging the truth content of the proposition, or passing a judgement on the way chosen to verbalize the content of the proposition.

However, Castilho and Castilho prefer to use the terms without distinction, for “there is always a previous evaluation of the locutor about the content of the proposition that they will convey” (1993, p.217). The authors add that this generates the locutor’s decisions about affirming, denying, interrogating, expressing doubt, certainty, etc.

Based on Dubois (1973), Santos (2000, p.01) affirms that modalization is a category that allows locutors to express an attitude in the utterances they produce. Modality, in turn, is synonymous with mood and indicates the type of communication set by locutors between them and their interlocutor.

By analyzing the aforementioned authors, we have observed that modalization has been seen, in general, as a strategy belonging to the utterance, which, at times, will affect the whole utterance while, at other times, will affect only part of it. Still, we see that the distinction between modalization and modality is not a solved problem. This unsolved problem relies on the distinction between subjectivity and intersubjectivity, and also because of considering that it is possible to separate the subjective from the intersubjective aspect (NASCIMENTO, 2010). Such phenomena are not quite separable in the process of interaction, or in the very language structure, as Ducrot (1988) claims.

Then, by producing an utterance such as “Pedro will surely come”, apart from expressing the certainty regarding Pedro’s future coming, the locutor does so as a function of their interlocutor, either because they want the interlocutor to also believe that such information is true or because they have another intention, which, sometimes, is only identifiable by the enunciation¹⁰. In this sense, it does not seem productive to separate the locutor’s attitude (expressing certainty, therefore, modalization), from their intention

¹⁰ We use this translation into English for the term enonciation, coined by Ducrot (1988). To that author, the concept of enonciacion is associated with the event generated by the utterance or production of a statement.

(making the interlocutor believe that it is true, therefore, modality). Nor does it seem productive, from the semantic-argumentative point of view, to separate the choice of asseverating (express a certainty = modalization) from the locutor's judgement (I consider this to be true = modality). Such phenomena are not separated, according to Castilho and Castilho (1993), and are an argumentative strategy. This we have found in the studies about modality in several textual/discursive genres (NASCIMENTO, 2009; 2010).

From our investigations we have realized that locutors always evaluate (modality) as a function of the interlocution, to express their intentions (modalization) and, for this reason, it does not seem productive to separate subjective and intersubjective aspects, for they are intrinsically related (one manifests itself in relation to the other). Then, we reaffirm: "Therefore, it is not productive, at first, to separate modality and modalization, at least when we treat such phenomenon as an argumentative strategy" (NASCIMENTO, 2009, p.1376). As stated before, such position is based on Ducrot (1988), who assembles the subjective and intersubjective aspects of the utterances into a single aspect, which he names argumentative value of the utterances.

As Ducrot (1988) himself postulates, the argumentative value is in the meaning of the utterance, which is at once meaning and direction (discursive intention). Thus, the presence of some linguistic modalizer, for example, not only encompasses a specific signification (certainty, possibility, obligation, etc.), but also permits a specific discursive continuum, a specific intention, pointing to specific conclusions and producing specific meaning effects (commitment, detachment, axiological evaluation, etc.). With that, modality is an argumentative index.

According to Lyons (1977), all natural spoken languages provide their users with prosodic resources (stress and intonation) with which to express the several distinguishable kinds of epistemic utterance. Some, but by no means all, are grammaticalized (category of mood), some are lexicalized or semi-lexicalized (modal verbs – must; modal adjectives – possible; modal adverbs – possibly; modal particles – perhaps).

Castilho and Castilho (1993) also affirm that modality moves different linguistic resources, among which they mention prosody, verbal moods, auxiliary verbs such as *must* and *want*, verbs that constitute parenthetical sentences and matrices such as *find*, *think* and *believe*, adjectives, adverbs, prepositional phrases functioning as an adverb, among others. Like modalization, which may be lexicalized in several ways, different types of modality may be conveyed with a single lexical item, according to Koch (2002). This is the case of the verb *must*, which may convey possibility, probability, doubt, certainty, etc.

Koch (2002, p.85) presents a list of several types of lexicalization of modalities, among which are the explicit performatives: I order, I forbid, I allow, etc.; the modal auxiliaries: may, must, want, need, etc.; the crystallized predicates: it is certain, it is needed, it is necessary, it is likely, etc.; the modal adverbs: probably, certainly, necessarily, possibly, etc.; the periphrastic verb forms: must, can, want, etc. + infinitive; the verb moods and tenses: imperative; some uses of subjunctive; use of the perfect tense as a probability, hypothesis, unconfirmed news; use of the imperfect indicative as unreality, etc.; the verbs of propositional attitude: I believe, I know, I doubt, I think, etc.; intonation (which permits, for example: distinguishing an order from a request, in oral language); and the argumentative operators: little, a little, nearly, only, really, etc.

This list, however, is not finite, since each year investigations find other language elements functioning as modalizers, among which are the suffix *-inho*¹¹ (investigated by Chaves, 2007), the *verba dicendi* (investigated by Nascimento, 2005), and repetition (investigated by Adelino, 2016).

¹¹ The suffix *-inho*, in Portuguese, is an element that indicates diminutive. However, in some contexts, such suffix loses the diminutive function and takes on a modal value.

Modalizers are linguistic elements that explicitly materialize modality, and are usually classified according to the type of modality they express, in utterances and discourses in which they are used. However, different researchers have come up with different classifications for the types and subtypes of modality. In this work, we use the classification of Nascimento and Silva (2012), who gather the elements of modality into four major groups, based on the investigations conducted by the ESAGD project, and considering the meaning effects they generate in the utterances, or the enunciation itself: epistemic, deontic, evaluative, and hedgers.

The chart below, of said authors, summarizes the types of modality.

Types of Modality	Subtypes	Meaning effect in the utterance or enunciation
Epistemic – expresses evaluation of the truth-conditions or knowledge	Asseverative	Presents the content as something right or true
	Quasi-asseverative	Presents the content as something quasi-right or true
	Habilitating	Expresses the capacity of something or someone to realize the content of the utterance
Deontic – expresses the evaluation of possibility, prohibition, volition or obligation	Obligation	Presents the content as an obligation that needs to happen
	Prohibition	Expresses the content as something prohibited, that must not happen
	Possibility	Expresses the content as something facultative or gives permission for something to happen
	Volition	Expresses desire or wish for something to happen
Evaluative – expresses evaluation or a point of view	---	Expresses an evaluation or point of view about the content, except any deontic or epistemic aspect
Hedging	---	Determines the limits over which one must consider the content of an utterance

Chart 1: Types and subtypes of modality

Source: Nascimento e Silva (2012, p.93)

It is worth mentioning that one single lexical item may express different modalities, generating different meaning effects. According to Nascimento and Silva (2012), to determine the type of modality, it is necessary to carry out a semantic-discursive analysis of each case.

3 MODALITY IN ACADEMIC GENRES

In the investigations conducted by the ESAGD and ESAELD projects on argumentative aspects in academic genres, we identified all the discursive modalizers' types (with some of their subtypes), as proposed by Nascimento and Silva (2012). Although it was not possible to quantify the occurrence of all types and subtypes in all genres, we found that, in general, the asseverative epistemic and quasi-asseverative modalizers prevail in all the genres in the academic realm included in our research. The deontic modalizers and hedgers are not very significant in the analyzed *corpora*, although they were present in some genres, such as the abstract and the administrative-academic protocol.

Below, we present the descriptive-interpretative analysis of some sections of the analyzed *corpora* to demonstrate not only the occurrence of such modalizers present in said genres, but also, above all, the meaning effects they generate in the utterances in which they are used.

3.1 ASSEVERATIVE EPISTEMIC MODALIZERS

According to Nascimento and Silva (2012), the asseverative epistemic modality occurs when the content of the utterance (or the enunciation itself) is given as something right or true and, for this reason, the locutors responsible for the discourse commit themselves to said utterance. In this sense, the locutor presents a high level of adhesion to the content of the utterance, as affirmed by Castilho & Castilho (1993).

The asseverative epistemic modalizers were found in all the analyzed genres (abstract, review, paper, undergraduate research project, undergraduate monograph, and administrative-academic protocol). In the abstracts, asseverative epistemic modalizers occurred mainly as modal verbs and adverbs; in the other genres, they occurred as modal *verba dicendi*. Excerpts 01 and 02, below, illustrate such occurrence.

EXCERPT 01 – Abstract (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

“Na investigação *constatou-se que* seleção lexical está diretamente relacionada à classe socioeconômica do destinatário e reflete-lhe os anseios, o estilo de vida e os valores ideologicamente consagrados pela classe social a que ele pertence.”¹²

In excerpt 01 of the corpus analyzed by Lima and Nascimento (2009), we see the presence of asseverative epistemic modality: the modalizer “*constatou-se que*” (“we found that”), whose meaning effect affects the content of all the utterance, introducing it as something verified, proven, and, for this reason, right or true. If we consider that the scientific text relies on experiments, data or phenomena that have been tested and verified, therefore, proven, both the use of such expression and the meaning effect that it generates in the utterance – the asseverative effect – are justified. For this reason, in such case, we may consider it an asseverative epistemic modalizer.

In the analyzed corpus, Lima and Nascimento (2009) identified 18 occurrences of asseverative epistemic modalizers and verified that this type of modality was used, above all, to introduce data and results of investigations as something proven, therefore, worthy of certainty. In addition, they were used to introduce information shared in the academic realm that the locutor and their probable interlocutors knew of, which are taken as right, in utterances such as “**É notório** o avanço da tecnologia em nossa sociedade” (“**It is noticeable** that technology has advanced in our society”). The following excerpt, taken from the corpus analyzed by Carvalho (2014), illustrates another occurrence of the asseverative epistemic modality present in the analyzed *corpora*.

EXCERPT 02 – Undergraduate Research Project (CARVALHO, 2014)

“A respeito dessas transformações, Marcuschi (2012, p. 36) *afirma que* há dois momentos significativos no contexto sócio-histórico do LD “o marco inicial está diretamente relacionado à época em que os livros de uso no espaço escolar começam a ser nomeados como *livros didáticos* (...)” e o segundo marco provém da preocupação de se “compreender o momento atual vivenciado pelas coleções didáticas no contexto social brasileiro”, pois a concepção de língua no LDPB sofreu alterações no transcórrer das últimas oito décadas.”¹³

¹² “In the investigation, we found that the lexical selection is directly related to the socioeconomic class of the addressee, and reflects their wishes, lifestyle and values ideologically celebrated by the social class to which they belong.”

¹³ “About such transformations, Marcuschi (2012, p.36) affirms there are two significant moments in the socio-historical context of the DB: “the initial milestone is directly related to the moment in which the books used in school start to be named didactic books [...]”; and the second milestone derives from the concern of “understanding the current moment experienced by the didactic collections in the Brazilian social context”, because the concept of language in the BPDB has faced alterations over the last eight decades.”

Excerpt 02 illustrates the occurrence of modality not only in the genre investigated by Carvalho, but also in the other genres analyzed by the ESAGD project, in which this phenomenon occurs together with polyphony of locutors and through the modalizer *verba dicendi*. According to Nascimento (2005), the modal *verba dicendi* are used by the locutor responsible for the discourse (L1) to report other locutors (L2, L3, etc.) in his/her utterance and, at the same time, introduce the reported content as something right or true; therefore, L1 commits to someone else's utterance.

When analyzing excerpt 02, Carvalho (2014)¹⁴ notes the presence of two different locutors: L1 introduces the content of the utterance and, in order to make this utterance valid in academic terms, inserts another locutor's voice, L2: Marcuschi. To introduce L2's voice, L1 uses the asseverative modal *verbum dicendi* "afirma" ([Marcuschi] *affirms*), which synthesizes the lexeme *say* + *certainty* (*to say with certainty*), as stated by Cervoni (1989). By introducing L2's report as something right or true, L1 not only indicates how such discourse must be read, but also engages in and admits L2's discourse, who – in such discourse – is presented as an authority on the subject, an argument by authority, as named by Ducrot (1987). L2's report is incorporated into L1's discourse, who takes L2's utterance as right and replicates it.

This type of strategy, present in all the investigated genres, illustrates one of the principal uses of asseverative epistemic modalizers in the academic genres, namely: to convey an analysis of someone else's discourse, allowing the locutor responsible for the *dictum* to engage in someone else's voice. This type of strategy not only generates the effect of credibility to what has been said, but also allows L1 to use another locutor's *dire*¹⁵ to found his/her investigations, his/her testing and his/her results, that is, his/her academic work. Then, the meaning effects generated in the utterances are: certainty, credibility and assimilation or engagement.

3.2 QUASI-ASSEVERATIVE EPISTEMIC MODALIZERS

Quasi-asseverative epistemic modality occurs when locutors consider the content of the utterance or discourse quasi-right or as a hypothesis to be confirmed and, for this reason, do not take responsibility for the truthness or rightness of the utterance, nor do they commit to the veracity of what they state, according to Nascimento and Silva (2012).

We identified the quasi-asseverative epistemic modalizers in all the analyzed *corpora*, rather frequently and with different meaning effects, as can be seen in excerpts 03 and 04, analyzed below.

EXCERPT 03 – Abstract (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

"Esse aumento na demanda de estudantes de E/LE se deve, *provavelmente*, às relações do Brasil com o MERCOSUL."¹⁶

In excerpt 03, taken from an academic abstract published in the annals of a scientific event, the locutor responsible for the discourse introduces the content of the *dictum* as likely to happen, as a hypothesis that needs confirmation. This status of possibility or probability is expressed in the content of the utterance by the presence of the quasi-asseverative epistemic modalizer "provavelmente" ("probably"). By using such modalizer, the locutor does not commit to the content of the *dictum* (The rise in the demand of student of S/FL is due to Brazil's relations with MERCOSUR), and is clear of responsibility regarding the rightness or truth or what has been stated.

¹⁴ In the corpus investigated by Carvalho, 55 occurrences of asseverative epistemic modalizers were found, all as modal *verba dicendi*, and in statements involving argument by authority. The argument by authority, according to Ducrot (1987), occurs in situations in which the locutor, by introducing the voice of another locutor into their own discourse, presents this other locutor as an authority in the subject that founds their *dire*.

¹⁵ Argumentative Semantics separates *le dire* (term originally coined in French) from *le dit* (the *dictum*) The first term regards the expression of the speaker or that that which was expressively stated (presented) in the utterance, while the second term addresses the content of the expression, the meaning of the utterance.

¹⁶ "The rise in the demand of student of S/FL is *probably* due to Brazil's relations with MERCOSUR."

Lima and Nascimento (2009) identified 52 quasi-asseverative epistemic modalizers in their corpus, which is a greater number than that for the asseverative modalizers (18 occurrences), always indicating that they did not commit to the *dictum*. According to the researchers, this occurred, mostly, in abstracts of researches that were still ongoing, that is, the authors had not reached the final results and, consequently, could not commit to that which they were stating: “It is for this reason that we can frequently notice the use of expressions such as ‘we seek to find out’, ‘we intend to discuss’, ‘we intend to reveal’, among others, which convey the idea that the research is still in progress” (p.08). The authors also identified quasi-asseverative epistemic modalizers in utterances that dealt with controversial issues, from the scientific standpoint, or those that introduced hypotheses yet to be confirmed.

EXCERPT 04 – Review (BARBOSA, 2015)

“A traição, *como já ficara sugerido* décadas atrás na peça de Chico Buarque e Rui Guerra sobre Calabar, não pode ser vista sob a perspectiva meramente moral, que tendemos a lhe imputar. Muitos outros contemporâneos desse homem “alto, magro, preto, e feio”, traíram. Uns, como João Fernandes Vieira, grande herói do panteão pernambucano, se deram bem. Manoel se deu mal, talvez porque, além de traidor, foi herege. As peripécias e indecisões desse mestiço cabotino e inteligentíssimo parecem metáfora do que era a colonização no século 17, quando a política europeia se redefinia com as tintas de outros mundos, das Américas, da Índia, da África, da China, e quando o poderio marítimo ibérico minguava mais e mais ante a pujança holandesa, antes que a Inglaterra entrasse de vez em cena, e para acabar com a festa.”¹⁷ (R3)

By analyzing excerpt 04, taken from an academic review, Barbosa (2015) identifies a polyphony of locutors. To analyze the work of the reviewed author, the reviewer locutor (L1) introduces, in indirect speech, the discourse of a second locutor (L2 – by Chico Buarque and Rui Guerra’s play), according to which betrayal cannot be taken from a merely moral perspective. This is reported by using the expression “como já ficara sugerido” (“as was already suggested”). According to Barbosa, the *verbum dicendi* “sugerido” (“suggested”) is a quasi-asseverative modalizer, because it expresses something that is deemed possible: “In the context it was used, it indicates the way L2’s discourse must be read: as a suggestion” (BARBOSA, 2015, p.131).

However, the researcher notes that, although L2’s discourse is introduced as something that may be right (suggested), L1 assimilates it through the use of the argumentative operators “como” and “já” (“as” and “already”)¹⁸.

Therefore, the fact of presenting the account as something possible of being right did not imply that L1 detached themselves from L2’s discourse; it only implied judging someone else’s discourse as something possibly right or true, though admissible. This means that, as the quasi-asseverative epistemic modality purports the discourse as possibly right or true, it may eventually annul the sense of non-commitment or detachment, depending on the discursive context in which it occurs.

The meaning effects identified by the use of quasi-asseverative epistemic modalizers in the investigated *corpora* were: the notion of possibility or probability, non-commitment, detachment, non-engagement.

3.3 DEONTIC MODALIZERS

Deontic modality is associated with the instructional or guiding nature of the language and, in this sense, may imply obligation, permission, volition and prohibition, as postulated by Nascimento and Silva (2012).

¹⁷ “Betrayal, *as was already suggested* decades ago in Chico Buarque and Rui Guerra’s play about Calabar, may not be seen from a merely moral perspective, with which we tend to address it. Many people contemporary to this “tall, thin, black, and ugly” man, did betray. Some, like João Fernandes Vieira, a great hero of the pantheon of Pernambuco, got away with it. Manoel did not, perhaps because, besides being a traitor, he was a heretic. The adventures and indecisions of this very intelligent half-bred booster seem like a metaphor of what colonization was about in the 17th century, when the European policy was being redefined due to the influence of other worlds, Americas, India, Africa, China, and when the Iberian maritime power decreased progressively to the puissance of Holland, before England stepped onto the stage to put an end to it.”

¹⁸ Barbosa (2015, p.131) highlights that the linguistic element “as”, used with verbs of utterance, normally indicates conformity with the introduced point of view, which can be seen in the analyzed example. Meanwhile, the operator “already”, indicates, in the context in which it was used, a done action, that is, it indicates something already said, a done deal, for this reason, something that can be admitted. In this sense, Barbosa affirms that “[...] the *verbum dicendi* and the linguistic resources “as” and “already” convey the idea that L1 assimilates what L2 said, by presenting this account in indirect style”.

In the analyzed *corpora*, their frequency is very low, and they were identified in two genres only:

a) in abstracts, deontic modalizers of obligation were found, indicating, much more than instruction, rather a subjective and axiological attitude of the locutor responsible for the abstract regarding the content of the *dictum*, in utterances such as “Sendo assim os cuidados com as influências trazidas por essa tecnologias *devem* ser redobradas”¹⁹ (LIMA; NASCIMENTO, 2009);

b) in administrative-academic protocols, in Spanish language, at times indicating obligation, at other times, volition, as in the excerpt below.

EXCERPT 05 – administrative-academic protocol (NASCIMENTO, 2014)

“Solicitud aula Dra. Pizarro: se acuerda otorgar el aula siempre que no perjudique el dictado de alguna materia del Departamento. *Se requerirá* que dicha solicitud sea refrendada por el Departamento en el cual ejercen los docentes.”²⁰

In excerpt 05, taken from an administrative-academic protocol in Spanish, we identify the voice of one *SE*-locutor, which refers to the collective voice of a departmental board²¹, introduced by the verb forms “se acuerda” and “se requerirá”. The utterance is Dr. Pizarro’s request to an academic board for using a classroom; permission was granted, as long as there was no inconvenience to other professors of the department. The *verbi dicendi* forms “se requerirá” (“needs”) shows the point of view of the *SE*-locutor, as a request of the board itself, of deontic nature: with such verb expression, the locutor responsible for the discourse as a whole (the one that signs the protocol) introduces the *SE*-locutor’s point of view (the request confirmed by the Department of which the professors who use the classroom are members) as a request that shall be granted; indicating, consequently, how such point of view must be read. For this reason, the *dicendi* expression “se requerirá” (“needs”) is a volitive deontic modalizer²², through which the locutor responsible for the protocol introduces the discourse of the *SE*-locutor as a desire or wish of deontic nature.

The low frequency of deontic modalizers in academic texts is perfectly justifiable, if we consider that this realm of human activity, first and foremost, has no function of normalizing actions and social facts, but rather describing and explaining them, according to scientific knowledge. It is, perhaps, due to this that their occurrences were noticeable in administrative-academic protocols, which, even though are produced and circulate within the academic setting, are much more related to the administrative sector, especially boards, where decisions and instructions need to be recorded, be their nature academic-pedagogical or purely administrative.

3.4 EVALUATIVE MODALIZERS

According to Nascimento and Silva (2012), evaluative modality passes a value judgement of the locutor responsible for the discourse on the content of the utterance, except any evaluation of deontic or epistemic nature. We found evaluative modalizers in all the investigated genres fairly frequently: in undergraduate research projects, abstracts and administrative-academic protocols, for example, they were the second most frequent modalizers.

In the investigated *corpora*, the evaluative modalizers were employed by the locutor responsible for the discourse in one of two ways:

a) evaluating their own *dire*, passing a value judgement on the content of their own *dictum*, in utterances such as “*Felizmente* os estudos direcionados aos gêneros textuais a cada dia que passa ganha mais espaço nas aulas de língua

¹⁹ “Thus, the care taken with the influences brought along by such technologies must be doubled.”

²⁰ “Classroom request Dr. Pizarro: agreed to grant the classroom provided no inconvenience is brought onto other classes of this Department. This request needs to be confirmed by the professors’ Department of origin.”

²¹ *SE*-locutor (*omnilocutor*, in Spanish, or *on-locutuer*, in French), in the studies of Anscombre (2005; 2010), is defined as a voice brought onto the stage by the locutor responsible for the discourse and generally introduced by markers of generic citation (according, is said, etc.), which may be associated, in some context, to the voice of popular knowledge (in proverbs, for example) or a collective voice, in which the locutor – as a being in the world (λ) may or may not be included.

²² Volitive deontic modalizers express, in the statement, a desire or wish of deontic nature, according to Nascimento and Silva (2012). Neves (2010), in turn, affirms that volitive or bouloaomic modality is, deep inside, a deontic need.

portuguesa”²³ (Abstract – LIMA; NASCIMENTO; 2009), where the adverb *Felizmente (Happily)* conveys a positive personal and axiological position of the locutor about the content of the utterance, for which s/he is responsible;

b) evaluating the discourse of a second locutor introduced in the discourse, taking a stand about the content of the other person’s voice and, at the same time, indicating how the other person’s discourse must be read. The second occurrence was identified, above all, in modal *verbi dicenci*, as in excerpts 06 and 07, below:

EXCERPT 06 – Scientific paper (BESSA, 2015)

“Frade e Maciel (2006) **ressaltam** que as cartilhas são os primeiros livros de leitura, têm um ideal pedagógico e se constituem como a primeira via de acesso no processo de escolarização, ou seja, objetos de implementação da pedagogia da alfabetização.”²⁴ (CACHIONI *et. al.*, 2015)

In excerpt 06, taken from the corpus investigated by Bessa, with scientific papers, the locutor responsible for the discourse as a whole (L1 = paper author), introduces the account of another locutor into their discourse (L2 = Frade and Maciel), to found what s/he is saying. Such account is introduced in indirect speech and introduced by the evaluative modal *verbum dicendi* **ressaltam (highlight)**. By using such verb, L1 not only takes a stand regarding L2’s discourse, but also indicates how such discourse must be read: as something that deserves to be underscored, which is important and worthy of consideration. With that, L1 evaluates the other person’s discourse as positive and incorporates it into their speech. In other words, we could say that the meaning effect generated in the discourse is that the reader is aware that L2 is responsible for the discourse introduced in indirect style, and L1 agrees with it, since s/he introduces it as something worthy of being highlighted.

EXCERPT 07 – Undergraduate research paper (BASTOS, 2017)

“Reconhecer um direito fundamental também exige do intérprete a observação dos limites expressos ao seu exercício. Todavia, a ideia de estabelecimento de restrição a direitos suscita uma problemática, pois, como bem adverte Friedrich Klein⁴⁶, usando das leis da lógica, **não pode existir restrição a direito individual, mas tão somente o conceito do que seja a mesma.**”²⁵

In excerpt 07, taken from the corpus investigated by Bastos (2007), there are occurrences of evaluative modality, used to issue a point of view about the discourse of another locutor introduced in the discourse. According to the researcher, the excerpt above, taken from an undergraduate research paper, opens a section of the said monograph, discussing the restriction of individual rights.

As it can be noticed, in said excerpt the locutor responsible for the monograph (L1), starts the text with a point of view according to which “Recognizing a fundamental right also requires that the interpreter observes the limits set to his/her exercise”. Next, L1, through the opposing operator “however”, introduces a change in the discursive intention, introduced by a point of view according to which restricting rights causes a problem.

To found the point of view introduced by the operator “todavia” (“however”), L1 brings into the discourse the voice of a second locutor (Friedrich Klein), through the evaluative modal *verbum dicendi* “adverte” (“adverts”), followed by elements such as “como” and “bem” (“as” and “well”), composing the expression “como bem adverte” (“as [...] well adverts”).

Bastos (2017) notes that the adverb “como” (“as”) normally indicates conformity with the point of view introduced, that is, L1 engages in L2’s discourse. The notion of conformity expressed by said adverb, as mentioned by Garcia Negroni (2008), may be reinforced by the use of the adverb “bem” (“well”), in expressions such as “como bem disse x” (“as X well said”). In excerpt 07, it is possible to see the occurrence of such phenomenon. Bastos affirms that the adverb “bem” (“well”) must be considered as a positive

²³ “*Happily*, more and more the studies about textual genres occupy the Portuguese language classes.”

²⁴ “Frade and Maciel (2006) *highlight* that the spelling books are the first readers, they have a pedagogical ideal and are the first path in the process of schooling, that is, objects to implement the pedagogy of literacy.”

²⁵ “Recognizing a fundamental right also requires that the interpreter observe the limits set to his/her exercise. However, the idea of establishing a restriction to rights raises a problem, for, as Friedrich Klein⁴⁶ well adverts, by using the laws of logic, *there cannot be a restriction to the individual rights, only the concept that it is the same.*”

evaluative modalizer, which, in the analyzed excerpt, is followed by a *verbum dicendi* that is also an evaluative modalizer: “advert” (“advert”).

According to Bastos (2017), by using such combination, L1 conveys a positive evaluative nature to the presented point of view, showing that this content must be read as a warning. Such positive character is expressed by the use of the adverb “bem” (“well”), which indicates approval, something that was already indicated by the adverb “como” (“as”), which indicates engagement. Thus, L1 conveys the way how L2’s discourse must be read, passing a value judgment on the reported discourse, and assimilates such discourse at the same time.

3.5 HEDGERS AS MODALIZERS

Hedging is the type of modality which sets the limits within which the content of one utterance must be considered and, for this reason, identifies levels of tension or negotiation in the interlocution, as shown by Nascimento and Silva (2012).

In the academic genres, this type of modality is not very usual, at least not in the investigated *corpora*. Their greatest recurrence was found in abstracts, investigated by Lima & Nascimento (2009), as can be seen in the following utterance.

EXCERPT 08 – Abstract (LIMA; NASCIMENTO, 2009)

“*Teoricamente*, esperamos que os livros apresentem atividades que contemplem orientações atualizadas e surgiram formas de encaminhamento didático.”²⁶

In excerpt 08, taken from an academic abstract, with the use of the adverb *teoricamente* (*theoretically*), the locutor sets limits for the content announced, that is, s/he specifies that the content of the *dictum* (we expect the books to contain activities that follow updated guidelines and that they suggest didactic instructions) must be understood from a theoretical point of view.

This may imply, for example, that, from a practical point of view, perhaps the books will not contain activities that follow updated guidelines, but this is what is expected from the theoretical point of view. For this reason, *teoricamente* (*theoretically*) works as a hedger.

In academic genres, in addition to setting the limits within which the content must be considered – acting as meaning makers – hedgers very often specify fields of knowledge or aspects that must be observed regarding the *dictum*, lending a relative aspect to it. This is done by terms and expressions such as: *particularly, from the pragmatic point of view, as to the studies of Cognitive Psychology*, among others.

4 CONSIDERATIONS ON THE FINDINGS

The investigation conducted with the analyzed academic genres (abstracts, academic review, undergraduate research projects, undergraduate researches, academic papers and administrative-academic protocols) identified the presence of all types of modalizers as proposed by Nascimento and Silva (2012): epistemic, deontic, evaluative, and hedgers. However, only the epistemic and evaluative modalizers are recurrent. The others (deontic and hedgers) are infrequent and present only in a few genres, especially abstracts and academic protocols.

As to the epistemic modality, we found, in our corpora, the asseverative and quasi-asseverative modalizers; there was no occurrence of habilitating epistemic modalizers. The asseverative modalizers were used to convey asseveration or a notion of certainty, or to introduce an idea of credibility to the *dictum*; the locutor always commits to the content of the utterance/discourse. The quasi-

²⁶ “**Theoretically**, we expect the books to contain activities that follow updated guidelines, and that they suggest didactic instructions.”

asseverative epistemic modalizers were used to express possibility or probability. In most cases, but not always, the use of such type of modalizers generated detachment, non-engagement or non-commitment of the locutor to the content of the utterance.

The presence of epistemic modalizers in the academic genres is perfectly justifiable if we consider that such genres are used to convey the voice of science, said to be proven, certain, objective. Thus, the great presence of asseverative epistemic modalizers, which introduce the discourse as something right or true, in all researched genres, including the administrative-academic genre. The quasi-asseverative modalizers, in turn, allow the locutor of academic genres to distance themselves from the *dictum*, detaching from that which they state, or yet introduce investigations and data not yet proven, which, therefore, still need more testing or analysis.

The evaluative modalizers, frequent in all investigated genres, were used to pass a value judgment, axiological evaluation, almost always in a positive light. With this type of modalizer, the locutors of genres of the academic realm put themselves in the position of someone who analyzes, commits to and judges their *dire* or the voice of science. Besides, they may signal “engagement” of the locutor responsible for the discourse in the *dire* of other locutors introduced in their text.

It is interesting to observe that the evaluative modalizers and the asseverative epistemic modalizers occur quite frequently in the form of expressions or *verba dicendi*, which allow the locutor to introduce other person’s voices into their own discourse – normally, as an argument by authority; to incorporate such voices; or, still, pass judgment on the voices introduced. In this sense, the allegedly objective and neutral discourse becomes a place for crisscrossing voices, expressing subjectivities. This means, among other things, that the locutors responsible for the discourse allow themselves to pass judgment on the scientific production (theirs and another person’s) and take a stand, as a subject, about the voice of science.

Deontic modality has returned low frequency in the investigated corpora, and was used with two major meaning effects: conveying obligation or instruction + axiological value, through obligation deontic modalizers; and, expressing wishes or requests (volition), through volitive deontic modalizers.

We believe that such low frequency is, as a matter of fact, due to the very functionality of the academic genres. They are not used to normalize, guide or instruct, since this is not what science is about but in a few exceptional cases, as is that of the administrative-academic protocol, which records decisions made in academic boards. In other words, academic genres describe, analyze and explain facts and phenomena, in light of the scientific knowledge, without necessarily worrying about regulating them but in some exceptional cases. For this reason, this is not a fertile ground for deontic modalizers, neither is it favorable for hedgers, which also have a strong regulating nature, since it sets the limits within which the content of one *dictum* must be considered. Perhaps for this reason, the occurrence of hedgers was found, in the analyzed *corpora*, mainly in situations in which it was necessary to set the limits of the field or area of knowledge, to indicate the reach of science, in each case, specifically.

The analyses conducted in several genres of the academic realm showed that the discursive modality, as a phenomenon of subjectivity and intersubjectivity (thus, argumentative discourse), in this universe of human activity, allows the locutor responsible for the discourse to present science making as something right or true, which contributes to keep the *status quo* of such human activity; at times, detach from the *dictum*; but also to take a stand about the very scientific process, passing value judgment and guiding their interlocutor.

In this sense, the investigations also make us reflect about impersonality and the objectivity preached by scientific writing manuals. The use of different types of modality, materializing different semantic-argumentative strategies in the texts, proves that the fact that scientific texts are usually written in the third person singular does not imply objectivity or neutrality, that is, impersonality is “neutralized” by other strategies, such as modality.

Therefore, we may affirm that argumentative discourse (thus, subjectivity) is materialized, in academic genres, amid other strategies, by the use of modality. This means that, through modalizers, locutors leave marks of their subjectivity, evaluate the *dictum* and try to guide their interlocutor, indicating how the voice of science must be read.

REFERENCES

- ADELINO, F. J. da S. *Na trilha dos modalizadores: perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego*. 2016. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- BASTOS, A. C. V. *De quem é essa voz? Um estudo sobre as marcas de subjetividade em monografias de conclusão de curso*. 2017. 249 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- BARBOSA, M. V. L. de M. *Modalização e polifonia no gênero resenha acadêmico-científica: um olhar argumentativo sobre a voz da ciência*. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- BESSA, C. M. B. *Que autoridades sustentam a autoridade? A argumentatividade no gênero artigo científico através do arrazoado por autoridade e da modalização discursiva*. 2015. 456 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- CARVALHO, A. G. *O arrazoado por autoridade e a modalização discursiva: estratégias de argumentação no gênero Projeto de Pesquisa de TCC*. 2014. 147 f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v.II: níveis de análise linguística. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- CHAVES, A. L. A. O sufixo *-inho* no gênero textual entrevista – elemento modalizador discursivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS, 2007, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2007. p. 1-19.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, O. *O dizer o dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- _____. *Polifonia y argumentación: conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- ESPÍNDOLA, L. *A entrevista: um olhar argumentativo*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2004.
- GARCÍA NEGRONI, M. M. Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. Trad. Maria Eta Vieira. In: MICHELETTI, G. (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 92-121.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LIMA, G. de B.; NASCIMENTO, E. P. do. *A argumentatividade no gênero resumo acadêmico: operadores argumentativos e modalizadores discursivos (Relatório de Pesquisa PIVIC)*. Mamanguape: Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NASCIMENTO, E. P. do. *Jogando com as vozes do outro: apolifonia – recurso modalizador – na notícia jornalística*. 2005. 239 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

_____. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Editora Idéia, 2009. p. 1369-1376. CD-ROM.

_____. A modalização deontica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 30-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2010v7n1p30/17100>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____. *Modalización en el género “acta administrativo-académica”*. (Relatório de Pesquisa de Estágio de Pós-doutorado) – Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires-Argentina, 2014.

_____. A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. *Letras de Hoje*, v. 50, n. 3, 2015. p. 242-351. Disponível em: <http://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/fale/article/view/19385>. Acesso em: 12 jul. 2018.

NASCIMENTO, E. P. do; SILVA, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. do (Org.). *A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 63-100.

NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, M. F. O. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, p.1-5, 2000.



Received in May 25, 2018. Approved July 12, 2018.

COMPOSTOS COM *SÍNDROME E COMPLEXO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL¹

COMPUESTOS CON *SÍNDROME* Y *COMPLEXO* EN PORTUGUÉS BRASILEÑO: UN ENFOQUE
CONSTRUCCIONAL

COMPOUNDS WITH *SÍNDROME* AND *COMPLEXO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A
CONSTRUCTIONAL APPROACH

Natival Almeida Simões Neto*

Universidade Estadual de Feira de Santana

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: Neste trabalho, serão estudados os compostos instanciados pelos esquemas [Síndrome [X]]N e [Complexo [SP]]N, com base nos pressupostos teóricos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). Os dados foram coletados em publicações de sites brasileiros, no século XXI. Alguns exemplos encontrados são *síndrome de Peterpan*, *complexo de Wendy*, *complexo de vira-lata*, *complexo de Cinderela* e *síndrome de Dona Florinda*. Este estudo ainda visa contribuir com as discussões acerca da herança semântica em relação aos compostos. Para isso, foi revisitada a pouca literatura sobre o assunto, o que inclui Corbin (1990), Booij (2017) e Soledade (2018a), tendo esses autores atentado mais contundentemente para aspectos da derivação sufixal.

PALAVRAS-CHAVE: Composição. Morfologia construcional. Polissemia. Herança.

¹ Trabalho apresentado como comunicação oral no VI Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, que aconteceu entre os dias 24 e 27 de outubro de 2017, na Universidade Federal da Bahia.

* Professor Substituto da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutorando em Linguística Histórica no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, onde fez graduação e mestrado. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: <nativalneto@gmail.com>.

RESUMEN: En este trabajo, se estudiarán los compuestos instanciados por los esquemas [Síndrome [X]]_N y [Complexo [SP]]_N, con base en los presupuestos teóricos de la Morfología Construccional (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). Los datos fueron recolectados en publicaciones de sitios brasileños, en el siglo XXI. Algunos ejemplos encontrados son *síndrome de Peterpan*, *complexo de Wendy*, *complexo de vira-lata*, *complexo de Cinderela* y *síndrome de Dona Florinda*. Este estudio también pretende contribuir con las discusiones acerca de la herencia semántica en relación a los compuestos. Para eso, se revisó la poca literatura sobre el asunto, lo que incluye Corbin (1990), Booij (2017) y Soledade (2018a), estando estos autores más contundentemente atentos a los aspectos de la derivación de sufijos.

PALABRAS CLAVE: Composición. Morfología construccional. Polisemia. Herencia.

ABSTRACT: In this paper, the compounds instantiated by the schemes [Síndrome [X]]_N and [Complex [SP]]_N, based on the theoretical assumptions of Constructional Morphology (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016) will be studied. The data were collected from publications of Brazilian websites, in the 21st century. Some examples are *síndrome de Peterpan*, *complexo de Wendy*, *complexo de vira-lata*, *complexo de Cinderela*, and *síndrome de Dona Florinda*. This study also aims to contribute to discussions about the semantic inheritance in relation to the compounds. For this, some literature on the subject were reviewed, including Corbin (1990), Booij (2017), and Soledade (2018a), having these authors tried most strikingly for aspects of the suffix derivation.

KEYWORDS: Composition. Construction Morphology. Polysemy. Heritage.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho pretende analisar formas compostas, encabeçadas pelos substantivos *síndrome* e *complexo*, tais como *síndrome de Estocolmo*, *complexo de vira-lata*, *complexo de Cinderela*, *síndrome de Dona Florinda*. Algumas dessas construções são comuns no jargão da Psicologia, onde se atestam a *Síndrome de Peterpan* e o *Complexo de Electra*. Ainda que usuais em contexto mais técnico, muitas dessas formas emergem do uso cotidiano, sem qualquer compromisso teórico, apenas baseando-se em compreensões ligeiras do que seja uma síndrome ou um complexo.

No *Dicionário Houaiss eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009), entre as várias acepções dos verbetes *síndrome* e *complexo*, aparecem as seguintes:

Rubrica: medicina.

Síndrome: conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica.

Rubrica: psicologia.

Complexo: sistema de ideias associadas (parcial ou totalmente inconscientes, vinculadas ao terreno da afetividade, contraditórias, não necessariamente reprimidas) capaz de levar o indivíduo a pensar, a sentir e por vezes a agir de acordo com um padrão de natureza definida.

São essas noções selecionadas que parecem entrar em jogo na formação dos compostos aqui analisados. É preciso destacar que, embora diferentes em suas especificidades, o falante comum não parece fazer distinções claras entre o que seja uma coisa ou outra. Isso que pode ser observado na recorrente variação, como acontece nos exemplos de (01) a (04):

(01) Quem é portador da *síndrome de vira-lata* não sabe valorizar o que é brasileiro, sempre despreza, ao passo que aceita e idolatra qualquer porcaria digna do monturo, basta ser americano ou europeu. Isso de fato tem que ser entendido como algum tipo de distúrbio (MIRANDA, 2017).

(02) Tem uma expressão brasileira, frequentemente mencionada, que parece resumir essa questão: *complexo de vira-lata*. A frase tem origem na derrota desastrosa do Brasil nas mãos da seleção uruguaia no Maracanã, na final da Copa de 1950. Foi usada

por Nelson Rodrigues para descrever “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (SMITH, 2015).

(03) O reaçã rico a gente até entende. Compreensível ele ser conservador, defendendo a manutenção do status quo, sua posição e privilégios nesta sociedade tão hierarquizada como a brasileira. Agora, o Reaçã Pobre é de f... Vive esmagado, frustrado, explorado, sob risco permanente, mas ainda diz sentir medo do “inimigo vermelho”. Até hoje acredita em bicho papão. Precisa convencer a si mesmo que é um cara, muito importante e diferente da “gentalha”. Padece da *síndrome de Dona Florinda* (CASTILHO, 2014).

(04) No Brasil, há muita gente com uma forma de pensar muito semelhante, o que eu comecei a chamar de *Complexo de Dona Florinda*. Trata-se de pessoas de origem pobre e que ainda vivem em certo grau de pobreza, mas que abominam as pessoas ao seu redor, se entendem como diferentes, se acham mais inteligentes, mais estudadas, (quase nunca são realmente mais estudadas, mesmo assim se julgam mais instruídas), superiores, com uma compreensão mais clara do mundo (SIQUEIRA, 2014).

Para além do registro dessas formas duplas, este trabalho pretende interpretar essas construções, assumindo prerrogativas teóricas da Morfologia Construcional (MC) e da Linguística Cognitiva (LC). É preciso destacar que, em muitos dos dados recolhidos, a interpretação reivindica o conhecimento sociocultural prévio, para que se possa entender a funcionalidade do composto. Por exemplo, para se compreender a *Síndrome* ou *Complexo de Dona Florinda*, é preciso que a pessoa minimamente reconheça a referência da personagem do seriado *Chaves*. Por isso, optou-se por modelos de análise que evitam polarizar o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico.

Feitas essas considerações iniciais, o artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, serão apresentados alguns pressupostos teóricos da MC, como proposta por Booij (2010, 2017) e Gonçalves e Almeida (2016). Será dada maior atenção aos aspectos relacionados à composição. Na seção 3, dividida em três subseções, discutem-se questões ligadas à herança semântica da base, a partir das formulações de Corbin (1990) e Booij (2017) e Soledade (2018a). Na seção 4, são apresentadas a análise dos dados e a discussão dos resultados. Essa seção está dividida em duas subseções: a primeira faz uma análise sobre a polissemia das construções, seguindo a MC; ao passo que a segunda analisa a questão da herança semântica nos compostos. Na seção 5, são feitas as considerações finais.

2 MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E ABORDAGENS DA COMPOSIÇÃO

O modelo da MC começa a ser desenvolvido pelo linguista holandês Geert Booij, em 2005, com o texto “Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology” (BOOIJ, 2005) e tem seu ápice em 2010, com a publicação do livro “Construction Morphology” (BOOIJ, 2010). Esse estudioso começou a sua trajetória nos estudos morfológicos no âmbito do gerativismo lexicalista associativo. Na década de 1980, com o texto “Form and meaning in morphology: the case of Dutch ‘agent’ nouns”, Booij (1986) se aproximava de outros morfólogos gerativistas de todo o mundo, como Jackendoff (1975), Basílio (1980), Bauer (1983) e Corbin (1990), na busca de um modelo associativo em que a parte formal não se sobrepusesse à parte semântica nas análises.

A MC é um desdobramento da Gramática de Construções, como proposta por Goldberg (1995, 2006) que, por sua vez, se insere no paradigma teórico da LC. No livro *Construction Morphology*, Booij (2010) defende que “[...] uma abordagem construcional possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase” (GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 23). O esquema morfológico, principal recurso de análise na MC, consegue captar essa relação, agrupando características formais, funcionais e semânticas das construções.

Importa destacar que, diferentemente das *regras de formação de palavras* gerativistas (ARONOFF, 1976), que se centraram fortemente na investigação da derivação, os esquemas morfológicos de Booij (2010) abarcam sufixal-derivados (*arrochadeira, palmitreiro, paneleiro*), prefixal-derivados (*cisgênero, cisssexual, cisnormatividade*), compostos sintagmáticos (*mulher da vida, morador de rua, garoto de programa*), compostos morfológicos² (*afródromo, manifestódromo, fumódromo*), recomposições

² Esse termo é utilizado por Villalva (2003).

(*homocomportamento, homofobia, homoescândalo*), *splinters* (*umburoska, cajaroska, cajuroska*) e expressões semiabertas (*pé de manga, pé de caju, pé de feijão*). Essa diversidade de aplicações pode ser observada no livro de Gonçalves (2016).

A visão de léxico explorada na MC pode ser representada como na Figura 1, extraída do trabalho de João Tavares da Silva (2017).

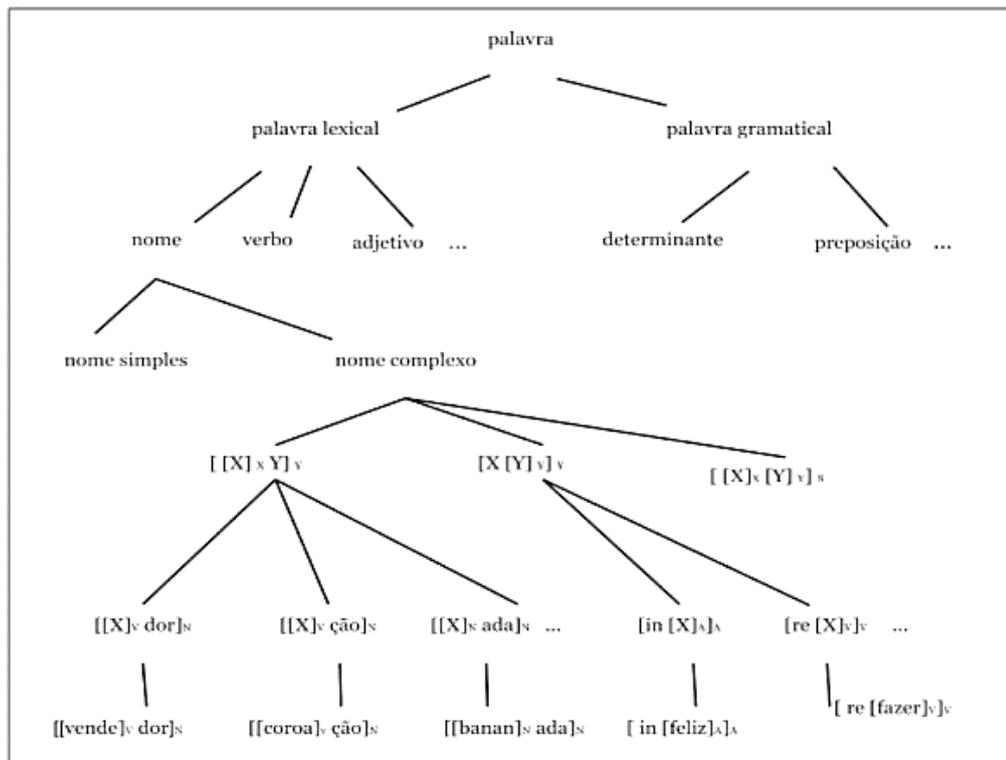


Figura 1: Representação do léxico hierárquico da Morfologia Construcional

Fonte: Silva, J. (2017, p. 38)

Abaixo do nó 'nome complexo', na Figura 1, estão as representações de esquemas de sufixação, prefixação e composição, respectivamente. Note-se que as configurações esquemáticas dos processos são bastante similares e respeitam os mesmos princípios. Independente do nível de estruturação, no âmbito da MC, ser uma palavra complexa e motivada por um esquema significa herdar deste algumas informações substanciais, tais como forma fonológica, categoria lexical ou sintático-funcional e propriedade semântica.

Suponha-se que um falante seja exposto a palavras como *tatuador*, *maquiador*, *cobrador*, *vendedor* e *entregador*. Após essa exposição, será criado, em sua mente, um esquema com as seguintes informações: (i) forma fonológica recorrente *-dor*; (ii) categoria lexical recorrente *substantivo*; e (iii) significado recorrente de *agente profissional*. Isso permitirá que ele tanto possa formar novas palavras com esse esquema, como interpretar aquelas que ele nunca ouviu. Em termos teóricos, chegar-se-ia a uma formulação como $[[X]_v \text{dor}]_N \leftrightarrow \text{agente profissional envolvido em significado de } X_v$. Mas esse mesmo falante pode se deparar, posteriormente, com construções como *apagador*, *cortador*, *aparador*, *gravador*, *computador*, *provador*, *corredor*, *seguidor* e *gozador*, e ser capaz de elaborar outros esquemas com outros significados que se relacionam, de alguma maneira, com aquele de agente profissional. É possível chegar, então, a uma representação como a da Figura 2, extraída de Simões Neto (2017).

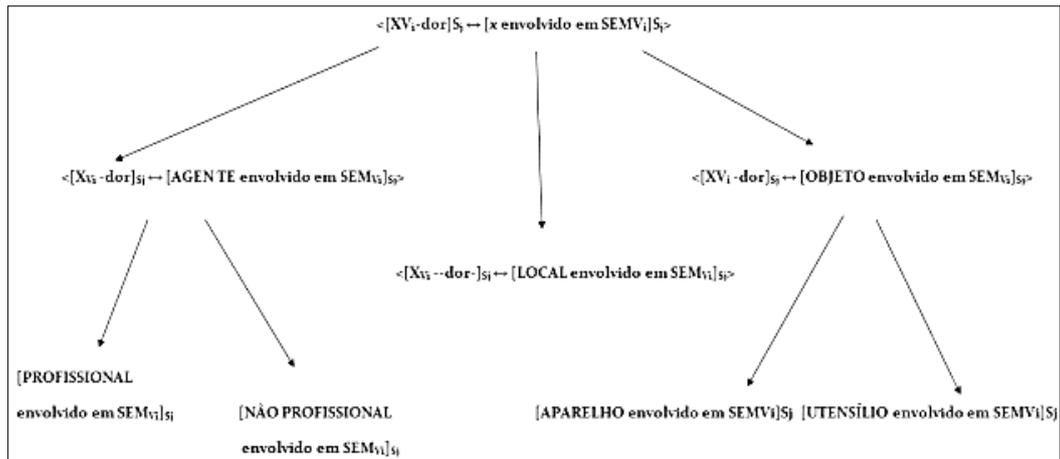


Figura 2: Representação da polissemia das construções X-dor

Fonte: Simões Neto (2017, p. 470)

Na Figura 2, a representação esquemática das construções substantivas X_V-dor começa inicialmente com um esquema genérico que trata de sinalizar que os significados dos três esquemas dominantes (AGENTE, LOCAL, OBJETO) estão interligados de alguma maneira. Esses esquemas dominantes podem ainda se especializar semanticamente e reivindicarem subesquemas, como PROFISSIONAL e NÃO PROFISSIONAL, para o esquema AGENTE, e APARELHO e UTENSÍLIO, para o esquema OBJETO. À medida que uma diferença semântica se tornar produtiva, esta pode e deve ser representada em esquemas.

Mesmo a Figura 2 representando um esquema de sufixação, nos esquemas de composição pode haver uma polissemia que merece ser representada. Booij (2017), por exemplo, observa que se pode depreender um esquema formativo como o substantivo holandês *hoofd* (cabeça) em núcleo de compostos, quando passa a ter o significado de *principal*, casos de *hoofd-bezwaar* (objeção principal), *hoofd-doel* (objetivo principal), *hoofd-gedachte* (ideia principal) e *hoofd-ingang* (entrada principal). A partir dessas realizações, pode-se chegar a um esquema “<[[hoofd]_{Ni} N_j]_{Nk} ↔ [SEM_j PRINCIPAL_i]_k>”.

No Brasil, raros são os estudos que se voltam para a composição morfossintática em perspectiva construcional. Muito tem sido feito no que toca às fronteiras entre composição e derivação, com base nos compostos morfológicos, como X-teca (MELO, 2017). O trabalho que ora se apresenta, portanto, é um dos poucos que investem nesse tipo de formação. Pesquisas como a de Neide Higino da Silva (2011), com expressões a partir de *pé*, e a de Faria (2011), com compostos a partir de *bolsa*, embora lancem mão da LC nas análises, não trabalham com a MC.

3 A HERANÇA SEMÂNTICA DA BASE NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS

Nesta seção, será feito um apanhado das abordagens do fenômeno de herança semântica da base. Sobre isso, foram encontrados três trabalhos: (i) Corbin (1990), dentro de uma proposta gerativista lexicalista associativa, que trabalha com regras de formação de palavras, significados construídos pela regra e significados herdados da base; (ii) Booij (2017), em um modelo construcional que trabalha com as noções de herança padrão e múltipla herança; (iii) Soledade (2018a), em uma abordagem também construcional, porém estabelecendo associações com outras teorias da Linguística Cognitiva.

Tanto o modelo gerativista lexicalista, a partir de Jackendoff (1975), quanto o construcional apostam, em tese, em uma morfologia baseada em palavras, ou seja, as análises partem da ideia de que palavras formam palavras. No entanto, uma característica que diferencia, de maneira fundante, essas abordagens é que o lexicalismo é um modelo orientado para as bases (*inputs*) e, sobre elas, incidem as regras de formação, ao passo que o construcionismo é orientado para os produtos (*outputs*). Isso fica claro no fato de o lexicalismo investir, de maneira rígida, nas hipóteses de Aronoff (1976) da ‘base palavra’, da ‘base única’ e do ‘produto categorial único’, enquanto o construcionismo, de Booij (2010), só conserva a última hipótese, acreditando que as características da base

podem ser omitidas em algumas descrições, mas não as do produto. Essa diferença terá um impacto nas abordagens da herança semântica da base, como se poderá ver nas subseções a seguir.

3.1 A PROPOSTA DE CORBIN (1990) EM UM MODELO LEXICALISTA ASSOCIATIVO

Em *Associativité et stratification dans la représentation des mots construits*, Danielle Corbin (1990), mesmo dentro de um paradigma gerativista, ressalta a importância de se investigar a interpretação semântica das palavras construídas³. Corbin (1990, p. 44) distingue dois tipos de significado, que podem, às vezes, coincidir: o *significado atestado* (SA) e o *significado previsível* (SP). O SA é o significado de uma palavra tal como se atesta nos dicionários de língua contemporânea, e o SP é o significado formulado a partir da operação semântica que diz respeito à regra que constrói a palavra, podendo ser, portanto, uma hipótese do linguista com base na teoria utilizada para a descrição do componente derivacional.

O SP, segundo Corbin (1990), apresenta duas subespecificações: o significado previsível construído para a regra (SPCR) e o significado previsível herdado da base (SPHB). O SPCR é o significado comum a todas as palavras derivadas de uma mesma regra de construção, sem levar em conta a natureza das bases nem os procedimentos morfológicos envolvidos. O SPHB, por sua vez, é o significado comum a todos os produtos de uma regra de construção de palavras construídas sobre bases do mesmo tipo semântico, representando, portanto, uma especificação do SPCR diante das condições semânticas da base.

Para melhor explicar a sua proposta, Corbin (1990, p. 45) utiliza o adjetivo *coquelucheux*, reproduzido em (05)⁴. A proposta foi aplicada para o português, com o adjetivo *canceroso*⁵ em (06):

- (05) SPCR: << en relation avec la coqueluche >>
 ex: *une toux coquelucheuse* = une toux de coqueluche
le bacille coquelucheux = le bacille de la coqueluche
 SA: <<de la coqueluche >>
 SPHB: <<atteint de coqueluche >>
 ex: *un enfant coquelucheux* = *un enfant atteint de coqueluche*
 SA: <<atteint de coqueluche >>
- (06) SPCR: << que tem câncer >>
 ex: *um tumor canceroso* = um tumor que tem câncer
uma célula cancerosa = uma célula que tem câncer
 SA: << relativo ao ou próprio do câncer >>
 SPHB: <<que sofre de câncer >>
 ex: *um homem canceroso* = um homem que sofre de câncer
 SA: << que ou aquele que apresenta câncer >>

³ Cabe aqui mencionar que o termo 'palavra construída', usado por Corbin (1990), não se relaciona com a Morfologia Construcional, de Booij (2010). Corbin está inserida em um paradigma gerativista lexicalista, enquanto Booij está em um paradigma cognitivista.

⁴ Aqui, apresentamos uma tradução livre para o exemplo em (05), extraído de Corbin (1990). Esclarecemos, de imediato, que não há uma correspondência para o adjetivo *coquelucheux* no português. Utilizamos, portanto, a forma *coqueluchoso*.

SPCR: <<relacionado à coqueluche >>

Ex: uma tosse "coqueluchosa" = uma tosse da coqueluche

O bacilo "coqueluchoso" = o bacilo da coqueluche

SA: <<da coqueluche >>

SPHB: <<que sofre de coqueluche >>

Ex: uma criança "coqueluchosa" = uma criança que sofre de coqueluche

SA: <<afetada pela coqueluche >>

⁵ O dicionário de referência para esse exemplo foi o de Houaiss e Villar (2009).

No exemplo em (05), em francês, o SPCR se baseia no significado relacional dos adjetivos derivados em *-eux*, o que pode ser observado também em *scrupuleux*. Esse primeiro SA se aproxima, então, do SPCR. O SPHB se aproxima do segundo SA, apresentando o sentido de *alguém que sofre* do mal expresso pela base. Esse significado pode ser observado também em *cancéreux* (canceroso), *alguém que sofre de câncer*. É nesse contexto que surge a noção de herança para Corbin (1990): o significado de *alguém que sofre de* só aparece em bases que designam doenças ou males, como *coqueluche* e *câncer*. Assim, um significado recorrente em construções com *-eux* é mediado por um tipo semântico específico da base. Com o adjetivo *courageux* (corajoso), a base *courage* (coragem) não licencia o mesmo SPHB que se vê em *cancéreux* e *coquelucheux*, pois não é do mesmo tipo semântico.

O exemplo em (06), em português, ratifica a proposta de Corbin (1990). O SPCR apresenta a noção de posse intensiva ou provimento, que caracteriza as palavras construídas em *-oso*, como pode ser observado em *seboso* (que tem muito sebo) e *vaidoso* (que tem muita vaidade). O primeiro SA, apesar de passível de aproximação, não é igual ao SPCR. Sobre o SPHB, a ideia de *que sofre de* somente é licenciada para bases que designam doença, como se pode ver em *leproso* (aquele que sofre de lepra) e não se pode admitir com *oleoso* (*aquele que sofre de óleo). É o mesmo que acontece com os casos em *-eux* do francês: de uma base de grupo semântico específico, herda-se uma interpretação semântica que passa a ser recorrente às palavras construídas por uma dada regra.

A noção de herança semântica da base, de acordo com Corbin (1990), está, então, relacionada à capacidade de o significado proveniente da palavra base orientar para um significado específico dentro das possibilidades do significado previsto para a regra pela qual a palavra se construiu. Outros exemplos podem ser vistos com as palavras construídas com o sufixo português *-ense*, formador de adjetivos relacionais. Sejam tomadas as formações⁶ *circense*, *canadense* e *florense*, respectivamente, em (07), (08) e (09):

(07) SPCR: << relativo ou referente ao circo >>

SA: << relativo ou pertencente a circo >>

ex: práticas circenses = práticas relacionadas ao circo

SPHB: << que trabalha no circo >>

ex: *artista circense* = artista que trabalha no circo

(08) SPCR: << relativo ou referente ao Canadá >>

SA: << relativo ao Canadá ou o que é seu natural ou habitante >>

ex: políticas canadenses = políticas do Canadá

SPHB: << que é nascido no Canadá >>

ex: *cantora canadense* = cantora nascida no Canadá

(09) SPCR: << relativo ou referente a Joaquim de Flora⁷ >>

SA: << relativo à ordem monástica católica fundada por Joaquim de Flora >>

ex: *congregação florense*⁸: congregação referente à ordem fundada por Joaquim de Flora.

SPHB: << aqueles que são sectários da ordem fundada por Joaquim de Flora >>;

ex: *abade florense*⁹

Os exemplos (07), (08) e (09) compartilham o mesmo SPCR, pois são três palavras construídas com o sufixo *-ense*, que, segundo Cunha (2007), apresenta o valor de relação, procedência ou origem. Por outro lado, as bases a que os sufixos se aplicam são de tipos semânticos distintos, logo os SPHBs apresentam diferenças. O significado que parece ser mais recorrente com as palavras

⁶ Os significados atestados foram extraídos de Houaiss e Villar (2009).

⁷ Joaquim de Flora foi um abade e filósofo italiano. Não raramente, encontra-se a grafia original Joaquim de Fiore.

⁸ Dado visto no trabalho *Considerações sobre o pensamento trinitário de Joaquim de Fiore em suas relações com as filosofias especulativas da história*, de Dobroruka (2000, p. 12).

⁹ Dado visto no trabalho *Ação, escolha e justiça: Joaquim de Fiore e a inversão de Trásimaco*, de Rossatto, Costa e Ter Regeen (2006, p. 4).

construídas com esse sufixo é o SPHB em (08), com o valor de gentílico. Não são raras formações como *feirense*, *fluminense*, *catarinense*, *parisiense* etc. Essa interpretação semântica, no entanto, só é possível porque as bases das formações apresentam um tipo semântico determinado: são nomes de lugares plenamente especificados pelo nome próprio. Por isso, é possível atribuir a noção de proveniência. Assim, herda-se, de um grupo de bases, um significado específico dentro de um quadro mais geral.

Nota-se, também, que as formações em (07) e (08) não herdam o mesmo tipo de interpretação que (09). Em (07), a base apresenta um valor locativo de pouca especificidade, o que não viabiliza o significado de proveniência, mas licencia o significado de agente profissional (*que trabalha no circo*), se assemelhando ao adjetivo *forense* (*advogado forense*). Por último, (09) tem como base um nome próprio com valor não locativo; logo, não é possível o significado de proveniência. A interpretação semântica de agentividade é licenciada para esse caso, mas de forma diferenciada da que se vê em (07), pois a base parece restringir essa leitura. Assim, herda-se o significado de agente sectário ou habitual, em que a base *Joaquim de Flora* é tomada pela sua obra, o que configura uma relação metonímica do tipo *criador/criatura* ou *autor/obra*.

O trabalho de Corbin (1990), embora inovador, por descrever questões de interpretação semântica na construção de palavras, principalmente na relação entre base, palavra derivada e significado da palavra derivada, ainda precisa explicar, com maiores detalhes, como essas unidades se relacionam. Isso seria considerar como os mecanismos de polissemia, decorrentes de fenômenos de metonímia e metáfora, se mostram importantes para a compreensão dos significados herdados. Porém, essa possibilidade parece distante dentro de um modelo gerativista. Somente em um modelo onde questões dessa natureza sejam, de fato, primordiais, isso será mais bem explicado.

3.2 A PROPOSTA DE BOOIJ (2017) EM UM MODELO CONSTRUCIONAL

No texto *Inheritance and motivation in Construction Morphology*, Booij (2017) discute a noção de herança no âmbito da MC, destacando dois tipos de herança: a herança padrão e a múltipla herança. O autor começa a sua explanação com o agente nominal *eater*, do inglês, derivado sufixalmente do verbo *eat*. O esquema de formação de palavras que descreve a formação desse nome pode ser representado como: “< [[x]_v er]_{N_i} ↔ [Agente de SEM_i]_j>”.

Esse esquema morfológico especifica a relação sistemática entre nomes da forma [V-er] e o significado ‘Agente da ação expressa pela base verbal’. A construção *eater* é uma instanciação desse esquema, a partir da compatibilização desse esquema com o *input to eat*. No entendimento do autor, o léxico é parcialmente concebido como uma rede hierárquica na qual nós inferiores (ou os nós mais baixos), as palavras complexas existentes, podem assumidamente herdar informação dos nós mais altos dominantes. Então, há uma relação vertical entre o esquema de formação de palavras e as palavras complexas motivadas por ele. Booij (2017) ainda destaca que o significado da palavra formada (output) está também relacionado, de alguma maneira, ao da palavra base. O significado de *eater*, portanto, reflete parcialmente o significado de *to eat*.

Isso significa que, na MC, a herança não é somente uma relação entre o esquema e o *output*, mas também entre esse e o seu *input*. Para Booij (2017), o primeiro tipo de relação é a de instanciação, enquanto o segundo caracteriza uma relação de subparte. Assim, o significado da palavra complexa pode ser herdado de mais de uma fonte, isto é, há múltipla herança. Em se tratando de composição, uma palavra composta será ligada a um esquema de composto e às subpartes dos compostos que, geralmente, formam entradas lexicais independentes. Exemplo do autor é o composto *pasta eater*, cujo significado pode ser compreendido tanto pela forma e pelo significado especificados no esquema de formação de palavras para compostos NN quanto pelos significados dos nomes *pasta* e *eater*.

Um exemplo para análise da importância semântica do *input* é dado por Booij (2017), com a variação nas categorias lexicais das bases em nomes diminutivos do holandês. Embora esses diminutivos sejam derivados de nomes, eles também derivam ocasionalmente de palavras base de outras categorias, como mostrado em (10).

(10)

Categoria	Base	Diminutivo
N	vrouw 'woman' (mulher)	vrouw-tje 'little woman, sweetheart' (mulher pequena)
A	lief 'sweet' (doce)	lief-je 'sweetheart' (namorada)
V	dut 'to nap' (cochilar)	dut-je 'nap' (cochilo)
Num	tien 'ten' (dez)	tien-tje '10 guilder note' (cédula de 10)
Adv	uit 'out' (fora)	uit-je 'outing' (passeio)
NP	twalf uur '12 o'clock' (12 horas)	twalfuur-tje 'packed lunch' (marmita)
PP	onder ons 'between us' (entre nós)	onderons-je 'private chat' (chat privado)
Pronome	dit en dat 'this and that' (Isto e aquilo)	dit-je-s en dat-je-s 'odds and ends' (miudezas)

Quadro 1: Diminutivos em holandês

Fonte: Booij (2017, p. 14, tradução nossa para o português)

Esses dados mostram que as oscilações na categoria lexical da base prototípica [N] existem. Esses desvios são característicos de uma muito produtiva categoria que pode expandir seu domínio de aplicação ocasionalmente para palavras base de outras categorias¹⁰. Assim, nós podemos considerar esses nomes diminutivos como sendo motivados por um esquema “<[[X]_{Ni} (t)_e]_{Nj} ↔ [PEQUENO SEM_{ij}]>”.

Porém, é preciso destacar que, a depender da informação semântica do *input*, o significado do produto pode ir além do que é previsto no esquema. É aí que entra a questão da herança semântica da base. Bases cujas categorias lexicais sejam, por exemplo, numerais (*tien*), advérbios (*uit*) e sintagmas nominais (*twalfuur*), ao aparecerem em construções com o formativo holandês de diminutivo - (*t*)*je*, orientam as palavras complexas para outro significado que não de tamanho pequeno. Isso é dizer que o *input* restringe de alguma forma o significado dos *outputs*, devendo, portanto, haver compatibilização entre esquema, *input* *output*.

Outro exemplo dado por Booij (2017) é com o formativo holandês -*achtig*, que toma nomes, verbos e adjetivos como *input*, como se pode ver em (11).

(11)

Categoria	Palavra-base	Adjetivo derivado
N	rots 'rock' (rocha)	rots-achtig 'rocky' (rochoso)
V	weiger 'to refuse' (recusar)	weiger-achtig 'refusing persistently' (recusa persistente)
A	groen 'green' (verde)	groen-achtig 'greenish' (esverdeado)

Quadro 2: Construções X-achtig do holandês

Fonte: Booij (2017, p. 16, tradução nossa para o português)

¹⁰ Isso acontece os sufixo de grau -inho do português. Para maiores detalhes, ver Gonçalves (2013).

Booij (2017), a respeito dessas construções X-achtig, observa ainda que, quando combinadas com um *input* da categoria lexical nome, as palavras complexas podem apresentar três significados sistemáticos: *como N*, *possui N*, e *ligado a N*. O detalhamento do autor (BOOIJ, 2017, p. 16) está em (12), com traduções nossas entre parênteses.

- (12) soldaat-achtig ‘soldier-like’ (como um soldado)
 rots-achtig ‘rock-possessing, rockys’ (possui rocha; rochoso)
 pasta-achtig ‘pasta-liking, pasta-minded (ligado aos Correios)

Com base nesses exemplos, Booij (2017) se pergunta se o processo de formação de palavras com o sufixo *-achtig* poderia ser caracterizado como restrito a bases [N] com ocasional substituição dessa restrição por adjetivos. O autor diz que não, porque se perderia a generalização de que a ligação de *-achtig* a verbos e adjetivos é produtiva e sistemática também. Além disso, observa-se que há também uma correlação sistemática entre a categoria da palavra base e a contribuição para o significado da construção.

Nos casos das construções em (12), pode-se prever um significado geral de ‘relativo a’ para os três exemplos. Porém, o tipo de relação que se estabelece muda conforme a informação semântica encontrada no *input*. À medida que essas diferenças se tornarem produtivas, esses deslocamentos semânticos devem ser representados na relação entre esquema e subesquema.

Embora Booij (2017) reconheça a importância da herança semântica da base nas palavras complexas, essa informação não tem sido captada de maneira satisfatória nas representações dos esquemas morfológicos. Além disso, não há explicação como essa herança da base pode se dar: metáfora, metonímia ou ajuste focal.

3.3 AS OBSERVAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DE SOLEDADE (2018) PARA AS ABORDAGENS SOBRE A HERANÇA

Nos textos “De pecadores a sabedores: agentes de *-dor* no Livro das Aves” e “Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a Morfologia Construcional”, Soledade (2018a, 2018b) retoma as discussões de Corbin (1990) e Booij (2017) acerca da herança semântica da base. A autora procura, inicialmente, estabelecer um diálogo entre as propostas, utilizando as noções de esquema da MC e dando destaque substancial à participação da base na geração da polissemia, como se viu na proposta gerativista.

Soledade (2018a) faz suas observações, a partir das construções *X_S-udo* em português, abordando-as, inicialmente, sob a proposta de Corbin (1990). Sobre as construções *X_S-udo*, a autora entende que o *sentido previsível construído pela regra* é representável pela paráfrase “[...] provido de característica física relativa a [sentido da base] ressaltada”, como se pode ver em *barbudo*, *bundudo*, *narigudo* e *cabeludo*. No entanto, quando a regra se aplica a certos tipos de substantivos, taxados de defectivos/irregulares por Corbin (1990), pode-se encontrar formas como *abelhudo*, *carrancudo*, *pontudo*, *taludo*, *troncudo* e *varudo*. Como observa Soledade (2018a), nesses casos, as bases não licenciam o significado da regra anteriormente mencionada. Em termos construcionais, seria dizer que não há compatibilização entre *input* e esquema, demandando, provavelmente, uma especificação. A autora segue a sua formulação com os exemplos *cabeçudo* (13), *sisudo* (14) e *façanhudo* (15), cujas acepções (significados atestados) foram colhidas no *Aulete dicionário online*.

- (13) CABEÇUDO
1. Diz-se de pessoa que tem a cabeça grande;
 2. Diz-se daquilo que tem a parte superior ou a extremidade dilatadas ou arredondadas;
 3. Fig. Teimoso, perseverante s.m.;
 4. Indivíduo cabeçudo, que tem cabeça grande.

- (14) SISUDO
1. Que tem muito siso, prudência; CIRCUNSPECTO;
 2. Que se irrita facilmente, que costuma ficar de cenho franzido, de cara fechada;

bases determinaria que os esquemas assumiriam uma extensão que impossibilitaria as representações lineares e verticais de subesquemas polissêmicos (SOLEDADE, 2018b, p. 250).

No que toca às análises de Soledade (2018a, 2018b), duas merecem ser destacadas, pois realçam a sua visão acerca da herança, que se diferencia tanto de Corbin (1990) quanto de Booij (2017). A primeira, já mencionada, é de *cabeçudo*, que tanto pode significar ‘pessoa que tem a cabeça grande’ como ‘pessoa teimosa’. Isso está relacionado à polissemia que a própria base *cabeça* apresenta: “João está com um machucado na cabeça” e “João perdeu a cabeça”.

Esse contraste semântico do *input cabeça* é percebido na formação derivada *cabeçudo*. Simões Neto (2016), trabalhando com as construções X-eiro do português arcaico, observou que a palavra *cabeceira* podia significar ‘parte da cama onde se repousa a cabeça’ ou ‘chefe’. Essa polissemia também está relacionada à do *input cabeça*, que pode significar ‘líder’ ou realçar ‘a parte superior de um objeto’.

Os exemplos mostram que a polissemia na MC devem ser analisadas para além das relações esquemas-subesquemas, devendo-se levar em consideração as polissemias das palavras individualmente e as dos *inputs*, de forma que essas possam apontar questões sobre a maneira como o significado opera na mente humana.

A segunda análise de Soledade (2018a) a ser destacada é a de *fornigador* (variante medieval de *fornicador* encontrada no *Livro das Aves*). Na sua explicação sobre essa construção, a autora comenta que

Essa instanciação parece ter se dado no latim, uma vez que encontramos registros da forma *fornicator*, -oris em dicionários da língua latina, em que a compatibilização do esquema se dá com o verbo intransitivo *fornicare* ‘ter coito, prostituir-se’.

Sobre esse exemplo, chama à atenção a relação semântica do verbo com o substantivo que lhe deu origem. Segundo historiadores e etimólogos, o verbo *fornicare* teria sido formado no século III d.C, com base no nome *fornix*, icis ‘abóbada, arco’. Assim, a relação de sentido entre a base nominal e o verbo será enviesada por um aspecto cultural relevante, uma vez que as prostitutas romanas costumavam se posicionar para fora das casas, sob os arcos ou abóbadas dessas entradas, assim uma referência a um local relacionado à prática da prostituição dará base para a formação de um verbo designador da ação. Não é incomum que lexias relacionadas a locais sejam tomadas metaforicamente e sirvam de base para instanciações diversas, observe-se o caso de *praceiro* ‘sociável, agradável’, tendo sido tomado o locativo *praça* como espaço de socialização sendo, portanto, ‘aquele que frequenta a praça’ uma pessoa ‘sociável’ > *praceiro* (SOLEDADE, 2018a, p. 14-15, grifos da autora).

Com esse segundo exemplo, Soledade (2018a) mostra a possibilidade de a polissemia, a metáfora, a metonímia atuarem significativamente no que se convencionou como sendo a herança semântica da base, de forma que: (i) a polissemia no *input* pode orientar para a polissemia no *output*, caso das formações a partir de *cabeça*; (ii) a base pode ser tomada metaforicamente, caso de *cabeçudo* com o significado de teimoso; e (iii) a base pode ser tomada metonimicamente, caso de *fornix* em *fornigador*. Essas considerações de Soledade, enfim, caracterizam uma terceira maneira de interpretar o fenômeno da herança semântica da base.

4 DUAS ANÁLISES PARA AS CONSTRUÇÕES [SÍNDROME [X]]_NE [COMPLEXO [SP]]_N

Nesta seção, serão apresentadas as análises feitas acerca dos compostos encabeçados por *síndrome* e *complexo*. Essas análises são divididas em duas partes: na primeira, será analisada a polissemia na perspectiva da MC; enquanto, na segunda, a análise se dará em torno das ideias de herança semântica do elemento não núcleo nos compostos.

Os dados coletados abordam 230 realizações de compostos com *síndrome* e trinta realizações a partir de *complexo*. Em se tratando de quantidade, já se pode supor que o primeiro é mais produtivo. Procurou-se aqui recolher, nos *sites* da internet, não só os

compostos criativos e corriqueiros, como *complexo de Dona Florinda* e *síndrome de underground*, mas também aqueles já cristalizados e especializados, sobretudo em alguns jargões, como são os casos de *Síndrome de Estocolmo* e *Complexo de Édipo*.

4.1 PRIMEIRA ANÁLISE: A POLISSEMIA CONSTRUCIONAL

4.1.1 Os compostos *síndrome*

Em relação às construções com *síndrome*, a primeira coisa que se nota é que a parte variável apresenta diferentes configurações, como se pode ver no Quadro 3.

Categoria da parte variável	Exemplos
Adjetivo	síndrome anticolinérgica, síndrome compartimental, síndrome floral, síndrome hepatorenal.
Siglas	síndrome SAPHO, síndrome HELLP, síndrome CREST, síndrome DRESS.
Sintagma Preposicionado	síndrome do pânico, síndrome de Oslo, síndrome de Peterpan, síndrome do sotaque estrangeiro.

Quadro 3: Categoria das partes variáveis nos compostos com *síndrome*

Fonte: Produzido pelo autor

Todos os exemplos no Quadro 3 estão relacionados a condições clínicas anômalas, reconhecidas por profissionais das áreas de Medicina e Psicologia. Estes foram 176 casos dos 230 totais. Os outros 54 exemplos se inserem no que aqui se chamou de compostos criativos que, embora apontem para algum comportamento anômalo, não têm um reconhecimento técnico. São os casos dos exemplos de (16) a (20).

- (16) Tem gente que vem de rabo abanando quando termina o namoro, diz que agora já era, aí ataca a *síndrome de trouxa volta com o/a ex.* (CONSELHO DE NOIA, 2017)
- (17) Meu pai tô com *síndrome de virginiano* só reglama [sic] de limpeza. (JAN, 2017)
- (18) Eu me engano mt com as pessoas, tenho a síndrome da bela e a fera, fico tentando achar qualidades em quem na vdd é só um monstro msm (MARINATO, 2017).
- (19) PTB aparelhou a Casa da Moeda, agora está com *síndrome de Tio Patinhas*, não quer a privatização! (FERNANDES, 2017).
- (20) *Síndrome de Luciano Huck.* Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL (DIÁRIO DO CENTRO MUNDO, 2017).

A fim de dar conta da polissemia tanto dos compostos do Quadro 3 quanto dos exemplos de (16) a (20), propõe-se, na Figura 4, uma representação esquemática:

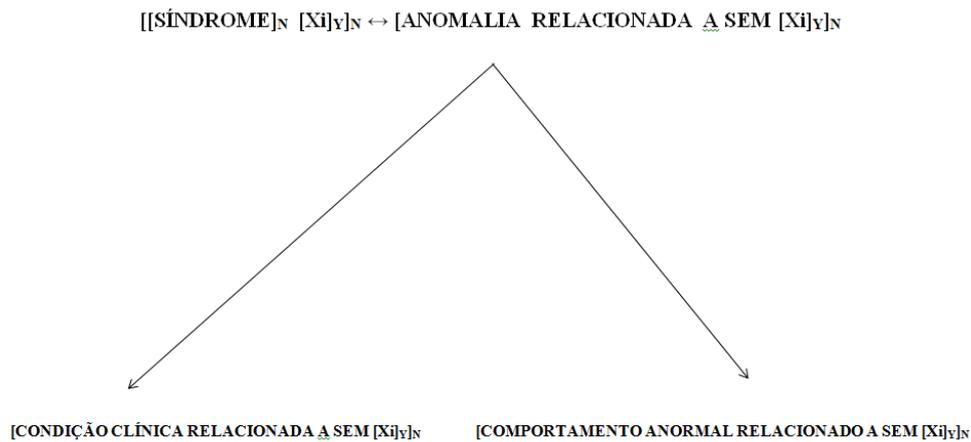


Figura 4: Representação da polissemia das construções SÍNDROME

Fonte: Produzido pelo autor

A Figura 4, ainda que explique a polissemia construcional do esquema [síndrome [X]]_N, não dá conta de explicar o fato de um comportamento anômalo não tratado clinicamente passar a ser abordado como uma condição clínica. Isso aconteceu com a chamada *Síndrome de Peterpan*: um comportamento generalizado, marcado por atitudes imaturas do ponto de vista psicológico, sexual e social, passou a ser abordado em estudos da Psicologia e Psicanálise e foi nomeada por Kiley (1983) de “*Peter Pan Syndrome*” (Síndrome de Peter Pan).

Outros exemplos que seguiram essa mesma tendência foram a *Síndrome do impostor* e a *Síndrome do sotaque estrangeiro*. Há outros casos, em que se mantém uma diferença entre uma designação popular do comportamento e o termo técnico da síndrome. Como exemplo, tem-se o nome popular *Síndrome das lágrimas de crocodilo*, em oposição ao nome técnico *Síndrome de Bogorad*. Isso é dizer que, do ponto de vista conceptual, o comportamento anômalo passou a ser abordado como uma condição clínica, mas, do ponto de vista linguístico, foi necessária uma adequação.

Com o intuito de sumarizar o fluxo entre o significado de “comportamento anormal”, popularmente caracterizado, e o de “condição clínica”, propõe-se a representação da Figura 5, em que se admite a possibilidade de um significado passar a outro, destacando sempre o movimento que vai do mais geral para o mais específico.

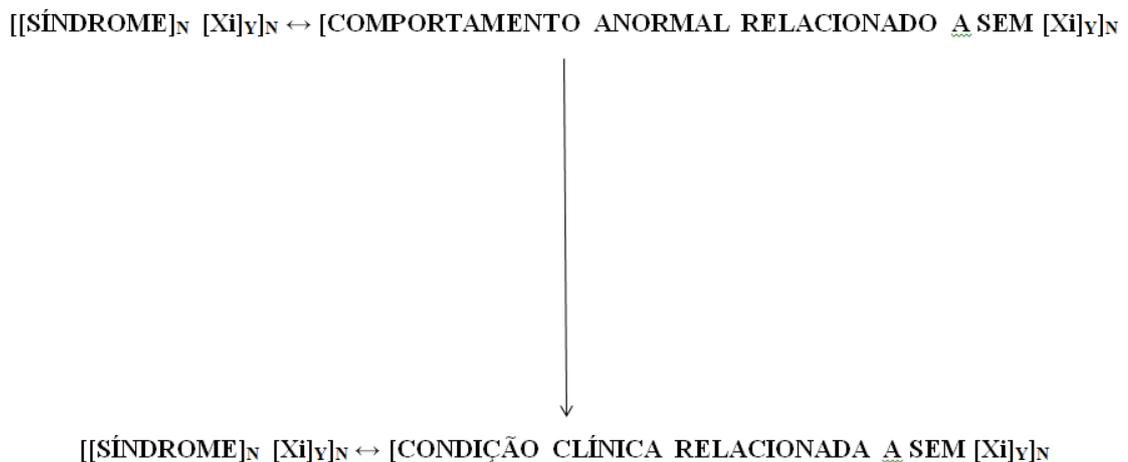


Figura 5: Extensão de significados entre os subesquemas das construções SÍNDROME

Fonte: Produzido pelo autor

4.1.2 Os compostos *complexo*

Em relação às construções com *complexo*, observa-se que, dos trinta exemplos coletados, apenas em um, a parte variável não é um sintagma preposicionado. Foi o caso de *complexo paterno*. Constatada essa improdutividade de formas não preposicionadas na parte variável do composto, não há necessidade de deixar sem especificação essa categoria.

No que toca à semântica, verificam-se três significados diferentes: (i) noção coletiva que aparece comumente em topônimos que designam espaços habitacionais, como *Complexo do Alemão*, *Complexo de Bangu*, *Complexo do Lins* etc.; (ii) estado psicológico normalmente notificado no âmbito da Psicanálise, como *Complexo de Édipo*, *Complexo de Electra*, *Complexo de Madonna-prostituta*¹¹, *Complexo de Jocasta*, *complexo de inferioridade*, *complexo de superioridade*, *complexo de Messias* etc.; (iii) comportamento anormal, como *Complexo de Deus*, *complexo de adolescente*, *complexo do pau pequeno*, *complexo de manter o alto astral*, *complexo de magreza*, *complexo de bailarino*. A Figura 6 representa, nos termos da MC, essa polissemia.

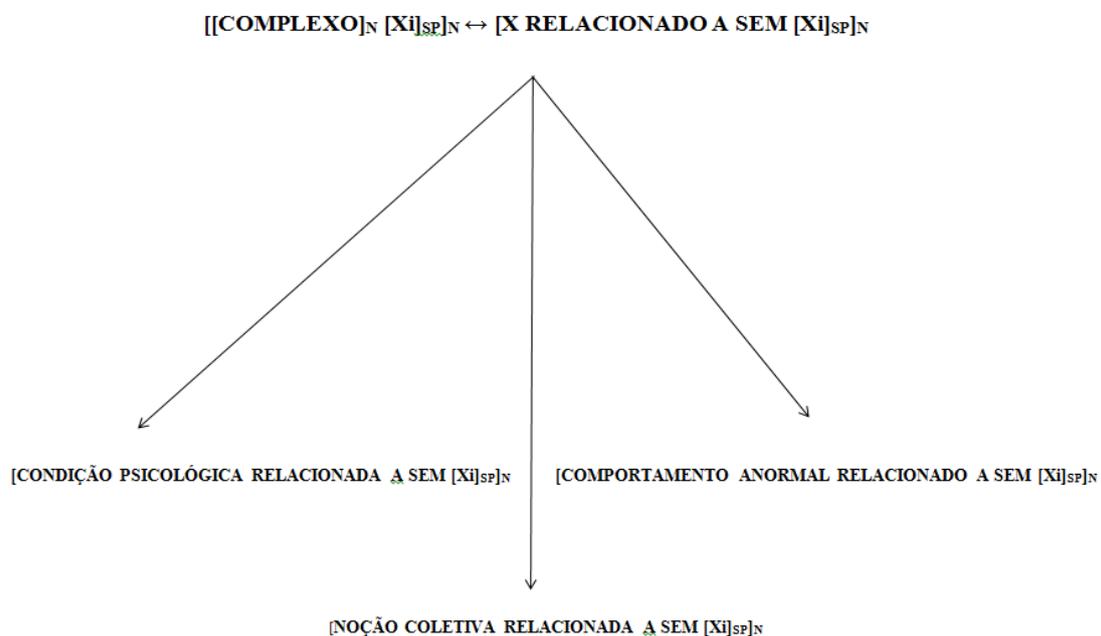


Figura 6: Representação da polissemia das construções COMPLEXO

Fonte: Produzido pelo autor

Como se pode ver na Figura 6, o esquema dominante apresenta um caráter genérico, diferente do que aconteceu nas construções com *síndrome*. Isso se deu pelo fato de o significado de *noção coletiva* parecer mais distante dos outros dois. No entanto, é possível pensar minimamente na possibilidade de as formas instanciadas por esse esquema se relacionarem a espaços habitacionais muito populosos, o que pode sugerir alguma anomalia, ficando, assim, próximo dos outros significados.

Cabe destacar a presença do significado *comportamento anormal*, tanto nas construções com *complexo* quanto nas construções com *síndrome*. É justamente na relação com esse significado que aparecem as formas duplas, como as apresentadas nos exemplos de (01) a (04), *complexo/síndrome de vira-lata*, *complexo/síndrome de Dona Florinda*. Somam-se a esses, as realizações nos exemplos de (21) a (24), com *complexo/síndrome de Peterpan* e *complexo/síndrome de Deus*, respectivamente.

(21) Exato! Renato sabia das coisas, não tinha *complexo de Peter Pan* nem queria ser forever Young (MBRANDREA, 2017).

(22) “Ariana com *síndrome do Peter Pan*” PQP eu tô rindo muito (SAH, 2017).

¹¹ Esse complexofoi abordado por Sigmund Freud, sendo conceituada como uma impotência psíquica em que homens têm dificuldade em se relacionar sexualmente com mulheres, por enxerga-las ou como santas ou como prostitutas.

- (23) Já repararam como eu me odeio e tenho *complexo de Deus*? É muito engraçado e explicável cientificamente (KINGCOCK, 2017).
- (24) Quem Sérgio Moro pensa que é pra não cumprir a ordem do TRF4 de soltar Lula? Essa síndrome de Deus dele já foi longe demais (BARROS, 2018).

4.2 SEGUNDA ANÁLISE: A HERANÇA SEMÂNTICA DO ELEMENTO NÃO NÚCLEO

As discussões em torno da herança aqui apontadas se voltaram para a sufixação. Nesse tipo de derivação, prototipicamente, o sufixo é responsável pela informação do núcleo lexical da formação. Isso quer dizer que, quando as formas *leiteiro*, *açougueiro* e *doceira* são parafraseadas em <A PESSOA QUE VENDE LEITE>, <A PESSOA QUE TRABALHA NO AÇOUGUE> e <A PESSOA QUE FAZ DOCES>, a informação nuclear de “A PESSOA QUE” está relacionada ao sufixo *-eir-*. As bases, nesses casos *leite*, *açogue* e *doce*, acrescentam, via de regra, uma informação acessória e especificativa. Quando se fala em herança semântica da base, quer se destacar o papel que a base imprime no significado da palavra formada. No caso de *açougueiro*, por exemplo, a base *açogue* não é compatível com o significado de AQUELE QUE VENDE ou AQUELE QUE FAZ.

Com os compostos, não é muito diferente. Há, quase sempre, um elemento núcleo e outro não núcleo. Quando se observam os compostos *dor de barriga*, *dor de cabeça*, *dor de facão*, *dor de cotovelo*, o substantivo *dor* funciona como elemento núcleo, enquanto *barriga*, *cabeça*, *facão* e *cotovelo* são elementos acessórios/especificativos. Vale salientar que, assim como acontece com as bases nas construções sufixadas, esse elemento não núcleo participa ativamente da construção do significado da palavra instanciada pelo esquema. Em *dor de facão*, por exemplo, o significado não pode ser analisado como uma dor tópica como em *dor de cabeça* e *dor de barriga*. A expressão *dor de facão*, muito comum em algumas regiões do Brasil, se refere a uma “dor pontiaguda e forte situada no lado direito do abdome, altura do baço” (LINS, 2014). O elemento *facão*, então, é tomado metaforicamente, por uma relação de semelhança. Cabe observar que, na LC, o significado metafórico, resultante de um mapeamento por meio de semelhança, é construído no sistema conceptual do falante, podendo, em muitos casos, não ser uma relação que se verifica no mundo real. No caso de *dor de facão*, o falante mapeia a sensação da dor com a sensação da penetração de um facão no baço.

No Quadro 4, foram selecionadas dez composições com *síndrome/complexo*, para serem comentadas quanto à participação do elemento não núcleo na formação de sentido. A análise se orienta tanto pelo *modus operandi* de Soledade (2018a), uma vez que se destacam os aspectos metafóricos e metonímicos desses elementos, quanto pelas noções de ‘sistema conceptual’ (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) e de ‘modelo cognitivo idealizado’ (LAKOFF, 1987).

Construções	Contextos	Comentários
Síndrome de índio	“Dormi de casaco, calça e meia. Acordei sem nada! N sei q <i>síndrome de índio</i> é essa q eu tenho q n consigo dormir de roupa” (ABRRT, 2017).	Nessa construção, trabalha-se com um modelo cognitivo idealizado de <i>índio</i> , bastante ligado aos povos originários. A partir desse modelo, seleciona-se o aspecto da nudez na construção. O elemento <i>índio</i> , portanto, é tomado metonimicamente.
Síndrome de Sol	“Esse povo com <i>síndrome de Sol</i> juram que tudo que a gente faz gira em torno dela” (GIFS DA VIDA REAL, 2017).	O <i>Sol</i> é tomado metonimicamente por sua centralidade no sistema solar, em que todos os planetas giram em torno dele. Nesse caso, há uma metaforização também nas relações humanas: uma pessoa que se assemelha ao <i>Sol</i> , protagonista, e outras que seriam os planetas, coadjuvantes.
Síndrome de mendigo	“Eu tenho algum tipo de <i>síndrome de mendigo</i> que me puxa pra sentar/deitar em qualquer lugar, no chão” (ALECRIM, 2017).	Trabalha-se aqui com um modelo cognitivo idealizado de <i>mendigo</i> , acreditando que esse dorme em qualquer lugar. Nesse caso, o elemento <i>mendigo</i> é tomado metonimicamente.

Síndrome de cirurgião	“Gente assim deve ter ‘ <i>síndrome d cirurgião</i> ’: quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana” (MADUREIRA, 2017).	No contexto em questão, os falantes falavam da prática sexual <i>fist-fucking</i> , em que uma pessoa insere a mão ou o punho no ânus ou na vagina da outra. A prática é conceptualizada como uma cirurgia, e a pessoa praticante ativa (aquela que penetra a mão ou punho) é tomada metaforicamente como o <i>cirurgião</i> .
Síndrome de antibiótico	“Conversar com pessoas que tem <i>síndrome de antibiótico</i> te responde de 8 em 8 horas” (TALIRA, 2017).	O antibiótico é aqui tomado metonimicamente, pelo fato de muitos remédios dessa especificidade serem usados de 8 em 8 horas.
Síndrome de <i>underground</i>	” Adolescente com síndrome de underground q acha q as series/filmes/bandas são exclusivas vcs precisam de acompanhamento psiquiátrico e eu falo seríssimo” (GIO, 2019).	O termo <i>underground</i> é utilizado para se referir a um movimento que atua fora do comum, com ideias vanguardistas e heterodoxas. No contexto apresentado, a palavra <i>underground</i> é tomada metonimicamente pelo seu aspecto prático.
Síndrome João Dória Jr.	“Por aqui nada cinza, só cultura e arte. Que a <i>Síndrome João Dória Jr</i> não nos alcance jamais” (NALUY, 2017).	O antropônimo João Dória Jr., atual prefeito da cidade de São Paulo, é tomado metonimicamente pelas suas medidas de pintar de cinza os muros pintados e grafitados por artistas de rua da cidade.
Síndrome de Luciano Huck	“ <i>Síndrome de Luciano Huck</i> : Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL” (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2017).	Outro antropônimo tomado metonimicamente, remetendo à situação em que o apresentador Luciano Huck apagou as suas fotos com o seu amigo, o senador Aécio Neves, após este ser denunciado em um escândalo de corrupção.
Complexo de Cinderela	“Para os coxinhas que tem <i>complexo de cinderela</i> a se realizar no ‘american dream’, esse é o braZil perfeito” (JOREIVAX, 2017).	<i>Cinderela</i> é tomada metonimicamente nessa construção, em função da sua história, contada em livros infantis. O que se transporta para a construção é o fato de <i>Cinderela</i> ter ficado rica por um passe de mágica.
Complexo de Wendy	“Se aquela fdp tivesse o <i>complexo de wendy</i> talvez soubesse o quão frustrante é querer ser responsável o tempo todo por tudo” (RAFAELA, 2017).	A construção remonta à personagem <i>Wendy</i> , da história de Peter Pan. É uma personagem que se preocupa excessivamente com o protagonista e com os demais. Por isso, o <i>complexo de Wendy</i> caracteriza um comportamento em que a pessoa assume a responsabilidade por tudo e por todos. Significado metonímico.

Quadro 4: Análise dos elementos não núcleos nos compostos síndrome/complexo

Fonte: Produzido pelo autor

A partir dos exemplos do Quadro 4, pode-se dizer que a metonímia se mostra mais produtiva na herança semântica dos elementos não núcleos nos compostos. Nos compostos com *complexo*, há, na maioria dos casos, uma metonímia de algum aspecto da vida de personagens míticos ou literários, como *Cinderela* e *Wendy*. Exemplos não vistos no Quadro 4 que seguem essa tendência são os complexos de *Édipo*, *Electra*, *Jocasta*.

Em relação aos compostos com *síndrome*, os exemplos do Quadro 4 são, em grande maioria, metonímicos, pois apontam para aspectos de focalização e seleção de conhecimento acerca de eventos e entidades, como *o Sol*, *o índio*, *Luciano Huck*, *João Dória Jr.*

Para além dos exemplos do Quadro 4, nota-se, do ponto de vista da herança, que há uma tendência metonímica do tipo CIENTISTA/DESCOBERTA em muitos constructos, como *Síndrome de Waardenburg*, *Síndrome de Asperger* e *Síndrome de Brugada*. Esses costumam acontecer, sobretudo, como subesquemas de *condições clínicas*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisados compostos do português brasileiro encabeçados pelas palavras *síndrome* e *complexo*, com base nos pressupostos teóricos da Morfologia Construcional, como trabalhada por Booij (2010) e Gonçalves (2016). Apesar de o estudo da composição morfossintática ainda ser pouco frequente nesse modelo teórico, os resultados aqui apresentados mostram que esses compostos podem ser esquematizados com o mesmo êxito e elegância de outros processos formativos recorrentemente abordados, como a sufixação e a prefixação.

Quanto às análises propriamente ditas, verificou-se que os compostos *síndrome* são mais produtivos que os *complexo*. Os compostos *síndrome* são dominados pela noção de *anomalia*, seja como uma *condição clínica* (*síndrome de Asperger*, *síndrome de Down*, *síndrome de Waardenburg* etc.), seja como um *comportamento anormal* (*síndrome de trouxa*, *síndrome do pau pequeno*, *síndrome de cirurgia* etc.). Os compostos *complexo*, por outro lado, não apresentam um esquema dominante especificado, visto que, junto com os significados de *condição psicológica* (*complexo de inferioridade*, *complexo de Édipo*, *complexo de Messias*) e de *comportamento anormal* (*complexo de Cinderela*, *complexo de Wendy*, *complexo de Deus*), encontra-se uma *noção coletiva* (*complexo do Alemão*, *complexo de Bangu*, *complexo do Lins*), que destoa relativamente dos outros significados. Em termos de aproximação, o significado *comportamento anormal*, verificado tanto nos compostos *síndrome* quanto nos compostos *complexo*, tem viabilizado o aparecimento de formas duplas, como *complexo/síndrome de Dona Florinda*, *complexo/síndrome de vira-lata* e *complexo/síndrome de Deus*.

O artigo discutiu ainda a questão da herança semântica da base, feita por alguns poucos autores no âmbito da derivação, mas observável também nos compostos, em relação à herança semântica dos elementos variáveis não núcleos. As análises empreendidas quanto a esse fenômeno apenas ratificaram as observações de Booij (2010) e Gonçalves (2016) de que compostos, derivados prefixais e derivados sufixais apresentam mais semelhanças que diferenças na esquematização. Os resultados vistos entre os compostos encontram total correspondência com o que se verifica nos derivados.

REFERÊNCIAS

ABRRT, C. Dormi de casaco, calça e meia. Acordei sem nada! N sei q *síndrome de índio* é essa q eu tenho q n consigo dormir de roupa. Brasil (26 ago. 2017). Twitter: @carlaabrrt. Disponível em: <https://twitter.com/Carlaabrrt/status/901405040291852292>. Acesso em: 25 set. 2017.

ALECRIM, V. Eu tenho algum tipo de *síndrome de mendigo* que me puxa pra sentar/deitar em qualquer lugar, no chão. Brasil (6 set. 2017). Twitter: @victoralecrim. Disponível em: <https://twitter.com/victoralecrim/status/905466027131232256>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

AULETE, C. *iDicionário Aulete*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 11 jan. 2019.

BARROS, C. Quem Sérgio Moro pensa que é pra não cumprir a ordem do TRF4 de soltar Lula? Essa *síndrome de Deus* dele já foi longe demais. Brasil (8 jul. 2018). Twitter: @calu_barros. Disponível em: https://twitter.com/calu_barros/status/1015991613611536384. Acesso em: 11 jan. 2019.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

_____. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Form and meaning in morphology: the case of Dutch 'agent nouns'. *Linguistics*, Berlin, n. 24, p. 503-517, 1986.

_____. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (Ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39. Disponível em: <<https://geertbooi.files.wordpress.com/2014/02/booi-2015-inheritance-issues-in-constructionmorphology-feb-2014.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

CASTILHO, R. *O Reaçã Pobre e a Síndrome de Dona Florinda*. 2014. Disponível em: <http://blogdorafaelcastilho.blogspot.com/2014/09/o-reaca-pobre-e-sindrome-de-dona.html>. Acesso em: 23 set. 2017.

CONSELHO DE NOIA. Tem gente que vem de rabo abanando quando termina o namoro, diz que agora já era, aí ataca a síndrome de trouxa volta com o/a ex . São Paulo, Brasil (28 ago. 2017). Twitter: @conselhodenoia. Disponível em: <https://twitter.com/ironicomkofc/status/902167660401713152>. Acesso em: 25 set. 2017.

CORBIN, D. Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: DRESSLER, W.U et al. *Contemporary morphology*. New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 43-59.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. Síndrome de Luciano Huck. Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL. Brasil (13 set. 2017). Twitter: @DCM_Online. Disponível em: https://twitter.com/DCM_online/status/907920514726944768. Acesso em: 25 set. 2017.

DOBRORUKA, V. Considerações sobre o pensamento trinitário de Joaquim de Fiore em suas relações com as filosofias especulativas da história. *Revista Múltipla*, Brasília, v. 6, n.8, p. 9-27, 2000.

FARIA, A. L. *Motivação morfossemântica das construções compostas N-N no português brasileiro*. 2011. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FERNANDES, P. R. PTB aparelhou a Casa da Moeda, agora está com síndrome de Tio Patinhas, não quer a privatização!. Brasil (26 ago. 2017). Twitter: @mpaularfer. Disponível em: <https://twitter.com/mpaularfer/status/901463045913927681>. Acesso em 25 set. 2017.

GIFS DA VIDA REAL. Esse povo com *síndrome de Sol* juram que tudo que a gente faz gira em torno dela. Brasil (5 set. 2017). Twitter: @gifsvidareal. Disponível em: <https://twitter.com/gifsvidareal/status/905112344346447877>. Acesso em: 25 set. 2017.

GIO. Adolescente com síndrome de underground q acha q as series/filmes/bandas são exclusivas vcs precisam de acompanhamento psiquiátrico e eu falo seríssimo. Brasil (11 jan. 2019). Twitter: @desgrazinha. Disponível em: <https://twitter.com/desgrazinha/status/1083751417242943488>. Acesso em: 11 jan. 2019.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 147-167.

_____. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia Construcional: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 11-48.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JAN, L. M. Meu pai tô com síndrome de virginiano só reglame de limpeza aaaaaaa. Brasil (26 ago. 2017). Twitter: @jungleyoungjan. Disponível em: <https://twitter.com/jungleyoungjan/status/901493411617832960>. Acesso em: 25 set. 2017.

JOEIVAX. Para os coxinhas que tem *complexo de cinderela* a se realizar no 'american dream', esse é o braZil perfeito. Brasil (8 set. 2017). Twitter: @Jollimaa. Disponível em: <https://twitter.com/Jollimaa/status/906316574570762240>. Acesso em: 25 set. 2017.

KILEY, D. *The Peter Pan Syndrome: men who have never grown up*. New York: Dodd Mead, 1983.

KINGCOCK, J. Já repararam como eu me odeio e tenho complexo de Deus? É muito engraçado e explicável cientificamente. Brasil (24 set. 2017). Twitter: @jesusvckingcock. Disponível em: <https://twitter.com/jesusvckingcock/status/911930465808011264>. Acesso em: 25 set. 2017.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. [1980].

LINS, C. Dor de facão. *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/dor+de+fac%E3o/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

MADUREIRA, F. Gente assim deve ter 'síndrome d cirurgiaão': quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana. Brasil (29 ago. 2017). Twitter: @FabioMadureira. Disponível em: <https://twitter.com/FabioMadureira/status/902569661924966405>. Acesso em: 25 set. 2017.

MARINATO, P. Eu me engano mt com as pessoas, tenho a síndrome da bela e a fera, fico tentando achar qualidades em quem na vdd é só um monstro msm. Brasil (3 nov. 2017). Twitter: @Pri_Marinato. Disponível em: https://twitter.com/Pri_Marinato/status/926636373515427845. Acesso em: 11 jan. 2019.

MBRANDREA. Exato! Renato Sabia das coisas, não tinha complexo de Peter pan nem queria ser forever Young . Brasil (24 set. 2017). Twitter: @MBRAndrea. Disponível em: <https://twitter.com/MBRAndrea/status/912106965211508736>. Acesso em: 25 set. 2017.

MELO, C. N. de. *Sobre coleções e lugares: o caso das formações X-teca do português brasileiro*. 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MIRANDA, F. *Síndrome de vira-lata: precisamos falar sobre isso*. 2017. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/fatimamiranda/298587/%E2%80%99CS%C3%A9ndrome-de-vira-lata%E2%80%9D-precisamos-falar-sobre-isso.htm>. Acesso em: 23 set. 2017.

NALUY, M. Por aqui nada cinza, só cultura e arte. Que a *Síndrome João Dória Jr* não nos alcance jamais. Brasil (8 set. 2017). Twitter: @MaiseNaluy. Disponível em: < <https://twitter.com/MaiseNaluy/status/906312863408672768>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017

RAFAELA. Se aquela fdp tivesse o *complexo de wendy* talvez soubesse o quão frustrante é querer ser responsável o tempo todo por tudo. Brasil (12 mar. 2017). Twitter: @kindkurama. Disponível em: <https://twitter.com/kindkurama/status/840806725989126145>. Acesso em: 25 set.2017.

ROSSATTO, N. D.; COSTA, M. R. N; TER REGEEN, J. Ação, escolha e justiça: Joaquim de Fiore e a inversão de Trasímaco. *Anais do XI Congresso Latino-Americano de Filosofia Medieval*. Fortaleza-CE: Universidade Estadual Fortaleza, 2006. v. 1. p. 1-11.

SAH. Ariana com síndrome do Peter Pan. Pqp eu tô rindo muito. Brasil (30 ago. 2017). Twitter: @moonlighr. Disponível em: <https://twitter.com/moonlighr/status/902993340056178693>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, J. C. T. da. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. 2017. 226 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, N. H. da. *Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017.

_____. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2 tomos.

SIQUEIRA, A. O Complexo de Dona Florinda. 2014. Disponível em: <http://brasilemdiscussao.blogspot.com/2014/09/criei-esse-termo-eu-pensava-muito.html>. Acesso em: 23 set. 2017.

SMITH, A. *Blogueiro britânico diz que brasileiros exageram na rejeição ao Brasil*. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150428_parainglesver_adamsmith2_ss. Acesso em: 23 set. 2017.

SOLEDADE, J. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. S. *Livro em homenagem aos 50 anos da edição do Livro das Aves*. 2018a. [No prelo].

_____. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X – EIR]N] no português arcaico. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, número especial, p. 83-111, 2013.

_____. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, E. S. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* Salvador: Edufba, 2018b, p. 345-378.

TALIRA. Conversar com pessoas que tem *síndrome de antibiótico* te responde de 8 em 8 horas. Brasil (29 ago. 2017). Twitter: @atilsat. Disponível em: <<https://twitter.com/atilsat/status/902563088465059844>>. Acesso em: 25 set. 2017.

VILLALVA, Alina. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M. et al.. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 969-983.



Recebido em 25/09/2017. Aceito em 30/01/2018.

O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA: REFLEXÕES A PARTIR DAS DEMANDAS DA PÓS- MODERNIDADE

LA ENSEÑANZA DE LENGUA ITALIANA EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS DE SANTA
CATARINA/BRAZIL: REFLEXIONES A PARTIR DE LAS DEMANDAS DE LA
POSMODERNIDAD

THE LEARNING OF ITALIAN IN THE PUBLIC SCHOOLS OF SANTA CATARINA/BRAZIL:
REFLECTIONS FROM THE DEMANDS OF POST MODERNITY

Carla Regina Martins Valle*

Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO: O objetivo do presente artigo é oferecer um breve panorama atualizado sobre o ensino da língua italiana nas escolas públicas de Santa Catarina/Brasil e refletir sobre as contribuições das perspectivas linguísticas conectadas com demandas contemporâneas (teorias pós-modernas críticas, pós-coloniais, sociolinguística de terceira onda e linguística aplicada) para o ensino de línguas em contextos de imigração. Conclui-se que a oferta da língua italiana nas escolas públicas de Santa Catarina sofreu brusca redução e aponta-se a necessidade de entender os processos de identificação dos sujeitos com suas línguas de herança como ponto de partida para o planejamento de políticas para o ensino da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua italiana. Políticas linguísticas críticas. Sociolinguística.

RESUMEN: El objetivo del presente artículo es ofrecer un breve panorama actualizado sobre la enseñanza de la lengua italiana en las escuelas públicas de Santa Catarina/Brasil y reflexionar sobre las contribuciones de las perspectivas lingüísticas conectadas con demandas contemporâneas (teorías post-modernas críticas, post-coloniales, sociolinguística de tercera ola y la lingüística aplicada) para la enseñanza de lenguas en contextos de inmigración. Se concluye que la oferta de la lengua italiana en las escuelas públicas de

* Pesquisadora pós-doc PNPd/CAPES junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina e professora substituta da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: <carlaval10@gmail.com>.

Santa Catarina sufrió brusca reducción y se apunta la necesidad de entender los procesos de identificación de los sujetos con sus lenguas de herencia como punto de partida para la planificación de políticas para la enseñanza de la lengua.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de lengua italiana. Políticas lingüísticas críticas. Sociolingüística.

ABSTRACT: The aim of this paper is to offer a brief overview of the teaching of the Italian language in public schools in the state of Santa Catarina, Brazil, and to reflect on the contributions of the linguistic perspectives connected with contemporary demands (postmodern critical theories, postcolonial theories, third wave sociolinguistics, and applied linguistics) for the teaching of languages in immigration contexts. We have concluded that the provision of the Italian language in the public schools of Santa Catarina went through a sharp reduction, and it is necessary to understand the processes of identification of the subjects with their inheritance languages for the planning of policies for the teaching of language.

KEYWORDS: Italian language teaching. Critical language policy. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente o ensino de línguas estrangeiras, em especial o ensino de língua italiana, não tem recebido espaço adequado no contexto educacional público brasileiro. Grego e latim eram as línguas ensinadas no período colonial e, somente com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, é que o espaço se abre para o ensino de línguas estrangeiras modernas, com ênfase na leitura e em exercícios de tradução e análise gramatical. Nesse período, apesar dos escassos registros, parece haver uma expansão considerável na oferta de línguas estrangeiras, obviamente para aqueles que podiam estudar. Aos alunos, durante o período do império, eram ofertadas cerca de quatro a cinco línguas, dentre elas o italiano que era facultativamente ofertado e já nesse período recebia menor prestígio que as demais línguas modernas, sendo excluído do plano educacional do Colégio Pedro II com a lei de 1870, justamente quando se fortalecem os movimentos de imigração italiana (LEFFA, 1999; FREITAS; BALTHAZAR; LUNATI, 2015).

O ensino da língua italiana passou por várias fases no Brasil. Com a chegada dos imigrantes e instaurada a diversidade dialetal por conta das várias regiões de proveniência, o ensino dos dialetos como língua materna deu-se nas escolas étnicas. Pouco depois, a busca pela unidade italiana no período fascista levou à promoção do ensino do italiano *standart* mesmo fora da Itália, iniciativa que acabou sendo apagada pela política de interdição de línguas da Era Vargas. No final do século XX, o ensino da língua sofreu uma expansão considerável por conta de esforço conjunto entre Brasil e Itália para a valorização da cultura italiana e da Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Mas, atualmente, por conta da redução dos auxílios do governo italiano e da Lei 13.415 de 2017 (BRASIL, 2017) que impõe o ensino do Inglês, temos considerável queda na oferta do idioma nas escolas públicas do Brasil.

Diante dessa situação, o presente artigo objetiva oferecer um breve panorama atualizado sobre a oferta de língua italiana no Estado de Santa Catarina e refletir sobre as contribuições das perspectivas lingüísticas conectadas com as demandas contemporâneas (teorias pós-modernas críticas, pós-coloniais, sociolingüística de terceira onda e lingüística aplicada) para o ensino de língua estrangeira em contextos de imigração.

Com tal intuito, na próxima seção apresentamos um panorama geral e resumido de momentos distintos do ensino da língua italiana no Brasil; na terceira seção, apresentamos breve mapeamento da oferta da língua nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina na última década; em seguida, na quarta seção, procuramos refletir sobre o ensino de italiano a partir das novas agendas das teorias lingüísticas.

2 BREVE RETROSPECTIVA DO ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA NO BRASIL

No século XIX cerca de 57 milhões de europeus rumaram para as Américas para fugir da fome, da miséria causada pela crise agrícola, de conflitos religiosos e de guerras em seus países de origem. No Brasil, um dos principais destinos desse enorme contingente populacional foram as províncias do Sul (entre 1875 e 1892), e os Estados do Sudeste: Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Destaque ainda maior deve-se dar para São Paulo que recebeu 56% dos 4.100.000 estrangeiros que chegaram no Brasil entre 1886 e

1934, sendo a maior parte deles provenientes da península itálica, que vieram trabalhar nas lavouras de café e na construção de ferrovias (TRENTO, 1988).

As primeiras tentativas para o ensino de língua italiana, ou melhor, dos vários dialetos que eram as línguas maternas dos imigrantes advindos da Itália que se estabeleceram no Brasil, deram-se com a criação de escolas comunitárias e étnicas. Tais iniciativas foram bastante comuns, a partir de 1870, em algumas colônias do Rio Grande do Sul, por exemplo, onde, dada a inexistência de escolas públicas, a comunidade escolhia os mais instruídos dentre os moradores para serem os professores (SCHNEIDER, 1993).

Na virada dos séculos XIX para XX, o governo italiano do período fascista, buscando construir o sentimento de unidade nacional e uma identidade italiana também fora da pátria, investiu no ensino para aqueles que vieram para o Brasil. Foram então criadas as *Case d' Italia*, que tinham um papel centralizador, abrigando as diversas associações locais (Lombarda, Vêneta, Trentina), com a intenção de enaltecer uma suposta etnia italiana. Nesse período, professores foram enviados da Itália para ensinar em italiano *standart* e foram instituídas escolas mantidas pelo governo italiano, muito comuns no Rio de Janeiro, por exemplo. Contudo, o uso dos dialetos ainda se mantinha vivo e o papel da igreja foi importante para a manutenção das línguas de origem nas colônias (GAIO, 2017).

Esse movimento de incentivo ao ensino do italiano *standart*, e também dos dialetos, foi bruscamente interrompido na Era Vargas, quando se instituiu o movimento nacionalista brasileiro. O Decreto-Lei de Getúlio Vargas, de 1939, proibiu o uso das línguas dos países inimigos na Segunda Guerra Mundial (Alemanha, Japão e Itália) em qualquer ocasião e, no contexto escolar, os decretos de 1938 e 1941 proibiram o uso de qualquer outra língua na escola, que não fosse a portuguesa, e a produção e importação de livros didáticos em língua estrangeira (FREITAS; BALTHAZAR; LUNATI, 2015). Zanini (2006) assinala que o português foi imposto em um contexto em que os alunos não falavam português nem em casa e nem na escola e, para que se adaptassem às exigências do período de interdição, eram duplamente castigados: na escola, recebendo castigos (inclusive físicos), caso não se adaptassem ao ensino em português; e em casa, já que seus pais consideravam os castigos na escola como uma desonra. Como salienta Payer (2001, p. 242), nesse período: “[...] interditou-se a língua, em suas canções, em suas homenagens, em suas narrativas, em suas orações. É uma interdição que violenta o que há de mais íntimo ao sujeito – sua história, sua crença, sua esperança –, provocando assim a divisão, partição, a clivagem... o estar e o não estar no Brasil, o ser italiano e o não ser.”.

O espaço para o ensino de italiano *standart* começou a ser timidamente retomado em 1949, quando, terminada a guerra, foi assinado o Protocolo de Declaração de Amizade e Cooperação entre o Brasil e a Itália para desenvolver recíprocas relações jurídicas, econômicas, culturais, técnicas e sociais. Em 1958 as relações se fortaleceram um pouco mais e foi assinado um acordo cultural entre Brasil e Itália, com o objetivo de fortalecer as relações literárias, artísticas, científicas e técnicas, segundo o qual o Brasil comprometeu-se:

[...] a introduzir o estudo facultativo da língua italiana nos estabelecimentos oficiais de ensino médio e a reconhecer a sua validade nos programas de exame em posição de paridade com a língua estrangeira mais favorecida, entre aquelas para as quais é previsto o mesmo tipo de ensino, bem como a manter e desenvolver o estudo do italiano nas Universidades e Institutos Superiores. (ACORDO CULTURAL ENTRE O GOVÉRNO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E O GOVÉRNO DA REPÚBLICA ITALIANA, 1958 apud FABRO, 2015, p. 115).

Apesar de algumas dessas ações nunca terem sido colocadas em prática – tal como a validade nos programas de exame em posição de paridade com a língua estrangeira mais favorecida –, a assinatura do acordo contribuiu para um movimento de revalorização da cultura italiana no Brasil que se fortaleceu a partir da década de 1970, segundo Freitas, Balthazar e Lunati (2015). As autoras ressaltam que as associações ítalo-brasileiras voltaram a ter importante papel no ensino de italiano, nesse período, firmando parcerias com vários municípios e trazendo grande investimento financeiro para o ensino de língua italiana no Brasil.

O movimento de expansão no ensino da língua ganhou ainda mais impulso com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que estabeleceu, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, a obrigatoriedade do ensino de pelo menos uma

língua estrangeira moderna, ficando a escolha a cargo da comunidade escolar¹ (BRASIL, 1996). Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental esclareciam que as instituições de ensino gozavam de liberdade na escolha da língua estrangeira a ser ensinada, devendo levar em consideração fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais e fatores relativos à tradição (BRASIL, 1998). Tendo em conta tais fatores, muitas comunidades, que receberam entre os séculos XIX e XX grande fluxo de imigrantes provenientes da península itálica, optaram pelo ensino de língua italiana por conta das relações culturais, afetivas e de parentesco com a Itália. Para atender tal demanda, foram implementados projetos para a formação de professores de língua italiana, dentre os quais o Projeto Magister Letras UFSC, desenvolvido pela Secretaria do Estado e do Desporto de Santa Catarina – SED e implementado com a parceria da Universidade Federal de Santa Catarina entre os anos de 1997 e 2001, tendo formado 164 professores. O projeto enviou os professores da UFSC para cidades do interior do Estado de Santa Catarina (Jaraguá do Sul, Rodeio, Criciúma, Ibirama, Rodeio e Araranguá) com os objetivos de (i) complementar a formação em língua estrangeira de alunos já licenciados em Letras (oferecendo, nesse caso, somente habilitação em Espanhol); (ii) oferecer licenciatura plena em língua e literatura estrangeiras (alemão e italiano) a professores da rede sem formação superior (SILVA, 2003).

Infelizmente, o movimento expansionista não durou muito tempo. Ainda muito dependente dos recursos vindos da Itália, o ensino da língua italiana no Brasil começou novamente a modificar-se quando o governo italiano, sentindo os efeitos da crise financeira mundial de 2008, reduziu gradativamente os investimentos para o ensino da língua fora da península. O gráfico a seguir, sobre o número de alunos atendidos em Santa Catarina pelo convênio entre o Centro de Cultura Italiana Paraná-Santa Catarina e as prefeituras do Estado, retrata bem tal situação:

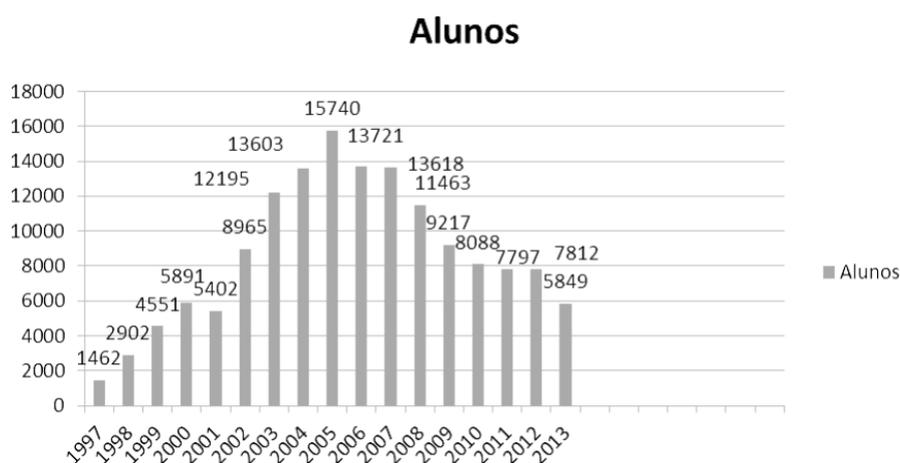


Gráfico: Número de alunos por ano nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Santa Catarina.

Fonte: Fabro (2015)

A situação das línguas não hegemônicas, dentre elas, o italiano, ficou ainda mais delicada a partir das alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, efetivadas com a aprovação da Lei nº 13.415, de 2017, que privilegia o ensino da língua inglesa. Até então, apesar da pressão pelo ensino da língua inglesa por seu papel na economia mundial e na difusão de informações a nível global, as instituições escolares gozavam de relativa liberdade para escolher a(s) língua(s) estrangeira(s) que seriam incluídas no currículo escolar. Infelizmente, a lei de 2017 já não permite tal escolha, estabelecendo o ensino obrigatório de língua inglesa tanto no Ensino Fundamental (a partir do sexto ano) quanto no Ensino Médio, sendo que outras línguas estrangeiras podem ser ofertadas em caráter optativo no Ensino Médio, dando-se preferência ao espanhol (BRASIL, 1996).

3 MAPEAMENTO DA OFERTA DO ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA

¹ Além disso, a LDB de 1996 estabelecia que, além de uma língua estrangeira moderna, uma segunda língua poderia ser ofertada em caráter optativo no Ensino Médio, segundo as possibilidades da instituição (BRASIL, 1996).

Diante do espaço reduzido para o ensino de língua italiana é urgente entender o cenário. Contudo, temos dados insuficientes e esparsos sobre o ensino do italiano no Brasil e em Santa Catarina. Ortale e Zorzan (2013) realizaram mapeamento dos municípios do Brasil onde há oferta de língua italiana em escolas públicas por meio de consulta às universidades brasileiras que oferecem cursos de graduação em língua italiana, aos consulados italianos e às associações ítalo-brasileiras.

Àquela época, em 2013, os autores salientavam as dificuldades para obter informações precisas, já que muitas das instituições locais consultadas não tinham dados muito claros a respeito do ensino de língua italiana em sua região. Ainda assim, segundo os pesquisadores, foi possível constatar que havia aproximadamente 90 municípios que ofereciam a língua na rede pública, mas que tal oferta já se encontrava em declínio. Outra informação relevante é que quase todas as iniciativas para o ensino da língua da península partiam da parceria entre prefeituras e associações culturais italianas, evidenciando o distanciamento das universidades públicas e dos estados brasileiros em relação às políticas educacionais voltadas à língua italiana.

Sobre a situação de Santa Catarina, os autores assinalam que, apesar de menos expressivo do que no Rio Grande do Sul, o movimento migratório de habitantes da península itálica para o estado de Santa Catarina foi intenso nos anos finais do século XIX:

Os trentinos se dirigiram para a região norte do estado, fundando a cidade de Nova Trento e “se espalhando pelas colônias da área conhecida como Pomeranos” (TRENTO, 1989, p.86). Já os lombardos e vênnetos rumaram para o sul do estado povoando as colônias de Azambuja, Urussanga e Tubarão. Segundo o autor, duas colônias se destacam na história da imigração italiana no estado de Santa Catarina por se tornarem as únicas com predomínio da população italiana: Urussanga, que em 1878, contava com 7000 italianos e Nova Venezia, que em 1884, tinha uma população de 2885 italianos (ORTALE; ZORZAN, 2013, p. 126)

Dada a grande quantidade de descendentes dessa população que aportou no Estado e a demanda pelo ensino de língua italiana, o Centro de Cultura Italiana Paraná-Santa Catarina, contando com apoio logístico e financeiro do governo italiano, assinou acordos com algumas prefeituras, visando a garantir o ensino de língua e cultura italiana em escolas municipais localizadas em regiões onde a imigração foi mais significativa: i) no horário escolar – em Arroio Trinta, Laurentino, Morro Grande, Nova Venezia, Salto Veloso e Siderópolis; ii) no contraturno – em Balneário Camboriú, Concórdia, Jaborá, Jaraguá do Sul, Joinville, Mafra e Massaranduba. A maioria dos professores não tinha formação universitária, eram funcionários do próprio município e recebiam do Centro de Cultura Italiana (CCI) a formação para atuar em sala de aula, apoio pedagógico e material didático. Além do convênio CCI-prefeituras, a Secretaria Estadual de Educação assumiu parte da responsabilidade pela oferta de italiano no currículo escolar por meio da contratação de 10 professores efetivos com formação em língua italiana que passaram a lecionar em seis municípios: Arroio Trinta, Ascurra, Iomere, Lindóia do Sul, Nova Trento e Rodeio (ORTALE; ZORZAN, 2013). Freitas, Balthazar e Lunati (2015), acrescentam que, em 2009, esses 10 professores atendiam 1489 alunos e que, em 2012, o número de professores chegou a 13 e 10 escolas passaram a ser atendidas.

Ortale e Zorzan (2013) concluem seu mapeamento, ressaltando sua incompletude e fazendo o convite para que mais pesquisadores engajem-se na tarefa de mapear o ensino de italiano como ponto de partida para repensar a formação docente e a participação da universidade em todo esse processo.

Convite aceito, procuramos por dados mais recentes que pudessem ser comparados aos que já estavam disponíveis, entrando em contato com a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED), com as Gerências Regionais do Estado em Timbó e Brusque, com o Centro de Cultura Italiana Paraná-Santa Catarina (sediado em Curitiba) e com o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

A Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais, órgão da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, forneceu dados atuais sobre o ensino de língua italiana na rede estadual, os quais apresentamos na tabela a seguir²:

² A tabela com maior detalhamento, fornecida pelo órgão da Secretaria, encontra-se no anexo I.

Município	Nome do curso	Alunos matriculados
Lindóia do Sul	Fundamental – anos finais	28
Arroio Trinta	Fundamental – anos finais	61
Arroio Trinta	Médio	10
Arroio Trinta	Médio inovador	37
Iomerê	Médio	24
TOTAL		160

Tabela 1: Oferta de ensino de língua italiana na rede pública estadual de SC

Fonte: Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais – SED-SC (2017)

Comparando-se as informações com os dados de Ortale e Zorzan (2013), constata-se que o italiano é ofertado em apenas metade dos colégios que antes ofereciam a língua: Arroio Trinta, Lindóia do Sul e Iomerê. A redução fica mais evidente quando se contrasta o número de professores efetivos, que de 10 em 2013, passou para 3 em 2017, atendendo a apenas 160 alunos que constam como matriculados. Em conversa telefônica com funcionárias das Gerências Regionais de Brusque e Timbó, foram levantadas algumas das possíveis causas para tal diminuição de oferta: a falta de professores (já que muitos se aposentaram e não ocorreram novas contratações) e a falta de demanda pela língua (já que poucos alunos se inscreviam na disciplina, preferindo o inglês).

O segundo passo para tentar entender a situação do ensino de italiano em âmbito público foi buscar informações junto ao Centro de Cultura Italiana Paraná-Santa Catarina (sediado em Curitiba). Apesar do número de municípios atendidos ter decaído nos últimos anos, a partir de informações repassadas por e-mail, confirmou-se que o convênio do CCI com as prefeituras do estado garante a oferta de língua italiana para 17 municípios: Arroio Trinta, Concórdia, Cocal do Sul, Jaraguá do Sul, Joinville, Lacerdópolis, Laurentino, Macieira, Mafra, Massaranduba, Morro Grande, Nova Veneza, Rodeio, Salto Veloso, Siderópolis, Treviso e Urussanga. Maior detalhamento sobre esta situação é fornecido a seguir:

 Centro di Cultura Italiana	CURRICOLARI				EXTRACURRICOLARE			di cui Tot. Corsi A	di cui Tot. Corsi B	Tot. corsi Formazione	TOTALE dell'Ente
	INFANZIA	PRIMARIA	SECONDARIA	Totale	PRIMARIA	SECONDARIA	Totale				
CORSI	25	173	69	267	3	12	15	8	274	3	285
ALUNNI	404	3.103	1.289	4.796	74	142	216	102	4.910	11	5.023
DOCENTI (2)	3	14	9	26	2	3	5	1	20	3	34

Figura 1: números sobre o convênio CCI e prefeituras de Santa Catarina

Fonte: Centro de Cultura Italiana Paraná-Santa Catarina (2017)

Segundo os dados, a oferta através do convênio é muito maior do que a garantida pela rede estadual de ensino. São atendidos 5.023 alunos em todo o ensino básico, a maior parte deles (4.796) no horário escolar, contando com a participação de 34 professores nesse processo. A partir da figura, não é possível entender como se dá essa distribuição por município, mas percebe-se que a maior parte da oferta se concentra no Ensino Fundamental.

No Colégio de Aplicação da UFSC, importante espaço para a realização dos estágios supervisionados dos alunos dos cursos de licenciaturas da universidade, assim como em toda a região da grande Florianópolis, não há professor de língua italiana contratado. Segundo a professora Maristela Campos, Coordenadora de Línguas Estrangeiras do Colégio de Aplicação (contatada via e-mail), a língua italiana já foi ofertada aos estudantes dos anos iniciais, através de projeto envolvendo estudantes em estágio supervisionado

do Curso de Licenciatura em Letras-Italiano, mas a oferta foi interrompida. A Coordenadora não soube relatar os motivos que levaram à extinção da oferta, mas mostrou-se aberta para novas iniciativas, afirmando ser possível implementar novamente o ensino da língua através de projeto de extensão, principalmente nos anos iniciais. Nas demais séries, a língua poderia ser ofertada no contraturno, sendo necessária uma consulta à comunidade escolar para saber do interesse/demanda.

Diante do levantamento realizado, seria relevante entender os motivos (além dos financeiros e dos relacionados às alterações na LDB) para a diminuição tão acentuada da oferta e da procura pelo idioma. Em trabalho recente, Baraldi, Hass e Ortale (2016) evidenciam a diminuição da oferta de língua italiana nos Centros de Estudos de Línguas (CEL) do Estado de São Paulo, projeto pioneiro que visa a oferta de várias línguas para alunos da rede pública estadual. Segundo as autoras, o ensino de italiano está presente em 15% dos CEL, mas essa oferta já foi maior e poderia/deveria ser ampliada, já que o Estado de São Paulo foi o que recebeu o maior número de imigrantes vindos da península. Dentre os fatores para a queda da oferta foram listados: o reduzido número de alunos por sala, a falta de professores, a pouca divulgação, a falta de incentivo dos pais e a falta de interesse dos alunos. Sobre a falta de professores, as autoras argumentam que é urgente que o grande fosso que há entre os cursos de graduação em Letras-Italiano e as escolas municipais e estaduais seja superado através de projetos de extensão que atendam a comunidade escolar.

Um dos fatores que nos chama a atenção, dentre aqueles listados, é a falta de interesse dos alunos, o que também nos foi relatado pela Gerência Regional de Brusque-SC. Será que de fato há um distanciamento dos estudantes em relação ao ensino de italiano? Se isso ocorre, qual seria a motivação? Estaria ela relacionada às condições em que se dá o ensino-aprendizagem? Estaria relacionada ao método adotado pelos professores? Ou será que os alunos, mesmo em comunidades que receberam grande volume de imigrantes, já não se sentem mais identificados com a língua e a cultura de origem? E se esta última hipótese fosse verdadeira, o que estaria por trás da falta de identificação? Seria a distância entre o italiano *standard* e os dialetos que circulam nas comunidades? Seria a identificação com outros grupos ou comunidades para além das fronteiras locais? Seria a falta de informação sobre as possibilidades que se abrem com o aprendizado da língua?

Enfim, realmente são muitas as questões que emergem e que permanecem sem resposta e, na próxima seção, tentamos apontar possíveis caminhos para entender e lidar com a situação através do olhar das teorias linguísticas para as demandas contemporâneas e também das novas abordagens para o ensino de línguas estrangeiras.

4 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA A PARTIR DAS DEMANDAS CONTEMPORÂNEAS: NOVAS AGENDAS PARA AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS E PARA O ENSINO DE LE

Os processos de ensino/aprendizagem de línguas, maternas ou estrangeiras, envolvem aspectos que não podem ser contemplados por nenhuma teoria linguística por si só, sendo assim necessária uma abordagem transdisciplinar, na qual o foco recai sobre o problema enfrentado, partindo-se das demandas sociais. Esse olhar é coerente com as teorias pós-modernas críticas (PENNYCOOK, 2006), pós-coloniais (MAKONI; MEINHOF, 2006) e pós-método (KUMARAVADIVELU, 2003), por exemplo, as quais centralizam o aspecto ideológico da linguagem.

Em contraste com as pressuposições tradicionais em estudos da linguagem – segundo as quais as ideologias são apartadas da matéria de estudo e as identidades são vistas como estáticas, unitárias e dadas –, entendemos que a construção das identidades se dá de forma contínua, múltipla, conflitante e negociada com e pela linguagem, associando-se a muitos outros sistemas simbólicos. Em uma perspectiva integracionista, recusam-se as dicotomias linguístico e não linguístico, conteúdo e língua, língua e ação, aprendizagem e vida. (MAKONI, 2011), por uma visão mais holística de língua e do papel dos sujeitos nas práticas históricas, culturais e sociais nas quais se inserem. A partir desse olhar sobre a linguagem, questões centrais podem ser lançadas sobre o ensino de língua italiana e das línguas estrangeiras em geral: por que ensinar uma determinada LE? Qual língua ensinar? Qual o papel do professor de LE? Qual a relação dos sujeitos com as línguas e as culturas com as quais entram em contato?

Partindo de um olhar crítico e situado para as práticas linguísticas – o qual considera as línguas como invenções políticas pautadas em relações de poder contextualizadas e que envolvem também interesses econômicos (MAKONI; MEINHOF; 2006;

PENNYCOOK, 2006; RAJAGOPALAN, 2013; SEVERO; MAKONI, 2015) –, entende-se que as ações voltadas à preservação e ao resgate de línguas em contexto de imigração, assim como o ensino em contextos plurilíngues, devem estar pautadas nos interesses dos sujeitos e das comunidades em questão e em sua relação com as línguas que usam, sua cultura e seu contexto histórico.

Nesse contexto, mencionamos que a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, através da Lei nº 14.951, de 11 de novembro de 2009, decretou o Talian (dialeto italiano de origem veneta) como patrimônio histórico e cultural do estado, sendo que no município de Nova Erechim (atendendo a pedido de lideranças comunitárias) o dialeto/língua já foi cooficializado na forma da Lei Municipal nº 1783 de 11/08/2015. Além dessa, há algumas outras iniciativas para a cooficialização no estado, por exemplo, no município de Nova Veneza, mas tais movimentos ainda não produziram ações efetivas, já que em Nova Erechim, nem o Italiano e nem o Talian são ofertados nas instituições de ensino do município (MORELLO, 2015).

Nesse sentido, compartilhamos com Azevedo (2015) a ideia de que a cooficialização de línguas de origem em contextos de imigração não garante a permanência e o ensino dessas línguas nas comunidades. A autora compara as políticas linguísticas implementadas em relação às línguas trazidas por imigrantes germânicos em Antônio Carlos-SC e em Santa Maria do Herval-RS, evidenciando que a cooficialização não garante a permanência das línguas.

Em Antônio Carlos, optou-se por cooficializar o Hunsrückisch, mas não houve nenhum tipo de política para garantir a viabilização do ensino e o uso da língua entre os jovens e as futuras gerações³. Já em Santa Maria do Herval, decidiu-se não cooficializar o Hunsrik, o que traria gastos para o município por conta da exigência legal de, a partir da cooficialização, disponibilizar em todas as esferas administrativas do município pessoas que falam a língua cooficializada. Ao invés disso, o município optou em investir no projeto Hunsrik/Plat Taytx que visa a promover o ensino de Hunsrik nas escolas municipais.

Entendemos que as línguas vivem na medida em que há o interesse dos sujeitos em usá-las em suas práticas cotidianas e as políticas públicas relacionadas às línguas nesses contextos deveriam estar pautadas nesses interesses, principalmente nos interesses dos jovens/adolescentes que seriam os responsáveis por garantir a permanência das línguas nas comunidades na atual e futura geração. Sendo assim, faz-se necessário perguntar: os adolescentes em contextos de imigração italiana querem aprender italiano (ou seu dialeto de origem)? Quais seriam as razões para sua aproximação ou distanciamento da língua? Estas são questões relevantes para a implementação de políticas linguísticas que levam em consideração os sujeitos e suas demandas atuais.

Tais questionamentos apontam para a importância de também se discutir sobre qual língua de fato vive em contextos de imigração e qual a relação daquela língua com a língua estrangeira moderna que supostamente corresponderia a certa comunidade. Makoni e Meinhof (2006), interessados no contexto africano pós-colonial, desconstruem o conceito de língua tal como tomado por governos e linguistas, mostrando que tal conceito muitas vezes não se relaciona com as efetivas práticas linguísticas dos sujeitos. Por exemplo, muitas das práticas de oralidade encaradas por teóricos como representações do multilinguismo africano não são reconhecidas por seus falantes como línguas diferentes. Tendo em vista tal problemática, é necessário construir teorias locais que, partindo da prática, possam ir ao encontro da vida das pessoas em suas comunidades, ou seja, a teoria deveria ser moldada a partir da prática social.

É nesse sentido que entendemos ser necessário pensar o ensino de língua italiana nas comunidades em contexto de imigração. Para começar, é importante considerar o contexto histórico e social que promoveu a chegada dos imigrantes nas comunidades nas quais se instalaram em Santa Catarina e qual, ou quais, eram as línguas que traziam.

Apesar do processo de unificação da Itália ter culminado em 1861, o uso dos diversos dialetos⁴ – imperou até meados do século XX quando, no período pós-guerra, as políticas educacionais italianas estabeleceram restrições mais rígidas à presença dos dialetos em salas de aula, vistos como obstáculos ao aprendizado do italiano *standart* (FREITAS; BALTHAZAR; LUNATI., 2015). Sendo assim,

³ A cooficialização em Antônio Carlos partiu da iniciativa do vereador Altamiro Kretzer, sem levar em conta uma análise cuidadosa da realidade linguística do município.

⁴ A questão dos dialetos na Itália é bastante particular. Não se trata de variedades de uma mesma língua, mas podemos dizer que há várias línguas que podem ser bastantes distintas em termos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais, impossibilitando, até mesmo, a comunicação entre falantes de dialetos/línguas distintos/as.

é bastante evidente que o que os imigrantes da península trouxeram ao Brasil nos períodos de maior fluxo migratório, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, não foi uma língua, mas várias línguas.

Em Nova Trento, por exemplo, município catarinense que recebeu grande fluxo migratório da península itálica no final do século XIX e início do século XX, as cerca de 11 mil pessoas que se estabeleceram na colônia, a partir de 1875, vinham de regiões distintas do norte da Itália, da Valsugana, no Alto Vale do Brenta, no Trentino e de Monza. Esses imigrantes trouxeram consigo línguas distintas e defrontaram-se com as outras línguas já existentes no contexto brasileiro: no convívio com os falantes de português, com os falantes de origem germânica que chegaram no mesmo período e com os povos indígenas que já habitavam a região (NOVA TRENTO, 2014).

Freitas, Balthazar e Lunati (2015) assinalam que, embora o governo italiano tenha tomado medidas para ensinar o italiano padrão aos cidadãos fora da pátria, o acesso ao italiano *standart* no Brasil era limitado pela falta de professores que usassem a língua, pelas precárias condições das escolas e pela falta de identificação dos italianos com a instituição “escola”. Em contrapartida, os dialetos de origem floresciam nos contextos sociocomunicativos cotidianos e passaram a ser usados até mesmo nas celebrações litúrgicas, além do latim. Os problemas se intensificaram a partir da década de 1930, quando a política nacionalista brasileira passou a exigir que a língua portuguesa ocupasse os espaços oficiais e em 1942 proibiu-se o uso das línguas que circulavam ou se relacionavam com os países inimigos, como já apontamos na seção 2.

Segundo as autoras, a postura de vergonha em relação à língua de origem só mudou em meados da década de 1970, quando se deu início ao movimento de revalorização da cultura italiana e o governo italiano passou a investir no ensino da língua para os descendentes de imigrantes. Contudo, as pesquisadoras alertam que os manuais e demais materiais didáticos produzidos na Itália, em italiano *standart*, desconsideravam os dialetos e as tradições locais, afastando os descendentes do aprendizado e da identificação com a língua italiana. As autoras concluem seu texto, sugerindo que no ensino da língua italiana sejam levados em conta os aspectos sociolinguísticos locais e a realidade dialetal da região como ponte de acesso para a aquisição do italiano *standart* e que a formação do professor o prepare para lidar com a diversidade linguística.

Levando em conta o quadro acima exposto, resta-nos saber que conhecimentos sociolinguísticos seriam esses. De qual sociolinguística, afinal, estamos falando e qual seria sua agenda? Podemos adiantar que entendemos relevante o olhar de uma abordagem sociolinguística renovada e conectada com as demandas contemporâneas.

Se na sociologia da modernidade a sociedade era vista como totalidade unificada e integrada da qual o sujeito fazia parte e a partir da qual conduzia suas ações, na pós-modernidade há a compreensão de que nossos agrupamentos sociais são baseados em opções mutáveis e que temos um papel maior nessas configurações, decidindo o que é melhor para nós mesmos (BAUMAN, 2003). Nessa mesma direção, Hall (2005) também aposta na condição dos sujeitos como agentes na configuração de sua própria realidade, capazes de fazer escolhas diante de uma série estilos e produtos culturais aos quais são expostos. O autor argumenta que temos vivido mudanças sociais intensas desde o final do século XX, o que gera uma fragmentação das “[...] paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais [...]” (HALL, 2005, p. 9), provocando uma espécie de crise de identidade com implicações tanto para a constituição de uma identidade individual, quanto para a relação entre o indivíduo e o mundo social.

As identidades, antes entendidas como estáveis, mostram-se múltiplas e os processos de identificação (que levam em conta a relação dos indivíduos, comunidades e culturas) apresentam-se em mudança contínua, provisórios e variáveis nas palavras do autor. O que a modernidade tardia nos apresenta é:

[...] o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] na medida em que os sistemas de significação e

representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p. 12-13).

Para Hall (2005), a globalização e os fluxos culturais em um mundo de fronteiras dissolvidas têm três possíveis resultados: i) a homogeneização das culturas locais, devido à difusão da cultura de massa; ii) o reforço das identidades locais como sinal de resistência à globalização⁵; iii) a hibridização das identidades locais, a partir das influências externas, dando origem a novas identidades. Considerando tais resultados é pertinente nos questionarmos sobre como as comunidades em contextos de imigração italiana em Santa Catarina, principalmente os jovens – os quais estão mais expostos e conectados com o fluxo informacional e com as tecnologias da comunicação –, posicionam-se diante da dissolução das fronteiras físicas e virtuais. Estariam eles submetidos a uma cultura de massa, reforçando suas identidades locais, ou construindo identidades híbridas a partir dos mais variados contatos?

As mudanças sociais características da pós-modernidade, afetam o fazer científico e percebe-se nas últimas três décadas uma acentuada mudança nos interesses da sociolinguística que se aproxima cada vez mais de uma antropologia linguística, apostando que aspectos culturais podem ter muito a dizer para as investigações linguísticas (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 2008). A partir do entendimento de que identidades são mutáveis e plurais e “[...] a língua está sujeita a variações e mudanças, justamente porque linguagem e identidade estão mutuamente implicadas [...]” (SEVERO, 2007, p. 14), a sociolinguística precisa levar em conta que as categorias sociais são construções históricas, políticas e localmente motivadas, através das quais os indivíduos constituem suas identidades.

Se na década de 1960 a sociedade moderna com a qual lida Labov em seus estudos fundantes da área era hierarquicamente mais estruturada, através de divisões claras de classe social, região, gênero, raça, etc., a sociedade da modernidade tardia (ou pós-modernidade) caracteriza-se por sua complexidade, fragmentação, contradição e grande mobilidade geográfica, social e virtual, o que requer teoria e métodos de pesquisa renovados. Não basta mais acionarmos a variação nos planos diatópico, diamésico, diastrático e diafásico, buscando enquadrar os sujeitos ou classificá-los. Ao invés disso, é mais produtivo tentar entender como os sujeitos se percebem em relação às diversas comunidades com as quais se relacionam e como tal percepção contribui para a constituição das suas múltiplas identidades. Dentro de certos limites, já que as pressões sociais estão sempre em jogo, os sujeitos podem fazer escolhas sobre seu consumo e assumir certos atributos sociais de diferentes classes e, nesse sentido, a noção de estilo – que pode abarcar vários recursos simbólicos, incluindo a linguagem – torna-se o centro dos estudos sociolinguísticos na pós-modernidade (COUPLAND, 2007).

Nos estudos sociolinguísticos iniciais de Labov e nas pesquisas que seguiram a mesma abordagem, chamada por Eckert (2012) de *The survey era*⁶, o foco estava no estabelecimento e descrição de padrões de uso de comunidades urbanas em termos quantitativos, considerando categorias sociodemográficas amplas, como sexo, idade e classe social. Nessa fase, entendia-se que a diversidade estilística poderia ser disposta em um eixo de grau de atenção à fala e o significado social era considerado apenas em termos de prestígio e estigma.

Em outros estudos com uma *abordagem etnográfica*, o olhar é deslocado para o significado social dos usos linguísticos em comunidades menores, isto é, os conflitos sociais nas comunidades são tomados como motivadores do uso de formas linguísticas que refletem o modo de identificação dos falantes com suas comunidades. Emerge nessa abordagem o conceito de comunidade de prática, um agregado de pessoas que, reunidos com objetivos comuns ou em torno de um empreendimento comum, passam a compartilhar as formas de fazer as coisas, de falar, suas crenças e valores (RICKFORD, 1986; ECKERT, 1989).

⁵ Para Hall (2005), situações extremas de racismo cultural, em que grupos étnicos dominantes sentem-se ameaçados com a entrada de novos grupos, são exemplos dos contextos em que pode emergir o fortalecimento de identidades locais ou a re-identificação com as culturas de origem.

⁶ Eckert (2012), evitando compartimentalizações, apresenta três tendências distintas para os estudos da variação que denomina de ondas e que não devem ser entendidas como momentos sucessivos, mas como fases que podem conviver e sobrepor-se: *the survey era*, *a abordagem etnográfica* e *a perspectiva estilística*.

Atualmente, na chamada perspectiva estilística, ganha força “[...] uma visão da variação como reflexo das identidades e categorias sociais para a prática linguística em que falantes se colocam na paisagem social através da prática estilística.”⁷ (ECKERT, 2012, p. 94). Nessa perspectiva os falantes recebem o papel de protagonistas na construção de seus discursos e na escolha das formas linguísticas, ganhando relevo: i) os modos de caracterização particulares que contribuem para a construção da *persona*, ou seja, o olhar sobre o indivíduo como agente e construtor de seus vários estilos e identidades acionados a depender da situação comunicativa e de seu papel social nela; ii) a preocupação com a busca dos significados sociais que motivam os usos particulares (SOUKUP, 2011).

Nessa abordagem mais recente, estilo na linguagem é assumido como uma das partes de um conjunto maior que envolve outros sistemas simbólicos, como a gestualidade, os diversos modos de se vestir ou de comportar-se, etc. Nesse sentido, é crucial a noção de distintividade, ou seja, o modo pelo qual os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades (IRVINE, 2001).

Essa nova agenda da sociolinguística nos oferece abertura para lançar questões relevantes relacionadas ao uso e ao ensino da língua italiana em Santa Catarina: como os descendentes de imigrantes italianos relacionam-se com a cultura e com a língua trazidas pelos seus antepassados? Sua identificação ou afastamento se refletem em suas escolhas linguísticas? Há ainda traços que marcam uma certa origem italiana na fala dos jovens que vivem em comunidades em contexto de imigração? Quais os reflexos que isso teria para o ensino de língua italiana?

A título de exemplo, o sentimento de italianidade parece estar presente no discurso dos moradores do município de Nova Trento-SC⁸ e nos últimos anos têm sido cada vez mais comuns manifestações de orgulho da identidade local e das tradições de herança. Contudo – transpondo para a realidade de Nova Trento as observações feitas por Leal (2007) em relação ao resgate da identidade florianopolitana –, questiona-se se seria esse um sentimento que emerge da própria comunidade ou se se trata de atitude muito mais política e institucionalizada, ligada a organizações de difusão cultural e à mídia e que se relaciona diretamente com os novos interesses turísticos da cidade de Madre Paulina.

Tal questionamento parece fazer ainda mais sentido diante do estranho fato de que, em contraste com o suposto movimento de resgate cultural, o ensino de língua italiana, que antes era garantido pelo estado no Colégio Francisco Mazzola, deixou de ser ofertado⁹. O que está por trás da ausência da oferta? Os jovens descendentes de imigrantes já não se identificam com a língua de seus antepassados? Os jovens não conseguem estabelecer uma ponte entre dialetos e o italiano *standard* que é ensinado? Ou os jovens identificam-se com uma cultura de massa e com outros grupos para além das fronteiras da cidade?

Ainda sobre a nova agenda de estudos da sociolinguística, Rampton (2006) ressalta que as mudanças de interesse da sociolinguística fazem parte de um movimento mais geral das ciências sociais – que deixam de tentar identificar os traços centrais de grupos ou instituições e passam a colocar foco no fluxo de pessoas, no conhecimento, nos textos, etc. – e questiona que implicações as mudanças relacionadas à sociologia e à sociolinguística têm para um novo papel da Linguística Aplicada (LA) no campo de ensino de línguas estrangeiras:

O que acontece [...] quando as humanidades e as ciências sociais passam a focalizar novos tópicos e há um crescimento de interesse em fluxos culturais, em fronteiras e margens em vez de centros, e em incertezas e ambivalências? [...] O que acontece se o antiessencialismo penetra as discussões, e começamos a nos perguntar se os sentimentos de pertencimento a grupos não são socialmente construídos no aqui e no agora? (RAMPTON, 2006, p. 120).

⁷ “[...] a view of variation as a reflection of social identities and categories to the linguistic practice in which speakers place themselves in the social landscape through stylistic practice.”

⁸ Em setembro de 2017, em visita à cidade, coletamos opiniões informais de moradores do município a respeito do tema.

⁹ Em contato telefônico com a Gerência Regional de Brusque-SC, foi possível descobrir que o Colégio não conta mais com o ensino de italiano desde 2012, mas os motivos não ficaram claros, parecendo estar relacionados à aposentadoria do(a) docente e ao fraco interesse pela língua.

O autor considera que a LA e as pesquisas sobre o ensino de línguas estrangeiras precisaram redirecionar o foco, colocando aspectos históricos, culturais, identitários e ideológicos ainda mais no centro das discussões. É nessa direção que se orientam os estudos interculturais, visando uma postura reflexiva do aluno de línguas estrangeiras, na medida em que avaliam suas crenças pessoais e valorizam a pluralidade linguística e cultural que o cerca e o modo como o aprendizado da LE pode influenciar suas perspectivas de mundo e ressignificar suas ações no contexto onde vive. É nesse sentido que Landulfo (2016) defende que o ensino de línguas estrangeiras, muito mais do que um conjunto de técnicas e a aplicação de um material didático, envolve complexos mecanismos: cognitivos, afetivos, sociais, culturais e, principalmente, políticos e ideológicos.

Nessa perspectiva, a indissociabilidade entre língua e cultura é levada às últimas consequências na medida em que se entende que “[...] essa língua não é uma abstração teórica e que não possui existência fora do contexto social de uso pelos seus falantes” (MENDES, 2008, p. 72). Além disso, também se entende que os materiais didáticos em língua estrangeira levem em consideração os aspectos culturais. A título de exemplificação, Landulfo (2016) menciona os materiais voltados ao ensino de língua italiana que não fazem a menor menção ao italiano suíço e nem ao menos às variações linguísticas em diversos níveis presentes no idioma. Segundo a autora, a meta para o ensino de línguas estrangeiras não deveria ser a fala do falante nativo, mas a transformação dos alunos em falantes interculturais.

Nesse sentido, o objetivo central do ensino de língua italiana não deveria ser o de levar o estudante a alcançar a mais pura essência do italiano *standart*, mas fornecer elementos para a apropriação intercultural dessa língua moderna que, sem desconsiderar as particularidades locais, lhe permita fazer deslizamentos contínuos e estabelecer as pontes necessárias entre sua herança dialetal, a língua oficial da península itálica e o português brasileiro.

Já percebemos nesse ponto que os interesses atuais das novas abordagens da sociolinguística, voltados à construção de identidades e para as práticas estilísticas, e da abordagem intercultural, direcionados para a simbiose língua-cultura, têm fortes pontos de articulação, já que, conforme Kurumavadi (2008), sendo a língua um dos mais poderosos símbolos de identidade, o modo como os sujeitos vinculam-se às línguas pode garantir ou impedir o aprendizado.

As considerações feitas nesta seção não visam responder sobre as demandas específicas da comunidade de Nova Trento-SC ou das demais comunidades de imigração italiana em relação ao ensino da língua italiana. Tal tarefa demandaria extensa pesquisa de campo, visando entender aspectos identitários locais e a relação entre sujeitos e língua diante da globalização e das demandas sociais contemporâneas. O que pretendemos com nossa problematização foi salientar a complexidade dos aspectos envolvidos para compreendermos os processos de identificação dos sujeitos com suas línguas de origem e apontar possíveis fatores que podem estar relacionados à diminuição do ensino de italiano nas escolas públicas de Santa Catarina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro da oferta do ensino de italiano em Santa Catarina e tendo por base (i) uma perspectiva integracionista sobre a linguagem, (ii) um olhar crítico sobre as políticas linguísticas em contextos de imigração e (iii) uma abordagem sociolinguística preocupada com as demandas contemporâneas e alinhada com as agendas atuais para o ensino de línguas estrangeiras, acreditamos que, para pensar no ensino da língua e em políticas linguísticas para a ampliação da oferta na rede pública, seja necessário uma visão abrangente de aspectos históricos, sociais e individuais envolvidos na questão.

Por um lado, a partir de um olhar mais macro, é relevante ampliar nosso conhecimento sobre a situação do ensino de língua italiana, contando com o auxílio de dados quantitativos para a construção de um panorama mais geral. Buscamos contribuir nesse sentido através de um mapeamento atualizado da oferta da língua italiana na rede pública (municipal e estadual) no estado de Santa Catarina. Contudo, apontamos a necessidade de mapeamento mais aprofundado sobre a oferta do ensino nas escolas da rede estadual e municipal e nas comunidades em contexto de imigração, buscando mais detalhes sobre as lacunas existentes no estado de Santa Catarina e sobre: o funcionamento de parcerias e convênios para o ensino da língua no Estado; os projetos já executados, em andamento e futuros; os municípios e unidades de ensino que são atendidos, o número de alunos atendidos e sua distribuição

nos anos de ensino; o número de professores, seu vínculo contratual e sua formação; os espaços onde as aulas são ministradas; os métodos utilizados e os materiais didáticos disponíveis para o ensino, dentre outras informações.

Por outro lado, também julgamos necessário um olhar mais micro, buscando obter informações aprofundadas sobre a relação sujeitos-língua/cultura e seu reflexo para o ensino de língua italiana. Acreditamos que a realização de pesquisas de base etnográfica e estilística em comunidades de prática de jovens em contexto de imigração italiana possam nos fornecer informações qualitativas e específicas sobre (i) seus movimentos de aproximação e distanciamento em relação à sua língua/cultura de herança e em relação à língua/cultura italiana; e sobre (ii) a presença ou ausência em sua fala de traços linguísticos relacionados a uma certa “italianidade”.

Através desse olhar em profundidade, seria possível encontrar respostas a questões que a pesquisa mais ampla não nos permite investigar: Esses adolescentes são expostos à língua em contexto familiar? O que eles pensam sobre a língua falada pelos pais e avós? Fazem uso dessa língua? Em quais contextos? Há presença de marcas linguísticas que possam remeter a uma certa identidade italiana em sua fala?

De fato, apresentamos mais questões do que respostas, mas acreditamos que a tentativa de responder a essas perguntas em pesquisas empíricas futuras pode ser bastante relevante para planejar ações que visem garantir a oferta da língua em municípios catarinenses, caso essa seja uma demanda local. Além de implementar pesquisas mais detalhadas sobre a realidade do ensino de italiano na rede pública de Santa Catarina, também consideramos que, para lidar com a diminuição da oferta do ensino no estado e com as limitações impostas pela Lei nº 13.415, de 2017, a ampliação do diálogo interinstitucional é urgente. Desse modo, tendo em mão informações sobre a realidade catarinense, é fundamental que Centros de Cultura, prefeituras, estado e universidade, possam interagir e construir ações conjuntas e efetivas, através de projetos de extensão, oficinas e parcerias, para garantir a oferta da língua nos municípios nos quais esse é um desejo da população e da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, L. K. A. de. Entre Babel e Babilônia: formas de discursivização e políticas linguísticas. *Revista Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 2, 2015, p. 162-184, 2015.
- BARALDI, L. D.; HASS, J.; ORTALE, F. Do projeto “Italianando a San Paolo” ao mapeamento do Curso de Italiano nos Centros de Estudos de Línguas (CEL) do Estado de São Paulo: problemas, desdobramentos e propostas de ação. *Revista de Italianística XXXII*, São Paulo, p. 17-36, 2016.
- BAUMAN, Z. *Intimations of postmodernity*. Londres: Routledge, 2003.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 14 nov. 2017.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 14 nov. 2017.
- COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DIAS, A. M. I. Discutindo caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, Cristalina*, v. 1, n. 1, p. 37-52, ago. 2009.

ECKERT, P. *Jocks and burnouts: social categories and identity in the high school*. New York: Teachers College Press, 1989.

_____. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, jun. 2012.

_____. The meaning of style. In: CHIANG, W. F.; CHUN, E.; MAHALINGAPPA, L. & MEHUS, S. (Ed.). *Proceedings of the Eleventh Annual Symposium about Language and Society - Texas Linguistic Forum*, v. 47, p. 41-53, 2004. Disponível em: <http://salsa.ling.utexas.edu/proceedings/2003/eckert.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

FABRO, M. F. *Trajetórias de uma língua (mal) dita: supressão, legalidade e emergência do ensino da língua italiana nas escolas públicas de Santa Catarina*. 2015. 532 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FREITAS, P. G. de; BALTHAZAR, L. L.; LUNATI, M. Dialetos e língua padrão: a educação linguística dos italianos em pátria e em contextos de imigração (1861-2015). *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 755-770, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n3p755/30158>. Acesso em: 18 out. 2016.

GAIO, M. L. M. Manutenção e perda das línguas e culturas italianas de Imigração no eixo Rio de Janeiro- Juiz de Fora . De volta ao futuro da língua portuguesa. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA , 5., 2017, Santarém. *Atas...Simpósio 47 - Português do Brasil: História, contatos e variedades*. Santarém, 2017, p. 1027-1040.

GUMPERZ, J. J.; COOK-GUMPERZ, J. Studying language, culture, and society: Sociolinguistics or linguistic anthropology? *Journal of Sociolinguistics*. v. 12, n. 4, p. 532-545, 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IRVINE, J. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P. ; RICKFORD, J. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001. p. 21-43.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003.

_____. Cultural pluralismo and its deceptions. In: _____. *Cultural globalization and language education*. New Haven: Yale University, p. 95-116, 2008.

LANDULFO, C. Língua, material didático e formação de professores: questões refletidas para um ensino e aprendizagem de línguas mais consciente. In: MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). *Língua, cultura e ensino: diálogos interdisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 63-78.

LEAL, J. *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas, APLIESP*, n. 4, p. 13-24, 1999.

MAKONI, S. B. Sociolinguistics, colonial and postcolonial: an integrationist perspective. *Language Sciences*, v. 33, n. 4, p. 680-688, 2011.

- MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P. da Paulo da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 191-213.
- MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, E.; CASTRO, M. L. S. (Org.). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas: Pontes, 2008. p. 55-77.
- MORELLO, R. *Talian: protagonismo na luta pelo reconhecimento cultural e fortalecimento pela lei de cooficialização*. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, 2015. Disponível em: <http://e-ipol.org/talian-protagonismo-na-luta-pelo-reconhecimento-cultural-e-fortalecimento-pela-lei-de-cooficializacao/>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- NOVA TRENTO. *Histórico*. Disponível em: <https://www.novarento.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37323>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- ORTALE, F.; ZORZAN, F. J. de A. Mapeamento dos municípios com ensino de italiano em escolas públicas. *Revista de Italianística XXVI*, São Paulo, p. 121-144, 2013.
- PAYER, M. A interdição da língua dos imigrantes (italianos) no Brasil: condições, modos, consequências. In: ORLANDI, Eni (Org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes/Unemat, 2001. p. 235-255.
- PENNYCOOK, A. D. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.
- RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata, afinal. In: NICOLAIDES, C. et al. (Org.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013. p. 19-42.
- RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 110-128.
- RICKFORD, J. Concord and contrast in the characterization of the speech community. *Sheffield Working Papers in Language and Linguistics*. n. 3, 87-119, 1986.
- SANTA CATARINA. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica*. Florianópolis: SED, 2014.
- SCHNEIDER, R. P. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770 - 1889)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EST edições, 1993.
- SEVERO, C. G. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. *Revista Letra Magna*, ano 4, n. 7, p. 1-15 2007.
- SEVERO, C. G.; MAKONI, S. B. *Políticas linguísticas Brasil-África: por uma perspectiva crítica*. Florianópolis: Insular, 2015.

SILVA, G. F. S. da. *Disponibilização de material teórico e didático para professores de língua estrangeira da rede pública de ensino de Santa Catarina: proposta de um espaço virtual na internet*. 2003. 123 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SOUKUP, B. Speaker design in the context of southern american english: process models and empirical evidence. *Brno Studies in English*, v. 37, n. 1, p. 125-138, 2011.

TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

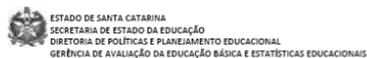
VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria–RS*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2006.



Recebido em 28/12/2017. Aceito em 23/05/2018.

ANEXO A: DADOS DE MATRÍCULAS NO ANO DE 2017 NA DISCIPLINA DE LÍNGUA ITALIANA OFERECIDA PELA REDE ESTADUAL,



Dados de matrículas 2017 na disciplina de Língua Estrangeira Italiano - Rede Estadual

Regional	Município	Cód SISGESC	Nome da UE	Nome do curso	Número de matrículas na disciplina de Língua Estrangeira - Italiano						TOTAL	
					6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano	1ª Série	2ª Série		3ª Série
SEARA	LINDÓIA DO SUL	48640	EEB PE IZIDORO BENJAMIM MORO	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	13		15					28
VIDEIRA	ARROIO TRINTA	73210	EEB GOV BORNHAUSEN	ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS	14	12	16	19				61
VIDEIRA	ARROIO TRINTA	73210	EEB GOV BORNHAUSEN	ENSINO MÉDIO							10	10
VIDEIRA	ARROIO TRINTA	73210	EEB GOV BORNHAUSEN	ENSINO MÉDIO INOVADOR					12	20	5	37
VIDEIRA	IOMERÊ	73180	EEB FREI EVARISTO	ENSINO MÉDIO					12	4	8	24
Total Geral					27	12	31	19	24	24	23	160

Fonte: SED-SC/SISGESC-20/11/2017

Nota: Foram consideradas matrículas na disciplina curricular 322 - Língua Estrangeira - Italiano.

Os professores lecionando a disciplina de Língua Estrangeira Italiano curricular são efetivos no Estado de Santa Catarina.

Total de professores: 3

Fonte: SED-SC 27/10/2017

Nota: Por ser um Sistema dinâmico considerar a data da fonte.

A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E ATIVIDADES DIDÁTICAS DE LEITURA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA

LA INTRÍNSECA RELACIÓN ENTRE CONCEPCIONES DE LENGUA Y ACTIVIDADES
DIDÁCTICAS DE LECTURA: CONTRIBUCIONES PARA LA FORMACIÓN DEL PROFESOR DE
LENGUA MATERNA

THE INTRINSIC RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE CONCEPTIONS AND DIDACTIC
READING ACTIVITIES: CONTRIBUTIONS TO THE MOTHER TONGUE TEACHER TRAINING

Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho*

Instituto Federal de São Paulo

Alessandra Aparecida de Castro Claro*

Rede Estadual de Ensino de São Paulo

RESUMO: Dada a relação intrínseca entre concepções de língua e trabalho com a leitura em língua materna, discutimos, como objetivo amplo, as principais concepções de *língua* e como elas afetam as atividades de *leitura*. Especificamente, analisamos, sob o viés da Linguística Aplicada, exercícios baseados em livros didáticos, para fornecer subsídios aos educadores no processo de avaliação do material que têm em mãos e que vierem a elaborar. Defendemos que pressupostos de diferentes concepções de língua podem se complementar, tendo em vista os objetivos pedagógicos. Assim, um trabalho em sala de aula a partir de uma abordagem discursiva da língua, que parece, a nosso ver, melhor atender à pretensão de formação do leitor crítico, não exclui, necessariamente, atividades de análise linguística de tendência estruturalista. Concluímos que concepção de *língua* e atividade de *leitura* têm relação inerente, e que, portanto, o professor precisa conhecer tais teorias para que sua prática docente seja mais coerente e consciente, de acordo com cada realidade pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Concepções de língua. Leitura. Atividades didáticas de leitura. Formação docente.

* Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus de Campos do Jordão. Doutoranda em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: <viviane.bartho@ifsp.edu.br>.

* Professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Rede Estadual de São Paulo. Especialista em Leitura e Produção de Gêneros Discursivos pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Autora de material didático na área de Análise do Discurso destinado ao Ensino Superior a Distância. E-mail: <alecastroclaro@yahoo.com.br>.

RESUMEN: Dada la relación intrínseca entre concepciones de lengua y trabajo con la lectura en lengua materna, discutimos, como objetivo amplio, las principales concepciones de lengua y cómo afectan las actividades de lectura. Específicamente, analizamos, bajo el punto de vista de la Lingüística Aplicada, ejercicios basados en libros didácticos, para proporcionar subsidios a los educadores en el proceso de evaluación del material que tienen en mano y que vengan a elaborar. Defendemos que presupuestos de diferentes concepciones de lengua pueden complementarse, teniendo en vista los objetivos pedagógicos. Así, un trabajo en el aula a partir de un enfoque discursivo de la lengua, que parece, a nuestro entender, mejor atender a la pretensión de formación del lector crítico, no excluye necesariamente actividades de análisis lingüístico de tendencia estructuralista. Concluimos que concepción de lengua y actividad de lectura tienen relación inherente, y que, por lo tanto, el profesor necesita conocer tales teorías para que su práctica docente sea más coherente y consciente, de acuerdo con cada realidad pedagógica.

PALABRAS CLAVE: Concepciones de lengua. La lectura. Actividades didácticas de lectura. Formación docente.

ABSTRACT: Considering the intrinsic relationship between the conceptions of language and the reading work in mother tongue, we discuss the main conceptions of language and how they affect reading activities. Specifically, we analyze, under the perspective of Applied Linguistics, exercises based on textbooks in order to provide subsidies to teachers in the process of evaluating the available material they have to work with, and those they elaborate by themselves. We argue that assumptions of different conceptions of language may complement each other to achieve pedagogical objectives. Thus, classroom work based on a discursive approach to language, which seems, in our view, to better serve the pretension of critical reader teaching, does not necessarily exclude linguistic analysis activities from a structuralist tendency. We conclude that language conception and reading activities are inherently related. Therefore, the teacher needs to learn such theories in order to offer a more coherent and conscientious teaching practice, according to each pedagogical reality.

KEYWORDS: Conceptions of language. Reading. Didactic reading activities. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Exercendo a docência, não é incomum observar que muitos professores da Educação Básica¹ apenas reproduzem em sala de aula o que encontram em livros didáticos ou em materiais pedagógicos que chegam às escolas. Em situações mais adversas, quando há falta desse tipo de apoio, o professor se vê na situação de ter de elaborar seu próprio material, não como opção ou como apoio a suas atividades, mas por necessidade meramente. Em ambos os casos, o que se percebe é que, muitas vezes, falta para esse educador clareza acerca das concepções de língua e de suas relações com a prática da leitura. Ter conhecimento de como elaborar seu próprio material e de como analisar ou avaliar o material com que se tem contato é responsabilidade ética do professor, na medida em que essas ações contribuirão ou prejudicarão o desenvolvimento dos objetivos pedagógicos pontuados como meta a serem desenvolvidos com os alunos. Dentre esses objetivos, está o ideal fundamental da formação de leitores críticos e autônomos.

Apesar de fundamental, há, nas escolas brasileiras públicas e privadas, inúmeras dificuldades para se trabalhar a leitura e, por conseguinte, para se formar bons leitores. Aliás, a formação em leitura crítica parece ser nosso grande desafio, que encontra obstáculos de toda natureza, desde a falta de livros, a falta de professores, até a pouca clareza dos docentes sobre as concepções teóricas no assunto e os subsídios para a prática em sala de aula.

É possível, por exemplo, verem reproduzidas em sala de aula formas de trabalho que já se mostraram insuficientes. Por vezes, também, muitos professores não conseguem fazer uma avaliação dos exercícios de leitura propostos pelos materiais que têm em mãos, em busca de selecionar o melhor desses materiais ou de fazer uma categorização, para trabalhar o que apresentam em momentos diferentes ou de modos adaptados, segundo seus contextos e realidades de sala de aula.

Pensando nessa dificuldade de se avaliar material didático de leitura ou de elaborá-lo, este artigo tem por objetivo amplo discutir as principais concepções de língua, ou seja, o que muitas correntes linguísticas entendem por língua para, a partir disso, traçar relações

¹ Educação Básica, no presente artigo, é entendida a partir da acepção apresentada na Lei de Diretrizes e Base da Educação (1996), art. 21, §1º. A saber: “A educação escolar compõe-se de: educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio”.

entre língua e leitura. Em outras palavras, discutiremos como o modo de compreensão sobre a língua pode interferir diretamente na maneira de se trabalhar a leitura com os alunos, em aulas de língua portuguesa. Ademais, como objetivo específico, analisaremos alguns exercícios elaborados por nós mesmas, autoras do presente artigo, destinados a alunos de séries finais do Ensino Fundamental e séries do Ensino Médio. Essas análises visam contribuir para a formação docente, sobretudo, em língua materna. Acreditamos que, quando se tem conhecimento dos pressupostos teóricos que os exercícios apresentam, o professor poderá desenvolver em sala de aula um trabalho mais consciente e coerente em relação aos objetivos da formação leitora de seus alunos.

Na primeira seção, é apresentada uma reflexão geral das principais concepções de língua e abordagens de leitura. Na segunda, há um olhar mais detalhado sobre a consideração do gênero discursivo no trabalho com a leitura. A terceira seção é direcionada essencialmente à visão discursiva da leitura. Por fim, na quarta e última seção, são sugeridos alguns exercícios, comentados e analisados.

2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E A PRÁTICA DA LEITURA EM SALA DE AULA²

De acordo com Solé (1998), no início da segunda metade do século passado, o que se entendia mais fortemente por “ler” era “decodificar”, ou seja, “leitura” era sinônimo de “decodificação”. Logo, bastaria a alfabetização – conhecimento de fonemas, letras, palavras, formação de frases – para se realizar a leitura. Por essa compreensão do ato de ler, cabia ao leitor a identificação de informações fornecidas explicitamente pelo autor, em um processo ascendente pelo qual o sentido pretendido por quem escreve seria “colocado” no texto e capturado por quem o lê (SOLÉ, 1998). Essa visão é sustentada pela concepção estruturalista da língua, segundo a qual língua seria apenas uma estrutura sistematicamente organizada e que carregaria os sentidos nela própria, ou seja, o processo de significação seria imanente aos signos linguísticos e ao texto, cabendo ao leitor, considerado modelo, encontrar os sentidos que já estariam dados.

Muitos estudos linguísticos foram desenvolvidos e levaram à transformação do conceito de leitura desenvolvida (ou ao menos proposta) na escola. Ela passou a ser processo de interação entre leitor-texto-autor. O bom leitor, nessa visão, seria aquele que compreende as intenções do autor e as ideias principais do texto a partir de pistas deixadas pelo autor (CORACINI, 2001). Embora essa mudança de conceito já constitua um avanço em relação à abordagem de leitura enquanto decodificação, ainda é possível perceber que há, na perspectiva interativa, o pressuposto de um sentido que seja correto ao texto, ou melhor, que o texto é portador de um sentido fixo e que permite algumas variações de compreensão, causadas por ambiguidade, por exemplo. Ao mesmo tempo, nessa direção, considera-se o trabalho do autor como consciente e controlador dos sentidos, uma vez que ele, deliberadamente, deixaria pistas linguísticas a fim de guiar o leitor ao sentido que havia desejado atribuir ao seu texto (CORACINI, 2001).

Com a visão interacionista, a leitura passou a ser objeto de estudo pelos pesquisadores e de ensino-aprendizagem pelos professores, com busca de estratégias e procedimentos que assegurariam o processo ideal de leitura, consciente e controlável, que seria modelo de leitura competente. Coracini (2001, 2010) afirma que, apesar do pouco avanço, quase não se observou essa visão na prática das escolas atuais – embora muitos livros didáticos, em suas apresentações e referências, autocaracterizem-se como interacionistas e sociointeracionistas. O que persiste, com muita frequência na prática da leitura em sala de aula, é a visão estruturalista, que, segundo Coracini (2001, 2010), desconsidera o sujeito-leitor e coloca os sentidos como imanentes à própria língua, isto é, bastaria conhecer o significado das palavras para conseguir ler adequadamente. Dessa forma, o texto teria um sentido “correto”, e o bom leitor seria aquele que conseguisse encontrar esse sentido que já estaria dado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 2000) propõem a prática da leitura por meio de uma perspectiva sociointeracionista, em que se consideram aspectos cognitivos, sociais, históricos na interação autor-texto-leitor. Em outras palavras, a vertente sociointeracionista acrescenta à vertente interacionista a relevância do contexto de produção e recepção dos textos.

² Este artigo foi elaborado a partir de resultados parciais da tese de doutorado em andamento de uma das autoras, a saber, Viviane Bartho, que pesquisa questões de leitura na contemporaneidade.

Com o desenvolvimento de estudos sobre a leitura, abordou-se a noção de gêneros do discurso, tomada a partir da teoria bakhtiniana, segundo a qual um ato de linguagem é sempre social e valorativo e só pode ser compreendido a partir de aspectos culturais e históricos. Assim, essa noção trouxe grandes avanços às discussões sobre concepções de língua e, conseqüentemente, à abordagem de leitura. No entanto, na prática, poucos progressos são observados, uma vez que muitos professores dão mais importância aos aspectos composicionais e formais dos gêneros do que aos aspectos discursivos que os envolvem, os quais são imprescindíveis para a produção de sentidos durante a leitura, conforme discute Corrêa (2013) acerca do funcionamento da língua, do texto e do discurso. O trabalho com o código, com as normas gramaticais, que antes constituía o processo de leitura como decodificação, passou a um trabalho com as características composicionais e fixas dos gêneros, com as regularidades que os identificam, com os aspectos estruturais que os definem. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 268), “[...] as propostas dos exercícios escolares falha sob esse aspecto porque concebe o texto como uma soma de informações objetivas e exclusivas [...]”, o que nos permite concluir que, embora a abordagem de leitura tenha ganhado nomes diferentes, a prática pouco se alterou, porque não houve significativas modificações na concepção de língua subjacente, que parece ainda estruturalista.

Segundo Coracini (2001), ao considerarmos a língua como opaca, o discurso como o encontro do dito com o já-dito, o sujeito como fragmentado e heterogêneo – apesar da ilusão de inteireza, de origem dos sentidos e controle sobre eles – podemos pensar em uma perspectiva discursiva para a leitura. Nessa perspectiva, é a noção de heterogeneidade que ganha relevância, e a leitura que passa a ser processo de produção de sentidos. Conseqüentemente, duas leituras jamais serão idênticas, e duas leituras feitas em contextos semelhantes podem ser completamente diferentes, uma vez que toda leitura é afetada pela formação discursiva da qual o sujeito-leitor faz parte e é determinada pela ideologia e historicidade que afetam o contexto em que ela se realiza. Assim, “[...] o controle dos sentidos só pode ser exercido pelo grupo social, pela formação discursiva ou pela comunidade interpretativa que, num dado momento histórico-social e num determinado lugar, admite alguns sentidos e coíbe outros [...]” (CORACINI, 2001, p. 143).

3 A LEITURA POR MEIO DE GÊNEROS DO DISCURSO

Ao se considerar o gênero do discurso em sala de aula, a concepção estruturalista da língua não mais dá conta do processo de trabalho com a leitura. Nesse sentido, o ensino da gramática (ou gramaticalista), que, por muitos anos, foi o centro das aulas de língua materna, perde protagonismo. Mesmo com a passagem do estudo da frase para o texto, este – o texto – era apenas um pretexto para se fazer análise linguística e exercitar a nomenclatura gramatical. Ao se propor o ensino da leitura por meio de gêneros do discurso, numa abordagem sociointeracionista, passa-se da artificialidade da leitura como pretexto de ensino da gramática normativa para o estudo de uma unidade real de comunicação, uma vez que o enunciado concreto (ou gênero do discurso) é a unidade de comunicação real resultante de uma enunciação, oral ou escrita, realizada por interlocutores reais, sujeitos do discurso e participantes de uma organização social (BAKHTIN, 2003).

Para Bakhtin (2003), as unidades de língua são as frases, as orações; as unidades de discurso são os enunciados. Um ensino apenas voltado às unidades de língua não dá conta da complexidade que o processo de leitura exige, pois não abrange as características dos campos de interação humana, isto é, não permite compreender realmente a comunicação que compõe a rede discursiva formada por gêneros em dialogia.

Se o principal papel da escola é formar cidadãos, é preciso considerar que cidadania implica comunicar-se de forma autônoma e crítica. Por isso, é fundamental o desenvolvimento da leitura de textos que exponham os alunos às situações variadas de interação verbal e ao jogo discursivo em que as vozes sociais estejam em tensão de dominação umas sobre as outras. Logo, o gênero, como centro na leitura, poderia possibilitar reflexões acerca das esferas de atividade humana, já que cada esfera apresenta tipos relativamente estáveis, que são os próprios enunciados, com características mais ou menos padronizadas para a comunicação.

Além disso, com base em explicações de Rojo e Barbosa (2015) acerca de ideias bakhtinianas, ressalta-se que sociedade e linguagem³ mantêm relação indissociável; logo, é na unidade discursiva, no gênero, que visualizamos a sociedade, sua história, seu sistema de valores ideológicos etc.

Bakhtin (2003) destaca que as esferas ou campos de atividade humana não são estáticos ou estanques, mas se relacionam entre si e se transformam à medida que ocorrem mudanças históricas, sociais, culturais. Dessa maneira, os gêneros, sendo formas típicas relativamente estáveis, a fim de permitir a comunicação, sem que os falantes os reinventem a todo momento, também podem sofrer modificações.

Os gêneros são conceituados por Bakhtin (2003) como enunciados concretos constituídos de signos verbais e/ou não verbais, que apresentam como características que os diferenciam uns dos outros: conteúdo temático, organização composicional e estilo – aspectos estes condicionados às suas condições de produção e circulação e às finalidades a que se propõem. Os gêneros podem ser primários (cotidianos e espontâneos) ou secundários (complexos).

Uma pessoa pode dominar muito bem a língua em relação à gramática e ao vocabulário, sem saber se comunicar em dada situação, porque talvez não domine o repertório de gêneros daquela prática social, por isso, unidades de língua não garantem participação social, objetivo maior de um ensino crítico na escola. Ademais, unidades de língua não provocam respostas, como as unidades de discurso: o gênero tem natureza ativamente responsiva, dialógica, por isso, saber lê-lo é dar uma resposta, é ser ativo na comunicação, é considerar o outro com quem se dialoga.

Somente no enunciado concreto é possível refletir sobre o que se diz, quando se diz (momento histórico), para quem, com qual finalidade e quais os modos ou recursos linguísticos mais adequados ao contexto e às intenções comunicativas (GOLDSTEIN, 2009). Abrem-se, como elucida a autora, possibilidades para exercitar o uso de recursos gramaticais, bem como para refletir sobre eles; a atenção se volta aos efeitos de sentido que as escolhas e recursos linguísticos imprimiram ao texto. Assim, as classificações metalinguísticas perdem o protagonismo e passam a ser coadjuvantes do processo de ensino-aprendizagem.

O que pretendemos com a discussão em torno do ensino da leitura por meio de gêneros é exatamente observar que o avanço proposto pela vertente sociointeracionista em *leitura* é de grande importância para a formação de leitores; e, considerados os pressupostos teóricos bakhtinianos, o processo de leitura pode ser muito produtivo.

No entanto, na prática da sala de aula, é frequente se observar apenas a alteração do estudo formal da gramática normativa pelo estudo formal de aspectos composicionais do gênero. Nas palavras de Fiorin (2006, p. 60):

Depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que vêem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto, e seu ensino torna-se, então, normativo.

Assim, o gênero, que tem características relativamente estáveis, passa, não raras vezes, a ser estudado na sala de aula como uma forma típica totalmente estável. Em nossa atuação como docentes e pesquisadoras, observamos que é comum os professores perguntarem, em avaliações ou em exercícios de sala, acerca da definição de um ou outro gênero, seguida de justificativas que tangem à estrutura composicional dele; ou perguntarem sobre o objetivo de determinado gênero, sem levar em conta a mutação desse objetivo em relação ao seu contexto de produção; ou, ainda, solicitarem aos alunos que produzam determinado gênero a partir de um modelo, de maneira artificial e mecânica, tirando a vivacidade do próprio gênero, que só é gênero porque está na rede de comunicação concreta.

³ Trataremos, neste trabalho, de língua como um tipo de linguagem, isto é, toda língua é uma linguagem. Em alguns momentos, essas noções são refletidas indistintamente, uma vez que a ênfase recai para a questão da produção de sentidos, que engloba os aspectos de língua e de linguagem (como a dimensão não verbal).

3.1 O CONTEXTO NO ENSINO DA LEITURA POR MEIO DE GÊNEROS DISCURSIVOS

Perguntas como: *Quem escreveu? Para quem? Onde? Por quê?*... muitas vezes são meras formalidades praticadas pelo professor em atendimento a uma demanda pedagógica que impõe mudança no ensino, ditando que não mais se pode ensinar gramática, apenas. Entretanto, o que esse professor consegue é chegar, precariamente, a uma descrição do contexto situacional de produção do gênero, ou seja, ao contexto imediato no qual foi produzido, mas não ao contexto amplo, sócio-histórico-ideológico, pelo qual se observariam as regras de formação de determinados discursos e levar-se-iam os alunos a questionarem a naturalização de sentidos já sedimentados pela historicidade, refletindo sobre eles e produzindo outros.

A descrição do contexto situado ou imediato de produção e recepção do gênero, embora relevante, não alcança aspectos imprescindíveis para uma leitura de desconstrução de sentidos cristalizados e produção de sentidos vários, que configurariam a autonomia crítica do sujeito-leitor em relação ao meio social no qual está inserido. Esse contexto tem relação com a abordagem etnográfica de estudos do letramento, tais como os desenvolvidos por Street (2010) e Lea e Street (2014), que, tendo em vista as novas necessidades, elaboraram propostas de ensino da leitura e da escrita na sala de aula e elaboraram modelos de letramento para que o aluno pudesse praticar essas habilidades refletindo sobre o contexto situado de realização dessas práticas. Apesar de os autores apontarem propostas para o ensino da escrita no trabalho *Dimensões “escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos*, aqui as relacionamos às reflexões sobre o ensino da leitura: diferentemente de modelos dominantes de ensino da escrita, os quais enfatizam itens padronizados em relação à estrutura do texto acadêmico, Street (2010) defende a necessidade de se explorarem as dimensões escondidas das produções textuais. O autor objetivou analisar os critérios escondidos que avaliadores utilizam nas avaliações de textos, pois acreditava que, se esses critérios fossem explicitados aos autores desses textos, poder-se-ia contribuir para a melhoria do letramento dos escreventes. Algumas dimensões escondidas citadas por Street (2010) são: o enquadramento (que gênero se produz, quais os objetivos), contribuições do texto (para que servirá este texto/pesquisa), voz do autor (pessoal ou impessoal; qual identidade do escritor acadêmico), ponto de vista (como o autor se projeta no texto), marcas linguísticas (palavras explícitas sobre as ações do autor - explicar o que se está fazendo), estrutura (como deve ser e o que deve conter cada parte do texto). Para o autor, portanto, a explicitação clara desses aspectos escondidos, que se fazem subentendidos por professores e alunos, poderia auxiliar o processo de produção textual.

Percebemos que as ideias de Lea e Street (2014) e Street (2010) provêm de uma abordagem etnográfica, segundo a qual, embora se reconheça a importância do contexto social, das instituições e das relações de poder, ainda se concebe, em certa medida, a língua como transparente e o sujeito em sua dimensão predominantemente empírica, uma vez que privilegia o verbal como o lugar do sentido imanente e unívoco. É a mesma questão encontrada na visão sociointeracionista da leitura, em que o ensino por meio de gêneros trouxe a importância de se conceber o texto como unidade real de comunicação, em um determinado contexto, com suas características. No entanto, a abordagem desse contexto muitas vezes não alcança dimensões amplas, culturais, históricas, ficando restritas a aspectos etnográficos, descritivos, situados. Consequentemente, ao se trabalhar com os gêneros, continua comum, em sala de aula, a concepção de língua com sentidos imanentes, com característica transparente que permite “enxergar” e “pegar” esses sentidos; bem como continua a concepção de sujeito empírico, físico; e não um efeito sujeito, que é constituído nas relações sociais e pelo imaginário discursivo.

Nesse sentido, Corrêa (2011), cujas ideias dizem respeito à escrita e são tomadas neste artigo para o ensino da leitura, defende uma reordenação metodológica para o ensino da escrita, avançando para a transposição de uma descrição empírica e etnográfica em direção à observação da linguagem em uso, na qual aspectos não palpáveis e não marcados na materialidade linguística escapam a uma descrição concreta. O autor propõe que se avance da perspectiva etnográfica para uma perspectiva discursiva. De acordo com ele, para além das dimensões ocultas do texto, que implicam algo palpável, concreto e consciente, logo, que poderia ser descrito etnograficamente, existem os presumidos sociais, que atuam diretamente nos sentidos do texto, mas que são invisíveis e configuram-se a partir do acabamento do outro, na relação de alteridade.

É necessário, portanto, que se observem as diferentes concepções de língua e a fronteira entre a perspectiva etnográfica e a discursiva, a fim de se alcançar mudança de uma perspectiva textualista para uma discursiva de fato. Para tanto, não basta apenas a consideração de aspectos ocultos do letramento, que podem, sim, estar presentes, mas também de aspectos não visíveis e não descritíveis

etnograficamente. Não é mera mudança terminológica, como chama atenção Corrêa (2011), mas uma mudança de visão em relação aos sujeitos e à produção de sentidos em um texto.

A proposta de Corrêa (2011) parece mais coerente com os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. É necessário ressaltar, porém, que, para Bakhtin, o sujeito é um sujeito da consciência, que, por meio do conhecimento e da consciência coletiva, poderia modificar sua consciência individual. Em Bakhtin, há uma visão de sujeito autônomo, que conseguiria “ver” a linguagem e os sentidos que ela produziria⁴.

As questões de linguagem social e valorativa, ou seja, ideológica, sobretudo, já apontam para a importância que Bakhtin atribuiu a aspectos históricos, sociais, culturais que estão materializados na linguagem. No entanto, o suposto controle que o sujeito teria, ao tomar consciência desses aspectos, é item divergente em relação à teoria da análise do discurso francesa (AD), de origem em Pêcheux.

Assim, Corrêa (2011), ao propor uma abordagem discursiva da escrita - e, para o contexto deste trabalho, transpomos a proposta para o ensino da leitura, assim como destacamos o mesmo aspecto dos trabalhos de Lea e Street (2014), citados acima -, aproxima-se de pressupostos bakhtinianos e pechetianos.

4 A PERSPECTIVA DISCURSIVA DE TRABALHO COM A LEITURA EM AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Para discutir acerca da perspectiva discursiva da leitura, embasamo-nos em autores que tomam a AD francesa como pilar teórico e em conceitos de Bakhtin. Aproximamo-nos de Corrêa (2016), que reflete sobre letramentos e gêneros discursivos na universidade, apontando a possibilidade de se colocar em diálogo conceitos da AD francesa e o pensamento bakhtiniano⁵. Iniciamos ressaltando que o discurso, objeto de estudo da AD, ganha total importância para o processo de leitura sobre o qual recaem as presentes discussões e torna-se, assim, central para a produção de sentidos.

De acordo com Orlandi (2012), o discurso é o objeto teórico da AD, enquanto o texto é o objeto empírico; e ainda, “[...] o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística [...]” (ORLANDI, 2012, p. 21). Não se deve confundir texto com discurso, pois o texto se apresenta enquanto unidade empírica de análise, com uma superfície linguística fechada e coerente. O discurso é aquilo que está em curso, são os efeitos de sentido dentro de uma formação discursiva.

O texto não é propriamente o discurso, mas, segundo Orlandi (2012), podemos referir-nos a ele, texto, como um conjunto de discursos possíveis, dada as condições de produção. Ademais, o texto é constituído de enunciados, os quais marcam diferentes posições do sujeito no texto (ORLANDI, 2012). Resumidamente, a dispersão dos discursos materializa-se nos enunciados⁶, os quais, por sua vez, constituem os textos. Logo, em um mesmo texto, com aparência homogênea, unificada e coerente, podem-se encontrar muitos enunciados que evocam diferentes discursos, o que consolida o texto como polifônico, dada a pluralidade de vozes que nele ressoam.

Como elucidado por Coracini (2001), a noção de heterogeneidade parece influenciar diretamente o modo como se entenderá o sujeito da linguagem e o modo como se lidará com ela. Até mesmo na concepção sociointeracionista da leitura, na qual já está inserido o gênero do discurso para o trabalho com a leitura, a heterogeneidade é vista como característica negativa que deve ser

⁴ Corrêa (2016) chama atenção para os termos “usuário” (que seria talvez um performer) e “sujeito”, observação na qual buscamos respaldo para não aproximar a visão de sujeito proposta por Bakhtin à visão de sujeito proposta por Saussure: em Bakhtin, o sujeito é um sujeito de linguagem, constituído de linguagem, e, como ela é social, histórica e ideológica, o sujeito também assim o é, configurando-se para além da dimensão empírica, daí a importância dos aspectos contextuais de produção da linguagem; em Saussure, o sujeito seria um usuário da língua, que lhe serviria de instrumento para a comunicação.

⁵ Compreendemos divergências entre Pêcheux e Bakhtin em muitos aspectos e conceitos, tais como: enunciado, discurso, sujeito. Todavia, aproximações das ideias desses autores, já feitas por pesquisadores contemporâneos, como Corrêa (2013, 2016), permitem a conclusão de que elas não necessariamente se excluem, e, ainda, podem auxiliar na compreensão mais global da natureza da linguagem.

⁶ Percebe-se, no presente uso da palavra “enunciado”, que ela tem conceitos diferentes na AD e na teoria bakhtiniana.

suplantada pelo processo de homogeneização, em nome do qual a leitura modelo, as estratégias de leitura, o sentido “correto” são colocados pelo professor como objetivos a serem alcançados por seus alunos.

A heterogeneidade é intrínseca à língua e a toda forma de linguagem verbal e não verbal, conseqüentemente, ela também é intrínseca ao sujeito de linguagem, isso porque, o sujeito se constitui na relação com o outro, que lhe impõe limites à produção de sentidos. Segundo Corrêa (2016, p. 6):

[...] a heterogeneidade se instala no momento primordial da relação de alteridade, que, no campo pragmático-enunciativo e discursivo, se dá, ao mesmo tempo, em presença (o outro como instância imediata ou representada, mas, de algum modo, visível ou recuperável) e em ausência (o outro nem visível, nem facilmente discernível, mas, mesmo assim, inescapável, já que constitutivo). Sendo, pois, de natureza múltipla, a relação de alteridade é o ponto em que o aspecto dialógico da linguagem se oferece não só como forma dialógica tradicional envolvendo duas pessoas, mas principalmente como possibilidade de convivência de muitas vozes sociais.

Nesse sentido, o processo de leitura tem que levar em consideração essa orquestra discursiva, e, para ouvi-la, deve-se recorrer às condições sócio-históricas que permitiram a formação de cada uma das vozes que estão em concerto. Por isso Pêcheux (1988), retomado nas ideias de Orlandi (2012), defende que a significação é histórica, ou seja, o processo de produção significativa para um texto deve se pautar pela historicidade de sentidos que se sedimentaram nele. Portanto, as condições de produção dos discursos e, conseqüentemente, do texto são intrínsecas à produção de sentidos. Não se acrescentam dados históricos para a delimitação da significação, mas a própria significação é histórica (ORLANDI, 2012).

Ao se investigar a historicidade dos discursos e dos sentidos produzidos a partir de um texto, percebe-se que a significação ocorre sempre em uma formação discursiva. As palavras terão sentidos diferentes em formações discursivas diferentes. Isso porque as formações discursivas remetem-se a formações ideológicas. Nesse caso, um mesmo texto pode ter leituras distintas, lido a partir de formações discursivas distintas.

A significação não é individual. Assim como para Bakhtin a língua é social, para a AD, a forma de apropriação do discurso, bem como sua propagação, também é social. Pêcheux e Fuchs (1975) explicam que o sujeito, interpelado pela ideologia, é afetado pela “ilusão discursiva”, segundo a qual produz os discursos – materializados na língua e em outras formas de linguagem – acreditando ser a origem dos sentidos, quando, na verdade, reproduz sentidos institucionalizados e sedimentados sócio-historicamente. A partir desse processo, que é determinado pelos jogos de poder dos discursos, um sentido torna-se legítimo e oficial, fixando-se como centro e modelo; logo, “[...] a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder da/na linguagem [...]” (ORLANDI, 2012, p. 27).

Para se ler, portanto, é preciso atentar-se para fatores de previsibilidade dos sentidos de um texto, a saber: a historicidade dos sentidos e a relação que um texto estabelece com outro. Esses dois elementos, conforme esclarece Orlandi (2012), apontam para o modo como o texto deve ser lido. No entanto, o sentido é sempre incompleto, na medida em que, quando se lê, considera-se o que está dito ou escrito e o que foi silenciado. Os silenciamentos também significam, uma vez que o que foi dito só tem significado em relação ao que não foi dito. Há sentidos, pois, que não estão já dados, mas que são produzidos conforme o leitor mergulha no emaranhado de discursos que são evocados, investigando quais discursos são silenciados, como um se relaciona com outro, por que uns são silenciados e outros são legitimados, como ocorreu esse processo etc. E há, ainda, leituras que não serão feitas por um leitor, visto que ele lê a partir de sua formação discursiva, logo, outras leituras serão realizadas em outras formações discursivas.

Na leitura a partir da visão discursiva, nega-se a possibilidade de se pensar em autor onipresente, controlador e consciente dos sentidos que seu texto produzirá; em texto transparente, que carregaria os sentidos por si só, desconsiderando qualquer ação dos sujeitos; e em leitor onisciente, que apresente capacidade de compreender a pluralidade dos sentidos em sua totalidade, conforme explica Grantham (2001) a partir de Orlandi (1993).

Na escola básica, no entanto, o que se vê com frequência é a reprodução de uma leitura modelo, que apresenta um sentido fixado pelos críticos e especialistas, sobretudo por autores de livros didáticos. Ao se propor uma leitura ideal, passa-se a considerar o autor

como onipresente, o texto como transparente e o leitor como onisciente. Assim, a leitura modelo ganha prestígio e desconsidera qualquer outra (ORLANDI, 2012).

Essa ação da escola, de estabelecer uma leitura como a correta, concretiza-se pela proposição de técnicas, estratégias e metodologias de leitura. Por meio do professor, submetido aos especialistas (linguistas, escritores de livro didático, pedagogos...), ignora-se a diversidade da produção de sentidos (CORACINI, 2001). Além disso, exercícios de leitura em voz alta, cada aluno lendo um trecho, de forma fragmentada; exercícios de localização de informações, análise de vocábulos e frases... impedem o surgimento de respostas diferentes, delimitando, limitando e direcionando a produção de sentidos. O próprio professor, muitas vezes, engessa-se na produção de sentidos ao atender frequentemente ao sentido imposto pelo livro didático e por manuais de ensino (CORACINI, 2001). Esse direcionamento homogeneiza a diversidade de conhecimentos trazidos pelos alunos, o que pressupõe a necessidade de extirpar a heterogeneidade, que é vista, no âmbito escolar, como um fator negativo, como bem detectaram Corrêa e Coracini, em muitas de suas pesquisas.

Orlandi (2012) elucida que as leituras já feitas de um texto e as leituras já feitas por um leitor compõem a história da leitura. Esse aspecto da leitura é previsível, funcionando como “estrutura”, como algo que se repete pela memória discursiva. No entanto, a imprevisibilidade, o novo, pode surgir. A cada contexto sócio-histórico, pode haver uma pluralidade de sentidos produzidos no processo de leitura. Esse aspecto é o “acontecimento”, o sentido que se desloca e se agrega ao pré-construído.

No processo de leitura, o leitor poderá se dimensionar por aquilo que é resgatado pela memória discursiva e aquilo que vem como novas relações e interpretações, em uma espécie de ponderação entre um modo de leitura parafrástica e polissêmica. Esses dois modos da leitura atuam reciprocamente no processo, ou melhor, deveriam atuar.

A leitura parafrástica é o reconhecimento, a reprodução de um sentido cristalizado e naturalizado, que se supõe ser dado pelo autor. Já a leitura polissêmica é o processo de atribuição de múltiplos sentidos, deslocando-se de sentidos que se passam por “originais” e produzindo outros possíveis (ORLANDI, 2012). Quanto mais se percebe a natureza incompleta da linguagem, mais possibilidades polissêmicas emergem. Quanto mais parafrástica for uma leitura, impondo-se como modelo, mais autoritária ela é; ao passo que, quanto mais polissêmica ela se permite, mais democrática se torna.

Fica certamente o questionamento de todo professor: a partir de uma visão de leitura polissêmica, todos os sentidos, portanto, são possíveis? Analogamente, Coracini (2001) e Orlandi (2012) responderiam que sim e não. “Sim”, no sentido de que o texto permite muitas leituras, devido à rede de discursos que se constitui nas palavras e na materialidade linguística como um todo. “Não”, porque o sujeito se constitui no e pelo outro; outro que funciona, segundo Coracini (2001), como castrador; assim, ao se relacionar com o outro, o sujeito ocupa posições em determinadas formações discursivas, as quais atuam na formação do imaginário discursivo, que, por sua vez, delimita a produção de sentidos. Em outras palavras, os sujeitos sempre produzirão sentidos diversos para um texto, porém um sentido é possível em uma formação discursiva e não em outra, fato que aponta para o direcionamento da significação.

5 ANÁLISE DE EXERCÍCIOS DE LEITURA: QUE CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E QUE COMPREENSÃO SOBRE LEITURA ESTÃO PRESSUPOSTAS?

Depois de apresentada uma discussão das principais concepções teóricas que subjazem as diferentes visões de leitura, serão analisados alguns exercícios com o objetivo de contribuir para a formação docente, no sentido de compreender como a prática de leitura está relacionada a perspectivas teóricas. Em outras palavras, nosso intuito é de auxiliar o professor de língua materna no processo de avaliação ou análise de materiais que cheguem às suas mãos, para que possa escolher, delimitar, elaborar, reformular atividades de leitura, de forma coerente aos objetivos de aula.

É válido ressaltar que, embora as atividades tenham sido elaboradas por nós, autoras deste artigo, houve uma preocupação em seguir os formatos ou padrões de exercícios que, geralmente, encontramos nos livros didáticos atuais indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Nosso objetivo não é exatamente analisar livros didáticos, e qualquer recorte restrito e

descontextualizado deles poderia comprometer o trabalho de autores desses livros cuja qualidade cada professor terá de avaliar, conforme seus alunos, seus objetivos, sua realidade. Não se trata de considerar um material como bom ou ruim. Todo material pode ter seu valor, se o professor o utilizar para agregar à sua prática; daí a importância de uma sólida formação pedagógica, a partir da qual o professor pode fazer suas escolhas e usos conscientes. O objetivo aqui é, portanto, que o professor consiga, além de analisar as concepções de língua e visões de leitura propostas no material que tem à sua disposição, aprofundá-las, ampliá-las, em direção a uma abordagem discursivo-ideológica.

Outra observação importante acerca da elaboração dos exercícios que seguem diz respeito ao fato de que optamos por ter como base um único gênero do discurso, pois não teríamos espaço aqui para analisar uma grande variedade deles. Também optamos por analisar o mesmo texto sob diferentes concepções, isso porque pretendemos apontar como um texto pode ser trabalhado de diferentes modos, segundo objetivos pedagógicos e etapas que podem se complementar. Não cabe avaliação, num primeiro momento, de que um exercício é melhor que o outro; ou, como já ouvimos professores dizerem em muitas de nossas experiências como docentes: *meus alunos não conseguem fazer este tipo de exercício*. Toda atividade a ser realizada em sala deve ser avaliada de acordo com a faixa etária, as propostas desenvolvidas anteriormente com os alunos, os conhecimentos prévios e de mundo que os alunos demonstram ter. O que almejamos é que realmente cada professor consiga trabalhar a leitura em sala de aula de maneira a sempre desenvolver a criticidade de seus alunos e a instigar a criatividade deles.

Todos os exercícios sugeridos e os comentários sobre eles terão como referência a leitura dos dois textos a seguir:



Figura 1: Texto 1
Fonte: REFORMA... (2017)



Figura 2: Texto 2
Fonte: PÃO... (2017)

5.1 ATIVIDADES QUE TÊM COMO PRESSUPOSTO UMA VISÃO DE LEITURA COMO DECODIFICAÇÃO

1- Observe os dois textos acima para responder ao que se pede:

- a. Encontre os verbos que aparecem em ambos os textos e indique em que tempo e modo estão cada um deles?
- b. Retire de um dos textos um exemplo de locução verbal.
- c. Qual é o sujeito da frase “São as reformas?”, presente na primeira charge?
- d. O que indica o balão que aparece na segunda charge?
- e. Que tipo de pontuação aparece nos dois textos e o que ela indica?
- f. Explique por que a frase “Maldita Terceirização!” é classificada como nominal?
- g. Quantas orações há na frase “Sim... vamos comer do pão que o diabo amassou”?

Considerações sobre os exercícios

Ao analisar os exercícios ao lado, percebe-se que a leitura é basicamente decodificação, e a concepção de língua que os subjaz é a *estruturalista*, tendo em vista que o foco é a frase como unidade de leitura.

O gênero, neste caso, é somente pretexto, uma vez que as palavras e até as frases são analisadas isoladamente, sem se levar em consideração o contexto em que ele foi produzido e no qual poderá ser recebido, nem tampouco os autores, o perfil dos leitores, as relações de poder etc.

Para responder aos questionamentos, a única habilidade que o aluno precisa mobilizar é referente ao conhecimento estrutural da língua: verbos, sujeitos, pontuação etc. Tal conhecimento é importante, obviamente, mas não apenas enquanto nomenclatura, e, sim, principalmente, para a compreensão de como os fenômenos linguísticos provocam efeitos de sentido dentro do gênero. Explorando esses efeitos, tais exercícios poderiam ser incluídos ao roteiro de atividades de leitura crítica.

5.2 ATIVIDADES QUE TÊM COMO PRESSUPOSTO UMA VISÃO *INTERACIONISTA* DA LEITURA**1- Observe os dois textos acima para responder ao que se pede:**

- a. Quem são os interlocutores envolvidos em cada um dos textos?
- b. Quem são os autores dos textos em questão?
- c. Que tipo de linguagem predomina nos textos: formal ou informal?
- d. Observe, no primeiro texto, a expressão das personagens. O que elas revelam em relação à situação?
- e. Observe, no segundo texto, a expressão do diabo: ele parece insatisfeito com a situação. Por quê?
- f. Explique a intertextualidade presente no primeiro texto.

Considerações sobre os exercícios

Ao analisar os exercícios ao lado, percebe-se que a visão de leitura que os subjaz é a *interacionista*. A concepção de língua, embora não essencialmente estruturalista, ainda pressupõe uma significação imanente e controlada pelo autor.

O foco, diferentemente dos exercícios anteriores, não é a estrutura da língua, uma vez que se percebe um apelo à interação entre leitor-texto-autor, o que, conforme já mencionamos, constitui um avanço em relação à perspectiva de leitura enquanto decodificação.

Todavia, os exercícios levam os alunos a terem como pressuposto que o texto é portador de um sentido fixo que é delimitado pelo autor ao produzi-lo, ou seja, esse autor teria a capacidade de “colocar” os sentidos que ele deseja em seu texto; e esses sentidos devem, conseqüentemente, serem decifrados pelos leitores, a partir de “pistas”. Há o pressuposto de “leitura correta e única” do texto, o que pouco dialoga com a pretensão democrática da escola.

5.3 ATIVIDADES QUE TÊM COMO PRESSUPOSTO UMA VISÃO SOCIOINTERACIONISTA DA LEITURA

1- Observe os dois textos acima para responder ao que se pede:

- a. Assinale a alternativa que mostra a que gênero pertencem os textos acima:
() Propaganda () Charge () Quadrinhos
- b. Qual é o público-alvo dos textos acima?
- c. Qual é a finalidade dos textos acima?
- d. Qual é a fonte dos textos acima?
- e. Onde este tipo de texto pode ser veiculado?
- f. Explique se a linguagem utilizada está adequada ao público-alvo?
- g. Explique qual é a relação existente entre os dois textos?
- h. Que figura pública é representada nos dois textos? Por que ela foi escolhida para protagonizar os textos?
- i. Por que a personagem do diabo que aparece no segundo texto parece insatisfeita?
- j. A que tipo de reforma o autor está se referindo no primeiro texto?

Considerações sobre os exercícios

Ao analisar os exercícios ao lado, percebe-se que a visão de leitura que os subjaz é a sociointeracionista. Isso porque, além da interação leitor-texto-autor, o contexto social também ganha importância. A língua, agora, passa a ser considerada como afetada por aspectos sociais e pela atividade humana.

É perceptível, além disso, a preocupação com a questão dos gêneros do discurso e as características básicas que o definem: quem escreveu, para quem, com qual finalidade; o que, certamente, constitui um avanço em relação às demais abordagens de leitura, tanto que os PCN a preconizam.

Todavia, ao analisar mais detalhadamente tais exercícios, percebe-se que há, ainda, uma preocupação com questões estruturais do gênero, de modo que as mesmas perguntas (no caso de “a” a “g”) podem ser usadas para diversos gêneros. A preocupação com a nomenclatura gramatical deu lugar à preocupação com a nomenclatura do gênero, em sua forma estável.

Já os exercícios “h”, “i” e “j” parecem ser uma tentativa de fazer com que o aluno perceba a heterogeneidade da língua e compreenda elementos do contexto social em que o gênero foi produzido. Entretanto, não fornecem subsídios que o levem a perceber, por exemplo, as vozes sociais que emanam de tais enunciados e as relações de poder que podem ser inferidas. Assim, minimamente, há uma tentativa de trabalho com o contexto imediato e situado, mas não o contexto sócio-histórico-ideológico.

5.4 ATIVIDADES QUE TÊM COMO PRESSUPOSTO UMA VISÃO *DISCURSIVA* DA LEITURA

1- Observe os dois textos acima para responder ao que se pede:

- a. As charges acima retomam assuntos que vêm sendo amplamente debatidos nas redes sociais. Reflita a respeito do contexto sócio-histórico em que elas foram produzidas. Discuta que assuntos são estes, quais são as opiniões sobre eles, por que vieram à tona, quais objetivos apresentam.
- b. Como as personagens são compreendidas pelos chargistas? Caracterize-as. Observe, por exemplo, as expressões físicas da personagem que representa o presidente do Brasil na ocasião, em cada texto.
- c. Por que produzir charges relacionando as atitudes do presidente ao diabo? Que relação é esta?
- d. Que ideias são reforçadas, por meio da leitura da charge, acerca das medidas que estão sendo tomadas pelo presidente?
- e. Observe a postura das personagens e os elementos físicos presentes nas charges (como a poltrona, o forçado que é utilizado para entregar as reformas para os trabalhadores). O que tais elementos reforçam acerca do diálogo entre população e os governantes?

Considerações sobre os exercícios

Ao analisar os exercícios ao lado, percebe-se que a visão de leitura que os subjaz é a discursiva. A significação, agora, é dada pelos efeitos de sentido entre interlocutores a partir de sua formação discursiva e contexto de produção do gênero.

Para responder às questões, o aluno tem que mobilizar conhecimentos que vão além do contexto imediato no qual está imerso. Ele precisa compreender as vozes que constituem os discursos e como os chargistas estão representando tais vozes. Em outras palavras, o aluno precisa compreender os valores ideológicos dessas vozes e por que elas entram em atrito. A partir disso, ele poderá refletir como o governo se posiciona diante do fato em questão nos textos, como os chargistas se posicionam, como alguns grupos sociais se posicionam e, assim, amplamente.

Nesse tipo de leitura, também é possível levar o aluno a compreender que os textos se configuram como “respostas” a outros anteriores e que, inevitavelmente, produzirão novas respostas. Quais? Cabe tal reflexão.

Acreditamos que, por meio de exercícios como esses, os alunos são levados a compreender que todo discurso é ideológico e heterogêneo, bem como é uma resposta a outros discursos, compondo uma rede dialógica.

6 CONCLUSÃO

Como pudemos perceber, por meio das teorias e da análise dos exercícios, toda e qualquer atividade didática é alicerçada por uma concepção de língua que, ao invés de competirem entre si, poderiam se complementar, uma vez que cada uma delas atinge um objetivo específico em se tratando da importância para o desenvolvimento do leitor crítico que tanto almejamos.

Por um lado, o trabalho em sala de aula apenas sob parâmetros de língua enquanto estrutura, código, sistema de significantes não atingirá, provavelmente, o objetivo da formação crítica dos alunos. Por outro, é necessário conhecer e saber nomear os fenômenos linguísticos – sem que isso signifique trabalhar nomenclaturas com fim nelas mesmas. É preciso caminhar sempre além, avançar no desenvolvimento da leitura, em busca de uma abordagem discursiva, mas sempre revisitando o que de relevante perspectivas anteriores puderam contribuir. Acreditamos ser necessário esse processo reflexivo realizado por toda a escola.

Assim, o que evidenciamos neste artigo é a importância de o educador conhecer as diversas concepções de língua para que tenha autonomia não somente para analisar o material que tem em mãos, mas também para ampliar tais atividades com o intuito de que

atendam a uma abordagem discursivo-ideológica. Defendemos que todo material pode ser mais bem aproveitado se usado com o conhecimento da teoria que nele está pressuposta.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. (SEF/MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Brasília, DF: SEF/MEC, 2000.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

CORACINI, M. J. R. F. Heterogeneidade e leitura na aula de língua materna. In: CORACINI, M. J. R. F. *Discurso e Sociedade: práticas em análise do Discurso*. Pelotas-RS: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2001. pp 137-155.

_____. (Org.). Leitura: Decodificação, Processo Discursivo...?. In: CORACINI, M. J. R. F. *O jogo discursivo na Aula de Leitura: língua materna e língua estrangeira*. 3. ed. Campinas – SP: Pontes, 2010. p. 13-20.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, n. Especial, p. 333-356, 2011.

_____. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

_____. Letramentos e gêneros do discurso na universidade. Incluindo discussão sobre (novas) práticas de leitura e escrita na internet. In: ABREU-TARDELLI, L.; KOMESU, F. (Org.) *Letramento e gêneros: aproximações, distanciamentos*. São Paulo: Editora da Unesp (FEU), 2016. p. 1-28.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDSTEIN, N. S. Gêneros do discurso e gramática no ensino de língua materna. *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 95-109, 1º sem. 2009.

GRANTHAM, M. R. Leitura e repetição: formas de interpretação. In: CORACINI, M. J. R. F. *Discurso e Sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas-RS: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2001. p. 209-234.

LEA, M.; STREET, B. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad. Adriana Fischer e Fabiana Komesu. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

PÃO amassado [2017]. Disponível em: https://www.google.com/search?q=charges+direito+e+sindicalismo&client=firefox-b-ab&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UIip4CL9iu1QeM%253A%252Co9RiVgw7AGzM1M%252C_&usg=AI4_-kOCXUwHXCjOm0s7Zl9iwtMdfQjvYA&sa=X&ved=2ahUKEwjYt9Gm8fDfAhUED7kGHfjOD_cO9OEwAXoECAYQBA#imgrc=MLBEZjKvq5Ts7M. Acesso em: 23 jan. 2018.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi [et al.] Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1988. p. 139-185.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 2. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997. p. 163-252.

REFORMA trabalhista. [2017]. Disponível em: <http://blogdotonimartins.blogspot.com.br/2017/04/charge-reforma-trabalhista.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. Trad. Armando Silveiro. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, jul./dez. 2010.



Recebido em 17/05/2018. Aceito em 09/07/2018.

METÁFORAS MILITARES E CONSTRUÇÃO DA BIPOLARIDADE¹

METÁFORAS MILITARES Y CONSTRUCCIÓN DE LA BIPOLARIDAD

MILITARY METAPHORS AND THE CONSTRUCTION OF BIPOLARITY

Camila de Almeida Lara*

Fábio Lopes da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este trabalho busca investigar a emergência de metáforas conceituais em textos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria* entre os anos de 2011 e 2015 cuja temática gira em torno do transtorno bipolar. Os objetivos deste texto são investigar quais metáforas poderiam ser deduzidas a partir das expressões linguísticas utilizadas pela classe médica em matérias acerca do transtorno bipolar, além de analisar como a expressão da experiência psiquiátrica relacionada a uma suposta doença mental pode dar indícios sobre sua conceptualização. O trabalho assume a metáfora não como simples figura retórica, mas como uma operação cognitiva fundamental que, a partir dos estudos seminais de Lakoff e Johnson, passa a ser percebida como componente essencial da linguagem cotidiana e do modo ordinário de conceptualizar o mundo. Os resultados apontam que a conceptualização da suposta doença baseia-se em um número relativamente pequeno de domínios-fonte com prevalência do domínio guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Metáfora Conceptual. Análise Crítica da Metáfora. Transtorno Bipolar.

RESUMEN: Este trabajo busca investigar una emergencia de metáforas conceptuales en textos publicados en *Revista Debates en Psiquiatria* entre los años 2011 y 2015 cuya temática gira en torno al trastorno bipolar. Los objetivos del texto son preguntas de investigación y las estadísticas sobre el lenguaje bipolar, así como la expresión de la experiencia psiquiátrica y la teoría de la enfermedad bipolar, así como el análisis y la experiencia en la experiencia psiquiátrica y la supuesta enfermedad mental puede dar indicios en su conceptualización. El trabajo asume una metáfora no como simple figura retórica, más bien como una operación cognitiva fundamental, a partir de los estudios semánticos de Lakoff y Johnson, pasará a ser un componente esencial de la lengua cotidiana y el modo ordinario de conceptualizar el mundo. Los resultados de una conceptualización de la base de datos se basan en el número de personas en la red con la prevalencia de la guerra.

PALABRAS CLAVE: Teoría de la Metáfora Conceptual. Análisis Crítico de la Metáfora. Trastorno Bipolar.

ABSTRACT: This article aims to investigate the use of conceptual metaphors in texts published in the periodical *Debates em Psiquiatria*, between the years of 2011 and 2015. The texts are all about Bipolar Disorder. Our goals with this paper were to investigate which metaphors could be deduced from the linguistic expressions used by the medical class in the subjects related to

¹ Esse texto é um recorte da discussão proposta na dissertação de mestrado “O jogo metafórico do Transtorno Bipolar: presença e ausência na *Revista Debates em Psiquiatria*” (LARA, 2017), a qual buscava investigar a emergência de metáforas conceituais em textos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria*, entre os anos de 2011 e 2015, cuja temática girava em torno do Transtorno Bipolar, sob orientação do professor Fábio Lopes da Silva.

* Mestra e Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística (UFSC). Bolsista CNPQ. E-mail: <camilaalara04@gmail.com>.

** Professor do Departamento de Língua e Literatura Vernácula e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <flopes@cce.ufsc.br>.

Bipolar Disorder, to analyze how these expressions are related to a supposed mental illness, and how they can give indications about their conceptualization. In order to do so, we take metaphor not as a simple rhetorical figure, but as a fundamental cognitive operation that, from the seminal studies of Lakoff and Johnson, comes to be perceived as an essential component of everyday language and also in the ordinary way of conceptualizing the world. The results pointed that the required sources used for the conceptualization of the alleged disease were based on a relatively small number, and the most prevalent domain was war.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor Theory. Critical Analysis of Metaphor. Bipolar Disorder.

1 INTRODUÇÃO

A Associação Brasileira de Transtorno Bipolar estima que cerca de 1,8 a 15 milhões de brasileiros sejam portadores do transtorno bipolar², nas suas diferentes formas de apresentação. A afecção seria caracterizada por alterações de humor que se manifestam em episódios depressivos e alternam-se com episódios de euforia, também denominados de mania, em diversos graus de intensidade.

Desse modo, o transtorno bipolar, tomado ou produzido como doença mental, aparece como objeto de discursos e práticas médico-psiquiátricas. Outrora visto como uma reação a fatos cotidianos, o transtorno tem sido tema de inúmeras publicações científicas. É, além disso, obstinadamente mencionado em veículos não científicos e em vulgarizações, a despeito das dificuldades relativas à delimitação de uma definição precisa e de um objeto específico que constituam a “personalidade maníaco-depressiva”.

Conforme já retratado por Brzozowski (2013), a ampla divulgação proporcionada pelas atuais tecnologias e mídias eletrônicas ajuda a difundir esses tipos de condições que a Psiquiatria considera patológicas e suas terapêuticas, chamando a atenção para possíveis sintomas e mobilizando a vigilância de comportamentos que poderiam ser indícios patológicos.

Assim acontece com a psicose maníaco-depressiva, ou, mais recentemente, transtorno bipolar³. Uma importante referência na abordagem do transtorno bipolar é a revista *Debates em Psiquiatria*, publicação bimestral da Associação Brasileira de Psiquiatria dirigida exclusivamente a médicos, pesquisadores e estudantes da área da Psiquiatria. Disponível eletronicamente, ela pode ser acessada por qualquer cidadão que busque informações médicas acerca da patologia.

No horizonte das ciências humanas, alguns trabalhos indicam como o discurso científico pode influenciar a recepção a certas doenças e as práticas sociais a elas associadas, quer estejam ligadas ao corpo, quer à mente. Analisar a linguagem que se concretiza verbalmente nesses discursos é a temática central deste texto.

Nosso ponto de partida é a afirmação de Sontag (1984) de que o uso da metáfora na referência a doenças pode produzir estereótipos e aumentar o sofrimento daqueles que padecem de determinadas patologias, revelando muito sobre a ideia de morbidez e sobre a evolução das doenças. Nesse sentido, é mister perscrutar textos científicos que abordem uma suposta doença mental que, antes da ampliação diagnóstica atingiria menos de 1% da população mundial e, após a expansão, poderia acometer até 8% da população (LIMA et al. 2005).

Como parte de um esforço de reposicionamento teórico, nosso objetivo é pensar como a conceptualização do transtorno bipolar foi construída em textos publicados pela *Revista Debates em Psiquiatria* por meio de metáforas. Neste texto, deslocamos a atenção sobre um objeto tão incerto quanto o transtorno bipolar e os discursos médicos acerca da patologia para um campo distinto dos estudos discursivos, o território da Semântica Cognitiva. Em especial, investigamos quais metáforas conceptuais organizam o discurso científico sobre o transtorno bipolar, assumindo que se trata de uma experiência abstrata de uma condição movediça que, ainda assim, recebe o rótulo de doença.

² Essa disparidade entre a quantidade de sujeitos que seriam supostamente atingidos pelo transtorno bipolar por si só pode ser índice da vagueza e da dificuldade em diagnosticar corretamente o transtorno bipolar. Na teoria, a classificação das doenças mentais segundo seus sintomas seria bem organizada em categorias discriminadas, sem muitas ambivalências, mas na prática o que se percebe é que o sinal de doença não é necessariamente claro (LANGDON, 2003).

³ Não encaramos as mudanças em torno do transtorno bipolar como evoluções da ciência, que chegariam cada vez mais próximas a uma verdade. Compreendemos, com Foucault (2006), a Psiquiatria como um saber cujos conceitos são construídos e mudam ao longo do tempo.

Embora a referência a enfermidades por meio de termos metafóricos seja recorrente na história da humanidade, a metáfora é estudada por diferentes perspectivas, que, se não contraditórias entre si, não comungam de muitas semelhanças. Assim, a discussão empreendida neste estudo não pretende traçar uma perspectiva cronológica dos estudos acerca da metáfora, tampouco resumir a literatura destinada a essa problemática.

Desse modo, partimos da tese defendida por Lakoff e Johnson (1999), que retira o *locus* da metáfora da linguagem para introduzi-la no *locus* do pensamento, e aposta no pressuposto de que a metáfora não faz parte apenas na linguagem poética ou retórica, estando também, e sobretudo, infiltrada na linguagem ordinária. Mais do que um mero recurso linguístico, a metáfora seria parte da linguagem cotidiana e componente essencial do modo ordinário de conceptualizar o mundo.

Ao longo dos estudos sobre as metáforas conceptuais, tal conceito vem sendo aperfeiçoado por diferentes perspectivas, as quais tomam como alicerce a identificação de domínios conceptuais evidenciados por expressões linguísticas, como propuseram Lakoff e Johnson (1999). Uma dessas perspectivas é a da Análise Crítica da Metáfora, assumida por Charteris-Black (2004). Essa proposta teórica, ao integrar os conhecimentos da análise crítica do discurso ao estudo do fenômeno metafórico, defende o potencial da metáfora na construção de representações do mundo e na compreensão humana de vários aspectos da vida social e política, além de reconhecer seu papel vital na formação de crenças, atitudes e ações e na influência de condutas pessoais e sociais (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 28).

Nosso *corpus* é constituído por artigos publicados na *Revista Debates em Psiquiatria*, destinada exclusivamente ao público médico. Esse material foi selecionado pelo fato de ter amplo e fácil acesso *on-line*, pela grande quantidade e multiplicidade de textos que versam sobre a bipolaridade e por sua representatividade no meio científico, uma vez que se trata da revista oficial da Associação Brasileira de Psiquiatria.

É, então, no entendimento dos sujeitos bipolares não como realidade plena, mas como figuras produzidas pelo saber contemporâneo que se propõe a análise das metáforas que a classe médica utiliza para fazer referência às comorbidades da doença bipolar.

A fim de entendermos de que forma as metáforas organizam o conceito de bipolaridade, organizamos esse texto em três seções. A primeira delas situa nosso estudo em termos teórico-epistemológicos, dando destaque à obra seminal de Lakoff e Johnson (1999) e à proposta de análise das metáforas de Charteris-Black (2004). Embora as duas perspectivas não divirjam quanto à motivação da emergência da metáfora, a primeira tende a uma abordagem universalista e descontextualizada da metáfora, enquanto a segunda procura demonstrar como a metáfora conceptual é inteiramente contextualizada e discursivamente construída (CHARTERIS-BLACK, 2004). Na seção seguinte, discorreremos sobre a metodologia adotada e o *corpus* de análise.

Para entendermos de que forma as metáforas influenciam a recepção do transtorno bipolar, na terceira seção, apresentamos a análise tecida neste estudo e a classificação do domínio-fonte mais produtivo na conceptualização metafórica da bipolaridade, o qual legitima o aparecimento das metáforas usuais no campo da Psiquiatria e da medicina e mostra como a bipolaridade constitui-se por um processo epistemológico e também por processos cognitivos que as metáforas encarnam.

2 SOBRE A METÁFORA CONCEPTUAL

Uma vez evidenciado que o arcabouço teórico do presente estudo emerge tanto da Linguística Cognitiva, que tem nas metáforas um de seus principais objetos de estudo, quanto da Análise Crítica da Metáfora, que ressalta o aspecto social dos estudos cognitivos, pretendemos, nesta seção, explorar algumas questões teóricas envolvidas no entendimento das metáforas a partir das abordagens da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e da Análise Crítica da Metáfora.

Na tradição retórica, a metáfora era considerada predominantemente um instrumento para a imaginação poética, sem nenhum valor cognitivo, e era vista apenas como um desvio da linguagem usual. Foi somente a partir do século XX que o papel da metáfora

como simples figura retórica começou a ser questionado. Com a publicação de *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) produziram uma ruptura no paradigma objetivista⁴ da metáfora.

Ao atribuir à metáfora um *status* epistemológico que recusaria a possibilidade de qualquer acesso verdadeiro à realidade, *Metáforas da vida cotidiana* contribuiu para mudar uma história de mais de dois milênios, expandindo o escopo cognitivo da metáfora na direção de uma grande quantidade de conceitos cotidianos como o amor, as discussões, a vida e as ideias.

De acordo com Vereza (2013), o livro promoveu o entendimento da metáfora na linguagem e, principalmente, no pensamento, uma vez que, nessa perspectiva, as metáforas podem ter como base fundante tanto a corporeidade (experiências sensorio-motoras, de caráter mais universal) quanto a dimensão cultural da experiência. Estudar a metáfora passou a representar um importante meio para a compreensão do papel do corpo e da cultura, intermediados pela metáfora, na produção de sentidos.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que a metáfora está infiltrada em nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Para os autores (2002 [1980], p. 45), o “[...] nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. A metáfora, na concepção da semântica cognitiva, estende seus efeitos às práticas corriqueiras e estrutura os modos pelos quais nos comportamos no mundo e nos relacionamos com as pessoas. Assim, ela é parte de um “inconsciente cognitivo coletivo” e mantém relação de determinação com a cultura e com a língua.

A partir das considerações iniciais a respeito da metáfora, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) introduziram a noção de “metáfora conceptual”, com a intenção de indicar que os conceitos pelos quais somos governados não seriam meras questões de intelecto, mas governariam nossa atividade cotidiana nos detalhes mais triviais. Os autores (2002 [1980]) argumentam que os processos do pensamento são, na maioria das vezes, metafóricos, e que a metáfora, na verdade, deve ser vista como um conceito metafórico que se manifesta de diferentes maneiras na linguagem.

Vereza (2010) chama a atenção para o interesse dos estudiosos cognitivistas da metáfora, indiciando

[...] A identificação por meio das marcas linguísticas, das metáforas conceptuais que as subjazem. Compreender a forma pela qual o homem vê parte de sua experiência (normalmente as mais abstratas) pela lente de outras mais concretas (principalmente aquelas relativas à corporeidade) e a relação dessas conceptualizações metafóricas com a cultura é o objetivo central dos adeptos da TMC. (VEREZA, 2010, p. 206).

Ao pensar no objetivo central da TMC, acreditamos que a utilização das metáforas em artigos médico-psiquiátricos, objeto de estudo deste texto, não serve apenas como adereço à escrita, mas traz à tona uma tentativa de descrever e caracterizar a doença bipolar. Na seção seguinte, pretendemos realizar a leitura⁵ dos usos metafóricos na descrição da bipolaridade, mas antes se faz necessário aprofundar alguns conceitos acerca da metáfora conceptual, tais como a estruturação metafórica proposta pela TMC.

2.1 A ESTRUTURAÇÃO METAFÓRICA PELA TMC

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) observam que, ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, a metáfora não é apenas uma questão de linguagem extraordinária, mas um caso de linguagem ordinária, que se infiltra nos usos mais corriqueiros e governa nosso pensamento e nossa ação cotidiana.

A fim de ilustrar essas posições, os autores (2002 [1980], p. 48) estabelecem uma diferença entre *metáfora* como um conceito metafórico em nosso sistema conceptual e *expressões metafóricas* como verbalização desse conceito. Segue-se dessa distinção que ao

⁴ Em *Women, fire and other dangerous things* (1987, p.165), Lakoff argumenta que a visão objetivista da metáfora, proposta pela filosofia, é inadequada para o estudo das línguas naturais. O paradigma objetivista bane a metáfora do reino dos “conceitos verdadeiros”, por acreditar que aspectos imaginativos da psicologia humana como a metáfora, a metonímia e imagens mentais introduzem aspectos não objetivos da realidade e, assim, não geram representações precisas do conhecimento.

⁵ A leitura, procedimento para a identificação das metáforas, tal como aponta Sardinha (2007), é um dos métodos que podem auxiliar o pesquisador na instauração de um corpus.

usarmos o termo metáfora, estaremos pensando em conceitos metafóricos que são externados na linguagem por expressões metafóricas.

Baseando-se em evidências linguísticas, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) constataram que a maior parte de nosso sistema conceitual ordinário é de natureza metafórica. Ato contínuo, identificaram alguns dos conceitos metafóricos segundo os quais nós vivemos sem termos muita consciência, como o célebre exemplo DISCUSSÃO É GUERRA⁶. Note-se que o conceito de discussão é ao menos parcialmente estruturado, compreendido e realizado na linguagem em termos de batalha, o que é sugerido por uma grande variedade de expressões metafóricas⁷, como:

- (1) *Seus argumentos são indefensáveis.*
- (2) *Ele atacou os pontos fracos do meu argumento.*
- (3) *Suas críticas foram direto ao alvo.*

Assim, o *locus* da metáfora (conceito metafórico) é o pensamento, enquanto o *locus* das expressões metafóricas é a linguagem. As expressões metafóricas são expressões linguísticas através das quais o conceito metafórico é externado (GUEDELHA, 2013).

O conceito metafórico DISCUSSÃO É GUERRA ilustra a sistematicidade dos conceitos metafóricos e esclarece a essência da metáfora que é “[...] compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Uma vez que o conceito metafórico é sistemático, a linguagem utilizada para falar sobre um dos aspectos do conceito é, ela também, sistemática.

Outros conceitos metafóricos que estruturam nossas vidas são os conceitos ligados ao tempo, como TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, TEMPO É UM RECURSO VALIOSO. Eles teriam surgido nas sociedades industrializadas e estruturam as atividades cotidianas básicas.⁸ Derivariam da forma pela qual o conceito de trabalho desenvolveu-se nas sociedades ocidentais modernas, em que é associado ao tempo e quantificado com precisão: paga-se e recebe-se pelas horas, semanas ou meses trabalhados.

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é a sistematicidade dos conceitos metafóricos que nos permite compreender um conceito em termos de outros, e é essa sistematicidade que, por outro lado, necessariamente encobrirá outros aspectos de um conceito. Os autores (2002 [1980]) sinalizam que, ao permitir que se focalize um aspecto do conceito, um conceito metafórico pode nos impedir de focalizar outros aspectos que sejam incongruentes com a metáfora. Sendo assim, quando pensamos no conceito de discussão em termos bélicos, podemos nos esquecer, por exemplo, de seus aspectos cooperativos.

Um conceito metafórico que mostra como podemos realçar e encobrir aspectos por meio de metáforas, e que teve grande influência na obra de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), foi o da metáfora do canal (*conduit metaphor*) proposto por Reddy (1979). Segundo esse conceito, a linguagem constitui-se como um veículo para o pensamento que é expresso univocamente pelas palavras. Vivemos imersos nesse conceito, na ilusão da univocidade e da transparência da linguagem, o que estrutura o nosso sistema de comunicação (ZANOTTO, 1998).

Cabe ressaltar ainda que a estruturação metafórica defendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) é sempre parcial e não total, uma vez que, se fosse total, um conceito seria outro, e não apenas entendido em termos de outro. O exemplo dos autores é o do conceito de tempo, que realmente não é dinheiro. Gastamos o tempo, mas não temos como consegui-lo de volta, não existem agiotas ou

⁶ Os conceitos metafóricos são transcritos por Lakoff e Johnson com letras maiúsculas, e as expressões metafóricas são transcritas com letras minúsculas. Optamos por continuar com essa codificação, por acreditar que ela seja a mais adequada para diferenciar os dois conceitos.

⁷ Os exemplos de expressões metafóricas utilizados nesta seção podem ser encontrados em *Metáforas da vida cotidiana*.

⁸ Embora o trabalho de Lakoff e Johnson tenha ganhado popularidade entre os estudos da metáfora, críticas a esse modelo de estudo apontam o fato de os exemplos utilizados serem inventados e baseados na noção de um falante-ouvinte ideal. Censura-se também a ênfase dada aos processos cognitivos em detrimento dos aspectos sociais. No entanto, percebemos que os autores apontam para fatores sociais e para as possíveis implicações decorrentes do uso metafórico em discursos cotidianos. Ou seja, uma abordagem crítica da metáfora também já aparece nos trabalhos dos proponentes da TMC e não é restrita a trabalhos posteriores.

bancos que podem emprestar ou devolver uma quantidade de tempo. Assim, uma parte do conceito metafórico TEMPO É DINHEIRO não é aplicada na compreensão do conceito.

Ainda assim, insistamos, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que os conceitos metafóricos podem ser entendidos além do domínio das formas literais ordinárias de pensar e falar, quando passamos para o domínio do que os autores chamam de pensamento e linguagem figurados, poéticos. Dessa forma, quando os autores dizem que um conceito é estruturado por uma metáfora, na verdade, querem dizer que ele é parcialmente estruturado, podendo expandir-se de algumas maneiras, e não de outras.

Sardinha (2007) destaca que, além dos conceitos de metáfora conceptual e expressão metafórica, o domínio também é um conceito caro para a TMC, ramificando-se em duas vertentes: domínio fonte, aquele que envolve aspectos mais concretos de nossa experiência, e domínio alvo, que tem a tendência de ser mais abstrato.

Sardinha (2007) exemplifica os conceitos de domínio fonte e domínio alvo com a metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, em que o domínio alvo AMOR, de caráter mais abstrato, é estruturado com base no conceito de viagem, geralmente mais concreto. O autor ainda chama a atenção para o fato de que um mesmo domínio fonte pode servir a vários domínios alvo, como viagem, que é fonte do conceito de amor, bem como servir para o conceito de vida; assim encontramos a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM.

No capítulo introdutório de *Power of Metaphor: Examining its Influence on Social Life*, Landau, Robinson e Meier (2014) elaboram esquemas para a definição do domínio fonte e do domínio alvo a partir do conceito metafórico: O AMOR É UMA JORNADA. Acreditamos que esses esquemas exemplificam, de modo mais consistente, os conceitos de domínio fonte e domínio alvo e, por isso, julgamos pertinente reproduzi-los abaixo:

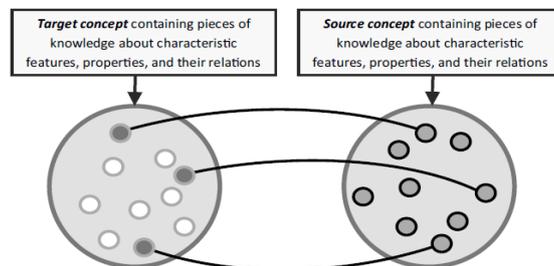


Figura 1: Esquemas para definição de domínios fonte e domínios alvo⁹

Fonte: Landau, Robinson e Meier (2014, p.6)

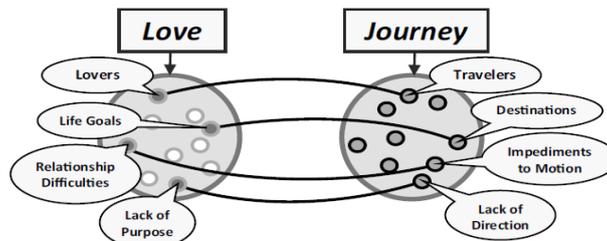


Figura 2: Esquemas para definição de domínios fonte e domínios alvo

Fonte: Landau, Robinson e Meier (2014, p.6)

⁹ Landau, Robinson e Meier (2014) preferem chamar os domínios fontes e domínios alvos de conceitos fontes e conceitos alvos. Embora a designação seja distinta, ela representa os mesmos conceitos propostos por Lakoff e Johnson.

Preocupados com o modo como as pessoas compreendem suas experiências e interessados em saber como apreendemos, compreendemos e agimos em função de um conceito, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) observam que a língua é a fonte de dados que permite formular princípios gerais acerca dessa compreensão. Tais princípios implicariam sistemas de conceitos, em vez de palavras ou conceitos individuais. Os dois teóricos argumentam que esses princípios são metafóricos por natureza e implicam que a compreensão de um tipo de experiência possa acontecer em termos de outro tipo de experiência.

2.2 AS METÁFORAS E A ESTRUTURAÇÃO DE CONCEITOS

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam de conceitos estruturas neurais que nos permitiriam caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar a partir delas. Nesse sentido, as categorias seriam, em sua maioria, não um produto consciente da razão, mas formadas automática e inconscientemente.

Ao sugerir que o sistema conceptual humano não é apenas o reflexo de uma realidade externa, os autores apontam para o fato de que os conceitos são modelados a partir de nossos corpos e cérebros, especialmente a partir de nosso sistema sensorio-motor. Logo, seria a natureza peculiar de nossos corpos – como nosso sistema visual que propiciaria a habilidade de conceptualizar relações espaciais – que teria importância nas possibilidades de formação de nosso sistema conceptual e das categorias que criamos.

Ao proporem que o sistema conceptual humano seria derivado especialmente de nossas experiências corporais, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que a maior parte de nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, ou seja, a maior parte dos conceitos é parcialmente compreendida em termos de outros conceitos. Nossas experiências corporais, por exemplo, propiciam a compreensão dos conceitos espaciais simples, como PARA CIMA, PARA BAIXO, FRENTE ou ATRÁS, os quais emergem de nossa constante experiência espacial ou experiência física direta, de nossa interação com o ambiente físico. O que os autores (2002 [1980], p. 128) afirmam ser uma “experiência física direta” não seria apenas a questão de possuir um corpo de determinada forma, mas uma “[...] questão de toda experiência acontecer dentro de uma vasta bagagem de pressuposições culturais”.

A ênfase sobre a fundamentação dos conceitos deve ser dada ao fato de que geralmente conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas, algo que não é claramente delineado em termos de algo mais claramente delineado. Em lugar de serem rigidamente definidos, os conceitos que brotam de nossa experiência são abertos – e, por isso, são as metáforas os instrumentos sistemáticos para auxiliar na melhor definição de um conceito, além de serem utilizadas para modificar ou ampliar seu âmbito de aplicabilidade.

Ao contrário da perspectiva objetivista, que pressupõe que as experiências e os objetos têm propriedades inerentes e que os seres humanos os compreendem com base nessas propriedades, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) argumentam que compreendemos conceitos abstratos apenas parcialmente em termos de propriedades inerentes. A totalidade da compreensão dos conceitos aconteceria de forma metafórica, uma vez que os conceitos abstratos não são suficientes e claramente definidos em seus próprios termos para satisfazer propósitos de nosso cotidiano, exigindo uma definição metafórica, a qual geralmente acontece com base em domínios da experiência mais concreta, como orientação espacial, objetos e substâncias.

Cabe ressaltar mais uma vez que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) trabalham com a perspectiva de que cada metáfora referente a um conceito nos ajuda a criar alguns dos aspectos desse conceito, mas que nenhuma delas consegue, sozinha, auxiliar-nos no entendimento completo, consistente e abrangente de todos os aspectos de um conceito. No entanto, juntas, as metáforas podem nos ajudar na compreensão coerente de um conceito.

De acordo com Lakoff e Johnson (1991), nossos conceitos abstratos mais importantes, como o amor, a moralidade e o tempo, por exemplo, são conceptualizados através de múltiplas metáforas complexas. Essas metáforas seriam parte essencial do conceito e, sem elas, o conceito seria desprovido de toda estrutura conceitual e inferencial.

Pensando em como os conceitos são metaforicamente estruturados, em *Philosophy in the Flesh*, os autores (1991) afirmam que experiências subjetivas – desejo, afeição, intimidade, entre outras – seriam experiências produtivas, que fazem com que as maneiras como as conceptualizamos, raciocinamos sobre elas e as vivenciamos também sejam produtivas e, na maior parte das vezes, advindas

de outros domínios de nossa experiência. Um desses domínios seria o domínio sensório-motor, e o mecanismo cognitivo através do qual aconteceriam essas conceptualizações seriam as metáforas conceptuais.

Para finalizar esta seção, destacamos que, no paradigma cognitivista, a metáfora seria abordada como parte de um sistema, tanto na dimensão do pensamento quanto na linguagem. Estudos mais recentes deslocariam o foco no sistema para o foco no uso e, por isso, deparar-se-iam com a complexidade e a heterogeneidade do discurso. Essa linha de pesquisa é entendida por Vereza (2007) como uma hipótese pragmático-cognitiva, que toma a metáfora conceptual como um novo objeto de pesquisa, multidisciplinar, epistemologicamente consistente e bastante promissor em seu potencial analítico.

São as pesquisas na área da Linguística Aplicada que têm superado as limitações teórico-metodológicas dos estudos desenvolvidos nas áreas ditas mais puras – a semântica cognitiva, por exemplo, na qual o material linguístico utilizado nos estudos parte de exemplos inventados, uma vez que estes dão ênfase a amostras autênticas da língua em uso –, o que garante sua legitimidade e eficiência, tanto como objeto de estudo como garantindo evidências explicativas (VEREZA, 2007). Isso posto, na próxima seção apresentamos uma dessas propostas, que procura investigar o papel da metáfora no discurso.

2.3 A PROPOSTA DE CHARTERIS-BLACK – A ANÁLISE CRÍTICA DA METÁFORA

Ao sugerir uma proposta para a análise do papel das metáforas nos discursos, Charteris-Black (2004) mobiliza a interdependência de três domínios do saber – a semântica, a pragmática e a análise crítica do discurso – para que se possa desenvolver um modelo discursivo para a metáfora.

Desse modo, a característica que alicerça o projeto da Análise Crítica da Metáfora é o fato de a metáfora ter traços linguísticos, pragmáticos e cognitivos. Para ele, a dimensão pragmática, mesmo que tenha perdido espaço nas abordagens da semântica cognitiva, é importante. O linguista propõe retomar algumas concepções da metáfora defendidas por Ricoeur (1978 apud CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 2, tradução nossa), que demonstram como o aspecto pragmático das metáforas tem papel importante em sua compreensão: “[...] A metáfora mantém dentro de um simples significado, duas partes diferentes faltantes de contextos diferenciados de significado. Assim, não estamos mais lidando com uma simples transferência de palavras, mas com uma troca entre pensamentos, que é uma transação entre contextos”.

Nesse sentido, a abordagem da Análise Crítica da Metáfora destina-se a fornecer análises de metáforas a partir de seus contextos de produção via investigação de *corpus* advindos de diferentes campos do saber, como a política, a economia e a mídia. Além disso, Charteris-Black (2004) propõe que a dimensão pragmática da metáfora deveria ser analisada em termos de seus componentes ideológicos e retóricos, para que houvesse melhor compreensão das relações entre as formas externas da linguagem e as formas internas do pensamento humano.

Para o linguista (2004), a Análise Crítica da Metáfora identifica como o recurso metafórico pode ter um poderoso papel persuasivo, uma vez que integra recursos cognitivos e linguísticos com conhecimento histórico e cultural. O autor argumenta ainda que a metáfora é um conceito relativo¹⁰, o qual não pode ser definido por um único critério aplicado a todas as circunstâncias, ou seja, sua definição deve levar em consideração critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos, uma vez que um único critério não poderia definir um encaixe perfeito entre as intenções do “codificador” e as interpretações dos “decodificadores”.

Ao tomar a posição de que a metáfora não pode ser definida por um único critério, seja ele semântico ou pragmático, Charteris-Black (2004) advoga a favor de uma abordagem de análise que complemente as perspectivas da semântica cognitiva com a análise

¹⁰ Sobre essa definição, Charteris-Black (2004, p. 20, tradução nossa) alega que: “[...] a metáfora é um conceito relativo em vez de absoluto. É relativo uma vez que os significados das palavras mudam ao longo do tempo. Então, o que antes era metafórico pode se tornar literal, porque a consciência da metáfora depende em parte dos usuários da linguagem, ou seja, da experiência dos usuários da linguagem. [...] Dado que é improvável que haja conceito total sobre o que é ou não é uma metáfora, ou sobre o quanto o uso de uma determinada palavra ou frase é metafórico. Pode ser que as definições de metáfora precisem incorporar a linguística, uma orientação pragmática e cognitiva. O termo ‘metáfora’ pode se referir a um conjunto de características linguísticas, cognitivas e pragmáticas, todas ou algumas das quais são apresentadas em graus variados. A metáfora não é, portanto, um fenômeno exclusivamente linguístico, pragmático ou cognitivo”.

pragmática, tendo em vista que as metáforas seriam sempre utilizadas dentro de contextos específicos de comunicação que governariam suas funções. Desse modo, as funções cognitivas das metáforas não poderiam ser tratadas isoladamente de suas funções persuasivas no discurso.

Todavia, o valor da semântica cognitiva não é refutado em *Corpus Approches to Critical Metaphor Analysis*, pois, segundo o autor, a semântica cognitiva oferece um único conjunto unificado de critérios para a classificação das metáforas, o que permitiria comparações precisas de como a metáfora é utilizada em diferentes domínios discursivos (CHARTERIS-BLACK, 2004). Charteris-Black (2004) aponta para o fato de que a compreensão do porquê de uma metáfora conceptual ser preferível a outra deve considerar necessariamente a intenção do falante dentro de contextos específicos. Assim, as metáforas não seriam apenas um requerimento da semântica cognitiva, e sim questões de escolha do falante.

A Análise Crítica da Metáfora identificaria as proposições que sublinham a base cognitiva da metáfora e revelaria as intenções do falante ao utilizar essa ou aquela metáfora conceptual. Dessa forma, a proposta da Análise Crítica da Metáfora, ao integrar os conhecimentos da análise crítica do discurso¹¹ ao estudo do fenômeno metafórico, é defender o potencial da metáfora na construção de representações do mundo e na compreensão humana de vários aspectos da vida social e política, além de sublinhar seu papel vital na formação de crenças, atitudes e ações e na influência de condutas pessoais e sociais (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 28).

Charteris-Black (2004) reivindica a utilização de *corpus* – larga seleção de textos que derivam da língua em uso em um contexto – nas análises do processo metafórico, uma vez que se alinha com a ideia de que estudos da metáfora derivados de *corpus* são efetivos para demonstrar como avaliações e julgamentos são comunicados.

Entendendo o fenômeno metafórico para além da ótica cognitiva e priorizando a análise da metáfora como um fenômeno sociocognitivo, que nos possibilita capturar a maneira como lidamos com situações ordinárias é possivelmente determinar estratégias para alcançarmos certos objetivos – o que poderia muito bem acontecer em discursos médico-psiquiátricos –, pretendemos, na próxima seção, observar como a conceptualização do transtorno bipolar é atingida pelo fenômeno metafórico.

3 METODOLOGIA E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

O presente texto é um estudo qualitativo, que toma como suporte tanto a Teoria da Metáfora Conceptual quanto alguns postulados da Análise Crítica da Metáfora. Apesar dessas abordagens teóricas apresentarem um arcabouço teórico-metodológico consistente, em nosso trabalho, a presença do caráter interpretativista foi imprescindível na discussão apresentada na próxima seção.

A metodologia empregada na identificação das metáforas no *corpus* selecionado é proposta por Charteris-Black (2004)¹², distribuindo-se por três estágios sucessivos: identificação, interpretação e explicação das metáforas.

O processo de identificação corresponde à leitura atenta de textos para encontrar expressões linguísticas que, no estágio seguinte, podem licenciar metáforas conceptuais convencionais através de algumas palavras-chave. A identificação dessas expressões por meio da leitura também é descrita por Sardinha (2007). Para o autor existem duas variantes desse método: a leitura de textos sem nenhuma metáfora específica em mente, na tentativa de localizar uma variedade de expressões conforme o propósito do trabalho; e o ato de ler o texto tentando encontrar expressões linguísticas, as quais licenciariam metáforas conceptuais específicas e previamente definidas.

¹¹ A abordagem da Análise Crítica do discurso proposta por Charteris-Black (2004) deriva fundamentalmente da obra de Fairclough (1989 apud CHARTERIS-BLACK, 2004). Para o autor (2004, p. 29, tradução nossa): “[...] nas ciências sociais e humanas, o termo ‘crítico’ é freqüentemente usado para se referir as perspectivas teóricas e metodologias que visam alterar a ordem social e política existente. Portanto, a Análise Crítica do Discurso [...] preocupa-se em aumentar nossa consciência sobre as relações sociais que são forjadas, mantidas e reforçadas pelo uso da linguagem para mudá-las”.

¹² Charteris-Black (2004) propõe-se a ampliar a proposta metodológica apresentada em *Metáforas da vida cotidiana*, ao estudar as metáforas a partir de uma variedade de textos derivados da língua em uso. A noção da língua em uso indicaria que os dados da pesquisa não seriam inventados em benefício da teoria; ao contrário, emergiriam a partir de grandes e representativas amostras da língua. Além disso, essa metodologia não restringiria nem a seleção, nem o tamanho do corpus.

Charteris-Black (2004) argumenta que o estágio da interpretação das metáforas envolve o estabelecimento da relação entre as expressões linguísticas encontradas e fatores cognitivos e pragmáticos que podem determinar seu aparecimento. Na interpretação das metáforas, seria possível considerar a pró-atividade das escolhas metafóricas na construção de uma representação socialmente importante.

Já o estágio explicativo envolve a identificação dos aspectos sociais ligados à produção metafórica, o seu papel social na persuasão e, finalmente, o reconhecimento de suas funções no discurso, o que permite esclarecer suas motivações.

Com base nos três estágios que compõem a metodologia para a análise do processo metafórico, este estudo tomou como material de análise textos que consideramos essenciais para responder à questão com a qual nos ocupamos. Para isso, tomamos como foco da nossa análise artigos publicados no periódico *Debates em Psiquiatria*, entre os anos de 2012 e 2015, num total de sete artigos, mais duas publicações especiais destinadas exclusivamente ao transtorno.

Na seleção metafórica, optamos pelo *método de leitura*, uma vez que ele demanda a atenção do pesquisador à identificação das expressões linguísticas e permite o posicionamento deste frente à constituição do *corpus*.

Embora não tenhamos selecionado metáforas previamente, estabelecemos critérios para a identificá-las. Primeiramente, trabalhamos com textos publicados apenas na *Revista Debates em Psiquiatria*. A escolha desse periódico não se deu de forma aleatória; ela foi guiada principalmente pelo motivo de a revista ter amplo acesso e publicações dedicadas “exclusivamente” à classe médica, com artigos escritos por profissionais e especialistas dessa área, o que supunha um discurso mais especializado acerca do transtorno.

Na próxima seção apresentamos os artigos que foram selecionados para esse estudo. A partir da metodologia descrita, apresentamos, na próxima seção, a análise empreendida nesse estudo.

4 O TRANSTORNO BIPOLAR E AS METÁFORAS DA GUERRA

Diversos autores já demonstraram como as metáforas relativas às ideias de comando e controle militares há muito tempo estão presentes na medicina. Sontag (1984) ressaltou inclusive que elas teriam sido utilizadas, pela primeira vez, na nona década do século XIX, com a identificação das bactérias como agentes patológicos, sobre as quais se dizia que “invadem” ou “infiltram” os corpos. Ao traçar um importante paralelo entre o câncer e a terminologia militar utilizada para descrevê-lo, a autora (1984) afirma que todo médico e todo paciente estariam familiarizados com esse vocabulário, que, no caso do câncer, seria algo relativo a sítio e a guerra, com um contundente sentido literal e muita autoridade. O desenvolvimento clínico da doença e seu tratamento são descritos com referência a termos militares, e a própria doença é concebida como um inimigo, contra o qual a sociedade trava batalhas.

Na tarefa de compreender a constituição do conceito de bipolaridade, percebemos que os discursos da Psiquiatria, no *corpus* abordado nesta pesquisa, também se ajustaram às referências militares. Diferentemente do câncer, uma patologia da medicina orgânica, o transtorno bipolar seria uma patologia mental. Não obstante, as formulações linguísticas e conceituais encontradas em nossa análise sugerem uma tentativa de aproximação/assimilação da Psiquiatria à medicina orgânica, a fim de, possivelmente, legitimar um campo que, ao contrário desta última, permanece a uma certa distância do corpo anatomopatológico ou mesmo do corpo neurológico¹³ e, por essa razão, precisa apoiar-se em métodos e dispositivos mais “científicos” – como os propostos pela medicina orgânica – para validar seus diagnósticos. Cabe lembrar que, segundo Foucault (1975), a própria constituição da ideia de doença mental significou a transposição dos termos e expressões da medicina orgânica para medicina mental.

¹³ Com base em *O poder psiquiátrico*, Caponi (2012) distingue os estudos médicos anatómicos e neurológicos: os primeiros pensariam o corpo em termos de tecidos e órgãos, penetrando nos ínfimos detalhes do organismo profundo; os segundos seriam uma continuidade expandida da anatomopatologia, mas que, no século XIX, se limitavam a delinear uma descrição de superfície.

Os apontamentos foucaultianos mostram que a medicina mental tentou inicialmente decifrar a essência da doença mental, agrupando sinais que a indicariam. Constituíram-se então uma *sintomatologia* – na qual são realçadas as correlações constantes, ou somente frequentes entre um tipo de doença e sua manifestação débil – e uma *nosografia*, na qual as formas da doença são analisadas segundo suas fases de evolução, a alternância de sintomas e a sua evolução no decorrer da doença. Para Foucault (1975), essas análises têm a mesma estrutura conceitual encontrada na abordagem da patologia orgânica. Em ambos os casos, utilizam-se os mesmos métodos, a fim de organizar os sintomas em grupos patológicos. Ou seja, supõe-se que a doença é uma essência apontada pelos sintomas que manifestam. O filósofo francês (1975) ressalta que é somente pelo artifício da linguagem que se pode atribuir o mesmo sentido às doenças do corpo e às doenças do espírito.

Ao empregar as mesmas metáforas da medicina orgânica (embora existam práticas diferentes entre os dois campos, principalmente no que tange aos diagnósticos – na medicina orgânica o diagnóstico é diferencial; na Psiquiatria, ele é absoluto¹⁴), a Psiquiatria encontra sua legitimidade, como apontou Foucault em *O poder psiquiátrico*, quando afirmou que é pela sua relação com a anatomopatologia, com o hospital e com o nascimento da clínica que deve ser compreendido o discurso psiquiátrico (CAPONI, 2012).

No que se refere à análise que conduzimos, observamos que as metáforas militares, que se aplicam às patologias orgânicas, também se aplicam à doença bipolar, uma vez que as metáforas moldam e estruturam o pensamento (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Os médicos são soldados, e, como demonstramos abaixo, isso provavelmente afete e influencie a compreensão das pessoas sobre a patologia. O uso de termos bélicos colocaria, por exemplo, a doença no papel de adversário, o que poderia levar os pacientes a optarem por tratamentos mais agressivos (já que se age agressivamente em direção a inimigos) e justificaria a cruzada contra um oponente. Como apontaram Hauser e Schwarz (2015, p. 7): “[...] A sabedoria predominante na comunicação quando se refere a saúde é que o medo levantado pelo enquadramento inimigo vai motivar as pessoas a se engajar em comportamentos preventivos benéficos”

A partir da metodologia da Análise Crítica da Metáfora, nosso objetivo nesta seção foi descrever e classificar as metáforas conceituais com base no método de leitura, bem como propor algumas abordagens analíticas. A descrição e classificação das metáforas envolveu a identificação de domínios fontes, os quais licenciavam possíveis metáforas conceituais. Assim, as abordagens teóricas da Teoria da Metáfora Conceptual e da Análise Crítica da Metáfora fornecem evidências para que se possa pensar que o domínio fonte GUERRA licencia algumas metáforas, as quais podem ser percebidas através das expressões linguísticas¹⁵ que as verbalizam, como apontamos a seguir:

a) O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO:

- [...] Em dois grandes estudos com veteranos de guerra bipolares, [...]. (CASTRO COSTA; SILVA, 2011).

b) O MÉDICO É UM SOLDADO:

- [...] trabalhar com evidências médicas atualizadas mune o clínico com um melhor arsenal de conhecimento para aprimorar sua prática. (SILVA et al., 2011, p. 5).

- [...] daí a importância de continuar persequindo um melhor entendimento da complexidade do transtorno bipolar para assim estarmos aptos a desenvolver tratamentos alvos que não apenas atuem nas crises agudas e tratem suas recorrências, mas com a esperança de tratar sua causa e em última instância obter a cura. (SILVA et al., 2011, p. 5).

¹⁴ Em *O poder psiquiátrico*, Foucault (1975, p. 346) afirma que embora o diagnóstico psiquiátrico se realize “[...] aparentemente em certo nível como um diagnóstico diferencial de certa doença em relação a outra, a mania ou melancolia, histeria ou esquizofrenia, etc. [...] tudo isso, creio eu, não passa de uma atividade superficial e secundária em relação à verdadeira questão que é colocada em todo diagnóstico da loucura; e a verdadeira questão não é saber se é esta ou aquela forma de loucura, mas saber se é loucura ou não”.

¹⁵ Grifamos as expressões linguísticas que consideramos ser exemplos de expressões metafóricas.

- [...] No máximo, a presença desses sintomas pode indicar a necessidade de uma investigação mais criteriosa. (LAFER; NERY, 2011, p. 14).
- [...] Propõe-se à volta do raciocínio médico e da somatória de evidências clínicas para estabelecer o diagnóstico multiaxial e as estratégias de intervenção necessárias. (MORENO et al., 2012, p. 26).
- [...] o uso de instrumentos de rastreamento e entrevistas estruturadas pode auxiliar na identificação de pacientes com histórico de bipolaridade. (MORENO et al., 2012, p. 26).
- [...] apesar dessa estratégia mais tradicional ter ampliado o arsenal terapêutico para o TB. (CARVALHO, 2014, p. 27).
- [...] nosso grupo tem se dedicado a descobrir novos alvos bioquímicos. (VARELA et al, 2014, p. 7).
- [...] a presença desses sintomas em outros transtornos mentais dificulta a formulação de instrumentos precisos de rastreio diagnóstico para o TB. (SERPA et al, 2011, p. 34).

Nas metáforas conceptuais O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO e O MÉDICO É UM SOLDADO, o domínio fonte ativado é o de GUERRA, e o domínio alvo é o de TRANSTORNO BIPOLAR. O domínio fonte alicerça alguns mapeamentos:

- I. Soldados —→ médicos e pacientes;
- II. Armas —→ medicamentos, estudos clínicos, manuais diagnósticos;
- III. Conquistas —→ medicamentos e novos alvos bioquímicos que atuam na supressão dos sintomas;
- IV. Inimigo —→ transtorno bipolar.

A partir das metáforas conceptuais destacadas, percebe-se que o médico e o sujeito, supostamente afetados pela patologia, são conceptualizados como soldados que enfrentam um oponente comum. Assim identificados, os comportamentos posteriores (as conquistas médicas, como quando se descobre um novo fármaco que opere na diminuição dos sintomas; a opção pelo tratamento medicamentoso) relacionados a esses sujeitos vão envolver um tipo de engajamento ativo de ambos, e, por essa razão, são particularmente adequados à metáfora da guerra. Além disso, como mostrou Charteris-Black (2004), o domínio da guerra destaca os sacrifícios pessoais necessários para atingir um objetivo, o que, no caso em tela, afetaria a conduta de médicos e pacientes.

Na formulação estratégias de intervenção necessárias, a ideia difundida pela metáfora é a da prevenção contra um inimigo. Por essa razão, acreditamos que as metáforas conceptuais O PORTADOR DO TRANSTORNO É UM SOLDADO SENDO ATACADO e O MÉDICO É UM SOLDADO implicam a presença de uma metáfora ontológica, que deriva da personificação da própria doença, dando origem à metáfora conceptual A BIPOLARIDADE É UMA ENTIDADE.

As metáforas ontológicas permitem que, ao conceptualizarmos nossas experiências em termos de objetos e substâncias, possamos selecionar partes da experiência e tratá-la como entidade discreta de uma espécie uniforme. Identificando essas experiências como entidades, podemos categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e, em virtude disso, raciocinar sobre elas (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Uma extensão das metáforas ontológicas, a personificação, permite dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos.

A partir da conceptualização da bipolaridade como uma entidade, os autores dos textos analisados podem se referir à doença, identificar seus aspectos particulares, vê-la como causa de problemas, agir em relação a ela e acreditar que a compreendem. A metáfora A BIPOLARIDADE É UMA ENTIDADE, tendo em vista as expressões linguísticas que a verbalizam, sugere que esse conceito seja desenvolvido nos artigos como A BIPOLARIDADE É UM ADVERSÁRIO/INIMIGO, por meio da personificação da doença. A bipolaridade é compreendida em termos de atividades humanas, como demonstram as expressões linguísticas abaixo:

c) A BIPOLARIDADE É UM ADVERSÁRIO/INIMIGO

- [...] A doença se manifesta precocemente justamente na fase formativa da vida e o impacta na esfera cognitiva e emocional do desenvolvimento, o que se traduz [...]. (SILVA et al., 2011, p. 5).

Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a personificação de entidades pode ser muito mais específica do que simplesmente pensar em conceitos não humanos como humanos. A personificação nos fornece uma maneira singular de pensar sobre esses conceitos e também agir em relação a eles:

A personificação é, pois, uma categoria geral que cobre uma enorme gama de metáforas, cada uma selecionando aspectos diferentes de uma pessoa ou modos de considerá-la. O que todas têm em comum é o fato de serem metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, termos esses que podemos entender com base em nossas próprias motivações, objetivos, ações e características. (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 88-89)

Conceptualizar a bipolaridade como uma pessoa, e mais precisamente como um adversário, gera as inferências de que a doença pode atacar o sujeito afetado pelo transtorno, feri-lo, causar prejuízos. A conceptualização do transtorno como inimigo produz e justifica as ações tomadas no “combate” à doença, que, como destacamos, são pautadas nas metáforas militares. É pela metáfora do inimigo que se enfatiza o poder, a força do transtorno e as medidas necessárias em seu combate ou na tentativa de cura, mesmo que esta seja improvável.

São as relações isomórficas entre os domínios da doença e da guerra que propiciam um roteiro compartilhado para uma série de atividades ritualizadas: inicialmente há uma ameaça e a identificação de um inimigo; então há um chamado à ação em que os aliados são convocados para luta, a qual finalmente pode conduzir à vitória, à rendição e a alguma forma de punição. As metáforas de guerra, portanto, evocam um roteiro cognitivo particular (CHARTERIS-BLACK, 2004).

Além dos exemplos para respaldar ainda mais a presença do domínio fonte da guerra ao longo do *corpus*, acreditamos que a metáfora A BIPOLARIDADE É UM INIMIGO também pode se especificar em outra metáfora conceptual: BIPOLARIDADE É ENTIDADE A SER CONTROLADA.

Na primeira formulação destacada – a bipolaridade manifesta-se –, o fato de a afecção manifestar-se gera a inferência de que, muito antes do surgimento dos primeiros sintomas, a bipolaridade já existe como doença, como um inimigo secretamente instalado na mente do sujeito afetado.

Nesse sentido, pode-se conjecturar que, se existe algo conceptualizado como um inimigo, é procedente que se criem estratégias que o controlem e combatam. Nos artigos que selecionamos, essa estratégia, que não coincidentemente também é sustentada pelas metáforas militares, é a estratégia medicamentosa.

Identificamos, a seguir, expressões linguísticas que verbalizam o conceito metafórico A MEDICAÇÃO É UMA ENTIDADE, metáfora ontológica que se especifica na personificação da medicação, resultando no conceito A MEDICAÇÃO É UM AGENTE, como nas formulações a seguir:

d) A MEDICAÇÃO É UM AGENTE:

- [...] os agentes anticonvulsivantes e os antipsicóticos de segunda geração [...]. (COSTA; SILVA, 2011, p. 8).

“[...] No entanto, alguns dos estabilizadores de humor disponíveis apresentam um perfil melhor de eficácia sobre os sintomas depressivos da fase aguda da depressão bipolar, ou na prevenção de novos episódios depressivos. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).

- [...] essa boa ação antidepressiva em monoterapia *do lítio* descrita por diversos autores, não se confirma, porém, na prática clínica [...]. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).
- [...] para que o lítio exerça atividade antidepressiva na depressão bipolar [...]. (LAFER; NERY, 2011, p. 16).
- [...] esse agente farmacológico capaz de tratar a depressão de forma rápida e segura. (LAFER; NERY, 2011, p. 19).
- [...] O tamoxifeno é o único inibidor da PKC que passa a barreira hemato-encefálica. (MORENO; MORENO, 2011, p. 10).

Nesse cenário, a medicalização – processo pelo qual problemas que não eram considerados de ordem médica passaram a ser vistos e tratados como problemas médicos (BRZOZOWSKI, 2013) – é justificada pelo uso das metáforas militares O TRANSTORNO BIPOLAR É UM INIMIGO e A MEDICAÇÃO É UM AGENTE. A conceptualização dos medicamentos como *agentes* consegue fazer com que eles funcionem eficazmente como símbolos da restauração de uma presumida “sanidade”, uma vez que essas metáforas também evidenciam a idealização de um herói capaz de restaurar os valores morais da vítima. Além disso, como apontou Martins (2015) em um trabalho acerca das metáforas utilizadas na divulgação científica, o tratamento medicamentoso da bipolaridade pode ser conceptualizado pela metáfora TRATAMENTO DA BIPOLARIDADE É GUERRA, e esse uso estaria atrelado à intenção de conceptualizar a doença negativamente (MARTINS, 2015), por se tratar de um mal incurável que demanda esforços numa tentativa de normalização.

Sobre a estratégia medicamentosa, amplamente difusa na Psiquiatria moderna, Roudinesco (2000, p. 21) argumenta que, a partir de 1950, as substâncias químicas modificaram a paisagem da loucura.

Esvaziaram os manicômios e substituíram a camisa-de-força e os tratamentos de choque pela redoma medicamentosa. Embora não curem nenhuma doença mental ou nervosa, elas revolucionaram as representações do psiquismo, fabricando um novo homem, polido e sem humor, esgotado pela evitação de suas paixões, envergonhado por não ser conforme ao ideal que lhe é proposto.

Embora reitere que a psicofarmacologia possibilitou a reintegração dos doentes mentais à cidade e fez com que os tratamentos antigos fossem parcialmente abandonados, a psicanalista afirma que os psicotrópicos teriam o efeito de normalizar comportamentos e eliminar os sintomas mais dolorosos do sofrimento psíquico, sem buscar-lhes a significação. A psicofarmacologia teria se tornado o estandarte de um tipo de imperialismo que, de fato, permite que médicos abordem da mesma maneira todas as doenças, sem que jamais se saiba de quais tratamento elas dependem.

A medicalização¹⁶ do transtorno bipolar é tema recorrente nos artigos selecionados para este estudo – ela aparece em cinco dos dezesseis artigos selecionados –; e, em um dos textos, os autores afirmam: “este transtorno ganhou novo interesse por parte da comunidade médica a partir de publicações que sugeriam tratamentos farmacológicos para o transtorno [...]” (BASTOS LIMA et al. 2012, p. 30).

Em outra publicação da *Revista Debates em Psiquiatria*, Carvalho (2014) afirma que o tratamento medicamentoso convencional do transtorno teria eficácia limitada, não atuando na diminuição ou na remissão dos sintomas afetivos e nas disfunções cognitivas/funcionais em uma significativa proporção de pacientes. Por essa razão, lamenta ele a falta de esforços para a descoberta de novos fármacos.

A disponibilidade de novos fármacos no tratamento de sintomas é vista por De Aguiar (2004) como um dos motivos pelo qual os médicos aplicam certos diagnósticos ao reconhecer em seus pacientes determinadas características, sinais e sintomas:

¹⁶ O conceito de medicalização faz referência à expansão da jurisdição da profissão médica para novos domínios, sobretudo aqueles ligados a problemas considerados de ordem espiritual/moral ou legal/criminal. (AGUIAR, 2004).

[...] Quando um novo antidepressivo é lançado no mercado trazendo características de ser também um ansiolítico, diferentemente de seus antecessores, o médico prestará muito mais atenção à existência de sintomas ansiosos em seus pacientes. Isso terá efeitos na maneira como ele dirigirá suas perguntas ao paciente, e este, por sua vez, valorizará determinados elementos das experiências vividas em função do interesse médico. (DE AGUIAR, 2004, p. 84).

Então, seria a existência de um medicamento – conceptualizado como um agente, que funcionaria como marcador diagnóstico, já que ainda não existem marcadores biológicos nem uma teoria biológica consistente e unificada sobre os transtornos mentais fixando esses diagnósticos (DE AGUIAR, 2004) – que, de certo modo, passaria a legitimar a existência real de um transtorno mental, tornando relevante o recrutamento de pacientes que respondam ao medicamento.

Assim, as metáforas conceptuais que apareceram nos textos analisados validam e legitimam a presença do psiquiatra e dos medicamentos no tratamento da bipolaridade. É o domínio fonte da guerra – precisamente da guerra justa, conceito que admitiria situações em que as guerras são moralmente justificáveis e toleradas em face de um inimigo que toma, à força, os valores morais da vítima – que justifica intervenções medicamentosas ou não; o tratamento da bipolaridade é moralmente justificado, pois o sujeito afetado precisaria retornar a sua suposta normalidade. A partir do conceito de guerra, as intervenções são inquestionáveis, já que, de fato, a guerra é baseada em ações realizadas por agentes (soldados) que se utilizam de instrumentos para atingir um alvo, identificado como inimigo.

Temos, portanto, a evidência de um encadeamento metafórico em que a coerência entre as metáforas e a própria coerência dos discursos analisados é explicada pela metáfora conceptual A BIPOLARIDADE É UM INIMIGO/ADVERSÁRIO.

Reiteramos que, além de estratégia discursiva, as metáforas são uma estratégia cognitiva, que possibilita a constituição do transtorno bipolar enquanto inimigo não apenas por processos epistemológicos, mas também por processos cognitivos que fazem com que objetos incertos, como a bipolaridade, tornem-se alvo de ingerência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou da metáfora, precisamente da metáfora conceptual nos discursos psiquiátricos acerca do transtorno bipolar. Apostamos na hipótese de que muitas metáforas seriam utilizadas para inteligir um suposto transtorno que tem sido alvo de ingerência médica e psiquiátrica, principalmente após a ampliação das fronteiras diagnósticas e da viragem biológica da Psiquiatria. Ao percorrer o corpus selecionado, evidenciamos a presença de inúmeras metáforas conceptuais ligadas ao domínio fonte GUERRA.

Dessa forma, percorremos as bases teóricas que sustentavam nosso estudo e amparados nelas, localizamos expressões metafóricas que verbalizam as metáforas militares na descrição da bipolaridade, dos sujeitos afetados pela doença, assim como a conceptualização de médicos e das medidas terapêuticas adotadas na tentativa de normalização de comportamentos.

Sobre as metáforas militares, observamos que elas não são utilizadas no sentido de “proteger”, mas no sentido de combate, descrevendo o papel do médico como aquele que apreende e conquista a verdade da bipolaridade. Além disso, a doença, associada à metáfora militar, sempre aparece fortemente marcada por subjetivações negativas, fato que ressalta a crítica amplamente discutida acerca dessas metáforas no âmbito da saúde, uma vez que elas colocariam o paciente e a doença em posições contrárias, como adversários, e sugeririam que não se recuperar é uma derrota pessoal. (SEMINO et al., 2015). Além disso, as metáforas militares sugerem uma aproximação (e um enquadramento da experiência subjetiva) de um sofrimento psíquico à experiência de guerra, dado capaz de gerar as inferências de violência e ameaça, lançando o sujeito supostamente afetado em um ambiente agressivo no qual assume o papel de um *veterano de guerra*.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSTORNO BIPOLAR. Disponível em: <http://www.abtb.org.br/transtorno.php>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Disponível em: <http://www.abp.org.br/portal>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- BASTOS LIMA, Alexandre et al. Transtorno Afetivo bipolar em idosos. *Revista Debates em Psiquiatria*. v. 2, n 3, mai/jun 2012, p. 30-33. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_9_mai_jun_2012.pdf. Acesso em: 09 mar. 2015.
- BRZOZOWSKI, F. S. *Explicações reducionistas no discurso científico sobre o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade desde 1950*. 2013. 283 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2013.
- CAPONI, S. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- CARVALHO, A. F. Novos alvos terapêuticos para o transtorno bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, v. 4, n 2., mar./abr. 2014 p. 26-31. Disponível em: <http://www.abp.org.br/download/2014/RDP2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2004.
- COSTA, É.; SILVA, A. G. A adesão terapêutica no transtorno Bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 01, n.5, p. 08-11, set./out. 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAI:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.
- DE AGUIAR, A. A. *A Psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Trad. de Lilian Rose Shalders. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUEDELHA, C. A. M. *A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*. 2013. 317 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.
- HAUSER, D. J.; SCHWARZ, N. The war on prevention: bellicose cancer metaphors hurt (some) prevention intentions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 41, n. 1, p. 66-77, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267742043>. Acesso em: 12 jan. 2017
- LAFER, B.; NERY, F. G. Tratamento da depressão bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*. v.5, p. 14-20, 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAI:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: WDUCC, 2002. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: University of Chicago Press, 2008.

_____. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANDAU, M. E.; ROBINSON, M. D.; MEIER, B. P. *The power of metaphor: examining its influence on social life*. Washington, DC: American Psychological Association, 2014.

LANGDON, E. J. Cultura e os processos de saúde e doença. In: SEMINÁRIO CULTURA, SAÚDE E DOENÇA, 2003, Londrina. *Anais...* Londrina, Ministério da Saúde; Universidade Estadual de Londrina, e Secretaria Municipal de Ação Social/Prefeitura Municipal de Londrina, 2003. p. 91-107.

LIMA, M. S. de et al. Epidemiologia do transtorno bipolar. *Archives of Clinical Psychiatry*, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/2365/S0101-60832005000700003.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 fev. 2017

MARTINS, B. S. The reinvention of disability: new metaphors in the nature of bodies. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 264-271, 2015.

MORENO, D. H.; MORENO, R. A. Tratamento de episódios maníacos e mistos. *Revista Debates em Psiquiatria*, v.6. p. 06-17, 2011. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_6.pdf. Acesso em 10 mar. 2015

MORENO, R; A. et al. Transtorno bipolar: uma doença heterogênea que requer uma perspectiva mais ampla de abordagem. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 2, n. 6. p. 26-30, 2012. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates11_set_out_2012.pdf. Acesso em 10 mar. 2015.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SEMINO, E. et al. The online use of Violence and Journey metaphors by patients with cancer, as compared with health professionals: a mixed methods study. *BMJ Supp Palliative Care*. V. 7, p. 60-66. 2017. Disponível em: <https://spcare.bmj.com/content/bmjspcare/early/2015/03/05/bmjspcare-2014-000785.full.pdf>. Acesso em 27 fev. 2017

SERPA, G. et. al. Tratamento de prevenção secundária. *Revista Debates em Psiquiatria*, v.6. p. 34-45, 2011. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_6.pdf. Acesso em: 10 mar. 2015

SILVA, A. G. et al. Especial transtorno Bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*, ano 1, n. 5. p. 5. 2011. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2vU2LKPXqHAJ:www.abp.org.br/download/revista_debates_5.pdf+&cd=2&hl=pt-vR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 mar. 2015.

SILVA, A. G. da; BUENO, J. R. Psiquiatria em teoria e prática. [Editorial]. *Debates em Psiquiatria*, ano 3. n. 2. p. 3, mar./abr. 2013. Disponível em: http://www.abp.org.br/download/revista_debates_14_web_.pdf. Acesso em: 14 mar. 2015.

SONTAG, S. *A doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VARELA, R. B et al. Modelo animal induzido por anfetamina como método de identificação de novos alvos terapêuticos para o transtorno bipolar. *Revista Debates em Psiquiatria*. Ano 4, nº 2. 2014 p. 06-11. Disponível em: <http://www.abp.org.br/download/2014/RDP2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

_____. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013.

ZANOTTO, M. S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998. p. 13-38.



Recebido em 20/08/2018. Aceito em 02/10/2018.

IH!!! COMO PILATOS: UM FANTASMA MODERNO

¡UY! COMO PILATO: UN FANTASMA MODERNO

IH!!! LIKE PILATE: A MODERN GHOST

João Carlos Cattelan*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná –Unioeste

RESUMO: Tenho como objetivo neste trabalho, postando-me no mirante de quem produz um ensaio, analisar um conjunto de perguntas e respostas de uma pesquisa realizada pelo IPEA sobre “família e casamento e violência doméstica, psicológica, patrimonial e sexual” (sobretudo aquelas que dizem respeito à violência doméstica), que foi publicada em 28 de março de 2014. Pretendo, por meio da análise de parte deste questionário, atentar para um princípio de funcionamento discursivo que denomino como “síndrome de Pilatos”, querendo, com isso, significar que, diante de problemas de que tomamos conhecimento, optamos por “lavar as mãos”, por assumir que não podemos nos envolver e por encontrar alguém sobre quem possamos colocar a culpa e a responsabilidade, com isso, omitindo-se de nos imiscuir naquilo que poderíamos, talvez, ajudar a equacionar.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Pesquisa. IPEA. Violência. Omissão.

RESUMEN: Tengo como objetivo en este trabajo, desde la mirada de quien produce un ensayo, analizar un conjunto de preguntas y respuestas de una encuesta realizada por el IPEA sobre “familia y matrimonio y violencia doméstica, psicológica, patrimonial y sexual” (sobre todo aquellas que se refieren a la violencia doméstica), que fue publicada el 28 de marzo de 2014. Pretendo, por medio del análisis de parte de este cuestionario, fijarme en un principio de funcionamiento discursivo que nombro como “síndrome de Pilato”, queriendo, con ello, significar que, ante problemas de que tomamos conocimiento, optamos por “lavarnos las manos”, por asumir que no podemos involucrarnos y por encontrar a alguien sobre quien podamos poner la culpa y la responsabilidad, con eso, omitiéndose de inmiscuirnos en aquello que podríamos, quizá, ayudar a resolver.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Encuesta. IPEA. Violencia. Omisión.

ABSTRACT: In this paper, placing myself in the position of an essay producer, I aim to analyze a group of questions and answers from a research on “family and marriage, and domestic, psychological, patrimonial and sexual violence” (especially those related to domestic violence), carried out by IPEA (Institute for Applied Economic Research), published on March 28, 2014. Through the analysis of a portion of the questionnaire, I intend to consider a principle of discursive functioning that I call “the Pontius Pilate syndrome”. With this, I mean that, in the face of problems about which we are aware, we choose to “wash our hands” by assuming that we cannot get involved and by finding someone on whom we can put the blame and responsibility on, which implies our omission to intervene in what we might, perhaps, help to equate.

KEYWORDS: Discourse. Research. IPEA. Violence. Omission.

* Professor da Graduação em Letras do câmpus de Marechal Cândido Rondon e da Pós-Graduação em Linguagem e Sociedade do câmpus de Cascavel, ambos da Unioeste. E-mail: <jcc.cattelan@gmail.com>.

Antes, é preciso pen(s)ar a partir dos outros: época dos artigos científicos e calvário; depois, quando a pesquisa se torna satisfação, é preciso pen(s)ar por si mesmo e se arriscar: eis os ensaios.

1 INTRODUÇÃO

Parece que sempre retornamos ao que já foi dito sobre o mundo, como se a memória¹ nos conduzisse inexoravelmente para a mesma resposta, seja por meio de um entorpecimento reflexivo ou de uma necessidade inconsciente de se manter numa zona de conforto, ou como se as respostas que tinham que ser dadas já tivessem sido construídas, nada mais sendo possível, que não se deitar em seu regaço e se deixar levar candidamente por seus (a) braços.

Na primeira via, o costume, a tradição, o comodismo, o medo e o interesse, entre outros fatores, conduziriam a uma repetição renitente e incessante, movida pela renúncia à capacidade de alteração de perspectiva ou pelo incômodo gerado pela falta de um sentido temporário sobre as coisas. Neste caso, estaríamos todos propensos a, preguiçosamente, manter a inteireza de um mundo introjetado ao longo dos séculos sob duras formas de assujeitamento. Na segunda via, o discurso, fonte da verdade última, tendo já se pronunciado com acerto e precisão sobre tudo, não mais teria necessidade de si mesmo, satisfazendo-se, então, placidamente, com a repetição apressada dos seus ditames imemoriais. Deste lado, as verdades já estariam todas disponíveis e nada haveria a se questionar em relação às conjunturas históricas que podem, eventualmente, discretizar o mundo de forma distinta.

Seja por uma via ou por outra, o nosso tempo parece assombrado por fios de sentido que se teceram em outros momentos e fixaram os trilhos da previsibilidade a ser legibilizada e a ser vivida. Ou porque estamos imersos em sentidos que cremos serem incontestáveis e tememos que a sua negação faça ruir a pouca estabilidade que a vida nos oferece ou porque juramos, candidamente, que as verdades já foram estabelecidas antes de nós; o questionamento, a dúvida, a crítica, a investigação e a polêmica são frontalmente rejeitadas e aqueles poucos que ousam se indignar são prontamente rechaçados (às vezes, eles são os “bandidos”).

Para a realização deste estudo, tendo como objetivo atentar para a existência de um fantasma imemorial ao qual o título deste ensaio faz referência, valho-me dos resultados de uma pesquisa do IPEA (2014) sobre “[...] família e casamento e violência doméstica, psicológica, patrimonial e sexual [...]” (IPEA, 2014), sobretudo aqueles que dizem respeito à violência doméstica, em que a premissa da omissão parece poder ser demonstrada de ponta a ponto.

A título de ilustração da resistência à mudança afetada pela memória a que me referi e com o intuito de que a introdução não fique tão abstrata, cito parte da pesquisa citada, em que, mesmo sem uma discussão demorada, fica evidente a determinação do pensamento “moderno” pelos ditames de um tempo e de uma história já perdidos no passado. Eis:

[...] 63,8% das/os entrevistadas/os concordam totalmente ou em parte com a frase “os homens devem ser a cabeça do lar”. 78,7% acreditam que “toda mulher sonha em se casar”. 59,5% concordam que “uma mulher só se sente realizada quando tem filhos”. 33,6% dos respondentes concorda ou se mantém neutra sobre a afirmação de que “a mulher casada deve satisfazer o marido na cama, mesmo quando não tem vontade”. 54,9% concordam que “tem mulher que é pra casar, tem mulher que é pra cama”. 46,2% discordam que “um casal de dois homens vive um amor tão bonito quanto entre um homem e uma mulher”. 59% concordam total ou parcialmente com a afirmação de que “incomoda ver dois homens, ou duas mulheres, se beijando na boca em público”. 51,7% das pessoas entrevistadas concordam que “o casamento de homem com homem ou de mulher com mulher deve ser proibido” (IPEA, 2014).

Sumariamente, é possível afirmar que a defesa do patriarcado, da mulher vocacionada para o matrimônio, para a maternidade e

¹ É preciso alertar que este trabalho se insere na teoria da Análise de Discurso de linha francesa, tomando-a como pano de fundo para as análises e para a demonstração do objetivo traçado. Porém, apesar deste débito reconhecido e sentido no uso de determinados conceitos, a escolha recaiu sobre não fazer uma seção teórica e nem discutir os conceitos utilizados, com o entendimento de que esta opção não prejudica a detecção do fio de sentido.

para a satisfação do marido, da existência de uma mulher sacra e outra profana e da heteronormatividade são os fios de crença que orientam as respostas dadas pelos respondentes da pesquisa. E não é impertinente assumir que o prisma de julgamento das pessoas está ancorado sobre um sistema de pressupostos que não nasceu com elas e nem faz parte do seu tempo vivido; são julgamentos atravessados, como afirmado, por uma memória que resiste ao tempo e dita as condutas avaliativas.

Contudo já é tempo de enfrentar o objetivo deste estudo e deixar de tergiversar, embora outros temas tenham uma relação intrínseca com ele. Assim como os dados acima revelam o débito do tempo atual com um tempo anterior, às vezes, imemorial de constituição, o princípio de funcionamento do discurso que pretendo demonstrar possui um ancoradouro milenar (talvez, mais do que isso), cujo exemplo emblemático reside em Pilatos e na opção do imperador por lavar as mãos em relação à condenação de Cristo. Creio que este acontecimento histórico, mais do que um acontecimento histórico datável, escancara concretamente uns dos, quem sabe, mais dramáticos comportamentos humanos: eu o denomino *Complexo de Pilatos*.

Divulgados em 27 de março de 2014, os resultados da pesquisa realizada pelo IPEA, aparentemente, surpreenderam o público, que julgou alarmantes os percentuais que o estudo trouxe à tona; eles escancaravam uma realidade que constitui o cotidiano de pessoas de todos os segmentos sociais. Mesmo que, depois, sobre alguns, a investigação tenha sido corrigida, na maioria dos casos, os números foram mantidos e apontam para o alto índice de violência que ameaça a vida em sociedade; neste caso específico, a comunidade brasileira.

Alerto para o fato de que, embora a pesquisa tivesse o objetivo de verificar a percepção das pessoas sobre formas de violência (sexual, doméstica, psicológica ou outra), indicando a concordância ou discordância com determinados comportamentos, não busco refletir sobre a temática (por mais que seja assustadora), mas me concentrar no que me parece o regramento, a regularidade, o funcionamento discursivo das respostas, que, reitero, independem do tema posto em foco (a forma de violência poderia ser outra qualquer). Em outros termos, tenho como fulcro central de observação o que os dados revelam sobre os respondentes, no sentido de se porem como responsáveis (ou não) por eventos violentos de que são conhededores.

Dos dados recolhidos, considero treze, que me permitem, paulatinamente, sustentar a hipótese central mencionada: esta é uma sociedade que, dentre outros complexos, vive, no dia-a-dia, a experiência de acreditar que, como Pilatos, não tem responsabilidade pelas agruras sociais em que está mergulhada, vivendo a atitude narcísica de olhar para si mesma como isenta e para o outro como culpado pelos seus dramas. E, para evitar observar a si mesma no espelho que não deseja, censura quem ousa se rebelar contra o sistema.

2 TREZE RAZÕES PORQUE

Primeira Razão Porque

O primeiro questionamento aos entrevistados dizia respeito à interveniência ou não das pessoas em episódios que possam acometer a vida do casal em casa; 81,9% dos respondentes afirmaram que, neste caso, “o que acontece *não* interessa aos outros”. O pré-construído geral sobre o qual a pergunta se sustenta é o “interesse dos outros” na vida do casal, no sentido de as pessoas poderem/deverem interferir na sua vida particular, mesmo que, como se observa, o tema incida sobre casos sérios de convivência. Em que pese a restrição de o evento ser “em casa” (e não em público ou na casa dos outros, por exemplo) e se acreditar que ela não deve ser maculada em sua privacidade (e não estou dizendo que deva) e apesar de a pergunta não criar uma imposição comportamental por meio da pressuposição de envolvimento nos dilemas de outros (e estou dizendo que deveria), a questão é generalizante e, sobre ela, não pesa qualquer tipo de restrição que diga respeito a casais formados por familiares, amigos ou vizinhos. Os casais são quaisquer casais e a pergunta fechada, que só permite “sim” ou “não” como resposta, generaliza uma atitude, que, dada a escolha feita, desresponsabiliza (poderia responsabilizar, se os entrevistados fizessem a opção: o problema não é crucialmente a pergunta, mas a resposta dada) o respondente por qualquer situação conhecida, pertença ela a um círculo mais estreito de afeição,

ou seja ela distante de envolvimento afetivo-passionais. Além disso, não há também qualquer especificação do que significa “acontece em casa”, que, aparentemente, abrange um leque dilatado de eventos: desde os mais banais e passionavelmente interessantes, até aqueles que podem comprometer o cotidiano das pessoas. Contudo, o ingrediente efetivamente relevante para a realização deste estudo e para a sustentação da hipótese assumida vem por meio do operador negativo *não*, que, na forma de negação polêmica (polifônica), rechaça a voz que, à distância, poderia afirmar que o respondente deveria se envolver. Ao assumir que aquilo que acontece com o casal em casa não é problema seu, o entrevistado se encontra desculpado a priori em relação a episódios familiares que presencie e conta, como se vê, além disso, com um alto pacto de convivência para com a sua forma de percepção e para com a omissão que o conduzirá (e o desculpará) em caso de “necessidade”.

Segunda Razão Porque

A segunda indagação feita aos entrevistados era referente a se as pessoas, em briga de marido e mulher, (devem) *meter a colher*, ao que 78,7% dos respondentes se postaram de forma negativa, afirmando que este tipo de problema deve ser resolvido pelos dois, sem que os outros interfiram sobre o rumo que as coisas devem tomar. A breve análise feita sobre o índice de respostas obtido na primeira questão poderia ser repetido quase sem alterações neste caso. A questão é generalizante, sendo feita de modo a não apresentar qualquer especificação sobre o casal (que pode ser estranho ou pertencer às relações familiares mais estreitas: e não estou entendendo que isto deva significar obrigatoriamente uma forma diferente de atuação) e sobre o tipo de briga que poderia acontecer. No gradiente relativo a “casal” e a “briga”, há uma escala que leva do casal desconhecido àquele formado pelos filhos/pais/avós e a briga pode ser uma simples troca de palavras mais ríspida ou a colocação dos envolvidos em risco de vida. Porém, nenhuma restrição é feita, parecendo que a questão se refere ao episódio prosaico e trivial de alguma discordância entre duas pessoas sobre algo até certo ponto inconsequente. A questão, como se percebe, refere-se, genericamente, a brigas, sem, no entanto, indicar a quem remetem e que grau de perigo representam para os envolvidos (se é que tais restrições devessem produzir alguma atitude diferenciada por parte dos conhecedores da situação). Repito: os respondentes poderiam questionar a condução fechada da pergunta e até responderem que se deve interferir nessas situações (sem que determinadas limitações sejam elementos pertinentes para atitudes distintas). Mas a resposta vem por meio da negação veemente, que contorna a contextualização de quando se deve ou não (se que isto deveria acontecer) ter alguma atitude. Em que pese, aqui, o termo ‘briga’ se referir a algo que é, de algum modo, sempre violento, o distanciamento, a omissão e a recusa de responsabilidade por uma situação que pode produzir consequências desastrosas são assumidos e o inquirido, como se percebe, faz parte de um “acordo” coletivo que o descompromete frente às brigas de casais que presencie. Por meio da negação sobre uma generalização irrestrita, o respondente se recusa a dever ter alguma iniciativa, alegando que deve ser neutro, inclusive porque, “depois, o casal se acerta e sobra para quem se envolveu”.

Terceira Razão Porque

A terceira pergunta da pesquisa abordava o ditado popular “roupa suja se lava em casa” e buscava descobrir o grau de concordância ou não com aquele ditame. Dos entrevistados, 89% afirmaram que é desse modo que as coisas devem acontecer, isto é: problemas vividos no lar dizem respeito apenas a quem é afetado diretamente por eles, não sendo adequado que sejam levados para uma outra esfera de circulação. Diferentemente das duas questões antecedentes, que, de algum modo, obrigavam o respondente a assumir se devia ou não intervir, aqui, ele é instado apenas a decidir se o casal tem o direito de levar para outras pessoas e locais a “roupa suja” que lhe afeta. Contudo, parece óbvio que, no limite, ele é imiscuído no fio do sentido, uma vez que admitir que problemas de casa podem ser levados para outras esferas significa assumir, por decorrência, que ele pode ser incomodado por “briga de marido e mulher” ou pelo que “acontece com o casal em casa”, o que parece indesejável, em face das respostas obtidas.

Novamente, percebe-se que a pergunta é genérica e não cria uma contextualização ou estabelece uma restrição sobre a quem a problemática atinge e sobre qual é o espectro coberto pelo sintagma “roupa suja”. E, outra vez, as pessoas poderiam exigir que a abrangência da pergunta fosse estabelecida ou, neste caso, responder “não”; ou seja, poderiam assumir que os demais podem

contribuir com a resolução de problemas enfrentados por casais. Porém, o acordo é grandiloquente e, mais uma vez, o problema é circunscrito àqueles que o vivem, independentemente de quem são os envolvidos e qual é o limite recoberto por “roupa suja”. Ao assumir que “roupa suja se lava em casa”, os entrevistados se afastam da problemática de outros e se recolhem a uma individualidade egocêntrica/individualista e à vontade de não serem incomodados pelo que é o drama dos demais, deixando sob a responsabilidade deles o que, talvez, pudessem ajudar a equacionar. Se, nos dois primeiros casos, a omissão é marcada pela negação polêmica, neste, é a afirmação superabundante que dá o tom e permite a assunção de omissão do entrevistado.

Quarta Razão Porque

O quarto item do questionário aplicado, desta vez, de modo explícito, abordava os casos de violência dentro de casa e inquiria sobre a quem competiria a discussão sobre estes eventos, reiterando, no entanto, como nas demais perguntas, o foco sobre a interveniência ou não de membros externos sobre os acontecimentos. Neste tópico, 63% dos participantes defenderam que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. Renitentemente, não se questiona ou se especifica que casos de violência são esses e a quem atingem: são apenas casos de violência que ocorrem dentro de casa e que não recebem algum gradiente de maior ou menor perigo ou não se referem a um leque de proximidade entre os atingidos e os entrevistados. E, consistentemente com as respostas já dadas para as demais questões, os inquiridos não problematizam a possível contextualização ou as restrições que poderiam levar a uma resposta diferente. Eles aceitam o jogo e se denunciam ao enunciar, mostrando que se pautam na omissão e na neutralidade, que, conforme a voz geral, não passa de um mito, pois, ao escolher ser neutro, uma escolha é feita.

Chama a atenção, neste caso, que o efeito de sentido do sintagma “membros da família” não cobre o espectro do que, comumente, entende-se como “família”, em relação a ascendência, a descendência e a lateralidade, dentre outros fatores. ‘Família’, aqui, toma como referência apenas os que vivem na mesma casa, desobrigando os que, mesmo sendo membros, deveriam ter alguma iniciativa. Em que pese (como tiro que sai pela culatra) os respondentes liberarem os demais de terem que tomar uma atitude quando a violência os atinge (ou justamente por isso, como retribuição grata e cândida pela omissão concedida), também se acham liberados do dever de fazer alguma coisa, caso a problemática ocorra com uma família que não é a sua.

Ao assumirem que a discussão da violência em casa deve ser discutida “somente” pelos membros da família, os entrevistados assumem o pressuposto de que não lhes compete intervir no que, eventualmente, poderiam auxiliar a resolver; mas isto os retiraria da zona de conforto, colocando-os na ciranda de processos traumatizantes e dos quais não querem participar. O problema, portanto, é dos outros (da família) e a omissão sobredetermina as respostas.

Quinta Razão Porque

Na quinta pergunta, embora o questionário continuasse tratando de problemas domésticos, a questão focava a agressão da mulher pelo marido e o inquirido deveria concordar ou não com a tese de que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”, ao que 26% dos entrevistados responderam positivamente. Neste caso, contrariamente aos outros, o índice se coloca na parte inferior da escala, o que poderia levar a defender a existência de um princípio normativo diverso do das outras questões, pois existe um pressuposto baseando as respostas que indica outras razões para a permanência da mulher com o marido (não gostar de apanhar), que recobre desde ingredientes familiares a fatores de ordem econômica, por exemplo.

Entretanto, mesmo que aqui o prisma avaliativo pareça estar pautado em outra ordem pressuposicional, a questão é genérica, pois não especifica quem é a “mulher” (não que isso devesse fazer alguma diferença crucial), que “agressão” está sofrendo (não que algum tipo de agressão deva ser aceita), quem é o “parceiro” (talvez ele pudesse ser ajudado de algum modo) e o que significa “gostar de apanhar” (haveria uma discussão complexa a ser feita). Tudo é pautado num acordo consensual, sem maiores reflexões e sem os

indicadores de contextualização necessários, caindo na generalização impertinente e sem elementos relevantes para a escolha. Porém, os respondentes aceitam o jogo e 26% (o que não é pouco) atribuem ao suposto “prazer” masoquista da mulher a aceitação da violência que sofre.

Em que pese estes 26% assumirem de pronto que a mulher é a culpada pela situação vivida, os outros 74% não deixam de se mostrar omissos, uma vez que, mesmo negando o pré-construído “gosta de apanhar”, fazendo inferir a existência de outras razões, estão ancorados no princípio de que cabe à mulher que vive os episódios violentos deixar o parceiro; se não o faz, o problema é dela e eles nada podem fazer, indo de encontro ao pressuposto que a pergunta/resposta veicula. Posto em outros termos: embora defendam que não é por gostar de apanhar que determinadas mulheres aceitam uma condição degradante, sair da situação só diz respeito a ela e não aos inquiridos, que nada podem fazer, com isso, omitindo-se de alguma responsabilidade.

Sexta Razão Porque

Os inquiridos, na sexta pergunta, deviam opinar sobre se é possível “entender que um homem que cresceu em uma família violenta agrida sua mulher”; 33,9% se posicionaram de modo positivo. De início, como em todos os casos, percebe-se que a questão é genérica, sem restrição alguma e sem qualquer fator de contextualização que a situe sobre o seu escopo de aplicação. O “homem” e a “mulher” podem ser quaisquer uns e não há especificação sobre a violência abordada (e não estou entendendo que, dependendo do tipo de violência, de quem seja o homem ou de quem seja a mulher, o ato violento seja desculpável).

No caso deste tópico, contrariamente aos anteriores, o foco de atenção incide sobre se é possível entender (aceitar) que um homem agrida uma mulher, desde que esteja sustentado pelo fato de ele ter crescido numa família violenta, o que permite pleitear a produção de alguns efeitos de sentido. Um se refere a ele poder, já que cresceu num meio violento, usar de violência contra a mulher, pois é mais uma vítima do ambiente social que o (des)educou: está desculpado. Outro é relativo à transferência de responsabilidade para a família, pois, em última instância, ela criou aquele que agride, tornando-o agressivo; a culpa não é dele, mas dela, como se o homem fosse produto do ambiente em que vive: velha tese realista/naturalista. O terceiro diz respeito à visão fatalista de que o mundo social funciona de maneira mecânica, acreditando-se que, dada uma causa, uma consequência se impõe imperativamente. A culpa, então, migra para as engrenagens “lógicas” do universo social, como se não se pudesse contrariá-la. Por fim, decorrente dos três primeiros, o quarto permite concluir que o inquirido, pela defesa de que quem presencia violência se torna violento, de que a violência é produzida por quem a demonstrou no seu cotidiano ou de que, dada uma causa, a consequência ocorre mecanicamente (velha tese comportamentalista), não pode interferir sobre o que acontece, já que, em teoria, não é violento, não veio de um ambiente agressivo e está fora das causas mecânicas que poderiam afetá-lo.

Mesmo que 66,1% dos entrevistados tenham respondido que não é possível “entender” a agressão, ainda assim, entre “entender” e “fazer”, parece haver um fosso intransponível.

Sétima Razão Porque

Na sétima questão da pesquisa, os entrevistados deveriam se posicionar em relação à hipótese de que “é da natureza do homem ser violento”; 74,7% discordaram. Outra vez, como se percebe, a questão é genérica: ela não aborda o que significa “ser violento”, de que tipo de violência está tratando e o que deve ser entendido como “natureza”, em que pese a especificação dessas restrições não deverem desculpar atos violentos de um ou do outro lado do espectro.

Importa, porém, reter, do percentual obtido neste caso, o fato de que a pergunta está pautada no pré-construído de que o homem é violento, faltando apenas verificar se é por natureza ou por algum outro ingrediente posterior que o leva a ser agressivo, e de que as respostas (a maioria, pelo menos) estão ancoradas no pressuposto de que a agressividade não ocorre por causa da natureza, mas por

um outro fator a ser revelado, sem que, no entanto, destruam o primeiro elemento, tomado como algo dado e inquestionável: o homem é violento.

Se, de um lado, tem-se que a violência faz parte da natureza do homem, do outro, ela seria inserida no seu comportamento pela sociedade: eis a tese de que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Em outros termos e para retomar o fio do trabalho, ou é a natureza que leva o homem a ser violento, ou é a convivência social que o conduz à violência, dando ao inquirido o ancoradouro para se desresponsabilizar por agressões que venha a presenciar, com quem quer que seja, já que a violência é motivada por fatores fatalistas, de um lado, ou sociais, de outro, sobre os quais os entrevistados julgam nada poderem fazer. Se o alto percentual de discordância, via pressuposição, atribui a violência do homem a outros fatores que não a sua natureza, sem que, porém, questione o pré-construído veiculado pela pergunta, não se pode esquecer que 25,3% o aceitaram, assumindo o ponto de vista de que o homem é naturalmente violento, caso em que a suposta impotência frente aos casos de agressão é assumida radicalmente. Seja, portanto, por uma causa (natural) ou por outra (social), todos os inquiridos aceitaram a hipótese de que o homem é violento e, se é assim que tudo acontece, nada se pode fazer, pois ser ou deixar de ser violento independe da vontade do próprio homem, quanto mais da interveniência de algum elemento extrínseco ao fenômeno: a omissão está justificada.

Oitava Razão Porque

O oitavo questionamento dizia respeito à concordância (ou não) com o ponto de vista de que “a mulher que apanha em casa deve ficar quieta para não prejudicar os filhos”; 82,1 % dos entrevistados disseram discordar da afirmativa, colocando-se, portanto, favoráveis a que ela não aceite a violência, mesmo que essa atitude venha a prejudicar seus filhos.

Neste caso, apesar de a pergunta se sustentar sobre o pré-construído de que os filhos não podem ser prejudicados, as respostas sinalizaram outra direção pressupositiva de juízo, pois, de acordo com elas, a mulher que é agredida não pode aceitar a violência que sofre, já que a situação violenta atinge a todos os seus, rebelando-se ou não. Persistentemente, a questão é construída de forma genérica, sem nenhum elemento circunstancial que discrimine quem é a mulher (mãe, filha, vizinha), quem são os filhos (da família, de outros, de pessoas ricas ou pobres) e de que grau de violência se trata, embora “apanhar” seja sempre violento.

Assim, o princípio interacional posto em jogo é aceito e, no modo da convivência silenciosa, os inquiridos aceitam a regra de dar *sim* (ou *não*) como anuência, neste caso, à problemática em foco. Há, ainda, outro pressuposto na questão que, talvez, devesse ser causa de preocupação (mas que é mantido em silêncio): com a restrição feita por “em casa”, fica estabelecido que os atos violentos ocorridos em ambientes exteriores não deveriam provocar sobressaltos. E, de todo modo, se algo precisa ser feito, a incidência discursiva focaliza a mulher, cabendo-lhe, por ser quem está submetida ao tratamento agressivo, a iniciativa de não “ficar quieta”, eximindo os respondentes da obrigação de tomar uma atitude. Seja, pois, na pergunta, que já de início pactua com a desresponsabilização, ou com as respostas, que, de pronto, aceitam o jogo que exige os respondentes frente ao problema topicalizado, a solução deve partir da mulher, que, se nada faz, deve “gostar de apanhar”. Os 17,9% que se posicionaram no sentido de assumir que a mulher que apanha deve ficar quieta para não prejudicar os filhos (estranho que isso não seja tomado como uma preocupação por parte do homem) só fazem, no limite, escancarar de modo mais enfático a omissão que sobredetermina o discurso omissivo de que cabe à mulher (e somente a ela) não ficar quieta.

Nona Razão Porque

Na nona consulta aos entrevistados, a pergunta incidia sobre a concordância (ou não) com a defesa de que, “quando há violência, os casais devem se separar”. Neste caso, o índice de concordância com a separação chegou a 85%.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o pressuposto veiculado pelo operador argumentativo temporal *quando*, que, no limite,

poderia ser substituído pelo condicional *se*. Em outros termos, se os casais devem se separar “quando há violência” (ou apenas se há), conclui-se que, quando *não* há, eles devem permanecer juntos, em que pese a falta de restrição sobre como as relações ocorrem, mesmo com a ausência de violência; talvez, haja casos em que a ausência de violência não seja exatamente o maior problema que os casais compartilham. De novo, a pergunta genérica e indeterminada cria um círculo vicioso, que ataca uma problemática de maneira superficial, sem lhe dar a abrangência necessária: esta parece ser a tônica de todo o questionário.

O segundo aspecto diz respeito aos 15% que assumiram que, mesmo quando há violência, os casais devem permanecer unidos, em que pese a dramaticidade que pode cercar os episódios agressivos vividos no lar: pelo homem, pela mulher e pelos filhos. Ou seja, sem violência, a vida já pode ser vivida em sobressaltos, mas, de acordo com estes 15%, mesmo com causas mais avassaladoras, o casal deve manter a “relação”. Pesa aqui, sobretudo, a defesa da indissolubilidade do casamento, discurso bastante corrente na atualidade.

O terceiro fato digno de menção se refere ao pré-construído que alicerça a pergunta e que parte do princípio de que uma das saídas, neste caso, para a violência, é a separação; de determinada maneira, esta é uma saída descomprometida e cômoda, que facilita a vida de quem a toma, mas não considera como ela afeta a todos os envolvidos, considerando os depoimentos colhidos dos filhos que passam pela situação de separação dos pais. Separar-se se tornou uma saída tão trivial que, entre fazer algum esforço para recuperar o que levou uma relação a se consolidar, busca-se o conforto maior e menos provocador de autocrítica. Por fim, dado o objetivo deste estudo, importa atentar para o fato de que 85% dos respondentes aceitaram o engodo da questão, atribuindo ao casal (e só a ele) o dever de se separar em caso de violência, distanciando-se de algum envolvimento que pudessem ter, no caso de entenderem que poderiam ter alguma responsabilidade sobre os episódios de violência doméstica presenciados.

Décima Razão Porque

Na décima pergunta, os respondentes se manifestaram sobre se “o homem que bate na esposa tem que ir para a cadeia”. Aqui, o índice de concordância foi o maior alcançado, com 91,4% de anuência/conivência. Alguns efeitos de sentido produzidos pelo questionamento e pelas respostas merecem ser realçados, considerando a relevância e a pertinência para este trabalho.

Um se refere ao pré-construído de que a punição para a agressão em destaque é “ir para a cadeia”, que carrega o pressuposto de que não há outra saída para o homem agressor: nem interveniência dos seus, nem tratamento psicológico, nem internamento temporário, nem acompanhamento médico; simplesmente, a cadeia. De todas as saídas para a problemática especificada, a cadeia é a mais fácil e a mais cômoda, porque exige menos tempo e esforço de quem presencia episódios desta natureza e transfere para outros a resolução do problema.

O outro diz respeito à oração restritiva “que bate na esposa”, que cria algum grau de especificação em relação ao homem que deveria ser preso. Mas, apesar, do ingrediente circunstancial, a pergunta é genérica, pois não especifica de que homem se trata, que razões o levam à agressão, que medidas foram tomadas antes de levar à reclusão, o que significa exatamente “bater” (não que isto fosse desculpável em algum grau) ou outras constrições que poderiam fazer a escolha pelo “sim” ser menos grandiloquente. “Bater na mulher” é, apressadamente, assumido como possuindo uma única saída: a prisão (e nenhuma outra possibilidade). Nem se cogita a aplicação dos atenuantes que, em geral, são observados em casos de crime. Para não correr o risco de incompreensão, reitero: não defendo qualquer modo ou nível de agressão; apenas entendo que a cadeia não é a única (se é que é uma) alternativa.

O último, por fim, é relativo ao escopo da pergunta se referir apenas ao homem: em que pese a pergunta focar a violência contra a mulher, esta não é a única forma de violência contra ela e não é somente contra ela que a violência acontece: às vezes, é ela quem agride. De todo modo, chegando ao fio condutor deste estudo, atento para o fato de que a violência, neste caso, tem como solução a prisão feita pelos encarregados de fazer com que ela aconteça, novamente, desresponsabilizando os respondentes. Em outras palavras, a omissão e o descompromisso continuam sendo a toada do discurso.

Décima Primeira Razão Porque

A décima primeira pergunta buscava descobrir se os entrevistados achavam que “a questão da violência contra as mulheres recebe mais importância do que merece”. 73% deles discordaram da afirmação, o que significa que a problemática deveria continuar recebendo a atenção recebida. Mas é preciso perceber que isto não quer dizer que a preocupação deva ser dos participantes. Pode-se afirmar que a questão se ancora sobre um pré-construído dado como estabelecido: a violência contra as mulheres deve receber atenção, sendo que o foco incide sobre um grau maior ou menor. Este ancoradouro avalia de modo positivo determinadas atitudes da sociedade atual; mas, por outro lado, formulada como é, a pergunta mantém fora do seu alcance a quem compete enfrentar a problemática quando ela ocorre. Sem especificação sobre o grau de envolvimento passional do participante da pesquisa nos casos de violência “contra as mulheres” (um plural genérico, que, no limite, não se refere a ninguém pontualmente, mas apenas a um gênero), parece cômodo discordar ou concordar, porque, como a questão é impessoal, isenta o entrevistado de assumir uma postura individual de ação frente à temática.

Do modo como a questão é formulada, há uma imposição crucial sobre o entrevistado: ele deve dar atenção para o operador argumentativo *mais/do que*, cujo escopo foca “importância”, pois é em relação a ele que ele deve se posicionar. Por meio dele (do conectivo), é criada uma rede rarefeita de opções, que não oscila entre um polo e outro, mas somente permite o movimento entre como está e o que poderia ser menos. Em outras palavras: ao perguntar se a violência contra a mulher recebe mais importância do que merece (o que permite pressupor que a atenção dada já é bastante representativa), o leque de escolhas varia entre ficar como está (o que é ratificado pela opção dos respondentes) ou ser menos, em face da superestimação de uma problemática. O uso do operador comparativo *mais do/que*, por ser *mais*, impede que o entrevistado possa afirmar que o assunto recebe *menos* atenção do que deveria. Fosse a questão formulada com *menos* e o respondente teria uma possibilidade de opção entre o que se faz e a ampliação do debate sobre algo dramático.

De toda sorte e voltando ao ponto: como a atenção para esta violência não é do entrevistado, mas a dos recursos midiáticos, por exemplo, ele está eximido de se inserir no debate e pode apenas dizer *sim* ou *não*, sem se comprometer com a solução de problema vivencial muito sério.

Décima Segunda Razão Porque

A décima segunda questão, sob um prisma diferente, embora trate de uma forma de violência contra a mulher, buscava verificar o grau de concordância sobre a afirmação de que, “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. A concordância chegou a 58,5%, o que permite inferir que a maioria dos pesquisados entendeu que o grande número de estupros é oriundo do comportamento da mulher, em detrimento de pesquisas que mostram que eles não têm uma relação necessária com a atitude feminina, já que, em geral, esta violência é cometida contra indefesos do círculo de familiares e amigos.

De toda sorte, a questão se ampara no pré-construído de que “há estupros”, o que justificaria uma pergunta específica sobre o tema; mas, nada é dito sobre eles e uma percepção fatalista acaba sobredeterminando o enunciado, relegando-os ao silêncio. A inflexão crucial da questão incide sobre algumas regiões do intradiscurso e elas são dignas de nota. A primeira se refere ao uso do elemento comparativo *menos*, que confirma a “cultura do estupro” e logra somente assumir que ela seria minimizada em face da restrição apresentada; ou seja, ela só chega aos altos índices conhecidos, porque há algum comportamento permissivo por parte da mulher, que é, assim, deslocada da condição de vítima para ré.

A segunda região do interdiscurso, oriunda do ingrediente de comparação, refere-se à passagem “como se comportar”, que se apoia num leitor conivente com determinada leitura de mundo e que aparenta saber do que se fala, embora o item lexical “comportar” não tenha a especularidade desejada, sendo saturada ao “bel-prazer” deste ou daquele prisma ideológico. Se os índices de estupro

são alarmantes, o autor do questionário, o entrevistador e os entrevistados acabam de encontrar uma explicação cômoda: é o mau comportamento da mulher que faz os percentuais serem elevados, em que pese, em geral, o estupro não estar relacionado com alguma provocação lasciva e nem ser evitado com bom comportamento. A “lógica”, como se vê, é falaciosa.

A terceira, enfim, é produzida pelo condicional *se*, que veicula o pressuposto de que o estupro acontece, porque a mulher não sabe se portar como pessoa “direita”; se soubesse, muitos casos seriam evitados, o que parece irracional, dada a ausência de lógica da reflexão. Contudo, todos estão satisfeitos, haja vista o desengano de consciência por meio de atribuição de culpa à mulher. Valeria a pena ouvir seriamente os 41,5% que assumiram que o estupro não diminuiria se a mulher se comportasse bem (seja lá o que isso signifique). Mas a voz dissonante parece ficar perdida frente à maioria dos que preferem apontar a culpa para outrem, podendo, dessa forma, convencer-se de que nada têm a ver com um problema criado pela mulher.

Décima Terceira Razão Porque

A décima terceira pergunta selecionada para produzir este trabalho tinha como objetivo verificar a opinião dos entrevistados em relação à afirmação corrente de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. 65,1% concordaram com o ponto de vista, fazendo coro ao senso comum, apressado e falacioso.

O pano de fundo da questão se ampara sobre o conhecimento de que há mulheres que são atacadas por diversos motivos e, quanto a isso, entrevistador e respondentes estão acertados. A inflexão incide, sobretudo, no verbo “merecer” que a agressão aconteça, para o que contam favoravelmente as restrições feitas por meio das orações adjetivas antecedentes. Em outras palavras, não se problematizam os ataques, que são aceitos como um princípio fatalista e irrevogável, cabendo apenas estabelecer se determinados ingredientes podem recrudescê-los.

Um deles, que, supostamente, aumenta o número de ataques, é relativo a roupas “que mostram o corpo”, o que permite inferir que corpos cobertos evitam a agressão e que há modos estratégicos de se vestir que impedem a violência. Não é exatamente por se trajar de uma maneira mais ou menos sumária que mulheres são vítimas de agressão sexual: no mais das vezes, este sequer é um fator que tenha provocado algum tipo de vitimização.

Por fim, no tocante a este tema, há um princípio moralizante imiscuído no enunciado que prega que há uma maneira correta de vestir o corpo, que deve ser preservado da observação pública, em que pese os homens não serem afetados por este ditame. O outro elemento responsável por aumentar a agressão sexual contra as mulheres (que usam roupas que mostram o corpo) residiria, em tese, no fato de elas escolherem se vestir de uma maneira inadequada, o que, não acontecendo, preservaria aquelas que atendem ao modo estabelecido. De novo, tem-se uma argumentação falaciosa, pois, mesmo as que se trajam adequadamente (às vezes, até ao extremo) e não vestem roupas que mostram o corpo sofrem a violência em pauta. E é preciso sempre reiterar que, na grande maioria dos casos, roupas que mostram o corpo não são fatores decisivos (ou nem são uma causa) para ocorrências de estupro. Mas importa, sobremaneira (parece), que a questão abra a possibilidade de atribuição de casos de violência sexual a uma maneira de trajar o corpo (e sem refletir sobre se todas as mulheres possuem condições de se trajar ao sabor da moralidade estabelecida) e, por decorrência, de fazer com que a mulher seja a culpada pela agressão que ela sofre. Outra vez, como se pode perceber, a culpa está em outro lugar: no outro; e aquele que presencia ou fica sabendo de algum episódio de agressão sexual se inocenta com “argumentos” falaciosos como o que acaba de ser analisado brevemente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retorno, enfim, ao objetivo a que me propus com a realização deste trabalho: a tese de que a omissão é um fio de sentido que atravessa o tempo humano e tem em Pilatos o ícone majestoso de sua existência. Postulo que, diante de uma problemática, quando

ela não afeta diretamente o envolvido, a saída recai sobre a atribuição de responsabilidade aos outros, como no acontecimento histórico do governador romano que preferiu lavar as mãos a decidir sobre a vida ou a morte, em que pese, no seu caso (ou talvez, então, a atitude seja ainda mais pernicioso), a decisão estar carregada de consequências políticas e sociais.

Para tornar mais explícita a tese assumida, chamo a atenção para o fato de que, diante dos questionamentos selecionados e analisados, de maneira geral, não se pode sentir algum grau de comprometimento do entrevistado com as problemáticas levantadas. Ou a responsabilidade e/ou resolução adviria do casal (perguntas 1, 2, 3 e 9), dos membros da família (pergunta 4), da mulher (perguntas 5, 8, 12 e 13), do homem (pergunta 6), da natureza ou da sociedade (pergunta 7), das autoridades (pergunta 10) ou da mídia (pergunta 11). Mesmo que se deva considerar que o modo de produzir as perguntas direciona as respostas para uma determinada apreciação, ainda assim, todos os indicadores revelam um dedo acusatório que se dirige deitadamente para o exterior e nunca para a autocrítica e para o envolvimento subjetivo do respondente.

Chamo a atenção para o fato de que, por mais que eu julgue que a “síndrome de Pilatos” nos açambarque com uma eficácia assustadora, a demonstração deste fenômeno, aqui, foi feita com o amparo de parte de uma pesquisa e com o uso de treze perguntas apenas, o que parece pouco relevante para atestar um comportamento abrangente, considerando que, supostamente, ele alcançaria uma magnitude considerável. Deixo para o leitor a tarefa de problematizar este texto e até, no limite, mostrar a sua inconsistência. Contudo, a tese me parece razoável, porque, no limite, ela esclarece, inclusive, porque não gostamos de quem polemiza e questiona.

Para concluir, gostaria de atentar para duas ordens de problemas que me parecem ser elucidativos da hipótese que alinharei neste trabalho. Um diz respeito às atitudes de segregação em relação às minorias sociais: mendigos, abandonados, drogados, sem-terra, sem-teto, gays, lésbicas, pobres, negros (alerto *enfaticamente*: não sobredetermino estes termos com qualquer carga preconceituosa, pejorativa ou demeritória; a troca de ‘negro’ por ‘afrodescendente’, por exemplo, do meu ponto de vista, só faz varrer o problema para debaixo do tapete e esconder um problema social sério de marginalização e discriminação). Parece um fenômeno bastante recorrente que, quando estas pessoas se tornam objetos de discurso, são mantidas à distância, sendo ditas pela voz de outros, que as culpabilizam pela situação adversa. Mesmo aqueles que teriam algum poder de dissolução das condições de exploração preferem se esconder atrás de desculpas falaciosas, como preguiça, falta de esforço, livre-arbítrio, terrorismo, doença, raça e outras maneiras de evitar enfrentar de frente fenômenos desumanos e predatórios.

O outro se refere ao fato de que, politicamente, parecemos estar sempre à espera de um “salvador da pátria” que, todo-poderoso e com saberes extraordinários, seria capaz de retirar, num passe de mágica, as pessoas da sua condição adversa de marginalização ou de algo, talvez, menos dramático. E não tem faltado quem se aproveite da espera de um futuro melhor a ser trazido por um super-homem para criar toda sorte de mistificações e incongruências. Promessas assumem atender aos desejos sociais e são esquecidas num lance fugaz de tempo; mas, então, a preferência geral, contrariamente a assumir as rédeas do seu destino, recai sobre acreditar que no próximo processo eleitoral aparecerá enfim o predestinado a resolver magicamente todos os dilemas vividos, numa repetição cíclica interminável. Tanto num caso quanto no outro, lavamos as mãos, nada temos a fazer ou a decidir e matamos o tempo; e ele nos enterra: *Pilatos*.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

IPEA. Tolerância social à violência contra as mulheres. 2014. Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf (pesquisa completa com gráficos e resultados). Acesso em: 24 dez. 2017.

ONU MULHERES. Tolerância social à violência contra as mulheres. 2014. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/28-03-14-ipea-lanca-pesquisa-sobre-tolerancia-social-a-violencia-contra-as-mulheres/>. Acesso em: 24 dez. 2017.

PÊCHEUX, M. *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso*. In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Trad. Eni P. Orlandi. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 283-294.

PÊCHEUX, M. Notas sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Trad. Pedro de Souza. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 55-71.

PÊCHEUX, M. Língua e ideologia. In: PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 87- 94.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.61-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-179.

PÊCHEUX, M. A forma-sujeito do discurso. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 159-185.

PÊCHEUX, M. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Trad. de Cláudia Pfeifer. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 163-173.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 293-307.

PÊCHEUX, M. Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal. In: ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 107-119.



Recebido em 22/01/2018 . Aceito em 10/04/2018.

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



O DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL

ENTREVISTA COM JOHANNES ANGERMULLER*

* **Sobre o entrevistado:** Johannes Angermüller é professor de estudos do discurso na University of Warwick, em Coventry, UK, líder do grupo DISCONEX (*The discursive construction of academic excellence*), membro do Instituto Marcel Mauss na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales* - EHESS, em Paris, onde ele atua no seminário *Les approches sociales des discours et des langues*. A sua formação acadêmica abrange linguística e sociologia, sobre esta última lecionou na Universidade de Mainz, na Alemanha, além de períodos como professor-visitante na Universidade de Harvard e na Universidade da Califórnia, nos USA. Em 2016, ministrou um minicurso durante o congresso da ALED na UFSCar, em São Carlos, SP. A heterogeneidade de sua carreira como pesquisador se reflete em um olhar bastante original sobre o fenômeno discursivo, na interseção da sociologia e da análise do discurso, o que lhe permite lançar luz sobre alguns conceitos, intensificando a instabilidade que, felizmente, caracteriza a análise do discurso. A recente tradução brasileira de seu livro “Análise do discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers”, publicado em português, alemão, inglês e francês (além de outras obras publicadas em espanhol e turco) é o mote para esta entrevista.

Sobre o entrevistador: Helio Oliveira é mestre e doutor em Linguística pela UNICAMP, com estágio de pesquisa doutoral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (onde a entrevista foi realizada), em Paris. Atualmente é professor no curso de Letras da UNIFEOP, em São João da Boa Vista, SP, e pesquisa temas relacionados à circulação de discursos intolerantes e fórmulas discursivas, na perspectiva da Análise do Discurso franco-brasileira. É membro do Centro de Pesquisa FEStA - Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise, sediado no IEL/UNICAMP. E-mail: <helio.oliveira@unifeob.pro.br>.

Helio Oliveira (H.O.): Em “Análise do discurso pós estruturalista” (doravante, ADPE) são analisados textos de Althusser, Lacan, Foucault, Derrida e Sollers (ANGERMULLER, 2016). A escolha de cada um desses autores é justificada no início do capítulo 3, antes das análises. Entretanto, por que não incluir algum linguista, como Ducrot ou Benveniste?

Johannes Angermuller (J.A.): O termo pós-estruturalismo, na França, é bastante ambíguo, e representa certas “etiquetas” que foram dadas à geração estruturalista. Assim, o título joga com essa ambiguidade e também com o discurso que, sobretudo no mundo anglo-saxão, foi classificado como pós-estruturalista. Na França, esse termo é lido como representando uma espécie de análise pragmaticista, ou seja, uma análise pós-estruturalista de intelectuais estruturalistas. De fato, intelectuais como Ducrot e Benveniste fizeram parte da geração de estruturalistas que são analisados no livro, mas, ao contrário de outros intelectuais, eles são especialistas acadêmicos em disciplinas linguísticas, não engajados no espaço público. No meu caso, o interesse se concentra em discursos intelectuais que sejam mais englobantes, que cruzem diferentes espaços políticos, estéticos e mesmo teóricos. Benveniste (1976) e Ducrot (1987), entre outros, são, sem dúvida, inspiradores de movimentos teóricos, mas não são intelectuais no sentido que tomo esse termo.

H.O. Em ADPE você analisa excertos de textos reconhecidos pela comunidade acadêmica. Poderíamos dizer que alguns deles são consagrados. Por outro lado, seria possível encontrar fragmentos do discurso intelectual em textos que não sejam reconhecidos pela comunidade acadêmica? Por exemplo, em textos publicados em blogs ou mesmo em panfletos e jornais de militância, de circulação relativamente restrita? Imporiam as mesmas exigências na leitura?

J.A. De fato, eu escolhi passagens de discursos que são bastante reconhecidos como expressão de um projeto teórico; trata-se de uma escolha teórico-metodológica, é claro. A ideia é precisamente recorrer a uma abordagem polifônica para mostrar as vozes que compõem esses textos teóricos, além da voz do autor – por isso a preferência por textos mais estáveis, reconhecidos. De qualquer forma, é necessário apontar uma certa falha, entre aspas, desse livro: trata-se de um livro que tenta compreender como os textos mais abstratos, teóricos, constroem seus contextos, recorrendo às vozes que o constituem, ao processo discursivo, evocando uma configuração social que “envelopa” os enunciados. Ainda assim, este não é um livro que estuda os contextos sociais e teóricos propriamente ditos, mas a maneira como os textos recorrem a seus contextos, que estão ainda incompletos, em uma situação específica. Nesse sentido, procura-se ver como o discurso intelectual funciona em uma certa configuração, na qual temos apenas os enunciados de um discurso, digamos, público e também semi-público. Tudo isso em um espaço altamente fragmentado. Nesse sentido, seria muito interessante observar como os textos orquestram seus contextos em outros gêneros diferentes dos analisados no livro.

H.O. Haveria uma espécie de “registro intelectual” identificável linguisticamente, como a presença de linguagem culta, a escolha temática por questões de relevância social e histórica, além da predileção por certos gêneros mais reconhecidos e valorizados socialmente? Ou a questão relevante é sempre algum tipo de polifonia?

J.A. Sob meu ponto de vista, não há, necessariamente, um gênero intelectual. O que há é uma maneira de recorrer à linguagem a fim de construir posicionamentos discursivos no mundo intelectual. Por exemplo, no espaço social – e aqui eu diria que ser intelectual é uma questão ligada às práticas sociais –, atividades discursivas constroem intelectuais e suas posições de subjetividade. Por conseguinte, o discurso intelectual não é algo organizado por um gênero específico, mas se manifesta em uma diversidade de gêneros que se articulam. Trata-se, sobretudo, de uma prática que constitui um espaço social intelectual, um espaço com figuras específicas: há um fulano, um ciclano e um beltrano que é imposto por esse discurso e se estabelece, por exemplo, no campo acadêmico, no caso de minhas pesquisas. Não se trata de marcadores na materialidade linguística, mas, acima de tudo, das práticas de diversos atores que participam dos discursos intelectuais.

Para mim, o discurso é algo muito heterogêneo que, além de sua heterogeneidade interna, abrange a coexistência entre diferentes gêneros. Acho verdadeiramente impossível dar conta da dimensão social do discurso analisando apenas os gêneros, tendo em vista

que estes sejam algo socialmente instituído, além de sua imensa variedade, considerando, por exemplo, todos os tipos de gêneros mobilizados no discurso intelectual. A questão me parece ser como certos participantes são impostos ou estabelecidos, juntamente com suas posições de subjetividade. Trata-se de um processo social e não de algo que possa ser ligado aos textos, embora, por outro lado, seja necessário compreender como os textos que participam desse processo, ao circularem, contribuem para as ações e reações dos participantes do discurso ao estabelecerem uma posição intelectual. Com efeito, essas dinâmicas sociais não estão nos livros, ainda que se analise a materialidade linguística. É algo que está fora do texto, mas ao mesmo tempo, tudo o que temos é o texto.

H.O. As figuras de Lacan e Foucault estão presentes tanto no campo acadêmico, quanto no campo intelectual. Eles produziram teorias no âmbito das ciências humanas, portanto, no campo científico/acadêmico, e também participaram da esfera intelectual e política da época. De maneira diferente, Picasso, por exemplo, marcou seu pertencimento ao discurso intelectual pela via artística, sobretudo por aquilo que se pode chamar de arte engajada, que resultou em obras maravilhosas como Guernica. Pode-se pensar que todo acadêmico (cientista) é um intelectual, mas nem todo intelectual é acadêmico? Para colocar a questão em termos de funcionamento discursivo: sempre que há discurso acadêmico-científico, há também (sobreposto, atravessado, simultâneo) discurso intelectual, embora a premissa contrária não seja verdadeira?

J.A. Eu diria que cada um pode ter sua visão desse tema. Para mim, a atividade intelectual conecta diferentes domínios: teóricos, artísticos e políticos¹. A maioria de meus colegas são pesquisadores e teóricos acadêmicos, mas não intelectuais no sentido que considero em meus trabalhos. Há muito pouco engajamento em política ou em movimentos artísticos, embora seja demasiado artificial conceber o discurso acadêmico como restrito à uma atividade única. Esta atividade engloba muitas arenas sociais, na medida em que o discurso acadêmico não se concentra jamais em um único espaço. Nesse sentido, haverá sempre uma dimensão intelectual no discurso acadêmico. Entretanto, se observarmos as ambições dos colegas nas universidades, no sentido de participar das questões públicas, de se pronunciar sobre as questões políticas, de se interessar pela arte, praticamente não os encontramos, exceto pouquíssimas exceções. Falamos disso há pouco, mas repito que, atualmente, na França, há muitos analistas do discurso que não são intelectuais, pois se dedicam mais às disciplinas, às especializações – algo que lamento.

H.O. Isso leva a outra questão: qual seria a diferença entre o discurso intelectual e os discursos constituintes propostos por Maingueneau (2000), como a religião e a filosofia, por exemplo? Haveria uma “fonte superior” (talvez a “razão”) na origem dos discursos intelectuais ou cada manifestação discursiva desse tipo está ligada necessariamente à vida e à obra de um intelectual específico, em uma configuração específica (embora, evidentemente, os mesmos intelectuais de uma época possam compartilhar as mesmas posições).

J.A. O discurso intelectual é um fenômeno heterogêneo, um híbrido interdiscursivo. Eu não vejo como poderíamos relacioná-lo a uma fonte única e, sobretudo, a uma “razão intelectual superior”. Trata-se, sobretudo, do cruzamento de diferentes fontes. Assim como a polifonia, ele não se articula facilmente à ideia de que haja uma fonte superior ao discurso. Eu diria que os discursos que Dominique Maingueneau identificou como discursos constituintes, participariam do discurso intelectual como parte da heterogeneidade e hibridez deste último. Concordo que, historicamente, produzam-se hierarquias entre discursos, discursos mais raros, mais autônomos etc. Em um determinado momento, talvez a religião e a filosofia tenham sido suportes para discursos que tinham essa ambição de falar no lugar de muitos outros, mas, atualmente, isso mudou bastante. É difícil determinar com clareza quais seriam os discursos constituintes hoje em dia. Talvez a economia... antes dos demais. De qualquer forma, sei que fora da Europa a situação é diferente, há movimentos religiosos muito importantes na cena política, por exemplo nos Estados Unidos e em países da África, enfim, isso depende do contexto social. Na França e em outros países europeus, posso dizer que a religião é algo bastante privado, não é tão pertinente quanto a política.

H.O. Gostaria que você falasse um pouco sobre a presença das metáforas no seu texto. Para citar dois exemplos, Althusser é considerado como um gerente de vendas que categoriza e identifica os produtos (conceitos) antes de colocá-los à venda aos

¹ Um panorama sobre as origens da noção de discurso intelectual proposta pelo autor, pode ser encontrado em Angermüller (2015).

clientes (leitores); e Lacan é um estrategista militar que conduz uma batalha campal entre os defensores e detratores de Freud. Essas metáforas me parecem transitar entre um traço estilístico e um caráter didático.

J.A. De fato, eu as produzi conscientemente, tendo em vista uma tradição da linguística da enunciação, da análise do discurso, dos estudos da polifonia, que são muito analíticas, no sentido de fazerem abstrações da complexidade do objeto, e eu considero que as metáforas sejam algo que permitem ver a complexidade discursiva, que são menos abstratas, talvez, que a análise de uma voz e de outra que a nega, então, eu gostaria de mostrar a contextualização dos enunciados, e é algo que se passa em espaços sociais bem complexos, com posições muito diferenciadas e tênues e, às vezes, não é algo que possamos simplesmente descrever utilizando uma técnica de análise. É por esta razão que eu insisti, talvez em excesso, nas metáforas para mostrar que, se aplicamos as ferramentas de polifonia, por exemplo, é possível ultrapassar a análise de uma voz específica, e alcançar todo um conjunto de vozes, no intuito de compreendê-las. Sobretudo no caso dessa geração sobre a qual apresentamos as visões: as visões intelectuais, as visões políticas, as visões teóricas, a partir das quais vemos se abrir grandes espaços de pensamento, de posicionamentos e, então, me pareceu um pouco limitada uma abordagem que mostrasse, de maneira reduzida, apenas os pequenos aspectos. Assim, é preciso compreender que se trata de uma atividade discursiva muito heterogênea, muito complexa, e nesse caso, as metáforas ativam a cena, os espaços discursivos, não se trata de apenas uma voz contra outra, mas, na verdade, de toda uma cenografia, retomando uma noção de Maingueneau (2008 [1984]).

H.O. A figura do leitor evocada pelo texto também me pareceu bastante peculiar: trata-se de um leitor ativo, capaz de fazer escolhas e tomar decisões ao longo de seu percurso de leitura. O que você diria a alguém que considerasse esse leitor incompatível com a categoria de leitor típica da AD, a saber, um leitor cuja interpretação dos textos dependerá de seu posicionamento ideológico e discursivo determinado antes e alhures do ato de leitura? Trata-se de uma espécie de leitor modelo, ideal?

J.A. A noção de leitor na AD francesa o considera, grosseiramente falando, um tanto passivo. É como se cada leitor se submetesse a um regime discursivo de posicionamento, de marcas discursivas da enunciação etc. Por outro lado, eu penso que faz diferença perguntar-se: quem é o leitor? O leitor não é somente uma instância neutra que executa as instruções do texto, pois há sempre uma dimensão prática. A interpretação não é uma atividade determinada pela linguagem, mas é uma atividade em que os recursos linguísticos e semânticos são mobilizados por seres que são práticos, tendo em vista a produção de sentidos que são sempre específicos. Há não apenas a tradição alemã por trás dessa figura de leitor ativo, mas também a tradição praxiológica interacionista anglo-americana que insiste bastante na ideia de que o discurso não é algo pronto a partir do qual o leitor, o participante do discurso nada faz além de aplicar os recursos, as regras, conectar elos discursivos já estabelecidos, mas é algo ativo em que ele joga com a linguagem. Há sempre caminhos a serem percorridos, implicações de sentidos menos ou mais estabelecidos no espaço social e a apropriação concreta por um indivíduo, em um contexto específico. Não é algo automático, há sempre um aspecto prático em que a interpretação, é claro, recorre à linguagem, mas, logo depois, há também algo que não se pode dar conta recorrendo unicamente à linguagem. Essa concepção vem, sobretudo, de tradições exteriores à França. Além disso, há esse lado sociológico dos meus trabalhos, no qual os seres humanos, ou mesmo os agentes, ou instâncias que se diferenciam, são apenas estruturas abstratas e, nesse caso, é preciso reconhecer o lado pós-estruturalista do livro. Se nos damos conta da dimensão do poder no discurso, é preciso observar aquilo que faz, não faz ou poderiam fazer os participantes do discurso. Com efeito, se não considerarmos o discurso como uma prática desde o início, uma prática real dos participantes do discurso, seria difícil, na minha concepção, perceber que há aqueles que podem dizer certas coisas, enquanto há outros não ocupam a posição discursiva necessária para dizer o mesmo. Por esta razão, se apagamos o leitor como problemática, deixamos de lado muitas coisas assaz importantes para o espaço social. Nesse sentido, vejo uma certa abertura da AD no mundo anglo-saxão. Se você observar meus trabalhos mais recentes sobre o discurso como uma prática, eu sou um pouco mais explícito sobre a noção de um discurso como prática concreta, das pessoas reais (ANGERMULLER, 2013). Há muitos casos em que os leitores não fazem nada além de discutir um pouco aquilo que já está ali e, paciência, nós funcionamos desse jeito, nós somos seres um pouco preguiçosos, nós repetimos. Mas, ao mesmo tempo, há alguma coisa que se pode fazer, e é justamente essa tensão que parece ser interessante para a AD francesa, é algo que nos permitiria ir um pouco mais longe, e recuperar questões relacionadas à ideologia, ao poder, às práticas sociais, e situar a AD nas ciências sociais.

REFERÊNCIAS

ANGERMULLER, J. Cómo ser un filósofo académico: el discurso como práctica de posicionamiento en varios niveles. *Sociología histórica*, n.2, 291-320, 2013. Disponível em: <http://revistas.um.es/sh/article/view/189011>. Acesso em: 28 out. 2018.

ANGERMULLER, J. Why there is no poststructuralism in France. The making of an intellectual generation. London: Bloomsbury, 2015.

ANGERMULLER, Johannes. *Análise do discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers*. Tradução de Roberto Baronas et al. Campinas: Pontes, 2016.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral i*. Tradução de Maria G. Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1976.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.[1984].

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson B. Costa. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.2, n.2, p.167-178, 2000.



Recebida em 03/11/2018. Aceita em 05/11/2018.